

M. J. ARLIDGE

Autor bestseller do *Sunday Times*

O MUITO
AGUARDADO
**NOVO
LIVRO**
DO MESTRE
DO THRILLER

0
**DOM
DA
MORTE**



**TOP
SEL
LER**

**ELA OUVI OS GRITOS DELES
ELA SENTI O SEU MEDO
AGORA, ELA É A ÚNICA ESPERANÇA QUE TÊM...**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

M. J. ARLIDGE

Autor bestseller do *Sunday Times*

O MUITO
AGUARDADO
**NOVO
LIVRO**
DO MESTRE
DO THRILLER

O
DOM
DA
MORTE



**TOP
SEL
LER**

ELA OUVÊ OS GRITOS DELES
ELA SENTE O SEU MEDO
AGORA, ELA É A ÚNICA ESPERANÇA QUE TÊM...

M. J. ARLIDGE

0
DOM
DA
MORTE



os livros em primeiro lugar



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: junho de 2024

O DOM DA MORTE

Título original: *A Gift for Dying*

© 2019 M. J. Arlidge

Publicado por Michael Joseph,
uma chancela da Penguin Books Londres.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2019, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Topseller é uma chancela de Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Rui Azeredo

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Fotografias da capa: © Alamy; © Arcangel; © Trevillion e © Shutterstock

ISBN: 978-989-787-900-5

Composição digital: leerendigital.com

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.suma](https://facebook.com/topseller.suma)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

O Dom da Morte

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Livro Primeiro

Livro Segundo

Livro Terceiro

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre M. J. Arlidge

*Para a Jennie,
cujos dons são reais*

Nada na vida é para ser temido;
apenas para ser compreendido.

MARIE CURIE

LIVRO PRIMEIRO

1

O choque do impacto, e depois um ato de bondade.

Era hora de ponta e a North Michigan Avenue transbordava de almas. O passeio estava repleto de empregados de escritório, de pessoas às compras e de turistas ávidos de experimentar a magia da «Milha Magnífica» de Chicago. O avanço era feito aos soluços e Kassie manteve a cabeça baixada enquanto ziguezagueava por entre a multidão. Raramente se aventurava a ir ao centro de Chicago — arriscava ir a norte apenas para roubar roupa e cosméticos nas lojas de luxo — e estava ansiosa por regressar à periferia familiar dos subúrbios do sul.

Mantinha o olhar preso ao chão — via a aproximação de pés e desviava-se deles no derradeiro momento —, mas a sua concentração deve ter vacilado por momentos, porque, de repente, embateu contra algo duro e firme. A força da colisão foi tal que a projetou para trás. A pasta deslizou-lhe do ombro, as roupas roubadas espalharam-se pelo passeio, no momento em que se estatelou no cimento repleto de pastilha elástica. Caiu de costas, o cóccix colidiu violentamente com o chão, o choque tirou-lhe o fôlego e deixou-a atordoad.

Deixou-se ficar sentada por um bocado, consciente do ar ridículo que deveria apresentar, mas incapaz de se mexer. Para sua vergonha, sentiu lágrimas a formarem-se nos olhos.

— Estás bem?

A voz pareceu-lhe vinda de longe, mas, mesmo assim, conseguiu

sobrepôr-se ao ruído das buzinas dos táxis na avenida movimentada.

— A culpa foi toda minha. Não te vi...

Kassie apercebeu-se da presença de um homem agachado junto dela.

— Às vezes fico tão alheado que nem vejo o que está mesmo à minha frente...

A voz dele era amável, calma. Kassie sentiu-se ainda mais parva — se o choque era culpa de alguém, era *dela*. A mãe dizia-lhe sempre que era uma desajeitada.

— Espero que não te tenhas magoado — prosseguiu a voz. — Se precisares de ir ver se está tudo bem...

— Eu fico bem — respondeu Kassie de pronto. — Não quero demorá-lo.

Ela não erguera o olhar para ele, mas percebeu, pelos sapatos de couro imaculados e pelo fato caro, que não pertencia ao seu mundo. Era óbvio que tinha estatuto, dinheiro e, presumivelmente, pouco tempo para ajudar alunas do secundário que faltavam às aulas.

— Anda, deixa-me ajudar-te.

Foi-lhe estendida uma mão forte e confiante. Grata, agarrou-a e num instante estava de novo em pé. A dor desaparecera e ela só queria ir-se embora, temendo que um dos muitos agentes da polícia que patrulhavam a North Michigan Avenue se interessasse pelas peças de roupa espalhadas pelo chão.

— Obrigada — murmurou, sempre de olhos fixos no chão.

— Ora bem, tens a certeza de que não há nada que possa fazer por ti? E que tal um táxi?...

A voz dele era tão simpática, tão reconfortante, que, agora, não conseguiu resistir. Olhou para cima, observando o queixo firme e barbeado, os caracóis castanhos e os olhos fundos, castanho-claros. O homem sorria, com os olhos a cintilar de boa-disposição, mas de repente Kassie paralisou.

Contara encontrar bondade, até serenidade, na expressão dele. Em vez disso, ficou cara a cara com a morte.

2

Ele descia ao submundo.

A Prisão do Condado de County era imponente, vista de fora, com os seus muros altaneiros e arame farpado, mas ainda mais perturbadora por dentro. As passagens subterrâneas que davam para as celas eram deliberadamente labirínticas, tendo sido retiradas as placas e as direções para entravar tentativas de fuga, e até os visitantes habituais se perdiam. Além do mais, o estridor que acompanhava quem andasse por ali — os assobios, os gritos e berros — era incessante, servindo apenas para ampliar a ansiedade em relação ao que poderia esperar-nos no fim da jornada. Não era agradável, não era correto, mas era a realidade quotidiana dentro das maiores instalações não-oficiais de saúde mental da América.

Adam Brandt já ali ia há anos. Sendo um psicólogo forense experimentado, sempre trabalhara de perto com o Gabinete do Xerife. Licenciado em Harvard, tanto em psicologia para adultos como pediátrica, podia ter feito uma pequena fortuna a atender pacientes que visitavam o consultório privado em Lincoln Park. Só que nunca esquecera as suas origens humildes; nem podia ignorar a sua consciência, daí que desse por si com regularidade nas entranhas da terra sob a Prisão do Condado de Cook.

Os rostos que despontavam nas celas eram deprimentemente familiares e Adam preocupara-se com a possibilidade de voltar a dar de caras nessa manhã com Lemar Johnson.

— Não posso estar aqui, meu. Não posso estar aqui...

— Eu compreendo isso, Lemar, e vou tentar tirá-lo daqui. Mas preciso que olhe para mim. Não posso comunicar consigo se não olhar para mim...

O rapaz de 21 anos baloiçava para a frente e para trás na cadeira, o rosto ocultado nas mãos enormes e cheias de cicatrizes. A sua vida já fora vergada pela violência — o pai assassinado, um primo abatido a tiro por ocupantes de um carro de passagem — e a sua saúde mental andara sempre no limite do equilíbrio. Era bipolar, sofria de TSPT e recorria regularmente à heroína para conseguir dormir. Da última vez que os caminhos de ambos se cruzaram, Adam lograra enviar Lemar para uma unidade de saúde mental e este safara-se bem depois de ter sido libertado — com uma ajudinha de Prozac e hidroxizina. Adam não aprovava propriamente os medicamentos, mas pareciam fazer efeito — pelo menos até à última noite, quando Lemar ameaçou um homem com uma faca numa churrasqueira de South Shore.

— Tem tomado a medicação?

— Claro, claro...

— Olhe para mim, Lemar.

— Merda, acabou — replicou o jovem, sem erguer o olhar.

— Porquê?

— Eles disseram que tinha de esperar quatro meses por uma consulta de acompanhamento.

Adam sentiu um aperto no coração. Era comum este tipo de queixa, tendo em conta os cortes recentes nos fundos para saúde mental e a escandalosa incapacidade do Capitólio de chegar a acordo num Orçamento de Estado. A intransigência de ambos os lados deixava-o a ferver — nunca eram os políticos que sofriam quando brincavam à política.

— Tentei fazê-los durar. Dia sim, dia não, mas estava a enlouquecer.

— Quando é que acabaram?

— Há duas semanas.

— Devia ter-me contactado. Contactado o Centro.

— Eu tentei, meu.

Adam deixou passar a mentira. Lemar passara claramente por uma fase maníaca — socializando de forma estouvada e gastando o pouco

dinheiro que tinha, pelo que não tinha esperança de arranjar uma fiança —, mas começava a cair rapidamente numa profunda depressão.

— Muito bem, vamos arranjar-lhe medicamentos, depois quero que me conte exatamente o que aconteceu. Tem amanhã a sua acusação e quero que a sua advogada disponha de tudo aquilo de que precisa para defender que uma estada curta numa unidade residencial psiquiátrica é o que lhe faz falta. Penso que preferirá isso a continuar aqui...

Lemar parou de se remexer o tempo suficiente para assentir brevemente com a cabeça.

— Bem, então vamos lá conversar.

Uma hora mais tarde, Adam deu por si de volta ao parque de estacionamento da prisão. Avançou em passada larga para o seu *Lexus SUV* — uma extravagância que se convenceu a si mesmo que seria aceitável, dada a chegada iminente do seu primeiro filho —, olhando para o relógio enquanto andava. Lemar mostrara-se relutante em falar, e levara algum tempo a obter dele um resumo coerente dos acontecimentos. Já passava das 18 horas — teria de rezar para que o trânsito não estivesse muito mau, se era para passar no consultório e chegar a casa a uma hora decente. Estugando o passo, rumou ao carro, abriu a porta do condutor e atirou a pasta e o casaco lá para dentro. Mas, enquanto o fazia, o telemóvel começou a vibrar.

Chamadas àquela hora nunca eram bom sinal e Adam não se espantou ao reconhecer o número. A chamada era de Freddie Highsmith, superintendente do Centro de Detenção Juvenil de Chicago.

— Freddie, vou a caminho de casa — disse Adam, à cautela.

— Eu sei, eu sei — respondeu claramente Freddie —, mas quando se é o melhor no ramo...

— Os elogios não o levam a lado nenhum...

— ... além de que não há mais ninguém disponível. Liguei aos suspeitos do costume, mas está toda a gente indisponível. Olhe, sei que está muito ocupado... mas não posso entregar isto a um recém-

licenciado.

Freddie parou de falar, e os seus modos joviais foram-se evaporando à medida que foi sendo tomado pela ansiedade. Adam nada disse, subitamente preocupado, e ouviu atentamente Freddie enquanto este concluía o que tinha a dizer:

— Pescámos um.

3

Jacob Jones esvaziou a cerveja *Gosse Island* e depois bateu com o copo vazio no balcão de madeira, fazendo sinal ao empregado de balcão de que precisava de outra. A condensação ainda se mantinha espessa no copo, e o empregado, incomodado, pegou-lhe de pronto, arqueando uma sobrancelha perante a rapidez com que Jacob bebia. Jacob não reagiu. Tinha a cabeça noutro lado. Além do mais, nem o bar nem o empregado de balcão lhe eram familiares. A *Green's Tavern* era um dos vários tascos à moda antiga da zona que faziam lembrar os tempos da Lei Seca. Os turistas gostavam de ali passar para mergulharem na nostalgia, tirar fotografias deles próprios a bebericar a sua cerveja sob o olhar atento de Al Capone, mas, para Jacob, este lugar não passava de um refúgio provisório — um porto numa tempestade.

O empregado do bar registou o pedido e fez deslizar o copo na direção dele. Tombou espuma pela borda, mas Jacob agarrou-o, erguendo-o com satisfação até aos lábios. À medida que a cerveja loura lhe deslizou pela língua, atingindo-lhe o fundo da garganta, percebeu que a mão lhe tremia, e rapidamente voltou a pousar o copo no balcão. De repente, foi tomado pela emoção — o coração, uma vez mais, batia-lhe com força — e teve de baixar a cara para o chão, para ocultar a sua expressão atormentada.

— Controla-te — murmurou para si mesmo, na esperança de que o grupo de barulhentos turistas britânicos, ali ao lado, não o ouvisse.

Sabia que estava a reagir de forma exagerada. No seu trabalho, deparara com muitos acontecimentos chocantes, mas raramente fora ele a estar no olho da tempestade. Ainda agora, uma hora ou mais depois do confronto, tentava processar exatamente o que acontecera.

Estava tão determinado em chegar a casa que não reparara na rapariga até a fazer cair de rabo. Jogara futebol americano na universidade e muitas vezes aproveitava esses gestos nas movimentadas ruas de Chicago, avançando por entre a multidão graças ao seu jogo de ombros. Desta vez, no entanto, avaliara mal o ataque e derrubara a adolescente assustada.

Apesar de determinado a regressar depressa a West Town, fora educado a levantar a mão quando em falta. Pelo que verificou como estava a rapariga e ajudou-a a levantar-se. Quando tentou falar com ela, de início pareceu-lhe que estaria bem, tendo murmurando o seu agradecimento, envergonhada. Depois, tudo descarrilou. Do que é que ele estava à espera? De gratidão? De desculpas? De um rubor feminino? Ele sabia que era atraente — alto, bem constituído, com um rosto amável — e noutras ocasiões as mulheres ficaram agradavelmente perturbadas ao dar por si a conversar com ele. Mas na expressão desta adolescente não havia qualquer timidez — ela pareceu *aterrorizada*.

Tentara falar mais com ela, mas a rapariga limitara-se a olhar para ele, muda e a tremer, pelo que acabou por se calar e seguir em frente. Desconcertado, irritado com a falta de gratidão da parte dela, apressara-se a seguir caminho. Nancy não estava em casa — estava numa conferência em São Francisco —, mas ele queria regressar, mesmo assim, para esquecer o estranho incidente.

Mas, ao percorrer em passo resolutivo a North Michigan Avenue, esquivando-se aos entediados turistas, apercebera-se de algo. Alguém gritava, e depois escutou passadas a aproximar-se rapidamente atrás dele. Virou-se depressa — a contar exatamente com o quê? —, mesmo a tempo de ver a rapariga atirar-se a si.

Jacob levou uma vez mais a cerveja aos lábios, esvaziando outra caneca.

O que sucedera a seguir era ainda algo difuso. A rapariga agarrara-lhe o braço direito com força, e depois as lapelas do casaco, tentando desesperadamente manter-se presa a ele. Ele tentara libertar-

se enquanto as palavras — tresloucadas e confusas — jorravam da boca dela. Como ainda não o largara, ele tentara libertar-se à força, mas o gesto pareceu enfurecê-la ainda mais. Desatou a gritar — ameaçando-o, se é que dava para acreditar — e ele, por instinto, libertou o braço direito para a esbofetear. Felizmente, tal veio a provar-se desnecessário quando dois agentes da polícia intervieram, puxando a rapariga. Mas nem assim ela desistiu, a guinchar para Jacob, mesmo quando era arrastada para o carro-patrulha.

Ajeitando o seu casaco, Jacob virou costas, incapaz de continuar a observar o lamentável espetáculo. A jovem já não parecia zangada nem ofendida.

Parecia transtornada.

4

— Há quanto tempo anda ela nisto?

Adam espreitou pela janela da cela de supervisão. Uma adolescente andava de um lado para o outro, a gritar e a gesticular na direção da porta.

— Desde que chegou — respondeu com uma voz arrastada o agente de detenção. — Primeiro exigiu ser libertada. Depois tentou arrancar a porta. Agora dá-se por contente com os insultos.

Adam digeriu a informação, nunca desviando o olhar da figura que caminhava de um lado para o outro. Uma meia hora antes, estava ansioso por acabar de tratar da papelada e rumar a casa para ver Faith, mas o médico que havia nele já estava a ganhar terreno. Esta adolescente — teria 14, 15 anos, no máximo — encontrava-se claramente em plena crise de esgotamento mental.

— Foi trazida há cerca de uma hora. Tentou roubar um tipo na North Michigan. Mesmo nas barbas da polícia. Tinha fumado erva, pelos vistos, por isso não sei como é que vai conseguir sacar alguma coisa dela.

Sorrindo educadamente ante o aviso do agente, Adam pegou na papelada que este trazia nas mãos para a folhear. Os jovens detidos eram, por rotina, escrutinados antes de falarem com um inspetor, e cabia a psicólogos como Adam decidir se estavam em condições de serem interrogados.

Kassandra Wojcek. Era sem dúvida de origem polaca, com um

registo interessante de delitos. Posse de drogas tipo canábis, roubo, resistência à detenção, agressão, comportamento sob influência de drogas e, segundo a documentação anexa da escola, um impressionante registo de faltas. Era de Back of the Yards, um subúrbio a sul próximo do antigo curral que em tempos fora popular entre os trabalhadores polacos, mas que fora abandonado para os porto-riquenhos.

— Mãe? Pai? — quis saber Adam.

— O pai morreu. Tentámos contactar a mãe, mas... Com alguma sorte, conseguimos trazê-la a tempo de ser interrogada...

— Vamos ver se chega a esse ponto — interrompeu Adam, indicando ao agente que abrisse a porta.

Antes de destrancar a porta, o agente olhou para ele, tomando-o nitidamente por um liberal frouxo. Adam entrou na cela, pousando delicadamente a pasta com a informação relativa à rapariga em cima da cadeira, antes de se virar para ela.

— Olá, Cassandra. Posso entrar?

A adolescente nada disse, mas finalmente deixou de andar de um lado para o outro.

— O meu nome é Adam. Sou psicólogo e gostaria de conversar contigo. Pode ser?

Um resmungo foi tudo o que Adam obteve como resposta. Já estava com a impressão de que a rapariga não tinha grande disponibilidade para psicólogos.

— Ora bem, como é que queres que te chame? Cassandra? Kass...

— Kassie — respondeu ela, ainda escondida por detrás da franja.

Adam assentiu com a cabeça, observando-a bem pela primeira vez. Era uma rapariga com um ar estranho — alta, desajeitada, mas atraente, com cabelo comprido castanho-avermelhado a enquadrar-lhe o rosto pálido. Vestia calças de ganga rasgadas, uma camisola de capuz desbotada dos Motörhead e sapatilhas gastas. Era difícil perceber se o desalinho vinha de uma opção de adolescente ou se era produto da falta de meios, mas, tendo em conta o enquadramento social de origem, Adam suspeitou que se trataria do último caso.

— OK, Kassie, então — prosseguiu Adam, remexendo-se ligeiramente para olhar melhor para o rosto estreito e sardento. — Ouvi dizer que hoje tiveste umas chatices. A polícia já me contou o

seu lado da história... gostaria muito de ouvir o teu.

O tom dele era acessível e encorajador, revelando compreensão pela detida. Curiosa e intrigada, a rapariga arriscou-se a olhar de modo fugaz para ele. E, de imediato, ele detetou uma reação. Ela pareceu surpreendida, até chocada, com a aparência dele e começou de imediato a recuar, virando-lhe costas e retirando-se para o canto da divisão.

— Sei que estás baralhada, e até confusa — prosseguiu Adam, num tom apaziguador. — E não há mal nenhum nisso. Ninguém gosta de ser enfiado num carro da polícia e ser trazido para aqui. Só quero assegurar-me de que estás bem, para podermos resolver isto e levar-te para casa. Ajudas-me a tratar disso?

Um longo silêncio, a que se seguiu um breve menear de cabeça.

— Então, estavas na North Michigan Avenue. Ias para casa? Ias para o «L»^[1]?

— Ia para casa.

— E o que é que se passou?

Mais uma pausa demorada. Ao longe, Adam ouviu passos, mas tentou ignorá-los, concentrando-se antes em Kassie.

— Fui contra um tipo...

— Chocaste com ele?

— A-hã.

— Alguém que conhecesses?

— Não.

— E depois?

A rapariga hesitou em responder. Os passos eram cada vez mais audíveis, pelo que Adam pressionou.

— Kassie?...

— Ele ajudou-me a levantar... e depois foi-se embora.

— Falaste com ele?

— De início não...

— Portanto, mais tarde?...

Ela assentiu com a cabeça.

— E porquê? Porque é que foste atrás dele?

Mais uma pausa, como se a rapariga tomasse uma decisão, e depois:

— Queria falar com ele.

Ela fizera claramente muito mais do que isso, tendo de ser puxada para longe da vítima.

— Porquê? O que é que querias dizer-lhe?

Kassie hesitou no momento em que os passos se detiveram do lado de fora da porta.

— Eu queria... avisá-lo — despejou, num sussurro.

— Avisá-lo em relação a quê?

A porta abriu-se e o agente de detenção enfiou a cabeça pela abertura.

— Conseguimos falar com a mãe. Está cá daqui a 20 minutos.

A porta voltou a fechar-se. Adam retomou a investida, mas Kassie virara-lhe as costas, enroscando-se numa bola, visivelmente assustada com a perspetiva da chegada da mãe.

— Porque é que estavas preocupada com ele, Kassie?

Foi dito com clareza, mas ele percebia que estava a perdê-la — a frágil confiança entre eles fora despedaçada pela desadequada intervenção do agente de detenção.

— Disseste que querias avisá-lo — insistiu Adam, avançando um pequeno passo na direção dela.

Mas a adolescente não se mexeu, olhando resolutamente para a parede. Assim sendo, Adam encetou uma derradeira tentativa de lhe chegar:

— Por favor, Kassie. Querias avisá-lo de *quê*?

[1] «L» é o nome pelo qual é popularmente conhecido o sistema de metropolitano de Chicago. [N. T.]

5

— Não vou apresentar queixa. Só quero esquecer o que se passou.

Jacob Jones estava de pé, na treva do corredor, com o telefone encostado ao ouvido. Acabara de chegar a casa e o telefone fixo já tocava quando ele destrancava a porta. Apressando-se a entrar, pegara-lhe de pronto, contando que se tratasse da mãe, que telefonava com frequência quando Nancy ia de viagem. Mas era apenas uma chamada de acompanhamento do Departamento de Polícia de Chicago, no seguimento do incidente em que se vira envolvido.

A preocupação imediata de Jacob foi soar embriagado. Bebera três cervejas numa rápida sucessão — precisou delas para aplacar os nervos, e agora repreendia-se a si mesmo pela sua fraqueza. Adotando o tom profissional, respondeu sobriamente às perguntas do agente, deixando claro que não pretendia avançar mais com o assunto. O agente pareceu desapontado, o que talvez não fosse de surpreender, tendo em conta a profissão de Jacob, mas não ia pressionar.

— A decisão é sua...

— Sem dúvida. E, uma vez mais, obrigado pelo telefonema. Estou muito agradecido.

Jacob era um mentiroso experiente e o agente desligou bastante depressa, desejando-lhe uma noite agradável. A abanar a cabeça, por força da loucura dessas últimas horas, Jacob pousou o auscultador e fechou finalmente a porta da entrada, trancando-a. Esta noite, tinha a casa só para si e estava ansioso por ver o jogo dos White Sox — talvez

na companhia de mais uma cerveja fresca.

Largando a mala e o casaco no chão, premiu o interruptor. Para sua surpresa, nada aconteceu. Mantendo a custo a calma — *outra* lâmpada fundida —, avançou em passos largos para a cozinha, acendendo antes a lâmpada desta divisão. Mas, uma vez mais, nada sucedeu, e continuou às escuras. Ligou e desligou com insistência — uma, duas, três vezes — sem sucesso.

— Bolas...

Apressando-se na direção da janela, Jacob espreitou para a pacata rua suburbana. A toda a sua volta, as belas casas cintilavam, intensamente iluminadas por dentro.

— Claro, é só comigo — resmungou, com o seu resistente bom humor finalmente a evaporar.

Rodando sobre os calcanhares, regressou em passos largos ao *hall* e abriu a porta que dava para a cave. Havia uma lanterna pendurada num suporte logo à entrada e Jacob acendeu-a antes de descer para a escuridão. Dançou pó diante do raio de luz da lanterna enquanto descia com cautela dos degraus instáveis. Era raro deslocar-se à cave — e Nancy *nunca* se aventurava a descer — e tinha quase a certeza de que iria falhar o último degrau ou tropeçar em algum bocado de entulho ali esquecido. A sua agenda de trabalho estava demasiado preenchida para poder acomodar um ferimento idiota, pelo que avançou com precaução, até chegar ao chão da cave.

Olhou em volta em busca da caixa dos fusíveis, até dar com ela na parede mais distante. Avançou, desviando-se de caixas com anuários do secundário e material desportivo a esboroar-se, reparando uma vez mais em como o sítio era espaçoso. Tinham de fazer algo com a cave — uma divisão extra podia acrescentar milhares ao valor da propriedade —, mas não hoje. Hoje, só queria descansar e desanuviar. Por isso, abrindo a caixa dos fusíveis, procurou o interruptor geral.

Estava virado para baixo, como era suposto, e, ao investigar mais, Jacob percebeu então que não estourara nenhum dos interruptores individuais.

— Mas que raio?...

Iria ter de chamar alguém? Àquela hora? Deitando a mão ao interruptor principal, puxou-o para cima, segurou-o por um segundo e depois pressionou com força para baixo. Continuou mergulhado na

escuridão. E voltou a tentar. E outra vez. O mesmo resultado. Apoiando a cabeça esgotada na caixa dos fusíveis, praguejou baixinho.

Foi então que se apercebeu de algo. O som de alguém a respirar.

Não podia ser, pois não? A casa era segura, não havia sinais de...

Agora ouvia alguém a avançar na sua direção. Em pânico, Jacob rodou a lanterna em redor.

Para ver um homem com uma máscara de esquí a atirar-se a ele.

6

O Union Stock Yard sempre tresandou a morte. Situado em Back of the Yards, funcionara como um íman para trabalhadores imigrantes, que afluíram aos milhares aos matadouros. Naquela altura, era Chicago a capital mundial do abate de suínos, não faltara trabalho, com mais de mil milhões de animais a transpor os seus portões para a sua derradeira viagem. Todavia, o recinto estava agora devoluto, há muito encerrado e suplantado por operações mais eficientes noutros locais.

Kassie e a mãe passaram por lá em silêncio. O pai de Kassie, Mikolaj, trabalhara e morrera nos currais de gado e, sempre que viam aquele espaço, elas calavam-se abruptamente. Não que isso hoje se revelasse um problema — Natalia não abrira a boca desde que fora recolher a filha ao Centro de Detenção Juvenil. A chamada chegara logo depois de ela ter saído do trabalho, o que fora uma pequena bênção, mas não o bastante para dar algum descanso a Kassie.

Dobraram a esquina para a South Ada Street, passando por um par de propriedades entaipadas enquanto percorriam juntas os derradeiros 30 metros. A casa, que era o lar de Kassie há 15 anos, destacava-se na paisagem. Era um bungalow pequeno, mas imaculado. A pequena faixa de relva na frente apresentava-se muito bem aparada, os degraus para o alpendre estavam limpos e a grade de metal ornamentada que protegia a porta da entrada fora pintada havia pouco. Independentemente do que se disse do lar dos Wojceks, nunca poderá

ser menos do que imaculado.

Kassie olhou fixamente para as sapatilhas enquanto a mãe destrancava a grade. Para muitos, os elevados padrões de Natalia eram admiráveis, mas Kassie sempre se sentira ligeiramente embaraçada por eles.

Datavam de tempos idos, quando os subúrbios estavam repletos de boas famílias católicas, todas a competir entre si para exibir a sua recente prosperidade. Mas as outras famílias polacas já tinham partido, instalando-se outras comunidades nas vizinhanças, com a maioria dos recém-chegados a optar por ruas mais agradáveis do que a delas. Havia várias propriedades abandonadas na rua — os agentes imobiliários não conseguiam fazer negócio por ali —, mas parecia que Natalia não reparava. Parecia ainda uma jovem acabada de saltar do barco, carregada de esperança e de sonhos.

A vida não fora amável para nenhuma das duas e Kassie sentiu-se tomada pelo desânimo quando entraram no sossegado bungalow. Kassie — Cassandra Alicja Marta — era a única filha de Natalia e, dado que voltar a casar era algo fora de questão para uma viúva respeitável, permaneceram apenas as duas, sempre juntas neste lar que gentilmente se mantinha à moda antiga, ano após ano.

Natalia entrou na cozinha, pousando a carteira sobre a mesa com um sonoro baque — um baque que, sabia Kassie, era a si dirigido. Por norma, Kassie teria rumado diretamente ao quarto, mas deixou-se ficar à porta a olhar para a mãe. Sabia que estava em apuros, mas na verdade ainda se sentia perturbada com os acontecimentos da tarde e esperava por um qualquer sinal de degelo, por uma migalha de conforto.

Natalia abriu o frigorífico, tirando de lá um pequeno prato de porcelana com meia salsicha e um tomate fresco. Sem olhar para a filha, dirigiu-se à sala de estar, ligando o televisor enquanto se acomodava na poltrona. Kassie virou-se para olhar para ela, apercebendo-se de como a mãe parecia pequena na sala grande que enquadrava o antigo aparelho de televisão e as inúmeras fotografias do papa João Paulo II. Já tinham representado imensas vezes esta cena, com a mãe a fingir que via televisão, mas sem na realidade interiorizar nada. A comida ali ficou, intocada, no seu colo, enquanto Natalia remexia as contas do rosário que herdara da avó. Era um

quadro ridículo, mas convincente, para vincar o seu ponto de vista. Kassie nessa noite não teria o que comer, nem sequer seria confortada.

Ali não havia perdão.

7

O trânsito fluía bem. Passava *November Rain* na WKSC e já se afastavam da mente de Adam quaisquer pensamentos de um dia complicado. Apesar de esta viagem do sul de Chicago para o frondoso Lincoln Park de classe média frequentemente ser acompanhada por um certo sentimento de culpa, acabava sempre por relaxá-lo, com a vista do lago Michigan invariavelmente a animá-lo. A noite adivinhava-se particularmente encantadora, com o sol refletido no espelho de água enquanto as inúmeras aves que ali faziam ninho na primavera circulavam ociosamente no alto. Mas conduzir pela Lake Shore Drive significava para Adam mais do que um cenário bonito. Significava que ia para casa.

A casa era uma bela moradia de três pisos, geminada. Compraram-na no ano anterior — uma despesa considerável — e nunca se arrependeram. O seu novo lar tinha quatro belos quartos, espaço para ambos trabalharem em caso de necessidade e, o melhor de tudo, montes de espaço no exterior. Adam já via a sua primeira bebé a andar no jardim das traseiras, a dar os seus primeiros passos — valera a pena endividarem-se até ao limite. Afinal, era isto que se fazia — estudava-se muito, trabalhava-se muito, para se poder comprar uma bela casa e brincar aos adultos.

A canção era agora um tema pouco memorável de Bryan Adams, e Adam, desligando o rádio, virou para a North Lincoln Avenue e pouco depois estacionou à porta do edifício familiar de pedra cinzenta. Nas

suas fantasias, imaginara por vezes Faith parada à porta para o receber com um cocktail, mas foi coisa que nunca sucedeu. Faith era uma pessoa muito ocupada e, além disso, aquilo seria para ela uma imagem demasiado suburbana. Adam sempre o soubera — na verdade, fora uma das razões que o haviam levado a casar com ela.

Fechando a porta da entrada atrás de si, pousou a pasta no chão e enfiou a cabeça na cozinha. Estava vazia, mas Adam divertiu-se ao ver o jornal pousado aberto em cima da banca na página do horóscopo — o *guilty pleasure* da sua mulher. Abandonando a cozinha, apressou-se a atravessar a sala de estar e a passar para lá do quarto de hóspedes, até chegar ao estúdio voltado para o jardim das traseiras. Era o reino de Faith e Adam entrou nele respeitosamente, abrindo com cuidado a porta e movendo-se em bicos de pés. Para sua surpresa, a mulher, tremendamente grávida, estava sentada no seu banquinho, de costas para o quadro, a olhar diretamente para ele.

— Subtil como um tijolo, silencioso como um elefante...

Faith lançou-lhe um olhar censório, mas com um sorriso por detrás dos olhos. Era britânica e Adam adorava o modo como se expressava. Apesar de já estarem juntos há mais de 10 anos, ela ainda se saía com frases ou palavras que o surpreendiam.

— De qualquer modo, é bom ter-te de volta — prosseguiu, voltando-se de novo para o quadro. — Já quase tinha desistido de ti.

Era a fingir e Adam não se deteve, abeirando-se dela e enfiando os braços em redor da sua barriga, puxando-a para si.

— Foi um dia muito longo — murmurou, beijando-lhe o pescoço.

— E não é sempre assim?

— Quando é preciso...

— O meu herói. Por falar nisso, agora descanso por dois, por isso não tive a oportunidade de preparar o jantar.

— Eu trato disso.

— Tu és o meu herói — reagiu Faith, com Adam a beijá-la mais uma vez no pescoço.

Ela retomou a pintura e, largando-a, Adam fitou-a por momentos. Ficara deslumbrado quando a conhecera — na sala de espera do seu pretensioso novo consultório —, mas agora sentia-se absolutamente conquistado. O seu entusiasmo, a sabedoria, o talento, a graciosidade. Adorava vê-la pintar, dando pinceladas com uma facilidade treinada,

absolutamente concentrada na tarefa em mãos, alheada de tudo. Levava-o a sentir que tudo ia bem no mundo. Levava-o a amá-la.

Recuando para a porta, deteve-se para uma derradeira olhadela para ela. Era em alturas como aquela que se achava o homem mais sortudo do mundo.

8

Jacob despertou de repente, percebendo de imediato que se sentia cheio de frio. O coração batia intensamente, doía-lhe o pescoço, mas eram os seus membros trementes que lhe exigiam a atenção. Sentia pele de galinha nos antebraços expostos e ia a esfregá-los... mas descobriu que tinha os braços presos atrás das costas. Tentou levantar-se, mas as pernas despidas também estavam atadas. Para seu horror, deu por si amarrado a uma cadeira de metal, nu, vulnerável e sozinho.

Começou a recordar o sucedido. A cave. O rosto mascarado. A terrível sensação de sufoco. Um gemido de terror escapou-lhe dos lábios, e, percebendo que nada lhe tapava a boca, gritou:

— Está aí alguém?

Nada mais do que silêncio. Passou os olhos pela divisão sombria, mas parecia vazia.

— Por favor... alguém me ouve?

O som ecoou nas paredes, mas não teve resposta. Agitando os dedos dos pés gelados numa débil tentativa de se manter quente, Jacob reparou então em algo mais. Havia qualquer coisa sob os seus pés. Era fria e macia e enrugava ruidosamente quando ele se mexia. Baralhado, olhou para baixo. E o sangue gelou-se-lhe. A cadeira a que fora atado estava posicionada no meio de uma enorme extensão de plástico.

Em pânico, começou a corcovear furiosamente, tentando fazer avançar a cadeira. O terror deu-lhe forças e Jacob esforçou-se e saltou

violentamente. A cadeira avançou um centímetro e depois mais outros — e de repente a cabeça foi sacudida para o lado. Por momentos, sentiu-se zozzo e desorientado, incapaz de compreender o que sucedera, mas, ao endireitar-se, percebeu que alguém o atingira com força na face direita.

— Fica quieto.

A voz era calma, projetando-lhe o medo pelo corpo. Vinha de trás e Jacob esforçou-se por deitar uma olhadela ao agressor. Mas, com os braços e ombros muito bem atados, não conseguiu virar-se o suficiente.

— Por favor — arquejou Jacob. — Eu dou-lhe o que quiser...

— Eu tenho tudo aquilo de que preciso — silvou discretamente a voz.

O homem deteve-se atrás dele. De imediato, Jacob conteve os queixumes — algo frio e macio assentara no flanco do seu pescoço. Lentamente, foi subindo e depois parou, virando-se para o seu lado. Jacob sentiu uma picada curta e forte, e depois uma sensação de calor, quando o sangue começou a escorrer-lhe pelo pescoço.

— Por favor, não faça isso — implorou, com lágrimas a firmarem-se nos olhos. — Eu vou casar...

Uma mão firme agarrou-lhe o ombro. Jacob voltou a corcovear, tentando desesperadamente mover a cadeira, sem qualquer sucesso. E voltou a sentir aquela terrível sensação... aço frio a roçar-lhe a pele.

9

Kassie avançou pelo corredor em silêncio, espreitando nervosamente para trás.

Aguentara algumas horas o silêncio inabalável da mãe, mas o cansaço acabara por vir em seu auxílio. Natalia tinha três trabalhos para conseguir pagar as contas e era frequente adormecer em frente ao televisor. Num par de ocasiões, Kassie pensou que a mãe teria apagado — com os olhos a vacilar até se fecharem —, mas Natalia acabara por despertar, olhando com desconfiança em redor como se contasse ser enganada. Mas lá acabou por se deixar vergar, com o som grave do ressonar a tomar conta da sala espartana.

Erguendo-se da poltrona, Kassie apressou-se na direção das traseiras da casa. Uma pequena caminhada pelo corredor às escuras, evitando as tábuas do soalho que rangiam, e estava de volta à divisão das traseiras, a pequena zona de serviço onde havia uma banca, uma máquina de lavar roupa e inúmeras embalagens de detergente barato. Correndo para a banca, Kassie abriu para trás as portas do armário que havia por baixo. Agachando-se, mergulhou lá para baixo, afastando garrafas de lixívia e detergente industrial, para revelar uma lata antiga de polidor de pratas. Rodando a tampa, puxou-a para fora, antes de retirar lá de dentro um pequeno pacote. Enfiando-o no bolso, voltou a fechar a lata, recolocando cuidadosamente todas as garrafas nas posições originais. A seguir, verificando se não havia nada deslocado, fechou as portas do armário e afastou-se.

Lançando uma espreitadela ao relógio antigo — já passava das 23 horas —, Kassie destrancou a porta das traseiras. Sentiu o ar frio a saudá-la e puxou o capuz para cima, ocultando da noite as suas feições. Ao longe, um cão ladrou e Kassie virou-se para verificar se o sono da mãe fora perturbado. Mas não houve quaisquer sinais de movimento e Kassie ainda lhe ouvia o suave ressonar.

Aliviada, Kassie saiu apressadamente, desaparecendo na noite.

10

A inspetora Gabrielle Grey avançou em passos largos na direção do enorme edifício de tijolo vermelho. Entrou. Era de manhã bem cedo, mas já havia bastante movimento na sede do quartel-general do Departamento de Polícia de Chicago, na South Michigan Avenue — agentes da polícia, analistas, pessoal de ligação aos *media* e pessoal de apoio atravessavam-se no caminho de Gabrielle enquanto avançava para os guardas que controlavam as entradas. Reconhecia alguns, outros não, mas havia um rosto que lhe era quase tão familiar quanto o seu — Norm, o oficial de dia que dirigia a receção desde que ela se recordava. A CPD^[2] mudara-se para estas novas instalações em Bronzeville em 2000 e desde então Gabrielle nunca vira Norm de pé, uma característica que estava na base de muitas piadas da esquadra. A justiça nunca dorme, gostava de dizer a sua equipa em relação a Norm, senta-se.

— Bom dia, Norm. Novidades?

— Nada de mais. O Hoskins está a dirigir uma reunião de crise no Centro de Comando...

— Outra?

— O habitual. Além disso, o Sol brilha, o céu é azul e os Cubs são a maior...

— ... equipa de basebol do mundo — rematou Gabrielle, para visível deleite de Norm.

Depois de passar, Gabrielle apanhou o elevador para o oitavo piso.

De lá, era uma curta caminhada até ao Gabinete de Inspectores, o mais prestigiado departamento do edifício e o seu feudo pessoal nos últimos três anos.

— Bom dia, chefe.

Vários agentes de patente mais baixa saudaram-na quando avançou em passos firmes na direção do gabinete, ao canto. Retribuiu os cumprimentos, pegando entretanto no *bagel* que levava na mala. Estava esfomeada, por ter abdicado do pequeno-almoço para ir levar os rapazes à escola a tempo, e ansiava por cravar os dentes na sanduíche de bacon, alface e tomate, mas foi detida pela visão de três novas fotografias no quadro de casos. A adjunta, a inspetora Jane Miller, já tinha saído em serviço, pelo que o inspetor Suarez se apressou a juntar-se-lhe. Suarez já trabalhava com Gabrielle há mais de cinco anos e era um inspetor eficiente e de confiança.

— O que é que temos aqui? — perguntou Gabrielle, a olhar para os rostos.

— Uma morte em South Shore — respondeu Suarez, indicando o homem caucasiano na primeira fotografia. — Homicídio de gangue. Três balas, na cabeça e no pescoço, enquanto estava sentado no carro. O atirador fugiu numa motorizada.

Assentindo com um ar sombrio, Gabrielle apontou para os restantes.

— E os outros?

— Duplo homicídio em South Lawndale. Dois atiradores, pensamos nós, com armas semiautomáticas. Ocorreram numa hamburgueria muito popular e a horas tardias, mas, adivinhe lá, ninguém viu nada.

— Seja como for, manda lá mais uns agentes extra — replicou Gabrielle. — Vejam se encontram alguém com consciência.

— Alguém com *cojones* — corrigiu-a Suarez.

— E fala com os líderes religiosos locais e com os assistentes sociais — recomendou Gabrielle. — Têm de saber alguma coisa...

Suarez foi tratar das suas incumbências, levando consigo um par de colegas inspetores. Gabrielle viu-os sair, olhando em volta pelo gabinete despido. Gabrielle tinha uma equipa grande — a maior da CPD —, mas era constante a falta de pessoal, dada a grande quantidade de homicídios com armas de fogo com que tinha de lidar.

O presidente da câmara prometera não dar tréguas aos gangues — providenciando verba extra para os agentes da polícia, assim como iniciativas sociais e destinadas à juventude —, mas até agora poucos progressos haviam sido registados.

Gabrielle olhou para as fotografias. Três homens abatidos a tiro, a sangue-frio... por que motivo? Por pertencerem a um gangue rival? Por se perderem no território errado? Por desrespeitarem alguém no *Twitter*? Já fora assassinada gente por menos. Era dever de Gabrielle e da sua equipa levar os assassinos à justiça, mas sabia que seria complicado. Comunidades demasiado assustadas para falar. Barões da droga dispostos a tudo para sobreviver. Agentes da polícia e inspetores sem mãos a medir por força do constante derramamento de sangue. Ainda assim, eles fariam... ela faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que fosse feita justiça, por respeito às famílias, estimulada apenas pelo seu sentido do dever, pela sua determinação e pela sua sanduíche fria. Enquanto Gabrielle continuava a observar as fotografias, recordou-se de algo que o superintendente Bernard Hoskins lhe dissera no seu primeiro dia de trabalho.

Ninguém se torna inspetor em Chicago a contar com uma vida fácil.

[2] Sigla do Chicago Police Department, ou seja, em português, Departamento de Polícia de Chicago. [N. T.]

Adam acordou com o cheiro a panquecas. Faith era uma boa cozinheira, quando podia dar-se a esse trabalho, mas as manhãs nunca eram o seu melhor momento, e o aroma a massa de bolos fresca significava apenas uma coisa. Christine.

Ao contrário de muitos homens, Adam gostava bastante da sogra. Era calorosa, amável e tremendamente generosa. No entanto, o seu hábito de entrar em casa deles era um bocado enervante, por muito agradáveis que os resultados se viessem a revelar. Com a data do parto de Faith cada vez mais próxima, as inesperadas aparições de Christine haviam-se tornado cada vez mais frequentes e não passava um dia sem que Adam não deparasse com a sogra — por norma, quando estava seminu ou exausto. Se ela tinha um defeito, era ser *demasiado* atenciosa, mas até isso podia ser-lhe perdoado. Vivia sozinha — o seu inútil marido já não passava de uma memória vaga — e o nascimento da primeira neta teria de ser sempre especial.

Rolando para o lado, Adam surpreendeu-se ao dar com a cama vazia. Faith escondia-se da mãe com frequência, fingindo dormir, até se sentir pronta para ser inquirida sobre os seus planos relativos ao parto. Pegando no roupão, arrastou-se até à cozinha e surpreendeu-se ao dar com a mulher vestida e pronta para sair, terminando um pequeno-almoço saudável sob o olhar atento e aprovador da mãe.

— Esqueci-me de alguma coisa? — murmurou Adam enquanto se servia de algum café. — O bebé não nasce hoje, pois não?

— *Ela* não é esperada nos próximos dias — venceu Faith. — Mas a mãe vai ajudar-me a pintar o quarto.

— O relógio não para — intrometeu-se a mãe dela, mal conseguindo conter o entusiasmo.

— A não ser que *tu* queiras ajudar? — prosseguiu Faith.

— Adoraria, mas tenho a agenda preenchida...

Era verdade. Uma das coisas que a América tinha de bom era haver sempre alguém a precisar de um psicólogo. Com um derradeiro e jovial insulto relativo aos fracos talentos manuais dele, Faith saiu com a mãe, deixando Adam a consultar a agenda, enquanto devorava as panquecas. Era uma lista preenchida, com alguns casos bastante desafiantes. Mas, para ser sincero, Adam estava com a cabeça noutro lado. Passara mal a noite, a pensar incessantemente no interrogatório no Centro de Detenção Juvenil. Quando se trabalha tempo suficiente numa determinada área, qualquer trabalho se transforma em rotina. Ele era visita habitual do Centro de Detenção Juvenil tanto quanto o era da Prisão do Condado de Cook, mas Kassie surpreendera-o. Era incapaz de afastar da mente a expressão dela quando o viu — seria choque? Horror? Medo? —, tal como o que ela lhe dissera a seguir. Ele contara que a adolescente se desculpasse pelo ataque à vítima — talvez até que o culpasse a ele por a atacar, como muitos faziam. Mas ela dissera que tentara apenas avisá-lo e, apesar de se ter recusado a desenvolver, fizera-o com tal convicção que Adam não conseguiu evitar ficar intrigado. Que queria ela dizer? Porque é que sentira que ele corria perigo? Mais importante, seria o perigo real?

Adam estava preocupado com ela. Estaria a alucinar? Presa por alguma forma de «pensamento mágico», dentro do qual as suas fantasias de algum modo se manifestavam? Ou saberia ela algo sobre o homem, sobre alguma ameaça invisível ao bem-estar dele? Essas eram as questões que não lhe saíam da cabeça, apesar de ele saber que eram pensamentos sem sentido e inúteis.

Com toda a probabilidade, nunca mais veria a intrigante Cassandra Wojcek.

12

Kassie avançou determinada pela rua fora, ignorando os olhares curiosos das mães que passavam com carrinhos de bebé. Era alta para a idade, mas ainda parecia demasiado jovem para não estar na escola àquela hora. Baixando o rosto para o chão, seguiu em frente. Com a curiosidade e a censura das mães de classe média conseguia ela lidar — já deparar-se com um agente da polícia seria uma história completamente diferente. Além disso, restava-lhe muito pouco tempo antes de a secretária da escola ligar à mãe, pelo que teria de se despachar.

Já havia muito movimento na West Town, como habitualmente, com os passeios cheios de gente às compras, de bebés bem vestidos acompanhados das cuidadoras. Kassie teve de se manter calma enquanto abria caminho por este próspero tráfego humano, mas avançou depressa e passado pouco tempo estava à porta da desprestigiada casa de Jacob Jones.

A vivenda suburbana que Kassie tinha à sua frente parecia sem vida — cortinas corridas, luzes apagadas, a porta da frente fechada e trancada. Esta rua popular e requintada era o tipo de lugar onde seria fácil encontrar pessoas a espreitar por trás das cortinas, pelo que Kassie não se demorou, avançando pelo corredor que havia na lateral da casa. Tentou abrir as janelas francesas nas traseiras e depois a entrada da arrecadação, mas estavam ambas trancadas.

Mas, ao investigar melhor, deparou com uma janela lateral que

serviria o seu propósito. Contava apenas com um único e frágil trinco — nada de cadeado —, pelo que Kassie não hesitou, dando uma cotovelada no vidro. Já o fizera antes e sabia que um golpe curto e seco minoraria as possibilidades de um ferimento. Retirando o braço e limpando os vidros, foi com agrado que viu um grande buraco na janela. Calçando um par de luvas de lã — desapropriadas, dado o clima quente primaveril —, enfiou a mão pelo buraco e com gentileza levantou o trinco, antes de abrir a janela e trepar lá para dentro.

Pouco depois, estava sozinha no corredor. O coração batia-lhe muito depressa e uma vez mais questionou a inteligência de ali ir. Quase voltou para trás, por diversas vezes, dados os problemas que se arriscava a enfrentar, todavia, ali estava.

Passou rapidamente pelas divisões do rés do chão — não contava encontrar nada ali — e depois subiu ao primeiro piso. Entrara o mais silenciosamente possível na casa, não querendo denunciar a sua presença, mas em parte contava que a noiva de Jones surgisse a correr pelas escadas, exigindo saber o que ela fazia ali. Mas a casa parecia um túmulo, sendo a única companhia de Kassie o ranger constante do soalho enquanto avançava pelo patamar do primeiro andar.

Abrindo ligeiramente a porta do quarto principal, espreitou para o interior. Pareceu-lhe vazio, pelo que entrou bruscamente, passando a mão sobre a colcha de cetim da cama de casal, antes de passar pela porta da divisão que fazia de armário. Também esta se encontrava vazia, pelo que rumou ao quarto de hóspedes. Estava impecável, tal como o estúdio, e, ao descer as escadas para o corredor, Kassie começou a ficar preocupada. Arriscara-se e dera-se a todo este trabalho para nada?

Estacou, perplexa e irritada, a pensar no passo seguinte, quando avistou uma outra porta. Uma porta ligeiramente entreaberta. Atravessando o corredor, deitou cuidadosamente a mão ao puxador e abriu suavemente a porta. De imediato, foi atingida por um sopro de ar frio, ao descer o empoeirado lanço de escadas que dava para baixo.

Kassie olhou de novo para trás, para o corredor, como se temesse uma emboscada, mas estava tudo tranquilo, pelo que devolveu a atenção à escadaria. Apalpando a parede lateral, detetou um gancho, que em tempos presumivelmente terá sustentado um candeeiro ou algo similar, mas agora não se encontrava lá nada, pelo que, pegando

no *iPhone*, Kassie acionou a aplicação da lanterna e entrou.

A primeira coisa que a atingiu foi o cheiro. Húmido, podre, desagradável. Tapando a boca e o nariz com a manga, observou o que a rodeava, com os olhos a acostumarem-se à escuridão. O pó nas escadas fora recentemente perturbado, mas era difícil dizer quando. Deveria seguir as pegadas leves para ocultar a sua presença ali ou deveria deixá-las como estão? Optando por esta última possibilidade, começou a descer, mantendo os pés o mais possível na beira das escadas, para minimizar o seu rasto.

Um passo, e depois outro e mais outro. Kassie sentia o coração na boca e teve de forçar as pernas a avançar. A lanterna era potente, mas de alcance limitado. Apanhava apenas partes da cave, e ficou perturbada com as sombras assustadoras que o raio da lanterna projetava nas paredes. Seguiu em frente, convencida de que a qualquer momento descobriria um cenário macabro, na esperança de não perder a calma quando assim fosse.

Chegara ao derradeiro degrau e cuidadosamente assentou o pé no chão da cave. Sentiu um aperto tão forte no peito que quase não a deixava respirar. Sabia exatamente o que ali encontraria e em parte queria virar costas e fugir. Mas Kassie não era uma cobarde. Viera até ali, pelo que, agora, com um movimento súbito, rodou o raio da lanterna pelo chão da cave. Arquejou e levou a mão ao peito... mas não havia ali nada. A divisão estava deserta, desprovida de presença humana, um pacato depósito de livros de fim de curso do secundário e material desportivo antigo.

Crac.

Ao dar um passo em frente para continuar a investigar, o pé esmagou algo. Curvando-se, surpreendeu-se ao ver pequenos cacos de vidro espalhados pelo chão, cintilando como diamantes ao serem varridos pela sua luz. Baralhada, Kassie alargou o alcance do feixe de luz e detetou uma lanterna caída e parcialmente ocultada pela beira de uma caixa de cartão. Com a ponta da sapatilha, fê-la rolar para fora do esconderijo. Tal como suspeitara, tinha o vidro partido, tal como a lâmpada.

Sentiu um sobressalto no coração. Obviamente, haveria explicações inocentes para a presença da lanterna partida — Jacob talvez a tivesse deixado cair sem ser capaz de a encontrar às escuras

—, mas Kassie rapidamente as descartou. De repente, por razões que sentiu dificuldade em explicar, Kassie percebeu que fora ali que acontecera.

Ali fora selado o destino de Jacob Jones.

Dwayne Reid, o polícia de patrulha, soltou um valente arroto enquanto via os carros a passar. A parceira — uma vegetariana emproada chamada Lesley — suspirou sonoramente, mas ele ignorou-a, deixando rolar na boca os sabores do snack. Todas as manhãs visitava o Taco Bell para ir buscar uma salsicha e um biscoito de queijo. Por um lado, servia para satisfazer o estômago rugidor; por outro, para irritar a parceira. Mesmo que não apreciasse a salsicha gordurosa e picante e o queijo grosso tipo borracha, tê-los-ia comprado só para espoletar nela uma reação. Com alguma sorte, a paciência dela em breve chegaria ao limite e acabaria por pedir uma mudança de parceiro.

Nada agradaria mais a Dwayne. O serviço de patrulha era entediante — horas e horas a circular de carro pelos locais principais de tráfego, em busca de incidentes —, e um bom colega era essencial. O agente de patrulha Michael Garvey fora precisamente isso — divertido, espalhafatoso, politicamente incorreto —, mas foram apartados depois de uns relatos infundados de terem abandonado os postos nas horas de trabalho. Daí ter agora a companhia da *Miss Bem-Comportada*.

— Vais fazer alguma coisa interessante logo à noite, Lesley? Um encontro?

— Não sejas parvo, Dwayne. Sabes muito bem que sou casada.

— Não digas não sem o provares. De contrário, como é que hás de

manter as coisas picantes na cama?

Lesley abanou pesarosamente a cabeça, mas não comentou.

— Diz-me — prosseguiu Dwayne. — Sempre gostaste de gajos? Ou alguma vez foste com outra rapariga?

— Por amor de Deus. — Virou-se para ele, agora visivelmente aborrecida. — Achas mesmo que vou partilhar a minha vida sexual contigo?

Dwayne estava para responder, de modo encorajador e afirmativo, mas algo lhe chamou a atenção. Um *Lincoln Continental* preto passara a grande velocidade no cruzamento diante dele, ignorando o semáforo vermelho e falhando por pouco uma carrinha.

— Está no ir — gritou, animado, Dwayne, ligando as sirenes ao desencostar da berma.

A conversa terminou, com ambos os agentes concentrados no carro diante deles. A maioria das perseguições terminava depressa, com os aterrorizados condutores de classe média a encostar assim que se apercebiam das luzes azuis giratórias. Mas o *Lincoln* não dava mostras de pretender parar — na verdade, ia a acelerar, passando mais um semáforo vermelho conforme fugia deles.

— Agentes em perseguição a um *Lincoln Continental* preto em direção a sul na Dan Ryan Expressway. Matrícula H23 3308. Peça apoio e interceção.

A voz de Lesley era nítida e viva — até Dwayne tinha de admitir que ela era boa em situações como esta.

— Vê se eles conseguem sacar o helicóptero — atirou ele. — Estes tipos não estão para brincadeiras.

Lesley transmitiu o pedido por rádio e obteve resposta afirmativa. Recentemente, houvera muitos acidentes com fuga, demasiadas perseguições fatais, para que não fossem destacados todos os meios disponíveis.

Dwayne manteve a distância para o veículo, rezando para que tomassem a saída seguinte. Se seguissem em frente, poderia ser uma longa perseguição, dada a impossibilidade de encerrar a autoestrada àquela hora do dia. Seria sensato da parte deles tentar despistar os perseguidores com uma mudança de direção? Mas não, aparentemente seguiriam em frente.

— Assim não, seus anormais.

De repente, o *Lincoln* atravessou um par de faixas, saindo da estrada na direção da saída.

— Assim mesmo, rapaz! — rugiu Dwayne, rodando de repente o volante para seguir o *Lincoln*.

Sabia que o combate terminara e, como esperara, ao aproximarem-se do fundo da saída, viu que o *Lincoln* parara de repente, com o caminho bloqueado por dois carros-patrolha. A porta do condutor já se abria e Dwayne não hesitou, acelerando antes de travar com uma derrapagem diante do suspeito em fuga.

— Mãos onde eu as possa ver.

Lesley já saltara do carro, apontando a arma ao suspeito, que estacou repentinamente. Dwayne seguiu-a, irrompendo do carro e apontando a arma ao acompanhante do condutor, que também ponderava a fuga. Eram ambos jovens. Porto-riquenhos e bastante agitados.

— Vamos lá com calma, Diego. Não queiras entrar para as estatísticas...

Dando por si sem escapatória, os suspeitos cederam e pouco depois os seus rostos batiam com força no capô, enquanto eram algemados.

— Bem pensado, rapazes. Agora vamos lá ver o que têm. — Dwayne falou alegremente enquanto os revistava. — Ora bem, 50 dólares, uns cigarros... e uma arma de fogo.

— Está descarregada, meu.

— Não sei se o juiz vai querer saber disso — replicou Dwayne, largando a gasta *Smith & Wesson* no saco de provas de Lesley. — Mais alguma coisa que seja conveniente eu saber?

Ambos os suspeitos abanaram a cabeça, e, depois de ter confirmado que diziam a verdade, Dwayne passou ao interior do carro. Abrindo o porta-luvas, verificou o conteúdo.

— Um pacote de rebuçados *Lifesavers*, um mapa do Illinois e...

— ... *Guia Fodor's para Hotéis Românticos no Montana*. Pessoal, têm a certeza de que este carro é vosso?

— É emprestado — murmurou sombriamente o condutor.

— É claro — riu Dwayne, lançando um olhar para a zona dos pés do pendura, antes de incidir a atenção na traseira da viatura. E parou. A mala permanecia fechada, mas havia uma mancha castanho-escura

no puxador que lhe chamou a atenção. Lesley olhava para ele, intrigada com a sua expressão séria, pelo que não se demorou mais.

— Então muito bem, rapazes, vamos lá ver o que aqui temos...

Abrindo o fecho, levantou a tampa da mala. Por momentos, pareceu ficar imóvel. Não se mexeu nem reagiu de início, espantado com o que via diante dele.

— O que é, Dwayne?

Preocupada com a expressão dele, com o seu súbito silêncio, Lesley avançou um passo na sua direção, na esperança de ver o que o perturbava. Mas, antes de conseguir fazê-lo, Dwayne virou repentinamente costas ao carro e vomitou o pequeno-almoço no alcatrão frio.

O cheiro a decomposição era avassalador. Kassie tentou travá-lo, encontrar uma fonte de ar puro vindo de algures, mas tal revelou-se impossível. O ambiente no Lar Lake View era sufocante — sobreaquecido, bafiento e enriquecido com cheiro a urina. Os muitos olhos que se colaram a ela pertenciam aos desamparados e aos desesperados.

Tentando evitar o escrutínio deles, Kassie manteve uma conversa constante. Viera diretamente para ali desde a residência de Jones, demasiado perturbada pela experiência para conseguir ir para a escola. Nesse momento, precisava de estar com alguém que gostasse dela.

— Estou a esforçar-me mais na escola — disse ela, baixinho. — Sabe como é, para ter melhores notas. E a minha professora de Inglês, a professora Wilson, diz que tenho potencial...

Ergueu o olhar para a avó, na esperança de obter algum tipo de reação, na esperança de ver aquela habitual centelha de afeto no seu olhar, mas a idosa não reagiu. Wieslawka já estava no lar há 10 anos, dada como senil e paranoica, e poucos estímulos ou visitantes tinha para exercitar a mente debilitada. Kassie tentava aparecer uma vez por semana, em parte para compensar a recusa da mãe em lá ir, e por vezes achava que *conseguia* vislumbrar a reação da velhota. Depois, era transportada de volta aos dias mais felizes em que Wieslawka, que sempre fora uma mulher de constituição robusta, envolvia a pequena

Kassie no seu generoso abraço, sussurrando-lhe confidências e enchendo-a de ratinhos de chocolate e doces. Hoje, no entanto, Kassie nada conseguira obter.

— Mas é difícil, sabe... — prosseguiu Kassie, balbuciando. — Não consigo concentrar-me... passa-se tanta coisa à minha volta...

Olhou para os olhos azul-escuros da avó.

— Tento bloquear, mas não consigo. As coisas que vejo estão sempre... sempre a girar na minha cabeça...

A idosa enrugou um pouco o rosto, como se absorvesse as palavras de Kassie e formulasse uma resposta. Encorajada, Kassie prosseguiu:

— O que hei de fazer, *babcia*? Diga-me, por favor. Devo ignorar? Ou enfrentá-lo? Não sei o que será melhor fazer.

Agora, a idosa abria lentamente a boca. Passou vagarosamente a língua pelos lábios, humedecendo as gretas que os ponteavam. Kassie fitou-a atentamente, na esperança de algum tipo de orientação, mas, para sua surpresa, a avó começou a cantar.

— *Kosi kosi łapci, pojedziem do babci. Babcia da nam mleczka, a dziadzius pierniczka...*

Os olhos de Kassie ficaram marejados de lágrimas. Em criança, ouvira muitas vezes a canção infantil — a avó cantava-a sempre que a podia visitar —, e no passado servira para a confortar. Agora, vincava o quão longe se encontrava do mundo a sua adorada e inconsciente avó. Isto em igual medida entristeceu e assustou Kassie, e, ao fim de mais 20 minutos de conversa vacilante num único sentido, levantou-se e deu um beijo de despedida a Wiesława. A avó mal reparou, continuando, entretanto, a cantar para si mesma.

Abrindo caminho por entre os rostos solitários e erguidos, Kassie esgueirou-se pelas janelas francesas para o jardim. O lar ficava na margem do lago Michigan, com vistas fantásticas sobre a água e mais atrás a metrópole de Chicago. No verão, era quase agradável estar ali, a apanhar sol enquanto se aproveitava a vista, mas nesse dia o lago apresentava-se cinzento e sem vida, a não ser pelos pássaros de visita que circulavam lá no alto.

O vento começava a levantar e de repente Kassie sentiu-se fria e desamparada. Pegando num charro meio fumado que tinha no bolso do casaco, a erva forte e aromática preencheu-lhe a boca e as narinas. A vida dela nunca fora fácil, nem simples, mas nesse dia sentiu-se

envolvida por uma névoa profunda. Necessitava de ajuda, necessitava de orientação, e fora até ali na esperança de que a sua *babcia*, a única pessoa que verdadeiramente a entendera, lhas facultasse. Mas a avó estava agora perdida para ela, enlouquecida por uma vida de traumas.

Ali não haveria respostas.

Gabrielle Grey abriu caminho por entre a multidão que ali se reunia e passou por baixo da fita da polícia. Exibindo o seu distintivo ao agente fardado mais próximo, avançou na direção do *Lincoln* preto, parcialmente ocultado com a equipa CSI^[3]. A inspetora Jane Miller apressou-se na sua direção, pondo-se ao seu lado.

A adjunta era ambiciosa, ainda jovem e por vezes excessivamente entusiasta, mas inteligente e zelosa. Recusara ofertas de outros departamentos para trabalhar sob as ordens de Gabrielle e esta sentiu-se grata por a ter — ninguém se esforçava mais do que Miller quando estava em curso uma grande investigação. Esguia, com cabelo castanho curto bem arranjado, seria um excelente partido, achava Gabrielle, para algum rapaz sortudo — ou rapariga —, mas parecia ser casada com o trabalho. Rapidamente, pôs Gabrielle a par dos acontecimentos, nos seus modos habitualmente eficazes.

— Homem branco, na casa dos 30, possivelmente 40, descoberto por agentes na mala de um carro há cerca de uma hora. Dois homens de origem porto-riquenha foram detidos, Edmundo Ortiz e Pancho Martín. Achamos que pertencem a um grupo de Humboldt Park, mas está a ser verificado.

— Disseram alguma coisa?

— Nem uma palavra.

— E temos alguma identificação da vítima?

— Ainda não, apesar de o carro estar registado em nome de um

Jacob Jones, um procurador adjunto. Já liguei para o gabinete dele... era suposto chegar cedo para uma videoconferência, mas não apareceu.

Gabrielle sentiu um nó no estômago. Um procurador assassinado e largado na mala de um carro? Quando recebeu a chamada, não estava a contar com *isto*.

— Temos alguma fotografia? Algo que nos dê uma identificação preliminar? O Jones pode ser o autor, e *não* a vítima.

— Bem, temos, mas... acho que é melhor dar uma espreitadela.

Gabrielle reparou em como a adjunta estava pálida. Esta afastou-se, permitindo a Gabrielle que avançasse. Ao abeirar-se do carro, a multidão de operacionais da CSI afastou-se para lhe abrir caminho, depois de terem concluído o trabalho forense inicial e de terem captado fotografias.

Gabrielle arquejou involuntariamente. Havia alguém estendido dentro da mala, embrulhado em plástico, mas era difícil considerar a vítima um «homem». A vítima seria mais o que *restara* de um homem. Todas as partes significativas do corpo ainda lá se encontravam, apesar de braços e pernas estarem apontados em ângulos nada naturais que não poderiam estar de maneira nenhuma nos seus lugares próprios. Todos os dedos dos pés e mãos pareciam ter desaparecido, o tronco da vítima estava tremendamente pisado e, o que era mais doentio, a garganta do homem fora cortada quase até à espinha. A cabeça tombara para trás de forma hedionda, num ângulo reto face ao corpo, com os olhos sem vida a fitar o interior da mala do carro. Gabrielle manteve-se em silêncio por uns momentos, interiorizando aquela que era inquestionavelmente a pior coisa que vira em 20 anos de trabalho como inspetora. Este homem não fora morto, fora *destruído*.

Virando-se, vislumbrou os rostos pálidos da equipa CSI e, atrás deles, a multidão crescente de mirones, reunida nas barreiras da polícia, com as câmaras dos telemóveis a postos. Enojada e furiosa, Gabrielle virou costas ao carro e fechou a mala.

[3] Sigla de Crime Scene Investigation (Investigação de Local do Crime). [N. T.]

Faith fechou a porta com gentileza e entrou no estúdio. Era o seu espaço — sossegado, arrumado, balsâmico — e estava a precisar dele. Dar os retoques finais no quarto da criança fora divertido — não, fora mais do que isso, fora significativo, até comovente, tendo em conta a sua longa batalha para engravidar —, mas ao fim de várias horas com a mãe a meter o nariz já era mais do que suficiente. Precisava de um tempo a sós, pelo que, sem espanto, se retirou para o seu refúgio.

Praticamente terminara o autorretrato — uma imagem elegante e moderna em tons de cinzento e preto — e estava ansiosa por concluí-lo antes da chegada da bebé. Já estava prometido à galeria Fourwalls e, dado que a tratavam tão bem, não pretendia desiludi-los. Se não fosse por eles, nunca se teria imposto em Chicago, quanto mais em toda a nação.

Muitas das amigas com filhos falaram com frequência de darem seguimento às carreiras depois do parto, mas na realidade poucas encontraram tempo para isso. Não pretendia ser uma dessas mulheres que faziam promessas que não podiam cumprir e, além do mais, não era assim que queria que fosse. Queria que a maternidade fosse algo a que se dedicaria a tempo inteiro, depois de tanto ter esperado para desfrutar dela. Adorava ser pintora, dava significado à sua vida — salvara-a de si mesma —, e adorava as pessoas que conhecera através do seu trabalho. Mas já tinha 37 anos, e Adam 42, e levaram três longos e perturbantes anos de fertilização *in vitro* para ali chegar, por

isso, porque não haveria de se embrenhar a fundo na experiência?

Parecendo combinado, a bebé deu um pequeno pontapé. Sorrindo para si mesma, Faith pousou uma mão no alto da barriga enquanto erguia a outra mão para pintar. Sentindo a vida dentro de si com uma mão, tentou criar com a outra a ilusão da vida, orientando gentilmente a ponta do pincel pelos contornos do rosto do seu *alter ego*. Pintar este retrato revelara-se a experiência artística mais significativa da sua vida, pois a imagem mudara bastante durante o processo. Partira para a pintura de uma coisa — uma mulher sem filhos, o último vestígio de si mesma antes da maternidade —, mas, de alguma maneira, a bebé intrometera-se. Não de uma forma física, ou, pelo menos, não de uma forma obviamente física, dado que o retrato era apenas cabeça e ombro. Terá sido, então, a plenitude do seu rosto, a expressão dos olhos, a serenidade do olhar, que acabou por ceder. Talvez tenham sido os três em conjunto, não tinha a certeza, mas a verdade é que a pintura mudara porque *ela* mudara. Há 10 anos, andara perdida — vergada num caminho de autodestruição —, mas primeiro Adam e agora a bebé haviam sarado as feridas. Haviām-na ajudado a *crescer*. Como se sentia, agora, grata pela intervenção deles.

Pousando de novo o pincel na paleta, Faith assentou a outra mão na barriga, afagando o alto. Não havia como combater — o amor que sentia pela sua bebé, pela sua nova vida, era intenso, consumia-a por completo. Nunca experimentara nada semelhante na vida.

Tal era o laço que a unia à sua criança.

— O que é que te passou pela cabeça? Queres que eu seja despedida?

Kassie olhou para a mãe, zangada, mas também um pouco envergonhada.

— Tive de sair mais cedo do trabalho. É a *terceira* vez em duas semanas. O meu chefe não está para isto.

— Eu sei, mamã. E peço desculpa...

— O que é que acontece se perder o emprego? — prosseguiu Natalia, ignorando o pedido de desculpas da filha. — Como é? Vais *tu* pôr comida na mesa? Pagar as contas? Comprar roupa nova?

— Que roupa nova?

A mão de Natalia saiu disparada, chocando com força na face esquerda de Kassie.

— Não me respondas. Se não fosse por mim, andavas por aí nas ruas.

Kassie levou a mão ao rosto, arrependendo-se do seu sarcasmo. Odiava a mãe quando ela se comportava assim, mas era verdade — tinha bons motivos para estar zangada. Kassie sentira-se demasiado incomodada para ir à escola depois da visita à avó e, no seguimento de um telefonema da secretaria da escola, Natalia veio a dar com a filha em casa, ainda a cheirar a erva.

— Tens sorte por ainda teres lugar na escola. Tive de implorar ao diretor Harrison que te desse uma derradeira oportunidade, disse que

falava contigo por causa do teu comportamento. Mas ele é um homem orgulhoso, um homem *esperto*, e não permite que se aproveitem dele.

— Eu sei, eu peço-lhe desculpa logo pela manhã...

— E ao teu professor. E aos teus colegas. Por todos os problemas que causaste.

— OK, OK...

— É uma boa escola. Tens sorte por lá andar, *kochanie*... Porque é que não assentas? Estudas? Não és nada estúpida, podes fazer qualquer coisa da tua vida.

O seu tom suavizara — arrependimento e tristeza a turvarem-lhe a irritação —, o que levou Kassie a sentir-se ainda pior.

— Vou tentar...

A expressão da mãe indicou a Kassie o que pensava daquilo.

— Quer dizer, eu vou...

— Mas, afinal, onde é que andavas?

Kassie deteve-se, sem saber o que dizer.

— Então?

— Fui ver a avó.

— A manhã toda? — replicou Natalia, só a custo disfarçando o ceticismo. — A velhota não diz coisa com coisa.

Kassie não sabia o que dizer. Seria melhor mentir ou contar a verdade? A mãe fitava-a com intensidade, pressentindo — esperando? — uma mentira, pelo que Kassie murmurou:

— Não. Antes disso fui a West Town. Queria ver aquele homem.

— Quem? — quis saber Natalia.

Kassie inspirou fundo, após o que prosseguiu:

— O homem com quem esbarrei na North Michigan Avenue.

O rosto da mãe ficou lívido e esta desviou a cara de Kassie, abanando a cabeça.

— Mamã...

— Porque é que haverias de fazer tal coisa? — quis saber Natalia, voltando-se de novo para a filha, com uma expressão de profunda incredulidade.

— Sabes bem porquê.

A mão de Natalia voltou a sair disparada, apanhando Kassie de surpresa. A jovem cambaleou um pouco, sentindo lágrimas a formarem-se nos olhos, mas a mãe não pareceu arrependida.

— Basta, Kassie. Já te avisei em relação a isso.

— Não consigo evitar.

— É claro que consegues.

Natalia agarrou-a pelo pulso, puxando-a mais para si.

— Tu fazes isso porque *queres*. — Estava agora cara a cara com a filha, sussurrando furiosamente. — Porque me queres magoar, torturar.

— Não, não, eu não quero que isto aconteça, mas acontece.

— Tu inventas, tal como a tua avó.

— É o que sou...

— Não, é o que *escolhes* ser — ripostou Natalia, com a voz alta e dura. — E eu já não aguento mais.

— Nada disto é culpa minha, mamã...

— Oh, é tudo culpa tua, Cassandra. Sempre foste uma criança enganadora a querer chamar as atenções, mas isso acaba *agora*. Não vou continuar a ser humilhada, não depois de tudo o que fiz por ti.

Natalia fitava a filha com um olhar fulminante, de olhos em brasa.

— Portanto, mete isto na tua cabeça dura. Nada de faltar à escola, nada de drogas... — Puxou Kassie mais para si, para concluir: — ... e nada de mentiras.

— Não fiz nada.

Gabrielle Grey recostou-se na cadeira e abanou tristemente a cabeça. Edmundo Ortiz tinha a mesma idade do seu filho mais velho, mas o elemento do gangue com 17 anos não podia ter escolhido um rumo mais diferente na vida. O secundário era já uma memória distante e saltara ao longo de anos de uma família de acolhimento para outra. A única «família» real que alguma vez tinha tido haviam sido os bairros que percorrera com os Spanish Cobras — um destacado gangue de drogas com bons recursos que presentemente lutava com os Latin Kings por poder e influência em West Side.

A Gabrielle, ele pareceu igual a tantos outros jovens zangados que vira a destruir a vida em Humboldt Park. A expressão taciturna encapuzada, as tatuagens a assinalar a lealdade ao gangue, as calças descaídas até meio do rabo para indicar que já cumprira pena de prisão — se alguma vez teve um cinto, seria agora pertença da CPD. Ainda usava a t-shirt preta e verde com que fora apanhado — mais uma marca da lealdade ao gangue —, um pequeno pormenor que deixava Gabrielle ainda mais deprimida. Nos seus primeiros anos como agente de ligação às comunidades, vira miúdos em jardins de infância a pintar ilustrações do Rato Mickey com cores de gangues — uma prova evidente de como os gangues começavam cedo a influenciar as mentes jovens.

— Acho que ambos sabemos que não é verdade, Edmundo —

reagiu Gabrielle. — Já te temos por posse de arma, furto de automóvel, homicídio...

— Não fui eu, pá.

— Não é o que diz o teu amigo. O Pancho está a ser *muito* cooperante.

Mas Edmundo limitou-se a abanar cabeça.

— Ele não diz nada.

Ele tinha razão, naturalmente. Pancho confessara o roubo do carro, mas nada mais. Fazer mais do que isso seria suicida.

— Olha, o funeral é teu — insistiu Gabrielle. — Mas sugiro que comeces a falar. Tens uma irmãzinha, não é? O que vai ser dela quando fores dentro?

— Ela está a ameaçar-me?

Edmundo dirigiu a pergunta ao advogado, um sitiado representante indicado pelo Estado que parecia bastante deprimido com toda a situação.

— Ela sabe bem que não o pode fazer — respondeu lugubrementemente o advogado.

— Ainda bem, porque ela não vai querer irritar-me...

— Nem você o deve fazer — prosseguiu o advogado, olhando para o cliente. — Estamos simplesmente a ter uma conversa amigável.

— Sobre um procurador assassinado encontrado na mala do carro que *tu* conduzas — interrompeu Gabrielle.

— Nunca vi o gajo, não sei quem é.

Infelizmente, Gabrielle sabia. O registo dentário confirmara que a vítima era Jacob Jones, um magistrado residente em West Town.

— Vais ter de fazer melhor do que isso, Edmundo. Porque nem a CPD nem o presidente da câmara nem toda a comunidade de forças da lei irão descansar até *alguém* ser acusado por este crime. Quem quer que o tenha cometido pode agradecer à sua estrelinha da sorte por não termos pena de morte neste Estado.

Se Gabrielle contava que isto desse que pensar a Edmundo, desiludiu-se. O adolescente continuou a remexer nas unhas, evitando o contacto ocular.

— Olha, podemos continuar neste jogo durante o dia de hoje, amanhã, no dia seguinte e no dia depois desse — prosseguiu Gabrielle, arrastando deliberadamente as palavras. — Mas vamos estar sempre a

voltar ao mesmo problema. A vítima foi encontrada num carro que *tu* conduzas. Não há mais suspeitos, és só tu e o Pancho, e mais cedo ou mais tarde vou ter de acusar *alguém*. E quando chegar a tribunal, em quem achas que vai acreditar o júri? Num polícia condecorado de Chicago? Ou num par de Cobras? E o juiz, achas que vai ser brando? Com os jornais históricos e o presidente da câmara implacável? Quem quer que tenha feito isto, vai de cana para o *resto* da vida.

Gabrielle olhou intensamente para o jovem suspeito, esperando a sua reação.

— OK, talvez eu tenha pegado no carro. *Talvez...*

— Claro — reagiu jovialmente Gabrielle, satisfeita por fazer finalmente algum progresso. — Foi levado do limite sul de Logan Park, a uma curta distância a pé da tua casa em Humboldt Park.

— Eu disse *talvez...*

— E isso é muito querido, mas temos as tuas impressões digitais na porta do condutor, no tabliê e no volante. Acho que furto de automóvel é algo que já está bem assente, por isso vamos falar do resto...

— Não, pá.

— Onde é que tu e o Pancho foram buscar o carro?

— Lyndale. — Foi a resposta murmurada.

— West Lyndale Street?

Edmundo assentiu com a cabeça e Gabrielle sarrabiscou um apontamento no seu bloco. Pancho também referira West Lyndale Street como local onde pegaram no carro.

— Seguiram o dono até lá?

— Não.

— Atacaram-no?

— Está a falar do quê?

— A fechadura não foi forçada, as janelas estão intactas. A mim parece-me muito um caso de *carjacking*.

— Não estava trancado.

— Vá lá, Edmundo, é um carro de luxo. Achas mesmo que o dono...

— Não estava trancado. Tentámos outros primeiro, passámos à frente os que tinham alarmes, mas este foi fácil.

— Então, foi só entrar e arrancar?

— Isso. Vende-se estes carros por 10 mil.

— E as chaves estavam na ignição?

— Certo.

— Parece tudo muito simples, Edmundo — reagiu Gabrielle, recostando-se na cadeira. — Mas não gosto. Quem te encomendou o serviço? Quem te mandou matá-lo?

— *Ninguém*. Quantas vezes tenho de lhe dizer? Não conheço o gajo.

— A vítima era um procurador federal, Edmundo. Ao longo dos anos, pôs diversos dos vossos *compadres* atrás das grades. Está aqui tudo, preto no branco.

Edmundo remexeu-se na cadeira, lançando um olhar nervoso ao advogado.

— Então, estás a ver onde quero chegar — prosseguiu Gabrielle. — Hora da vingança...

— Isso é treta.

— Achas que vamos deixar *passar* isto? Não podes andar por aí a despachar procuradores.

— Percebeu tudo mal.

— Segundo a equipa forense, o carro tinha lama fresca nos pneus. Levaste-o a algum lado? — insistiu Gabrielle, não dando tréguas.

— Para algum sítio afastado, para o poderes torturar e matar?

— Tenho de ouvir isto?

A pergunta fora uma vez mais dirigida ao advogado, mas Gabrielle interrompeu.

— Deixa-me mostrar-te porque é que isto não te vai largar, Edmundo. Porque é que isto vai correr muito *mal* para ti...

Enquanto falava, retirou as fotografias do local do crime de uma pasta fina.

— O Jacob Jones era um tipo atraente e bem-sucedido. Tinha uma bela casa, uma linda noiva... E este é, agora, o aspeto dele.

Empurrou a primeira fotografia sobre o tampo da mesa, mas Edmundo desviou o olhar.

— Olha para ela.

Edmundo espreitou para o advogado, que encolheu os ombros, desinteressado.

— OLHA PARA ELA!

Com relutância, Edmundo arrastou o olhar para a imagem terrível diante dele.

— Aqui é de um ângulo diferente — prosseguiu Gabrielle, fazendo deslizar outra fotografia horrível sobre a amolgada superfície de plástico. Observava atentamente Edmundo — que transpirava e sacudia a cabeça.

— E isto é um grande plano...

Estaria ela contar com uma confissão? Com uma fervorosa alegação de inocência? Não recebeu qualquer das duas — porque, quando empurrou a derradeira imagem na direção do suspeito, Edmundo Ortiz desmaiou, deslizando da cadeira e tombando no chão duro.

Meia hora mais tarde, Gabrielle parou o carro à porta da residência dos Jones.

A pacata rua suburbana fervilhava agora de atividade. Agentes forenses andavam de um lado para o outro pela casa transportando sacos de provas, enquanto agentes à civil levavam a cabo as suas entrevistas na rua. A destroçada noiva de Jones, Nancy, chegaria em breve proveniente de São Francisco, e Gabrielle esperava fervorosamente que pudesse trazer alguma luz a este caso estranho e brutal.

— Como é que correu?

Jane Miller afastara-se da confusão.

— Ainda é cedo para conclusões — respondeu Gabrielle de forma evasiva. — O que é que temos?

— Nada de especial na casa... não há sinais de luta, nem provas forenses evidentes... mas parece que alguém cortou a eletricidade... o cabo exterior do fornecimento elétrico foi cortado com precisão nas traseiras da propriedade.

— Interessante.

— Além disso, temos uma testemunha que prestou informação potencialmente valiosa...

Miller apontou para uma mulher idosa, ladeada por um par de inspetores, do outro lado da rua.

— E?

— Bem, não encaixa propriamente na narrativa.

— Como assim?

— Ora bem, ela diz que estava a regar as plantas — prosseguiu Miller — quando deu por alguém a sair da casa dos Jones, saltando por uma janela das traseiras antes de desatar a correr.

Ela agora tinha toda a atenção de Gabrielle.

— E consegue descrever essa pessoa? Roupa, cabelo, constituição...

— Consegue, pois, ela vê muito bem... mas não vai gostar.

Gabrielle fitou-a, alarmada com o tom, enquanto a adjunta concluía:

— Diz que a intrusa era uma adolescente alta de cabelo ruivo e comprido.

Adam Brandt olhou para cima enquanto a porta se abria. Aguardava na sala dos familiares há meia hora, cada vez mais nervoso a cada minuto decorrido, mas finalmente chegaram. Levantando-se do sofá gasto, foi ter com eles.

— Olá, Kassie. Sou o Dr. Brandt, encontrámo-nos ontem.

A adolescente assentiu, mas não olhou para ele. Parecia intimidada pelo ambiente, até um pouco assustada.

— E a senhora deve ser a mãe — prosseguiu ele, dedicando a sua atenção à Sra. Wojcek. — Sou um psicólogo forense que dá apoio à polícia de Chicago...

— Eu sei quem o senhor é.

Foi difícil perceber a quem dirigia a hostilidade. A ele? À polícia? À filha? Possivelmente, aos três.

— Vamos sentar-nos, OK? Tenho aqui café, água, bolachas...

Encaminhou-as para o desbotado sofá verde e para a mesa de café que dominava a sala. Recebera a chamada da inspetora Grey uma hora antes, precisamente quando se despedira do último paciente. Grey pareceu-lhe inquieta, explicando que uma adolescente que Adam interrogara na véspera era agora a principal suspeita num caso de homicídio, tendo sido vista por agentes da polícia a confrontar a vítima pouco antes da sua morte. Ela pedira a Adam se ele podia passar na sede da CPD o mais depressa possível e Adam concordara em ajudar, mas deixando bem claro que queria encontrar-se com

Kassie e com a mãe na sala de familiares, que era menos austera e menos intimidante do que a sala dos interrogatórios.

— Ora bem, sei que já tiveste uma longa conversa com a inspetora Grey... — Tinham recusado bebida e comida, e Adam foi direto ao assunto. — ... Por isso, não te vou tomar muito tempo. Mas queria esclarecer algumas coisas que referiste à inspetora Grey durante o teu interrogatório.

Nem assim Kassie olhou para cima, mas deu perfeitamente para reparar que Natalia Wojcek ficou ainda mais séria.

— Creio que disseste à inspetora que foste esta manhã à casa do Sr. Jones.

Kassie assentiu com a cabeça.

— Como é que sabias onde vivia?

— Vi o nome e a morada na papelada quando fui registada ontem. O sargento da receção quis que eu soubesse que este tipo trabalhava do lado das forças da lei e que eu me metera numa grande alhada.

— E o que foste lá fazer? Podes explicar-me?

— Já passámos por isto — interrompeu, impaciente, a mãe de Kassie.

— Compreendo a sua frustração — reagiu Adam —, mas é mesmo importante, por isso, por favor...

Olhou de novo para Kassie. A adolescente inspirou fundo e depois murmurou:

— Queria saber se ele estava bem.

— Achaste que ele podia estar a sofrer?

— Sim.

— O que é que achas que lhe aconteceu?

— Por amor de Deus, já tivemos de suportar esta charada. Porque é que nos tem de sujeitar de novo a isto?

Toda a pretensão de boas maneiras desaparecera.

— Temos de ir para casa — insistiu com veemência a Sra. Wojcek. — A Kassie tem os trabalhos de casa para fazer. Toda esta perturbação, todas essas perguntas, só fazem com que as coisas...

— Se calhar, seria melhor a senhora esperar lá fora, Sra. Wojcek — ripostou Adam, num tom educado, mas firme. — Se a Kassie não se importar, claro.

Virou-se para Kassie. A mãe também se virou para ela, a tempo de

a ver assentir ao de leve com a cabeça.

— Cassandra...

— Eu fico bem — sussurrou a filha, com a voz algo tremente.

Um olhar de espanto, e depois uma resignação irritada, tomou conta do rosto da mulher de meia-idade, após o que se ergueu com rigidez e se encaminhou para a porta. Adam esperou até que ela saísse antes de uma vez mais se voltar para Kassie.

— Nas tuas próprias palavras, Kassie, conta-me o que te preocupava.

Mais uma demorada pausa. A adolescente continuava a evitar olhar para ele. Adam recordou a reação dela no primeiro encontro.

— Kassie? — incentivou ele com gentileza.

— Estava preocupada — respondeu ela, hesitante. — ... com a possibilidade de ele ser atacado. Morto...

— Percebo. E o que te levou a pensar isso?

Uma vez mais, a adolescente fez uma pausa.

— Já me tinhas dito que não conhecias o Jacob — frisou Adam.
— Por isso, houve alguém que te disse alguma coisa? Ouviste falar de alguma ameaça contra ele?

— Eu vi.

— Viste o quê?

— A morte dele.

Foi a vez de Adam hesitar, completamente apanhado de surpresa pela resposta de Kassie. Seria isto o início de uma confissão? Estaria esta adolescente franzina de algum modo *envolvida* no homicídio deste homem?

O coração de Adam batia agora muito depressa, mas manteve a voz o mais calma possível quando voltou a falar:

— Quando foi isso?

— Quando fui contra ele na North Michigan Avenue — respondeu, como se fosse evidente.

— Desculpa, não entendo. Ele estava bem quando saíste de ao pé dele, então, como é que podes...

— Eu vejo a morte... antes de acontecer.

Adam permaneceu em silêncio, a pensar se teria percebido mal. Mas Kassie não mostrou tenção de desenvolver mais o assunto.

— Desculpa, estás a dizer que consegues?...

— Olho para alguém — prosseguiu Kassie — e vejo como termina a vida dessa pessoa. *Quando* acaba...

Adam fitou-a por um momento, antes de acabar por reagir:

— E isso passou-se com o Jacob Jones?

Kassie assentiu com a cabeça, olhando para o chão enquanto prosseguia:

— Olhei-o nos olhos e vi.

— Descreve-me — pediu calmamente Adam.

— Foi um corupio de imagens, de sensações. Uma frieza terrível, de início, e depois uma dor terrível...

Ela ergueu a mão até à garganta, mas pareceu não reparar.

— E depois um... um medo horrível, sufocante... como se ele soubesse que ia morrer... e depois... nada.

Kassie estremeceu, abraçando-se a si mesma. Era quase como se tivesse sido *ela* a sofrer, tal foi o efeito que teve em si o seu próprio testemunho.

— E foi por isso que foste atrás dele?

— *Sim*.

No seu sofrimento, ela arquejou com gratidão a palavra, parecendo aliviada por alguém finalmente *compreender*.

— Foi por isso que o segui. Tinha de avisá-lo... — Engoliu em seco, inspirando, antes de rematar: — ... que só lhe restavam umas horas de vida.

— Por tanto, ela é maluca? Ou está a gozar connosco?

Adam Brandt encontrava-se a sós com Gabrielle Grey no gabinete desta. A porta estava muito bem trancada, resguardando o par ali dentro.

— Ela é mesmo uma suspeita? — reagiu Adam, devolvendo a questão a Grey.

— Não, não tínhamos o suficiente para a deter. Sim, é uma pessoa de interesse.

— E os outros? Os dois tipos que iam no carro...

— Já passámos a mala três vezes a pente fino, o mesmo se passou com o plástico, e não encontrámos impressões digitais deles em lado nenhum. Além do mais, parece que vai confirmar-se o álibi deles. Um segurança que ia para casa do trabalho viu o carro do Jacob Jones a sair de casa dele por volta das nove da noite. O Edmundo e o parceiro ainda estavam na pizaria em Humboldt Park à meia-noite. Temos praticamente a certeza de que o Jones foi raptado em casa... o telefone, a carteira, a identificação, estava tudo lá... portanto, a não ser que tenham aprendido a viajar no tempo, vamos ter muitas dificuldades em poder acusá-los. E agora, doutor, que tal responder à minha pergunta?

As palavras foram proferidas com humor, mas Adam apercebeu-se da tensão subjacente.

— A Kassie nitidamente é perturbada.

— Não me diga.

— É vulnerável, isolada, solitária. Pode ser uma criança baralhada a tentar chamar a atenção.

— Mas... — replicou Gabrielle, pressentindo que vinha algo mais.

— Mas pode ser mais complicado do que isso. Consome drogas... os registos dela sugerem que fuma erva desde os 11 anos. A exposição prolongada a formas mais pesadas de erva pode deixar uma pessoa paranoica, até delirante. Se se registar uma prova evidente de historial de doenças mentais na família...

— Então, ela é maluca?

— Eu disse que é *perturbada*. Mas é igualmente lúcida e precisa. Não aparenta estar no meio de uma crise de saúde mental... está consciente de quem é, do que leva a que seja interrogada, compreende o que a leva a suspeitar dela. Esse nível é invulgar em alguém sob o efeito de uma psicose.

— Pode estar a fingir?

— É possível, mas, se assim é, trata-se de uma atuação impressionante.

— Detetou alguma animosidade da parte dela face ao Jones? Algum motivo para poder querer fazer-lhe mal?

— Antes pelo contrário, ela diz que pretendia protegê-lo.

— E acreditou nisso?

— Ainda não sei.

— Ela confronta o tipo no dia em que ele desaparece. No dia seguinte, depois de o corpo dele ser largado, é vista a abandonar a casa dele. Ela sabe *alguma coisa*...

— Alega que foi lá para descobrir se os seus receios eram fundamentados.

— Deixe-se disso.

— Porque é que ela precisaria de arrombar a casa? Se o tivesse raptado na noite anterior?

— Talvez lá tenha ido limpar o local, terminar as coisas.

— Isso quer dizer o quê? Que o Jones a deixou entrar na noite anterior? Eles conheciam-se?

— Ainda estamos a tentar descobrir potenciais ligações, mas nunca diga nunca...

Adam deixou aquela passar. Não era convincente, mas, na

realidade, nenhum deles sabia com o que lidavam.

— Disse que a vítima foi levada a algum lado — acabou por prosseguir ele. — Depois, mutilada e assassinada...

— Certo. Havia lama negra nos pneus do carro.

— Achas mesmo que a Kassie era capaz de fazer isso tudo?

— Talvez tenha um cúmplice? Talvez seja... como é que vocês, psicólogos, lhe chamam?... uma *folie à deux*?

— E tem provas que o sustentem?

— Deteto aí uma simpatia pela nossa suspeita? — replicou Grey, agora um pouco enervada.

— Estou preocupado com ela.

— Vai voltar a vê-la?

— Ofereci-me para a ajudar e ela prometeu pensar no assunto. Consegui levá-la a inscrever-se num programa dos Narcóticos Anónimos para adolescentes, o que já é alguma coisa. Há alguns bons a nível local, especialmente concebidos para adolescentes consumidores de drogas.

Grey assentiu, mas pareceu desanimada, mais do que animada, com a novidade.

— Olhe, não podemos detê-la, por isso diga-me o que temos à frente? Ela é obviamente uma mentirosa inveterada.

— Isso não é justo...

— Veja o registo dela. Mentiou repetidamente à polícia, mentiu sob juramento.

— E talvez *esteja* a mentir. Por estar envolvida... ou porque, por uma vez, querer ter importância. Ou pode tratar-se de algo mais complexo.

Grey permaneceu em silêncio, observando-o com curiosidade.

— A minha impressão é de que ela acredita no que diz, que para ela é real... — Era como se Adam falasse consigo mesmo, antes de concluir: — A pergunta para a qual necessitamos de resposta é *porquê*.

Kassie e a mãe avançaram em silêncio para o carro. Tiveram de estacionar a alguma distância da esquadra da polícia, o que agora servia apenas para piorar as coisas. Kassie queria ir para casa, para o seu quarto, o mais depressa possível. Tudo o que lhe permitisse escapar à fúria e desilusão da mãe.

Passaram rostos por elas, mas Kassie não os fitou, desviando-se enquanto se mantinha a par da mãe, como que atada a ela por um laço invisível. Era a única coisa que lhe ocorria para demonstrar que não estava a ser voluntariamente difícil, que não queria causar-lhe mais embaraços. Mas, nitidamente, não resultou — a mãe percorreu o passeio em passadas largas, mas reconhecendo a presença dela.

Acabaram por chegar à maltratada carrinha dela. A mãe enfiou a chave na fechadura e Kassie aguardou respeitosamente que se debruçasse para lhe destrancar a porta do passageiro. Houve um momento em que achou que a mãe poderia nem se dar ao trabalho, poderia arrancar deixando-a pendurada na rua. Mas não, pensou Kassie, irritada, quando a mãe se debruçou, seria demasiado simples. A mãe gostava demasiado de se passar por mártir para desperdiçar a oportunidade.

Kassie entrou no carro e instalou-se para a longa e silenciosa viagem até casa. Mas a mãe não se mexeu, nem sequer levou a chave à ignição, e quando Kassie se virou para ela, surpreendeu-se ao vê-la chorar.

— Oh, mamã... por favor, não chores...

Tomada pela culpa, Kassie estendeu uma mão, mas a mãe rechaçou-a com uma palmada. Kassie endireitou-se no seu lugar, segurando a mão dorida e sentindo-se profundamente deprimida. Queria fazer algo que mitigasse o sofrimento da mãe. Queria dizer algo que a fizesse saber que apesar de tudo a amava. Mas, ao tentar falar, ao tentar encontrar as palavras certas, a reação da mãe foi brutal e esmagadora:

— És uma nódoa nesta família.

O molho escorreu-lhe pelo queixo, mas Adam conseguiu apanhá-lo antes de entrar em contacto com a sua imaculada camisa branca.

— Ele é mesmo um porco. Não sei porque é que casaste com ele...

Faith encolheu os ombros e revirou os olhos, antes de piscar o olho ao marido. Adam era louco por sanduíches aquecidas de carne de vaca — sempre defendeu que as melhores eram as de Chicago —, e ele e Faith visitavam o Al's Shack sempre que podiam. Desta vez, contavam com a companhia do melhor amigo de Adam — e padrinho —, Brock, e da mulher deste, Fernette. Brock era um antigo colega de quarto da universidade. Era também entusiasta de modelos de comboios, observador de aves e maluquinho por computadores, mas Adam gostava de brincar dizendo que não levava isso em conta. Viam-se, sem falta, uma ou duas vezes por semana. Fernette, a sua namorada de sempre que veio a tornar-se sua mulher, também aparecia com frequência — o seu espírito alegre servia para animar as noites em que conviviam.

— Olha, eu sei que ele é giro — prosseguiu Fernette — e inteligente e *rico*, mas, a sério, como é que agentas que alguém faça isso. Ora vê, parece que vai engolir tudo de uma vez...

— Nunca te metas entre um homem e a sua sanduíche aquecida de carne — entouou Faith, contendo a custo um sorriso.

— Palavras sábias, Faith — concordou Brock, dando uma valente dentada na sua própria sanduíche. — Este homem passa o dia

ocupado, precisa de alimento para o cérebro...

— E imenso — intrometeu-se Fernette, obtendo a concordância de todos.

Adam alinhou na brincadeira — feliz por ser o objeto das suas gentis piadas. Era bom descontraír no final de um dia que se revelara bastante perturbador. O testemunho de Kassie inquietara-o, tal como a subsequente conversa com Gabrielle. Ela sempre se revelara uma das agentes mais sensatas e razoáveis, apostada em recorrer aos serviços dele e a seguir as suas orientações. Mas hoje parecera desconfortável, até desconfiada, como se temesse estar a ser ludibriada.

Durante uma ou duas horas, Adam esforçara-se por se libertar da ansiedade que o apoquentava e, aos poucos, a boa comida, uma companhia ainda melhor e algumas cervejas artesanais baixaram-lhe a pressão arterial. Adorava o otimismo inabalável e despreocupado dos seus amigos, mas, acima de tudo, adorava passar tempo na companhia de Faith. Sempre assim fora, mas agora ainda mais, bastando-lhe olhar para ela e para a sua barriga perfeitamente redonda para sorrir.

— Achas que já comi o suficiente? — disse Faith, apontando para a barriga e depois para a sua sanduíche meio comida. — Preocupa-te que engorde?

Adam despertou, percebendo que fora apanhado a olhar fixamente.

— É que, se assim for, sabes bem para onde é que podes ir...

Fora dito com uma piscadela de olho e, limpando o resto do molho do queixo, Adam inclinou-se na direção dela, aconchegando o nariz nos seus caracóis grossos.

— Amo-te — segredou, beijando-a suavemente na face. — Amo-vos às duas...

— Por amor de Deus, arranjem um quarto — queixou-se Fernette.

— Sim, até estão a deixar-nos mal — intrometeu-se Brock.

A conversa seguiu naquela toada até partirem para Navy Pier. A principal atração turística de Chicago estava repleta de gente e, por norma, Adam tê-la-ia evitado como se fosse uma praga. Mas Faith decidira que queria dar uma última volta na roda gigante enquanto casal. Era pateta e romântico, e, como é evidente, Adam não conseguiu resistir. Assim, avançaram na direção da enorme roda, preparando-se mentalmente para os elevados preços dos bilhetes, mas

adorando a ideia.

Pela primeira vez no que fora um dia complicado, Adam sentiu-se em paz, agarrando com força a mão da mulher, e caminhou animado pelo cais, deixando-se perder na movimentada multidão de sexta-feira à noite.

Era de manhã bem cedo e felizmente as estradas estavam desimpedidas. O pequeno-almoço fora lento e demorado — porque é que Eden e Zack eram tão sonhadores? —, mas Gabrielle conseguiu fazer-se à estrada antes das 8 horas. Conduziu em silêncio — as notícias da manhã revelaram-se repletas de relatos sensacionalistas sobre o homicídio de Jacob Jones, e não desejava ouvir especulações desinformadas. Em vez disso, viu o mundo a passar, reparando na mudança de vista ao afastar-se de casa em Albany Park e dirigir-se a West Town. O seu bairro ficava algo afastado do centro da cidade e sempre fora incrivelmente diversificado, com grandes comunidades coreanas, mexicanas e afro-americanas. Em tempos, West Town pode ter sido assim, mas não agora.

Conduzindo ao longo da West Chicago Avenue, Gabrielle observou as mãos prósperas a tomar o pequeno-almoço com roupa de ginásio e os *hipsters* a beber café à porta de lojas de discos de vinil, maravilhando-se com o modo como uma cidade pode ter tantos rostos. Quando se mudou para Chicago, quase 10 anos antes, tivera a profunda sensação de que podia viver num sítio assim. Mas bastou uma espreitadela aos sites das agências imobiliárias para pôr a ideia de parte. Hoje em dia, só visitava estas zonas da cidade por razões profissionais.

Deixando a avenida principal, Gabrielle deu por si uma vez mais na West Erie Street. A fita da polícia continuava no lugar, selando a

residência dos Jones, e ao seu lado havia várias carrinhas da comunicação social. Os repórteres locais encontravam-se atarefados, deitando a mão a residentes da zona para manifestarem pena pelo falecido, assim como para sacarem alguma pitada de informação. Optando por uma abordagem direta, Gabrielle encaminhou o carro até à fita, com os agentes fardados a levantarem-na para que o seu *Pontiac* em segunda mão passasse por baixo até à rampa da casa.

— Inspetora Grey, tem algo a acrescentar à declaração da noite passada? Fez alguma detenção? Qual é a sua teoria em curso?

Gabrielle saiu do carro para ser saudada por uma cacofonia de vozes familiares, mas ignorou-as, dirigindo-se de imediato à casa. Fechando a porta atrás de si, dedicou um momento a apreciar o silêncio — os gritos dos esperançosos jornalistas a esmorecerem no exterior — e depois lançou-se ao trabalho. Já vira a casa na véspera, mas esta estava demasiado agitada. Queria um momento para a analisar sozinha.

Era exatamente o que seria de esperar de um lar de um procurador de sucesso: decorada com gosto, mobiliário caro, e imaculadamente arrumada. Tal como Miller indicara, não parecia haver nada fora do sítio, nem sinais evidentes de luta. Kassie Wojcek confessara ter arrombado a janela lateral, o que significava que os únicos vestígios de perturbação eram a lanterna partida e os agitados padrões de pó no chão da cave. De resto, a casa era exatamente o que seria de esperar. Imagens emolduradas de Jacob e Nancy decoravam a maioria das superfícies e muitas das paredes — um casal adorável com a vida pela frente. Pareciam agora cruéis, aquelas imagens.

Abrindo o bloco de notas, Gabrielle consultou a linha cronológica. Jacob Jones regressara a casa há duas noites — atendeu uma chamada de um agente da CPD por volta das 20 horas — e cerca de uma hora depois desaparecera. Cassandra Wojcek era a única suspeita aceitável — visivelmente, tinha algo contra Jones e o seu álibi era fraco, com a mãe a confessar que adormecia todas as noites em frente ao televisor —, mas seria possível ela subjugar um adulto, antigo praticante de futebol americano?

Perdida nos seus pensamentos, Gabrielle vagueou pela cozinha para aceder à porta que dava para a garagem. O *Lincoln* de Jacob Jones fora levado dali há duas noites, presumivelmente com o próprio

homem no seu interior. Atado? Com uma arma apontada? E dali fora levado... para onde? A lama preta nos pneus sugeria proximidade com água — talvez um dos muitos rios de Chicago? O lago? Era impossível dizer. O carro, tal como o próprio homem, pura e simplesmente desaparecera até Edmundo e Pancho tropeçarem nele.

Frustrada, Gabrielle regressou à casa, mas, ao fazê-lo, sentiu o telefone a dar sinal. Retirando-o do bolso, reparou que se tratava da inspetora Montgomery.

— O que tem para mim, inspetora?

— Apenas algum contexto, chefe, mas é interessante.

— Força.

— Tenho andado a ver o historial do tribunal da Wojcek. Há seis meses, apanhou pena suspensa por agressão e comportamento sob influência de drogas. Culpou o seu comportamento com a medicação que tomava, mas nem o procurador do Ministério Público nem o juiz foram na história. Foi-lhe aplicada uma pesada multa e só escapou a uma sentença de prisão devido à idade. Ao que parece, o procurador desfez o depoimento dela. O procurador nesse dia...

— Era o Jacob Jones — disse Gabrielle, completando a frase da subalterna.

— Exatamente. Deixei o ficheiro na sua secretária.

— Obrigada. Bom trabalho, inspetora.

Gabrielle desligou a chamada, sentindo-se de novo estimulada. Andavam a esforçar-se por encontrar algum sentido para este brutal assassinio — esforçando-se por detetar uma possível motivação —, e por fim dispunham de uma ligação concreta entre Jacob Jones e a misteriosa Kassie Wojcek.

— **A** tua mãe sabe que aqui estás?

A Kassie olhou vincadamente para cima.

— Porque, se assim for, posso ter de tratar de organizar algum tipo de proteção pessoal. Não sei se ela gosta lá muito de mim.

Adam congratulou-se por verificar que isto valera um sorriso acanhado da parte de Kassie. Era a primeira sessão em termos que tinham no consultório dele e era crucial estabelecer uma ligação — uma confiança de base — antes de poderem começar. Kassie nitidamente ainda se sentia nervosa e ele ansiava por a deixar relaxada.

— Acho que ela também não gosta de mim — reagiu Kassie, baixinho. — E não, ela não sabe que aqui estou. Disse-lhe... e disse na escola... que tinha uma consulta no médico.

— O que é verdade — reagiu Adam, sorrindo. — Mas não é preciso dizer à tua mãe que *tipo* de médico é, certo? Se só nós os dois soubermos destas conversas, por mim, tudo bem.

Kassie anuiu de pronto, parecendo grata — talvez surpreendida — por encontrar um aliado. Adam começava a ter uma noção do quanto aquela rapariga se sentia isolada. Não tinha pai nem irmãos nem amigos com quem conversar — saltara de escola em escola, sendo frequentemente convidada a ir embora depois de sucessivas faltas ou por comportamento rebelde, e até violento. De início, partira do princípio de que era o resultado de problemas mentais não

diagnosticados, mas agora começava a questionar-se se Kassie não teria sabotado deliberadamente as suas tentativas de integração, se não *buscara* a solidão, em vez de a ver imposta sobre si. Isto intrigou-o, pois inevitavelmente lançava-se de volta para a companhia da mãe — alguém com quem ela nitidamente tinha uma relação difícil.

— Ora bem, o que é que queres beber? *Coca-Cola*? *Sprite*? Água?

— *Cola*, por favor.

Assentindo com a cabeça, Adam atravessou o chão de madeira até ao frigorífico. Retirando uma *Cola* do frigorífico, deteve-se brevemente para observar as janelas de alto a baixo que davam para o Lincoln Park. Esta grande mancha verde, que continha o jardim zoológico da cidade, campos de baseball e muito mais, pareceu-lhe particularmente encantadora sob o sol matinal, enquadrada pela Lake Shore Drive e, para lá desta, pelo próprio lago Michigan. Permitindo-se um breve momento de satisfação consigo próprio — o consultório fora mesmo um achado —, voltou depois para junto de Kassie.

— Toma — disse, passando-lhe a lata. — Acompanhava-te, mas deixa-me cheio de gases.

Kassie riu-se — a primeira vez em que a viu com um ar aparentemente feliz.

De repente, percebeu como Kassie era bonita — quando não parecia tão terrivelmente atormentada.

— A sério, foi precisamente por esse motivo que a minha mulher me proibiu que a bebesse quando estou com pacientes.

Isto pareceu divertir Kassie — a ideia de uma figura da autoridade a envergonhar-se —, o que deixou Adam a pensar na quantidade de médicos, polícias e professores austeros que ela enfrentara durante a sua curta estada neste planeta. Acomodando-se na cadeira, virou-se para ela.

Sentiu-se grato com o que viu. Quando chegara, ela revelara-se monossilábica e ansiosa, evitando contacto ocular e por norma parecendo que gostaria de estar em qualquer outro lugar que não ali. Sentara-se encolhida, com as pernas puxadas para trás e braços cruzados, como se tentasse parecer o mais pequena e fechada possível. Agora, contudo, parecia ter descontraído um pouco. Ainda não olhava para ele, mas empoleirara-se na beira da poltrona, balançando as pernas para trás e para a frente, olhando em volta pelo consultório

com um interesse não dissimulado. Ele observou-a por uns momentos, até quebrar o silêncio.

— E então, Kassie...

Ela parou de baloiçar as pernas.

— Pedi para te ver outra vez porque gostaria de falar mais sobre o Jacob Jones. Tal como sabes, falo agora contigo na minha qualidade de psicólogo e tudo o que digas é estritamente confidencial. Não atuo em nome do Departamento de Polícia de Chicago... o meu único interesse passa por ajudar-te.

— Vou ter de pagar?

— Apenas se eu te registar, o que para já não pretendo fazer...

— Não sou um caso de caridade — interrompeu ela, dando os primeiros sinais de uma outra postura.

— Eu tenho a noção disso — reagiu ele com calma. — E não é esse o caso. Se contactar o teu seguro de saúde, então, será inevitável o envolvimento da tua mãe, e neste momento não sei se algum de nós necessita disso.

Uma vez mais, um pequeno sorriso da parte de Kassie.

— Gostaria que me contasses mais sobre a tua experiência com o Jacob na North Michigan Avenue. O que sentiste, viste, pressentiste?...

Evitou deliberadamente palavras como premonição e visão. Sabia que isso não seria útil — talvez reforçasse a própria análise de Kassie às suas experiências — e ele queria manter as coisas com os pés bem assentes na terra.

— Bem, fui contra ele, tal como contei. Na verdade, ele bateu em mim com muita força, pelo que caí de cu.

— Ele pediu desculpa?

— Sim. Ajudou-me a levantar-me, perguntou-me se me sentia bem, se precisava de um táxi.

— E a seguir?

— A seguir, olhei para ele. E foi então que aconteceu. É quando *sempre* acontece...

— Então, isto ocorre com regularidade? — inquiriu Adam, agora intrigado.

— Todos os santos dias da minha vida.

Adam reparou no cansaço dela. Com a vida? Consigo própria?

Anotou rapidamente e depois prosseguiu:

— E como é que acontece, exatamente?

— Se não olhar para eles, então está tudo bem. Mas, se olhar para eles, olhos nos olhos, então eu vejo.

— Os olhos são a janela da alma?

— Uma coisa do género — disse Kassie, num tom rude, como se temesse que ele troçasse dela.

— E, desta vez, o que viste?

— As imagens surgem muito depressa. Era um lugar escuro e sombrio. Senti o cheiro a parafina... ou a algo parecido. Seria talvez uma cave... Ou uma oficina... Havia umas sombras a dançar à minha volta.

Enquanto falava, ela verificava as reações dele, lançando-lhe olhares rápidos para ver se reagia com descrença, ou até diversão. Mas a expressão facial de Adam era deliberadamente neutra e ela voltou a baixar o olhar, aparentemente satisfeita por estar a salvo do ridículo.

— Mas não foi o que consegui ver... — prosseguiu. — Foi o que senti...

— O que sentiste, Kassie?

— Senti frio, muito, muito frio. Tinha os pés sobre algo macio e sem vida. Não percebi do que se tratava, mas não me agradou nada.

A mente de Adam saltou para o plástico onde fora encontrado embrulhado Jacob Jones, mas afastou o pensamento. Sabia que era melhor não saltar já para qualquer conclusão.

— E a seguir?

— Senti a presença de alguém à minha frente, e depois algo frio e duro a pressionar-me a pele...

Kassie tinha agora os olhos bem cerrados — falava tão depressa que Adam teve de se esforçar para a acompanhar enquanto tomava notas.

— Depois... não conseguia respirar. Parecia que me afogava...

Adam deteve-se nas anotações para olhar para ela. Apesar de Kassie descrever a dor de outra pessoa, era como se estivesse a passar-se com ela.

— E assustei-me... assustei-me imenso... parecia que o meu coração ia explodir, porque sabia que isto era o fim... que eu ia morrer, e depois...

Levou a mão à boca e de repente abriu os olhos.

— E depois ouvi uma gargalhada. Uma gargalhada horrível e esganiçada...

E, então, ela olhou pela primeira vez para cima, como se finalmente emergisse do horror.

— Pobre tipo, ele morreu assim — arquejou, envolvendo o rosto com as mãos e olhando em frente. — Morreu com aquela gargalhada sinistra a soar-lhe nos ouvidos.

Os restos mortais de Jacob Jones estavam estendidos diante dela. Aaron Holmes, o corpulento patologista-chefe que assombrava a morgue da cidade praticamente desde sempre, ordenara o tronco e os membros da vítima nas suas posições anatomicamente corretas, mas a visão espantou Gabrielle, por ser algo profundamente perverso e horivelmente errado. Era mais um puzzle do que um homem.

Contendo a vontade de vomitar, fez incidir de novo a sua atenção em Holmes. O grosseiro e barbudo sulista de Chicago tratava de quatro ou cinco corpos por dia e não era dado a emoções nem histerias, descrevendo os achados num tom monótono, firme e frio.

— Primeiro, as coisas mais simples — murmurou, apontando para o tronco manchado diante deles. — Pisaduras significativas no tronco e também de lado no pescoço, o que sugere que foi estrangulado.

— Com alguma tira ou com as mãos? — reagiu Gabrielle, num tom equilibrado.

— É difícil precisar, mas diria que o vosso assassino prendeu a vítima de alguma maneira. Com o braço, deve ter-lhe prendido o pescoço, e, depois, olhe para aqui...

Indicou uma série de pontinhos roxos espaçados de forma regular na bochecha da vítima.

— O que é que isto lhe parece?

Gabrielle aproximou-se mais.

— A ver pelo tamanho e pelo espaçamento, diria que eram as

pontas dos dedos de uma mão.

— Exatamente. Com o braço em redor do pescoço, talvez o vosso assassino tenha agarrado o rosto da vítima para conseguir apertar bem. Quanto mais ele, ou ela, apertasse, mais depressa o fornecimento de oxigénio seria cortado.

— Porque é que as marcas dos dedos estão roxas? Por causa da pressão?

Holmes abanou a cabeça.

— Se as observar de perto, vai ver a pele ligeiramente levantada, sugerindo uma reação alérgica. O assassino provavelmente usava luvas... não há ADN nem secreções na vítima. Eu diria que a vítima era alérgica ao material que as compunha.

— Couro?

— Couro, látex, camurça... Tenho de fazer mais testes para ter a certeza.

Gabrielle digeriu a informação, após o que prosseguiu:

— Foi isso que o matou? Estrangula...

Mas Holmes já abanava a cabeça. Apontou para a boca da vítima coberta com sangue seco.

— Pode ver por si mesma que lhe cortaram a língua.

Gabrielle arrepiou-se ao ver o pedaço ensanguentado.

— Além disso, os dedos das mãos e dos pés foram cortados. Pela quantidade de sangue perdido, dá para perceber que essas amputações foram levadas a cabo com a vítima ainda viva. O desmembramento geral, o corte dos braços e das pernas face ao tronco, foram efetuados *após* a morte.

A mente de Gabrielle começou de pronto a dar voltas. O desmembramento terá sido efetuado para facilitar o transporte ou devido a outro propósito mais sombrio? Conterá este assassinio brutal um elemento ritualístico?

— O que efetivamente o matou — prosseguiu Aaron — foi *isto*.

Apontou para um golpe longo e profundo que quase separou a cabeça do corpo. Uma vez mais, Gabrielle aproximou-se.

— A laringe foi esmagada, a traqueia cortada e várias artérias principais afetadas. A perda de sangue terá sido catastrófica, além de uma completa privação de oxigénio, pelo que a morte terá ocorrido em menos de um minuto.

Seria, quiçá, uma pequena bênção, pensou Gabrielle com os seus botões. Mas quanto terá ele sofrido antes de ter sido desferido este golpe de misericórdia?

— Como é que foi feito? Foi atingido várias vezes ou...

— Não, foi um golpe limpo. Tipo execução, mas desferido pela frente.

— É possível... — Gabrielle hesitou um pouco antes de concluir a pergunta — ... que um ferimento desses fosse desferido por um adolescente? Mais especificamente, uma adolescente?

— Não é impossível — responde calmamente Holmes —, mas diria que é improvável. Foi um golpe aplicado com uma força considerável. Tendo em conta o alcance das marcas dos dedos no rosto da vítima, diria que há boas hipóteses de o seu agressor ser um homem adulto.

Gabrielle ainda digerira as palavras de Holmes ao sair da morgue na posse dos resultados preliminares que ele detetara. Wojcek era a única suspeita que tinham, mas parecia improvável que fosse responsável pela brutalidade desumana infligida ao infeliz Jacob Jones. Faltava-lhe a força, além de que não havia provas evidentes de ela saber conduzir, nem de deter a experiência ou a astúcia para levar a cabo um rapto e um homicídio de forma tão irrepreensível. No entanto, ela tinha um possível motivo e, de uma maneira ou de outra, estava nitidamente envolvida, o que levantou uma pergunta interessante na mente de Gabrielle.

Seria possível que a perturbada adolescente tivesse um cúmplice?

— Dizes que sentes isso diariamente?

Adam optara deliberadamente por uma pergunta incontroversa para retomar a conversa. Depois da descrição dela da «morte» de Jones, Kassie mostrara-se agitada, e foram forçados a uma pausa. Um outro refrigerante, tomado na varanda, ajudara, mas, quanto retomaram a sessão, as pernas de Kassie estavam puxadas para debaixo dela e ela remexia constantemente nos punhos, com a sua linguagem corporal a denotar claramente ansiedade e retraimento. Adam sabia que teria de avançar com cuidado se não a queria perder, e optara por perguntas simples.

— Três ou quatro vezes por dia... em dias de escola. Aos fins de semana, consigo isolar-me.

Adam já anotara «tendência para autoisolamento» no seu bloco, e agora sublinhou-o.

— E... o conteúdo é similar? Eles *sentem* o mesmo?

Kassie já abanava a cabeça.

— Quanto mais a morte é iminente, mais a sinto. Quanto mais *dolorosa* a morte, mais a sinto.

— Então, a intensidade da experiência varia?

— Claro. Algumas pessoas morrem durante o sono, sem sofrer. Mal lhes sinto as mortes, em especial se ainda lhes resta muito tempo. Outras são atropeladas por um carro, por isso é doloroso, mas rápido. Outras sofrem *mesmo*...

Kassie encolheu-se, antes de prosseguir:

— Mas começam todas da mesma maneira. Sinto... dificuldade em respirar, uma tontura, e depois atinge-me. Depois sinto um vazio, um buraco...

Apesar de contrariado, Adam sentiu uma certa compaixão por ela. Independentemente da psicose que a afetava, a rapariga, era óbvio, sentia-se cercada pela morte. Era um lugar horrível para uma pessoa dar por si.

— E essas recordações permanecem contigo?

— Claro que sim. Mas mentiria se dissesse que os charros não ajudam...

— Já conversámos sobre isso — replicou Adam, mantendo um tom amistoso.

— Eu sei e já disse que faço o tratamento — resmungou Kassie. — Mas é difícil. Não sabe como é...

— Tens razão, não sei — reconheceu Adam. — Mas preocupa-me que o recurso a drogas potencie os teus medos, ou até que distorça a tua perceção de acontecimentos e situações normais.

Kassie encolheu os ombros, mas virou costas, nitidamente infeliz com tal sugestão.

— Porque é que achas que sentes esses episódios? — prosseguiu Adam, ansioso por dar uma oportunidade a Kassie de tomar conta da conversa.

— É difícil explicar.

— Tenta.

Kassie brincou com o maço de cigarros que tinha na mão enquanto pensava na resposta.

— Não sei sequer se compreendo bem, mas... é como... é como todos termos um tempo determinado na Terra e, quando acaba, acaba. Eu simplesmente sinto quando esse tempo chega.

— E consegues prever isso com precisão?

— Com a precisão do dia.

— Como?

— Aprendi a medir a força da minha reação — respondeu Kassie, encolhendo os ombros. — A ler o que sinto. Nunca sei a altura exata, a hora, o minuto, mas sei sempre como vai ser o último dia na Terra da pessoa.

— Estás a querer dizer que a hora da nossa morte é determinada e registada? Desde o nascimento?

— Sim, provavelmente.

Adam reparou que Kassie parecia agora perturbada, desconfortável, até, mas sabia que tinha de continuar a sondar.

— Isso sugere que não teríamos livre-arbítrio, portanto? Que todos caminhamos para um fim já traçado?

Kassie assentiu com cautela.

— É como se estivéssemos todos ligados... — continuou, lentamente. — Como se tudo o que acontece, acontecesse por um motivo, empurrando-nos para um ponto estabelecido.

Adam digeriu aquilo. Naturalmente, não podia ser verdade, mas não deixava de ser uma ideia intrigante e perturbadora.

— E algumas dessas... dessas premonições não se concretizam? Alguma vez erraram?

Seguiu-se uma breve pausa, antes de Kassie abanar a cabeça.

— Já alguma vez te tinhas sentido tentada a intervir? Tal como fizeste com o Jacob? Deves ter sentido esses episódios centenas de vezes ao longo da tua vida.

— Uma vez — revelou Kassie, com relutância. — Ora bem, não posso fazer grande coisa. Vejo tipos que vão levar um tiro, ser esfaqueados, quase todos os dias, mas...

— Conta-me dessa vez — incentivou Adam.

Kassie voltou a franzir o rosto.

— Era um miúdo... um bebé que dava os primeiros passos e que costumava brincar em frente à minha casa. Eu estava sempre a vê-lo a brincar com as irmãs, com a mãe. Eu sabia... eu sabia que naquele dia ele ia ser atropelado por um carro, pelo que tentei agarrá-lo, para impedir que saísse...

Tombou no silêncio, mas Adam não tentou preenchê-lo.

— A seguir, houve quem dissesse que o empurrei. Que *fiz* com que acontecesse. Por isso, deixei de o fazer.

Pela primeira vez, Kassie olhou diretamente para ele. A expressão dela era de pura vulnerabilidade, parecendo buscar apoio, até absolvição, da parte dele. Adam sorriu compreensivamente, tomou nota e disse:

— Vamos recuar um pouco. Consegues lembrar-te da primeira vez

que sentiste algo assim?

Viu que ela se retesou de imediato.

— Olha, Kassie, podemos levar isto ao ritmo que quiseses, rápido ou lento. Se não quiseses responder às minhas perguntas, não tens de o fazer. Não me cabe deixar-te a sentires-te desconfortável.

Se quisesse ser sincero, não estava tão desinteressado quanto isso, mas teriam de prosseguir segundo os termos dela.

— O meu pai.

Três palavras, num tom brando e discreto, que obviamente lhe custaram proferir.

Adam voltou a folhear as suas anotações.

— O teu pai morreu quando tinhas 5 anos?

— Certo.

— E estavas com ele quando sentiste isso pela primeira vez?

Kassie de súbito pareceu muito abalada, mas conseguiu responder.

— De início, eu era demasiado nova para registar o que sentia... era uma bebé... mas sabia que se passava algo de errado. Não deixava que ele me agarrasse, nem que olhasse para mim...

Andrew assentiu e anotou «Problemas de afeto? Abusos?» no bloco.

— E isso causou problemas? Na família?

— Claro. Ele era um bom homem, um homem adorável. E isso deixou a minha mãe louca, comigo sempre agarrada às saias dela...

Adam tirou rapidamente outra nota, sem desviar os olhos de Kassie.

— O que é que sentiste? O que é que viste? Quando ele olhava para ti...

— Bem, eu não conseguia respirar. Não era assim tão invulgar... sentia isso com muita frequência. Mas com ele... era uma pressão horrível e avassaladora. Como se algo me pressionasse o peito para baixo, esmagando-me e roubando-me a vida...

O olhar de Adam desviou-se para as notas que recolhera antes. Na secção do contexto familiar, lia-se: «Pai falecido, acidente de trabalho.»

— Conforme fui ficando mais velha, vi com outra clareza. Uma enorme estrutura de metal a cair por cima de mim, antes daquela sensação horrorosa. Depois, *percebi* que ia acontecer algo horrível...

tentei impedir o meu pai de ir trabalhar, implorei-lhe que ficasse em casa connosco, mas é evidente que precisávamos de dinheiro e a mãe achava que eu andava só em busca de atenção.

Kassie fez uma pausa, com a raiva a misturar-se com uma evidente perturbação.

— Foi apenas mais tarde, quando vi as fotografias do curral do gado, que percebi. Havia uma enorme rampa metálica que os porcos subiam na direção do matadouro. Chamavam-lhe «A Ponte dos Suspiros»... foi isso que lhe caiu em cima...

O discurso de Kassie extinguiu-se, como se ela se tivesse esgotado por partilhar a experiência. Mas Adam sentiu-se muito vivo e desperto, com a aceitação de Kassie de processar as suas experiências através dos benefícios da retrospeção a interessar-lhe bastante.

— Quando o teu pai morreu, compreendeste o que se passou? Que ele partira?

— Não, tinha apenas 5 anos.

— Foste ao funeral?

— Não me deixaram ir...

— A tua mãe tentou explicar-te a morte dele?

— Apenas muito mais tarde.

— Deves ter-te sentido muito confusa, muito triste. Num minuto, o teu pai estava ali, no outro...

Kassie assentiu, com a dor visivelmente ainda fresca ao fim de uma década.

— De que forma achas que te afetou?

— Não sei como eu era antes de acontecer... mas acho que me tornou mais calada, talvez reservada. Era apenas eu e a minha mãe em casa.

— Como é que ocupavas o tempo, como é que te distraías?

— Lia livros, desenhava imenso, mas eles não gostavam.

— Porque não?

— Porque... as minhas imagens eram diferentes das das outras crianças.

— Diferentes, como?

Kassie deteve-se, expirando, e depois prosseguiu numa voz mais discreta:

— Mais adultas...

— Representando a morte?

— Pois... eu desenhava o que me vinha à cabeça, e de início ajudou.

— Achas que estavas a tentar dar sentido às imagens na tua cabeça reproduzindo-as?

— Talvez...

Adam fitou-a, pensando se haveria ou não de continuar, e então disse:

— E achas que é possível que as imagens da morte do teu pai que tu viste... fizessem o mesmo?

Kassie ergueu intensamente o olhar, confusa, mas também desconfiada.

— O que eu quero dizer é... ficaste visivelmente baralhada com a morte do teu pai. Tinhas um relacionamento complicado com ele, mas pouco antes de ele te ser tirado, vocês estavam a aproximar-se. Não querias que ele fosse trabalhar, querias que ele ficasse em casa contigo, mas depois, de repente, ele foi-se. Naturalmente, nada disso fez sentido para ti. Porque é que ele haveria de te deixar assim?

Kassie olhou fixamente para ele, sem nada dizer. Mas o olhar dela parecia estar a endurecer. Agora, era demasiado tarde para uma retirada, pelo que Adam prosseguiu.

— Talvez ao compreenderes a natureza da morte dele, do seu acidente, te tenhas sentido de alguma forma culpada. Tentaste impedi-lo que fosse trabalhar, mas não conseguiste, e este foi o resultado. Talvez até tenhas sentido que lhe *causaste* a morte?

— Nunca senti isso — ripostou Kassie.

— Não literalmente, claro. Mas se previste a morte dele, sem a conseguires impedir, então a morte dele teria feito sentido, certo? Algo aparentemente aleatório, assustador e perturbador de repente teria algum tipo de lógica.

— Acha que inventei esta merda toda? Para me sentir melhor?

O tom dela era mordaz, transpirando desilusão e traição.

— Não conscientemente, mas a mente muitas vezes prega-nos partidas...

— Então, afinal acha mesmo que eu sou maluca.

— É claro que não, Kassie, mas os nossos cérebros são órgãos poderosos. A sua capacidade para processar e reformular informação

em formas mais agradáveis é algo bem documentado...

— Isto é uma perda de tempo.

Kassie levantou-se de um pulo, mas Adam também se ergueu.

— Por favor, Kassie. Não estou a depreciar o que sentes ou a questionar a tua honestidade — prosseguiu Adam, estendendo a mão na direção dela.

— Tretas! — silvou ela, afastando-lhe a mão com uma palmada.

— Acha que não fiz essas perguntas a mim mesma? Tenho passado a vida a falar com psicólogos e todos eles me vêm com a sua própria teoria.

— Isto não é um jogo, Kassie. Estou a tentar ajudar-te...

— Mas nenhum deles tentou sequer... *acreditar em mim*. — Kassie olhava para ele, respirando pesadamente, nitidamente desapontada.
— Nem um.

Kassie marchou sobre a relva, tentando controlar as lágrimas. Fora uma parva. Por um fugaz momento, achou que encontrara alguém que não a julgaria, que não lhe aplicaria um rótulo, mas Adam Brandt era igual a todos os outros. Aos olhos dele, ela era uma desaparafusada que necessitava de ser decifrada e medicada.

— Kassie!

Kassie voltou-se e viu Adam a correr atrás dela. Embrenhara-se de tal forma no desejo de fugir — percorrendo em passos pesados a North Lincoln Avenue rumo ao Lincoln Park — que não percebera que ele a seguia. Mas ali estava ele, a fazer uma figura ridícula envolvido num casaco tipo canadiana, meio a caminhar, meio a correr sobre o relvado na direção dela.

— Kassie, por favor, espera.

Ela virou-se e seguiu caminho. Mesmo à frente dela decorria um jogo de softbol, mas para lá disso ela via a Lake Shore Drive e, a seguir, a praia. De repente, sentiu-se subjugada por um desejo de ir até à margem do lago, de estar sozinha junto à água.

Acelerou, ignorando os gritos enfurecidos dos alunos da básica, enquanto caminhava com firmeza pelo meio do jogo deles.

— Ei, estamos a tentar jogar.

Ela prosseguiu, estugando ainda mais o passo. Seguiu num passo cada vez mais apressado, mas, ao sentir a aproximação do seu perseguidor, lançou-se a correr.

— Kassie!

Ele aproximara-se. Ela correu ainda mais. Se conseguisse atravessar a Lake Shore Drive, a fronteira leste natural do parque, então talvez ele percebesse a mensagem e desistisse. Ela seguia 15 metros à frente dele, agora 10...

Mas ele não terá entendido a mensagem. Ela ouvia as passadas dele, cada vez mais perto.

Com uma aceleração repentina, Brandt atravessou-se à frente dela, bloqueando-lhe a passagem, precisamente quando ela se aproximava da berma da estrada.

— Kassie, por favor. Não te vás assim embora.

Ele estava sem fôlego, mas determinado.

— A última coisa que eu queria era irritar-te. Regressa ao meu consultório. Prometo que não abro a boca, limito-me a ouvir.

— Qual é o interesse? Se nem sequer vai *tentar* compreender?

Pareceu desesperada, chorosa, o que só a irritou ainda mais.

— Vou tentar. *Estou* a tentar.

— Não está nada. *Finge* que está, mas não é o mesmo.

— Não é nada disso...

— Acredita em mim?

— Não me cabe acreditar ou não, apenas *compreender-te*.

— Por amor de Deus — reagiu Kassie, passando por ele.

— Kassie, aquilo que me contaste é incrivelmente invulgar. E se achas que não te apoiei devidamente, é só por não ter as ferramentas para processar o que me contas. A falha é minha, não tua.

Kassie hesitou. O tom dele era tão contrito, tão preocupado, que de repente se sentiu mal por ter saído intempestivamente sem sequer olhar para trás. Deteve-se, voltando a olhar para ele, com os braços cruzados sobre o peito. Ainda se sentia furiosa, mas dar-lhe-ia uma derradeira oportunidade.

— Ensina-me — prosseguiu ele. — Ajuda-me a ver o que vês. Mas tenta compreender que passei toda a minha vida a estudar o funcionamento do cérebro, idealizações psicológicas, os processos racional e irracional da mente. Sou um cientista... decifro o mundo com base nas provas que tenho à minha frente, por isso, se por vezes revelar... falta de imaginação, não me julgues com tanta dureza. Estou a tentar lá chegar, mas talvez precise de uma ajudinha.

Soou sincero, como se estivesse realmente interessado em ajudar, mas Kassie já ouvira este discurso muitas vezes, da parte de uma dúzia de almas caridosas diferentes.

— Dê-me o seu cachecol.

Adam ficou desorientado com o pedido, parecendo só agora perceber que a ponta do seu cachecol *bordeaux* estava pendurada no bolso do casaco.

— Claro — respondeu, gaguejando, puxando-o do bolso.

— Tens frio ou...

— Tal como eu disse, todos temos o nosso tempo.

Kassie virou-lhe costas, percorrendo os últimos passos até à Lake Shore Drive com o cachecol nas mãos.

— Kassie... o que raio estás a fazer?

O muro de cimento na lateral da estrada tinha menos de 30 centímetros de altura e Kassie transpô-lo sem dificuldade. Olhou fugazmente para a frente, para as oito faixas de trânsito a subir e a descer a costa a grande velocidade, e depois tapou os olhos com o cachecol, atando as pontas com força na parte de trás da cabeça.

— Kassie, por amor de Deus, não tens de me provar nada!

A voz de Adam era estridente, desesperada, mas Kassie não hesitou. Apesar de não ver nada através do algodão que fazia comichão, avançou na direção do trânsito. Ouvia o rugido dos camiões, sentia os seus ventos laterais a vergastá-la ao abeirar-se da primeira faixa, mas seguiu em frente.

Do nada, ecoou uma buzina de ensurdecadora. Kassie saltou no momento em que passou a carrinha. Kassie sentiu uma mão a agarrá-la — presumivelmente, Adam —, mas, afastando-se, avançou mais. O seu coração batia intensamente, sentia o suor a escorrer-lhe da testa, mas agora não havia volta a dar.

— Kassie, por favor não faças isso!

A voz dele foi abafada pelo ruído das viaturas. De repente, Kassie escutou um guincho estridente de travões muito junto dela, seguido por uma tirada de insultos.

— Parvalhona de merda!

E lá seguiu ela em frente, cada vez mais depressa. Mais uma buzina de ensurdecadora, mesmo sob o nariz dela. Por um momento, pensou que teria sido atingida, mas o carro roçou-lhe na ponta dos

dedos dos pés, passando por si a grande velocidade.

Seguiu em frente sem hesitar, mas a canela dela bateu agora com força em algo, detendo-lhe o avanço e projetando-lhe dor pela perna acima. Tateando, sentiu o muro separador entre os sentidos norte e sul e passou por cima.

— Estás a ver se te matas?!

A acusação extinguiu-se quando outro condutor espantado surgiu a acelerar. Cerrando os dentes, Kassie seguiu em frente, mas quase de imediato vacilou — a deslocação de ar do que deveria ser um camião desequilibrou-a. Tentou endireitar-se, agarrando o vazio, mas foi tarde. Ia já a cair e bateu com força no alcatrão duro e quente, arranhando mãos e joelhos com o impacto.

E, então, ouviu-o, um gemido ominoso e agudo, enquanto travões a fundo e pneus queixosos derrapavam na direção dela sobre a superfície seca e implacável. Naquele momento, percebeu que cometera um erro, que o carro a atingiria. Já se imaginava a voar para trás, a fazer piruetas sobre as faixas de rodagem na direção do trânsito que se aproximava...

Mas, nesse momento, o gemido de repente cessou, precisamente quando Kassie sentiu a bochecha esquerda a ser beijada pela frente do carro em travagem. Agarrando-se à grelha, ela içou-se, enquanto ouvia a porta do carro a abrir-se.

— Santo Deus, querida, magoaste-te?

Ela esgueirou-se para a frente, ansiosa por se afastar da preocupação dele, das suas perguntas. Sentiu que estaria apenas a uns metros do outro lado, pelo que avançou mais depressa, meio a tropeçar, meio a correr. Estava quase lá, quase lá...

Sentiu os pés a bater em cimento sólido e estacou. Arrancando a venda, observou o separador junto dela e depois virou-se para olhar para trás para o outro lado da via rápida de oito faixas.

Adam Brandt ainda lá se encontrava, a olhar, pasmado, do outro lado da via, lívido de medo.

Ela estava cercada pela morte.

Olhando em volta pela carruagem, Rochelle Stevens observou a parede de tabloides, todos destacando a morte brutal de um procurador local. Ela, por norma, apreciava a sua viagem no «L» — era um saltinho de 20 minutos de Loyola a Cermak —, mas, hoje, era perturbador, até um pouco assustador. Os títulos dos jornais locais eram sangrentos e desagradáveis, dando grande destaque ao facto de ter sido encontrado o corpo mutilado de um simpático magistrado de classe média na mala de um carro, envolvido num plástico ensanguentado. Vários dos jornais já seguiam a linha de declarar a incompetência da polícia — o jornal alega que a CPD prendera e libertara uma rapariga de 15 anos e que agora coçava a cabeça em busca de suspeitos. A cobertura do *Tribune* era vagamente melhor — a maior parte da primeira página era atribuída à macabra descoberta, enquanto o interior dedicava duas páginas à vida e morte do dedicado funcionário do Estado. Segundo os relatos, o pobre homem iria casar mais à frente nesse ano.

Entristecida, Rochelle folheou as páginas, fugindo rapidamente das notícias para a secção de viagens. Já era melhor. Havia imensos anúncios para escapadas às Caraíbas — Porto Rico, Cuba, Jamaica —, mas ela talvez considerasse ir mais além. Conseguiria juntar dinheiro suficiente para ir ao Havai? A ideia entonteceu-a e de súbito percebeu que sorria. Era a única na carruagem que o fazia.

Aguenta, pensou para si mesma. Recusou deixar-se ir abaixo. Não podia controlar o que se passava no mundo, mas podia orientar o seu próprio destino. Levava-lhe tanto tempo a ultrapassar as experiências na universidade, a enfrentar o que acontecera, a processá-lo e depois a seguir para um sítio melhor e mais construtivo. Reconstruíra, passo a passo, a sua confiança, recusando-se a que a sua vida fosse definida pela violação infligida por um amigo em quem confiava. Agora que finalmente se sentia a pisar terrenos mais firmes, estava determinada a gozar a vida. Que raio, já conquistara o direito a uma pequena felicidade.

Chegara a altura de se deixar de preocupações, de pisar sempre os mesmos terrenos, e de olhar para a frente. Falaria com outras amigas, para ver se alinhavam numa escapada primaveril em cima da hora — mas, se não pudessem, podia contar com a irmã para alinhar. De repente, Rochelle sentiu-se entusiasmada, excitada com as possibilidades que se abriam, com a sensação de liberdade. Os dias de autocensura e recriminações tinham chegado ao fim.

Estava na altura de viver um pouco.

Ele passou um dedo enluvado pelo gaveteiro, antes de o deixar tombar sob um conjunto de fotografias emolduradas. Sentiu-se tentado a limpar o pó do vidro — Rochelle era tão desmazelada —, mas não ia denunciar a sua presença daquela forma, pelo que se contentou em sorver os instantâneos da família. Nitidamente, tinham sido captados há já alguns anos: o cabelo de Rochelle era muito mais comprido, mal pintado, e havia algo de maljeitoso na sua postura, ladeada pela mãe, pelo pai e pela irmã. Ela era tão frágil, tão instável. Agora, naturalmente, era mais forte, mas, apesar do seu autoproclamado progresso, ainda havia nela uma evidente vulnerabilidade que ele achava cativante.

Devolvendo cuidadosamente o *passé-partout* ao gaveteiro, virou-se para observar o resto do quarto. Rochelle não era uma pessoa arrumada, deixando com frequência a cama por fazer e peças de roupa espalhadas pelo chão. Passou cuidadosamente por cima delas enquanto avançava para a cama e se sentava lá. Estava tudo sossegado e nada se movia na casa, e de repente tomou plena consciência do seu coração a bater pesadamente no peito. A sua excitação era crescente, com a expectativa do que aí vinha a deixá-lo atordoado e suado. O primeiro fora bom, mas estava certo de que a segunda seria melhor. A fragilidade de Rochelle intensificaria a reação dela, extremar-lhe-ia o terror.

Ao pensar nisto, recuou rapidamente no tempo. Até ao dia em que

a mãe acordara, ensonada e confusa, para dar com ele parado sobre ela na cama. Ele tinha na mão apenas uma faca de pão, sem pretensão de a usar, mas o choque... o medo nos frios olhos cinzentos dela, ficou-lhe indelevelmente gravado na memória. Fora açoitado pelo seu mau comportamento — espancado quase até à morte —, mas cada um daqueles golpes brutais revelou-se doce. Ele estimou-os, a par dos insultos amargos e confusos dela. Nunca se sentira tão importante como naquele dia.

Lá fora, um carro buzinou. Levantando-se muito depressa, abandonou o quarto e regressou à zona de estar. Ainda tinha de dar outra volta ao perímetro, queria voltar a verificar os seus planos, e de nada valeria ser complacente. Não enquanto houvesse tanto em jogo.

Rochelle vivia sozinha numa pacata rua dos subúrbios, não tinha animais de estimação, pelo que, quando saía, o lugar era ocupado por este silêncio reverencial. Moveu-se agora nele, rápida e discretamente, gozando a liberdade, dominando o silêncio. Levou-o a sentir-se dono do espaço, o que de certa forma era verdade. Muito em breve, também seria dono de Rochelle. Ela, naturalmente, andava ocupada a fazer planos — compras, a pesquisar férias —, sem saber que não valia a pena.

Tinha os dias contados.

— Tens a certeza de que estás bem? Não comeste nada...

Adam despertou, apercebendo-se de repente que tinha o garfo parado a meio do trajeto. Faith observou-o com atenção enquanto ele enfiava o garfo na boca, mastigando pensativamente o seu linguíni. A mudança no seu comportamento era espantosa. Ao chegar, ele não *parava* de falar e, quando começou a explicar o ocorrido com Kassie, Faith percebeu porquê. Mas, aos poucos, Adam ensimesmou-se e ao fim de algum tempo a conversa foi completamente interrompida.

— Desculpa — acabou por dizer, pousando de novo o garfo na sua tigela cheia. — Estou só preocupado...

— Olha, se estás assim tão preocupado com ela, talvez a deveses internar, não? Se achas que se pode magoar a ela própria, ou a terceiros.

Adam ergueu o olhar. Parecia ansioso pelos conselhos dela, mas sentia-se obviamente dividido em relação ao que fazer.

— Falei com a assistente social dela e para já isso basta — respondeu ele. — Interná-la abriria uma ferida com a mãe, com a escola, com a equipa de apoio social, além de destruir qualquer vestígio de confiança que se tenha conseguido fomentar.

— Vais voltar a vê-la?

— Acho que não terei escolha. É mais uma questão de saber se ela querará ver-me. Hoje, quase a perdi.

— Achas que está a ter um esgotamento? Ou paranoica?

Adam sopesou a resposta, parecendo tentar encontrar as palavras certas.

— Se mo tivesses perguntado esta manhã, ter-te-ia dito que passava por alguma forma de crise psicótica. Só Deus saberá o que terá sofrido para provocar aquilo, além de que se isola muito, e as drogas não ajudam...

— Mas?...

— Mas não parece louca, não se comporta como se fosse louca.

— Se esquecermos a parte de ter atravessado oito faixas de uma via rápida. E de arrombar casas.

— Se esquecermos essa parte — reagiu Adam, conseguindo formar um leve sorriso, o que agradou a Faith. — Ela é lúcida, calma e racional. A maioria das pessoas em plena crise psicótica articula as ideias com dificuldade, quase se ouve o cérebro a disparar erradamente os seus padrões estranhos de discurso, a falta de lógica no discurso, a desorientação geral. Além disso, tendem a esquecer a higiene pessoal, a mudança de roupa, a sua lavagem, ficam sem dinheiro... mas ela é arranjada, limpa e senhora de si. E, na verdade, vendo pela perspetiva dela, os atos dela fazem sentido.

Faith percebeu que Adam se debatia, pelo que estendeu o braço e agarrou-lhe a mão, o que lhe valeu um olhar caloroso de aprovação de uma senhora de meia-idade na mesa ao lado da deles. Encontravam-se na *brasserie* do Instituto de Arte de Chicago, o lugar preferido de Faith na cidade. Ela e Adam passaram ali muitos dos seus primeiros encontros — era habitual permanecerem horas na sala Monet, rodeados por aquelas telas fantásticas, trocando confidências sussurradas. Quando Adam lhe telefonara mais cedo para se encontrarem, parecendo perturbado, ela sugerira de pronto que almoçassem ali, na esperança de que servisse para ele se acalmar.

— Quão perto esteve ela de?...

Por algum motivo, Faith nem sequer conseguiu proferir a palavra.

— Quase foi atingida umas cinco ou seis vezes. Os carros devem ter falhado por milímetros.

— E tens a certeza de que não conseguia ver? Não era... sei lá... um truque?

— Não — protestou Adam, lançando involuntariamente um olhar ao seu cachecol, agora guardado no bolso do casaco. — Ela estava às

cegas, e, mesmo que conseguisse espreitar, ainda assim foi um risco enorme.

— Mas se ela não está bem, se não está em si...

— A questão é essa. Ela sabia *exatamente* o que fazia. Estava a provar qualquer coisa. Na cabeça dela, ainda não chegou a sua hora, daí não parecer *nada* assustada.

— Então, se calhar está a dizer a verdade.

— Não brinques, Faith — repreendeu-a Adam, num tom irritado.

— Não estou a brincar. «Há mais coisas no Céu e na Terra, Horácio, do que sonhadas na tua filosofia.» — Foi a resposta dela, num tom reprovador.

— Olha, sabes que não faz o meu género desdenhar das crenças espirituais dos outros...

Faith percebeu que Adam escolhia as palavras com cuidado. Sempre fora mais aberta a essas coisas do que o marido. Acreditava no destino, em presságios e até nos poderes de médiuns — insistindo que uma vidente de feira em tempos previra com precisão que ela casaria com um médico —, e, apesar de Adam não partilhar dos seus pontos de vista, nunca gozou com eles.

— Mas isto é estranho a ponto de rebentar a escala... assusta-me. Ela só tem 15 anos.

Faith olhou para ele, preocupada com o seu tom empolgado. Pretendera falar com ele nesse dia, mas não lhe pareceu a altura ideal para o sobrecarregar com as preocupações dela. Teriam de esperar por outra ocasião.

— Seria útil falar dela a outra pessoa? Alguém que pudesse olhar para a coisa com outros olhos?

Mas Adam já sacudia a cabeça.

— Ela já se encontrou com demasiados médicos. Do que precisa agora é de consistência.

— Mas porquê tu? Quando já tens tanta coisa em mãos?

— Porque me preocupo. Porque talvez a possa ajudar.

— Tu ajudas pessoas todos os dias e não tens mãos a medir.

— Eu sei, mas, ainda assim...

— Estou só a tentar compreender o que tem ela de tão especial. Porque é que sentes que tens de chegar a ela.

— Por ela não ter mais ninguém.

As palavras ficaram a pairar no ar, simples mas triunfantes. Faith era filha única e passara muito tempo sozinha ao crescer. Deliberadamente ou não, Adam tocou no único ponto que garantidamente poria Faith do lado de Kassie.

— Então tens de fazer o que te parecer correto. Se achas que a podes ajudar.

— Quero tentar...

— Lindo menino.

Foi dito com humor, mas também com amor. Ela não conseguia resistir-lhe quando ele era assim. Agarrando-lhe as mãos, beijou-o com gentileza. Ele inclinou-se logo para a frente, encostando a testa à dela. E ali permaneceram, com Faith a transbordar de amor pelo seu homem, mas também por outra coisa.

Orgulho.

Nancy Bright sentou-se na sala de interrogatórios, com as mãos a tremer ligeiramente enquanto aconchegava uma caneca de café. Não mostrou tenções de bebê-lo, limitando-se a fitar as suas profundezas. Pálida, esgotada e inquieta, era ainda uma mulher completamente chocada.

— Sei que isto é difícil. É muita coisa que tem de interiorizar — disse Gabrielle, compreensiva. — Mas tenho de fazer estas perguntas.

Nancy assentiu com a cabeça, mas nada disse. Até então, as suas respostas revelaram-se monossilábicas.

— Alguém ameaçou o seu noivo recentemente?

Nancy abanou lentamente a cabeça, parecendo um tudo-nada baralhada.

— Alguém relacionado com o trabalho? Alguém com quem se cruzara ou alguém que ajudara a que fosse para a prisão?

— Que ele me tenha dito, não.

— E alguém na vida pessoal? — lançou a inspetora Miller. — Membro da família? Amigo? Ex?

— Não, não... — insistiu Nancy. — Ele não era esse tipo de pessoa. Toda a gente gostava dele. Caramba, a maioria das ex-namoradas *ainda* estão apaixonadas por ele.

Foi dito com um humor pesaroso, enchendo-lhe os olhos de lágrimas.

— Talvez, então, a senhora tenha reparado em algo invulgar

nestas últimas semanas — insistiu Miller, com gentileza. — Alguém a rondar a casa? Alguém que não parecesse encaixar nas redondezas?

Nancy ergueu o olhar para o teto, como se vasculhasse a sua própria mente. Uma lágrima isolada deslizou-lhe pela face, mas limpou-a.

— Não me parece. Acabámos de nos mudar para West Town, mas sempre pareceu muito seguro.

— E o Jacob não partilhou consigo nenhuma preocupação? Algo que o inquietasse, mesmo que fosse mínimo, pode ter importância neste caso — sugeriu Gabrielle.

— Apenas as habituais políticas no trabalho. Ele... nós estávamos numa boa situação. Tínhamos acabado de comprar a casa, íamos casar...

Uma vez mais, foi subjugada pelas emoções. Baixando o olhar para o chão. Cravou as unhas na mão, esforçando-se por dominar a inquietação. Gabrielle deu-lhe um momento e depois assentiu com a cabeça na direção de Miller, que abriu a pasta que se encontrava diante de si.

— Nancy, gostaria de lhe mostrar umas fotografias. Não desejo sobrecarregá-la com pormenores, mas preciso de saber se reconhece alguma destas caras.

Miller ordenara as imagens da polícia enquanto Gabrielle regressava da morgue. Eram rostos de criminosos violentos que Jacob processara com sucesso no último ano.

— Reconhece este homem?

Era-lhe entregue uma imagem de um jovem colombiano de cabeça rapada. Avaliou-a e abanou a cabeça.

— E este tipo?

Um jovem afro-americano com cabelo entrançado e ar autoritário.

— Não, desculpe...

— E este?

E assim prosseguiu. Uma breve olhadela e um leve sacudir de cabeça. Até sobrar apenas uma fotografia.

— E esta?

Apesar do tom neutro estudado de Miller, Nancy percebeu que havia algo de especial nesta última fotografia. Observou atentamente a imagem de Kassandra Wojcek, enquanto Gabrielle fitava Nancy

tentando detetar algum vestígio de reação. Mas quando Nancy olhou para cima, aparentemente desorientada como sempre, foi simplesmente para dizer:

— Não. Nunca vi essa rapariga na minha vida.

Onde quer que fosse, havia olhos a segui-la.

Kassie nunca encaixara na escola e em dias como aquele pensava no que a levava sequer a tentar. Seria o modo como se vestia que os intrigava? O modo como falava? Ou seria apenas a sua flagrante e persistente infração às regras da escola que deixava os seus colegas estudantes a olhar fixamente?

Kassie percorreu o longo corredor. Era intervalo e a zona dos cacifos encontrava-se à pinha — teve de abrir caminho por entre os corpos para chegar ao seu. Ao fazê-lo, as conversas cessaram, surgiram gestos, palavras proferidas apenas com os lábios. Não era invulgar — por norma, era encarada como uma anormal —, mas Kassie sentiu um nível de interesse mais elevado... será que os seus pares teriam sabido da sua detenção? A polícia fora obrigada a avisar a escola, pelo que seria perfeitamente possível.

— Ei, Mandy, olha para aquilo. Sabias que a loja dos trezentos está em saldo?

Kassie abriu o cacifo e guardou lá os livros. Comentários desta índole eram frequentes e, por momentos, Kassie pensou que talvez não tivessem ouvido falar de nada. Só que o comentário seguinte levou-a a mudar de opinião.

— Ouvi dizer que ela recebeu um par de pulseiras novas a combinar com o *look*. Das de aço, unidas por uma correntezinha...

Eram Amanda e Jessie — duas típicas cabras do secundário. Por

norma, eram elas a dar início à ronda de insultos, quando estavam entediadas ou não tinham rapazes para namoriscar.

— Eu sei, tão giras — arrulhou Mandy em reação à chacota de Jessie. — Provavelmente, as joias mais caras que ela alguma vez usou.

Batendo com a porta do cacifo, Kassie virou-se de frente para elas. Por norma, ignoraria as provocações, mas nesse dia não estava com disposição para isso.

— Tens alguma coisa a dizer? — quis saber Kassie, olhando Mandy nos olhos.

— Não, mas tenho a certeza de que tu tens — respondeu, sorrindo de orelha a orelha.

— Mas devo avisar-te — intrometeu-se Jessie, apoiando-se no ombro da amiga —, tudo o que digas pode ser usado contra ti em tribunal...

— Oh, vai-te foder, Jessie.

As palavras de Kassie tiveram o efeito desejado, com a surpreendida Jessie a calar-se, chocada.

— Agora, com licença...

Kassie passou à força por ela, com o ombro a bater com vigor em Jessie. Ouviram-se uivos de protesto e reações iradas, mas Kassie não se deteve para uma troca de insultos, optando antes por percorrer o corredor em passadas largas. Soube bem dizer-lhes para onde podiam ir, mas sabia que mais tarde se arrependeria. Mandy e Jessie eram desagradáveis e previsíveis, mas rapidamente se fartavam se não fossem provocadas. No entanto, não podiam ignorar um desafio tão flagrante, em especial da parte de alguém com tão poucos aliados. E essa era a amarga ironia da vida escolar de Kassie — por muita excitação e entusiasmo que despertasse, ainda assim passava o tempo sozinha na secundária de Grantham.

Os olhares delas acompanharam-na pelo corredor fora. Agora não havia como regressar às aulas — Jessie e Mandy arranjariam uma oportunidade para se vingarem —, pelo que, depois de ter palmilhado um par de corredores, Kassie saiu disparada pela saída de emergência e desceu as escadas de incêndio.

Depois de verificar que as áreas de recreio se encontravam desertas, atravessou a correr os desbotados recintos de basquetebol, desaparecendo da vista na zona do lixo. Os contentores do lixo

municipais eram enormes, oferecendo um bom esconderijo — este lugar era usado com frequência pelos alunos mais rebeldes, como o revelavam as inúmeras beatas de cigarros espalhadas pelo chão.

Abrindo o estojo de lápis, Kassie retirou de lá um charro acabado de enrolar e acendeu-o. Inalou avidamente, desejando perder-se no meio do lixo de cheiro nauseabundo. Mas, ao inalar uma segunda vez, surgiu-lhe uma imagem de Adam Brandt. Andara a afastar da mente pensamentos relativos a ele desde o encontro complicado que tinham tido nessa manhã, mas agora o seu rosto pálido e assustado voltara a impor-se-lhe na consciência. Porque é que ele lhe fizera aquilo? Aterrorizara-o assim tanto? Na altura, sentira-se zangada, não pensando bem, mas agora sentia pena de o ter pressionado daquela maneira. Talvez ele não acreditasse nela, talvez ele pensasse que era louca, mas era praticamente a única pessoa em Chicago disposta a estender-lhe a mão da amizade.

Deveria procurá-lo? Pedir desculpa? Pedir ajuda? Uma boa parte dela queria manter-se ao largo, tendo em conta o que sabia, mas outra parte pressentia algo a desenvolver-se. Seria possível que tivessem sido unidos por alguma razão? Seria este o empurrão de que necessitaria para combater a sua maldição? Para ir à luta?

Não era grande escolha. Lançar-se na direção do perigo para confrontar algo que nascera consigo. Ou permanecer ali, sozinha e miserável, entre os contentores malcheirosos. Kassie sugou profundamente o charro, na esperança de alguma inspiração química, de uma imagem, de um sinal, algo que a ajudasse a escolher.

Mas nunca se sentira tão perdida.

— Não pode virar-lhe as costas, Natalia. Tem de lhe estender a mão.

Ela não quis olhá-lo nos olhos, temendo que se apercebesse da sua fraqueza, mas Natalia sabia que o teria de fazer. Evitar o olhar dele pareceria desleal ou, pior, implicar uma relutância em acatar o seu conselho. E como ela necessitava desse conselho. Nunca se sentira tão à deriva desde a morte súbita do marido.

— Sei que é difícil. Sei que ela diz coisas que a magoam, que pecou e se arrependeu, e voltou a pecar... mas é a mãe dela. Foi posta nesta terra para a proteger e acarinhar.

— Sim, padre...

Ela murmurou as palavras com gratidão. As coisas pareciam sempre mais claras, mais simples, depois de falar com o padre Nowak — era como se fosse o seu avô, o pai e o irmão mais velho misturados num só. Sorrindo, ele prosseguiu:

— Então vamos lá pensar como podemos ajudar a Kassie a ver as coisas com mais clareza...

Estavam muito chegados nos bancos vazios da igreja de São Stanislaus Kostka, a falar num tom sussurrado e conspirativo. A igreja de São Stanislaus era a mais popular da Polónia de Chicago, um lugar que lhe recordava o seu velho país, e era por norma procurada por quem buscava conforto e orientação.

Apesar de Back of the Yards ficar à distância de uma boa

caminhada, Natalia esforçava-se sempre por ali ir, às vezes três ou quatro vezes por semana. Era devota do padre Nowak, adorava eventos sociais e bufetes de beneficência, onde podia regalar-se com a comida da sua infância — couve recheada, salsicha picante e ameixas envolvidas em bacon.

O padre Nowak — cem quilos de barba, barriga e boa-disposição — já era a alma da venerada igreja há muitos anos e ainda desempenhava os seus deveres e atendia os paroquianos com a energia e zelo de um jovem. As suas palavras apoderaram-se de Natalia, banindo a dúvida, iluminando o caminho a seguir.

— Sim, padre, acho que, se falar com ela, ela virá. Ela sempre teve um carinho especial por este lugar, por si...

Apesar de ser exagerado, não era mentira. Kassandra sempre gostara de ali ir em criança e nunca dissera nada de negativo sobre o padre Nowak. Natalia desejava de repente que o bom padre soubesse disto, soubesse que os seus esforços por elas não passavam despercebidos. Ele sempre fora uma torre de segurança para Natalia.

— Ótimo, então estamos de acordo. Juntos, juntos, Natalia, podemos ajudar a Kassie a ver as coisas com mais clareza. Afastar a fraqueza dela, a tendência para o pecado, e voltar a melhorar. Agora parece-me que seria adequado se rezássemos à Virgem. Junta-se a mim, Natalia?

Natalia uniu as mãos. As palavras jorraram dela e a cada momento sentiu-se mais forte e determinada. Permitira deixar-se derrotar pelo comportamento da filha, ser tomada pela pena de si própria, mas agora tinha um propósito. Agora percebia o que tinha de fazer.

Desse por onde desse, iria trazer a tresmalhada Kassie de volta.

— Então, estamos sem reservas a afirmar que se trata de um trabalho de duas pessoas?

A pergunta da inspetora Montgomery era pertinente. Era relativamente nova na equipa, mas Gabrielle tinha boa impressão dela.

— Estamos a afirmar que é uma possibilidade — respondeu Gabrielle, virando-se para enfrentar a falange de inspetores amontoados na sala de reuniões. — Foi um rapto limpo e um homicídio brutal. Talvez seja um assassino a solo, talvez a Wojcek fosse cúmplice, aquilo que procuramos de momento são *ligações*.

O mar de cabeças anuiu suavemente. Gabrielle ficou agradada com a atenção e determinação deles. O superintendente Hoskins já lhe telefonara — depois de ele próprio ter recebido uma chamada do presidente da câmara — a exigir progressos, o que a levava a reunir toda a equipa na pequena e degradada sala de reuniões. Todas as descobertas preliminares foram apresentadas e quando foi hora de as assimilar e de analisar as possibilidades, 12 cabeças eram sem dúvida melhores do que uma.

— Todos vocês receberam informações atualizadas da patologia e forenses. Também já devem ter analisado a lista de acusações da Kassie Wojcek. A inspetora Miller e eu já falámos com a noiva do Jones, Nancy Bright. Ela não conseguiu apontar o dedo a ninguém, pelo que nos cabe agora determinar *ligações*.

— Ainda trabalho no ângulo do gângue. Talvez os Cobras não estivessem especificamente envolvidos, mas o Jones tramou muito pessoal ao longo da sua carreira. Talvez alguém desejasse vingança? Talvez ele estivesse a comprometer-lhes as operações? O Andre Hill é uma possibilidade, trabalhando a partir de Humboldt Park. Quatro dos seus mensageiros foram apanhados no mês passado... O Jones foi o procurador que os acusou a todos. O Hill já foi acusado de agressão agravada, agressão com arma letal, gosta de andar sempre com uma grande faca de caça.

— Encontra-o — reagiu de imediato Gabrielle. — Vê com quem ele anda envolvido agora, se tem um álibi decente... Inspecora Miller?

A adjunta avançou um passo, quando Gabrielle se voltou para ela.

— O meu pessoal tem andado em busca de pistas da vida pessoal dos Jones. Todas as antigas namoradas do Jacob se davam bem com ele, mas a Nancy Bright tem um ex que não aceitou bem o noivado dela com o Jones. Acho que ele não encaixa bem neste ataque, mas tem o motivo, e o melhor amigo dele tem cadastro. Dale McKenzie, antigo instrutor de ginástica transformado em segurança. Inúmeras detenções por posse de droga, agressão física e verbal, *além* de um dia ter batido com um ferro de um macaco dos pneus num rival amoroso, quase o matando à pancada.

— Pode ser um pouco rebuscado — replicou logo Gabrielle, para evidente desilusão de Miller. — Quem quer que tenha feito isto, foi meticuloso e preciso... O Aaron Holmes confirmou que o Jones era alérgico ao látex, pelo que sabemos que o agressor usava luvas. Mas, mesmo assim, fala com o ex. Vê se consegues medir até onde vai a raiva dele. E verifica a pegada digital dele. Seria bom saber até que ponto estava envolvido na vida da Nancy Bright. Que mais?

— O Jones tinha um irmão com quem não se dava — respondeu o inspetor Albright, ávido por mostrar serviço. — Mas parece que desapareceu da face da Terra. A última vez que foi visto, há quatro meses, estava em Minneapolis.

— Segue isso.

— Também estamos a passar revista às libertações recentes da Prisão do Condado de Cook, tipos que cumpriram penas extensas, que ainda sofrem de problemas mentais, que gostam desse tipo de coisas — lançou Suarez. — É possível que o Jones seja um alvo aleatório.

— Possível, mas improvável, tendo em conta o tipo de planeamento exigido neste caso. Penso que terá havido alguma razão para ser o alvo, por muito que seja retorcida. Mais alguma coisa?

— Penso que poderei ter um nome... — acrescentou Montgomery, algo acanhada.

— Diz lá — reagiu Gabrielle, num tom encorajador.

— Como sabe, analisei o registo criminal da Kassie Wojcek. Há detenções a solo, agressões a solo, e nenhum registo de ligações a gangues. Aquela miúda tem poucos amigos e a sua companhia preferida será a dela própria.

— Concorde.

— Mas estive em contacto com uns rapazes e raparigas bem mauzinhos no Centro de Detenção Juvenil. Há anos que entra e sai desse lugar...

— E... — incentivou Gabrielle, intrigada.

— E estava a pensar num tipo — prosseguiu Montgomery, entregando uma folha a Gabrielle. — Kyle Redmond.

Gabrielle olhou para o registo de acusações fotocopiado e para a fotografia a cores de um jovem carrancudo. Tinha a cabeça rapada, o que só realçava ainda mais o vívido sinal de nascença. Uma série de tatuagens cobriam-lhe parcialmente o pescoço, mas atraíam a atenção para o lado direito do rosto, onde o sinal lhe apanhava os lábios e roçava o nariz e a orelha. Tinha um *piercing* no septo e a orelha tinha várias tachas, tornando a aparência ainda mais assustadora. Gabrielle interiorizou-lhe as feições, em especial os olhos — foi raiva, aquilo que ali viu? Ou outra coisa?

— Eles cruzaram-se tinha o Redmond 15 anos e a Kassie 11. Sabemos disto por causa do relatório de um incidente ocorrido nessa altura. Pode ver uma fotocópia na página quatro.

Gabrielle folheou até à referida página, enquanto Montgomery prosseguiu:

— Um dos residentes andava a incomodar a Kassie, batendo-lhe. O Redmond tratou do assunto e mandou o tipo para o hospital. Ora bem, o Redmond era um rufia, talvez só quisesse uma boa briga, mas o diretor achou que poderia sentir algo pela Kassie, daí o seu desejo de a proteger.

— E ela presumivelmente terá ficado grata ao seu anjo da guarda,

em especial num local como aquele — acrescentou Gabrielle.

— Na época, havia lá gente a engravidar, lutas de facas, é só escolher — concordou, animado, o inspetor Albright.

— Então, talvez se tenham tornado amigos — prosseguiu, interrogativo, Montgomery. — Uma relação, até? Bem, seja como for, o Redmond tem hoje 19 anos, mas tem andado ocupado.

Gabrielle digeriu o seu historial de detenções — detenção ilegal, tortura, genuína agressão corporal e, de forma intrigante, alegadas agressões sexuais contra homens e mulheres. O «CV» dele revelava um homem que gostava do poder e tinha tendências sádicas. Passou a folha a Miller, que assobiou discretamente face à extensão das suas infrações.

— Que menino doente.

— Onde anda ele agora? — quis saber Gabrielle.

— Não faço ideia. Desapareceu do radar há cinco semanas. As condições de libertação incluem uma visita semanal ao centro, mas não fazem ideia de onde ele estará.

— Então é preciso encontrá-lo. A Miller coordena, ajudada pela Montgomery e pelo Albright.

O trio assentiu, mas não se moveu.

— Estão à espera de quê? — rugiu Gabrielle, dirigindo a pergunta a todos os inspetores. — Toca a andar.

A equipa obedeceu, apressando-se na direção das suas secretárias. Gabrielle viu-os partir, encorajados. Pela primeira vez desde aquela horrível descoberta na mala, sentiu que faziam progressos. E já não era sem tempo. O superchefe estava ansioso, os *media* gritavam e inflamavam, e os cidadãos do centro de Chicago sentiam-se tensos e perturbados. Mas a reação começava hoje.

Adam estava sozinho num mar de gente. A consulta seguinte seria apenas às 16 horas, pelo que, regressando ao Lincoln Park, visitara o jardim zoológico numa tentativa de limpar a cabeça. Ali fora em miúdo e, na sua ideia, era um lugar enorme cheio de recantos onde uma pessoa podia perder-se.

Hoje, todavia, o zoo pareceu-lhe mais pequeno do que recordava. Além disso, estava repleto de grupos de famílias e de estudantes que gozavam o sol primaveril. O instinto inicial de Adam fora desistir da visita. Não pagara entrada e havia outros lugares no parque onde podia ir, mas, após um momento de hesitação, decidiu-se a insistir. Não queria solidão, queria distração, e não se sentia preparado para desistir já desta viagem pelos caminhos da memória.

E a cada passo dado começava a sentir-se mais animado. Havia áreas do zoo que reconhecera, e outras, como o recinto dos leões, que eram novidade para ele. Os leões, previsivelmente, atraíam as maiores multidões, e quando Adam parou junto à barreira, absorvendo a imagem à sua frente, deu por si a sorrir. Dezenas de bebés arrebatados tentavam virtualmente trepar a barreira de segurança numa tentativa de se aproximarem dos leões — eram destemidos e estavam enlevados e curiosos. Tal como ele fora na idade deles.

Na altura, era um dos seus lugares preferidos e com frequência chateava os pais para poder visitar o zoo. E, apesar de lhes faltarem meios e tempo, acabavam sempre por lhe fazer a vontade. O pai fazia

turnos duplos seis dias por semana, e ao domingo sentia-se de rastos, mas, mesmo assim, atravessava a cidade de autocarro com o filho, trocando confidências com ele, discutindo baseball, urdindo histórias improváveis, enquanto partilhavam um pacotinho de doces. E apesar de regressar ali ser algo agridoce para Adam, agora que o pai falecera, a recordação das suas visitas juntos encheu-lhe o coração. Olhando para os pais assoberbados de hoje, lidando com crianças, carrinhos de bebé, piqueniques, etc., percebeu quanto o seu pai fora complacente com ele. Mas, se calhar, seria esse o papel dos pais, abdicar dos seus próprios desejos e interesses na esperança de criar uma criança equilibrada e feliz. Fora por certo o caso dos seus.

Afastando-se dos leões, Adam avançou para as aves penaltas. Os seus pensamentos ainda recaíam nos pais, que sepultara com um intervalo de meio ano. Já fora há mais de 10 anos, mas a recordação ainda o emocionava intensamente, principalmente devido à natureza súbita da morte do pai. Feliz, saudável e exuberante num minuto, inapelavelmente morto no seguinte, vítima de uma forte paragem cardíaca. Acontecera estando a mãe sozinha em casa com o marido — com o pânico, telefonara ao filho a pedir conselhos, quando deveria ter ligado para o 911^[4]. Adam chegou logo depois dos paramédicos, mas já era demasiado tarde. A mãe já não se encontrava bem e não terá sido surpreendente que tenha sucumbido pouco depois, mas a morte súbita do pai fora um choque terrível para todos. Só mais tarde descobriram que o pai sofria do coração há anos, tal como já se passara antes com o pai deste.

Adam afastou-se depressa das aves, quando outra ideia mais perturbadora se infiltrou na sua mente. Kassie. Por momentos, Adam afastara-a com sucesso dos seus pensamentos, mas agora dera por si a repisar as suas conversas. «Vejo a morte antes que aconteça.» «Sei como morrem as pessoas, quando vão morrer.» Apesar de contrariado, Adam deu por si a pensar no seu próprio destino. Ultimamente, a sua tensão arterial andava um pouco alta e, conforme se aproximava a data do parto de Faith, começara a pensar se não devia marcar um check-up. Agora havia muito mais em jogo, e dado o historial familiar de doenças do coração...

Agora surgia-lhe Kassie na mente, falando animadamente da maldição horrível que era ter aquele conhecimento. E, por um

segundo, Adam permitiu-se imaginar o que significaria se houvesse mesmo alguma verdade no que ela dizia, tal como Faith sugerira. Se Kassie tivesse genuinamente «visões». Era um pensamento empolgante, mas aterrorizante. Não só a noção de que ele não teria controlo sobre o seu destino, mas que Kassie poderia prever o seu fim. Se ela pudesse prever com precisão o futuro dele, queria ele saber? Se conseguisse dizer-lhe se ia morrer aos 50 anos de paragem cardíaca ou aos 90 depois de uma boa vida, teria a coragem de perguntar? Por norma, não, cem vezes não, mas dado que tantos elementos da sua família foram derrubados por... Adam estacou, surpreendido ao dar consigo na saída. Deixara-se envolver de tal maneira pelas suas fantasias mórbidas que nem reparara no caminho que seguia, deixando a mente escapar-se de si quando devia estar a pensar numa forma de ajudar Kassie. Agora sentia-se pateta por se ter deixado absorver tanto por especulações sem sentido, a ponto de inadvertidamente ter terminado mais cedo a visita. De qualquer modo, se calhar estava a tentar dizer-lhe algo... que a distração vã leva apenas à introspeção e que o trabalho é o melhor antídoto para a ansiedade. Já o devia ter aprendido com a experiência. Espreitando rapidamente o relógio, abriu caminho por entre a multidão e depressa transpôs a saída.

Já estava quase na hora da sua marcação das quatro da tarde.

[4] Número telefónico de emergência nos EUA, equivalente ao 112 português. [N. T.]

Faith olhou para relógio, observando o ponteiro dos minutos a arrastar-se ao dar a volta. Porque é que demorava tanto? Estava estendida na cama, sentindo-se desconfortável e exposta, há mais de 20 minutos. Pareceu-lhe errado deixá-la assim, sentindo-se ela nervosa e perturbada.

— Desculpe, desculpe, desculpe...

A parteira entrou de repente, pedindo desculpa sem sequer olhar para Faith.

— Parece que toda a gente decidiu ter o bebé hoje — prosseguiu, com bonomia. — Ora bem, vamos lá ver se a conseguimos descontraír.

Fazendo deslizar para o seu lado a máquina de ultrassons, a parteira calçou um par de luvas. Faith observou-a, um pouco mais calma perante a sua atitude descontraída, a sua eficácia equilibrada e experimentada. Talvez Faith estivesse a exagerar, talvez tivesse sido uma parvoíce ter ido até ali. A bebé estava quase sempre sossegada — regularmente brincava com Adam dizendo que o rebento deles lhes herdara a preguiça.

— Se puder levantar um pouco a bata...

A parteira enfiou a mão no gel para depois o espalhar na barriga de Faith. Como era habitual, Faith retraiu-se — a substância sedosa na sua barriga retesada e quente. Os exames anteriores revelaram-se dos momentos mais felizes da sua vida, mas Faith não podia dizer com sinceridade que os apreciase. Sentia-se privada de dignidade e

exposta, e detestava a sensação da sonda da parteira a penetrar-lhe a carne.

Enquanto ouvia o estrepitar do *scanner*, Faith brincou com o cristal de amazonita que usava sempre para dar sorte. A parteira, entretanto, calara-se, passando diligentemente a sonda pela barriga inchada, sempre de olhos fixos no pequeno ecrã diante dela. Faith imaginava a sua bebé no monitor, uma pequena presença fantasmagórica mergulhada no mar de negritude, remexendo-se e reagindo aos movimentos da sonda da parteira. Faith ansiou por ouvir o habitual «bum, bum, bum» da batida do coração da sua bebé. Para ela, era o som mais belo que alguma vez ouvira.

O silêncio envolveu a divisão e Faith virou-se para a parteira.

— Como é que estamos?

A ideia era parecer descontraída, mas a ansiedade de Faith traiu-a. A parteira sorriu-lhe brevemente, mas terá Faith reparado numa certa rigidez na sua expressão?

— Está tudo bem? Detetou a batida do coração?

Concentrando-se imenso, a parteira tentou de novo, após o que se virou para Faith.

— Ainda não, mas, para ser sincera, esta máquina em particular não é a mais fiável. Já ando há semanas a pedir que a substituam. Vou buscar a da sala ao lado e tentamos outra vez.

Ia a sair, quando pousou uma mão no braço de Faith.

— Não se ponha a pensar coisas, querida. Tenho a certeza de que não há motivo para preocupações.

Mas Faith estava preocupada. Ao ver a parteira a retirar-se apressadamente da sala, foi tomada por um pânico crescente. De repente, convenceu-se de que se passava algo de terrivelmente errado.

— Desculpe se o assustei.

Foi dito com tal sinceridade e sentimento que Adam deu por si a responder:

— Não tem mal.

Era uma resposta ridícula e absolutamente inexata, pois Kassie quase se matara nessa manhã, mas ele não conseguiu repreendê-la.

— Não era a minha intenção. Não estava a pensar.

— Tudo bem, eu entendo.

Uma vez mais, ela brindou Adam com um enternecedor olhar de gratidão. Ele reparou, pela primeira vez no seu breve relacionamento, que ela fazia gosto em olhá-lo nos olhos. A culpa, aparentemente, ajudava-a a ultrapassar a sua timidez e desconfiança naturais.

— Queres ficar um bocado? Beber um sumo? Ver televisão? Por hoje, já acabei, portanto...

— Não, deixe estar, não posso ficar. Só queria pedir desculpa.

Adam estava a acompanhar o paciente das 16 horas à saída quando reparara em Kassie, do outro lado da rua, de mãos nos bolsos. Parecia desconfortável, passando o peso de um pé para o outro, mas não perdera tempo a abordá-lo para lhe pedir desculpa, assim que o paciente se afastou. Ele fez-lhe sinal para entrar, para longe de olhares curiosos.

— Não tens nada que pedir desculpa. Tal como disse antes, foi culpa minha não te ter ouvido como devia, não ter reagido como

devia.

Kassie encolheu os ombros, mas sem o contradizer. Uma vez mais, Adam sentiu pena desta adolescente complicada e solitária. Que maldição era ser diferente.

— Mas gostaria de tentar de novo, se concordares. Sem custos, tal como referi.

— Quer que seja a sua cobaia? — reagiu Kassie, num tom indecifrável.

— Não, apenas mais uma paciente.

Aquilo pareceu aplacá-la.

— Então está bem. Só quero...

— Sim?

— Só quero que alguém tente compreender.

— Claro.

— E, talvez, ajudar. Sei que é difícil... que não sou... normal... mas é tão complicado. Como se houvesse um pedacinho de todos os outros dentro de mim...

Adam olhou para ela, mas nada disse.

— E se eu fosse boa pessoa, forte... — prosseguiu ela, balbuciando. — Falaria com todos eles. Dir-lhes-ia que... que o tempo não corria a favor deles e que deviam beijar os seus filhos. Ou que deviam comprar aquele carro, aquela casa...

— Isso não é responsabilidade tua, Kassie. Independentemente do que sentes, independentemente do que achas que vês, não é a tua função.

— Não?

— É claro que não. A tua única responsabilidade é perante ti, para te assegurares de que estás bem.

Kassie não pareceu convencida, pelo que Adam prosseguiu:

— Pensa nisso, Kassie. Mesmo que pudesses ajudar todas essas pessoas, como é que escolherias? Só em Chicago há milhões de pessoas.

— Não diga isso.

— É verdade. E não é justo para ti carregares com o peso das vidas delas sobre os teus ombros.

— Mas, e se for esse o meu destino? E se foi para isso que nasci? Outros tentaram...

— Tais como?

— Familiares — respondeu Kassie, de modo evasivo. — Pessoas que vieram antes...

Deve ter surgido algo — surpresa? Ceticismo? — na expressão de Adam, pois Kassie franziu fugazmente o sobrolho.

— Acredita em mim? — perguntou ela de repente, baixinho.

— Acredito que tu acreditas — respondeu à cautela Adam. — E gostaria de explorar o que isso significa.

Era uma resposta engenhosa, mas genuína. Tudo pesado, acreditava que ela provavelmente fora tomada por alguma forma de pensamento mágico, a crença de que poderia mudar o mundo à sua volta por via dos seus pensamentos, mas pelo bem dela estava disposto a manter-se de mente aberta, a trabalhar com ela para descobrir a causa daquela aflição.

— Obrigada — murmurou ela.

Uma vez mais, Adam espantou-se com o ar triste dela. Ia reconfortá-la ainda mais quando de repente o telemóvel começou a tocar na secretária. Lançou um olhar para lá — Faith. Instintivamente, moveu-se para atender — estava sempre atento ao telefone, agora que se aproximava a data do parto —, mas, pensando melhor, rejeitou a chamada, mudando para o modo de silêncio. Voltou-se de novo para a adolescente, dando com ela a fitá-lo diretamente.

— Não quero ser «curada» — prosseguiu ela de imediato. — Não quero que me façam a vontade.

— Tens a minha palavra — prometeu Adam. — E talvez com o tempo compreendamos melhor aquilo que sentes. Podemos levar o tempo que quisermos e, quem sabe, talvez dê para endireitarmos as coisas com a tua mãe, com a polícia, até com o teu diretor, para poderes ir ao baile de finalistas, embebedar-te e ter um belo verão...

Ele pretendia sorrir, mas de repente Kassie pareceu angustiada. Baixando o olhar, começou a mexer nas unhas, recusando-se a fitá-lo.

— O que se passa, Kassie? Disse algo de errado?

Kassie não respondeu, lançando antes um olhar rápido à porta.

— É a escola? Eu...

— Não é isso. Não tem nada que ver com isso.

— Então, o que é?

Enquanto falava, uma terrível suspeita cresceu dentro dele. E ao

olhar para esta criança solitária e triste, de súbito sentiu que sabia exatamente o que ela pensava.

— Achas que não tens tempo, certo? É o que te preocupa...

Kassie assentiu com a cabeça. Adam olhou fixamente para ela, subitamente muito preocupado. Instintivamente, avançou um passo na direção dela.

— Kassie, viste a tua própria morte?

— Claro.

— E como... como é que morres?

Era uma pergunta louca, mas que ele tinha de fazer. Se Kassie acreditasse que a sua própria morte estava iminente, ele tinha de saber.

— Sou assassinada.

Duas simples palavras que lhe retiraram o fôlego. Não pelo conteúdo — apesar de bastante chocante —, mas mais pela convicção com que foram proferidas. Por uns segundos, o silêncio apoderou-se de ambos, até que por fim, balbuciando, ele recuperou a fala:

— E tu sabes... tu sabes quem te mata?

Uma pausa terrível e prolongada, e depois lentamente Kassie ergueu a cabeça e disse:

— Você.

LIVRO SEGUNDO

As duas mulheres encontravam-se uma em frente à outra, desafiadoras, obstinadas. Com mais de um metro e oitenta, Gabrielle Grey constituía uma presença forte, imponente, mas a sua adversária não era de se deixar intimidar com facilidade.

— Não quero falar disso. Nem agora, nem nunca.

— Não tem alternativa, Dani. Obstrução à polícia na execução dos seus deveres é crime.

— Então, prenda-me.

Gabrielle sentiu-se tentada a aceitar a oferta. Depois de não ter encontrado ninguém na cidade que alugasse ou se hospedasse sob o nome Kyle Redmond, optara por outra via. Levara à sua equipa vários dias a localizar a ex-namorada de Kyle e o resultado estava a revelar-se dececionante — Dani Rocheford mostrara-se determinadamente hostil desde que deixara Gabrielle entrar. A magricela rapariga de 18 anos não tinha muita paciência para a polícia — uma característica que partilhava com os outros marginais que ocupavam ilegalmente esta propriedade degradada em South Side.

— Olhe, Dani, entendo que seja complicado falar disto.

— Entende? — ripostou a jovem.

— Sei aquilo por que passou, o que ainda deve estar a sofrer, e, acredite em mim, lamento mesmo o sucedido.

Dani fungou, pouco convencida.

— Mas continuo a precisar que me responda a estas perguntas.

É imperativo que encontremos o Kyle o mais depressa possível.

— Se tivessem feito bem o vosso trabalho logo de início, ele não andaria à solta, pois não?

— Não, e só me resta pedir desculpa por isso. Mas não quero que mais ninguém sofra às mãos dele. Estou certa de que sentirá o mesmo.

A jovem encolheu os ombros numa concordância relutante, recusando-se a olhar Gabrielle nos olhos. A agente policial suspeitou que parte da sua hostilidade emanava de uma sensação de vergonha desadequada. Redmond mantivera Dani refém durante um fim de semana na caravana que partilhavam, torturando-a e humilhando-a. A recordação do seu trauma ainda se mantinha fresca.

— Diga-me lá, quando é que o viu pela última vez?

— Há três meses, talvez um pouco mais. Ele entrou e esperou por mim quando voltei a casa.

— Fez-lhe mal?

— Um olho negro. — Encolheu os ombros, despreocupadamente, como se fosse um bom resultado.

— O que queria ele?

— Não faço ideia... tentou falar comigo, mas eu desatei aos gritos.

— Ele disse por onde tem andado? Onde está a morar?

— Não. Ele tem uma tia que vive em West Garfield, às vezes dorme lá.

— Já lá fomos.

— Então pensou o mesmo que eu. Ele já não faz parte da minha vida.

Gabrielle sentiu alívio por detrás da fanfarronice dela.

— E quando estavam juntos, como descreveria a sua relação?

— A sério? — reagiu ela, incrédula.

— Sei que é difícil, Dani, não faria estas perguntas se não fosse mesmo preciso. É importante.

A jovem pareceu um pouco aplacada pela sinceridade evidente de Gabrielle. Sacando de um maço de cigarros do bolso, respondeu:

— Imprevisível... controlador... violento.

— Com que frequência lhe batia?

— Sempre que tinhas forças.

— O que é que fazia?

— Agredia-me. Fisicamente... sexualmente...

— Cortou-a?

— Claro.

— Com o quê?

— Facas, cutelos... Uma vez com um alicate...

A última admissão doeu. Gabrielle viu Dani a retirar um cigarro do maço com uma mão tremente e a levá-lo aos lábios.

— Quanto tempo viveu consigo?

— Seis semanas, talvez sete.

— E ele trabalhou durante esse período de tempo?

Outro encolher de ombros.

— Trabalhou para uma empresa de mudanças. Uma companhia de limpezas. Empresas de construção civil. Mas foi despedido de todas, por roubar, por bater em pessoas.

Gabrielle anotou, registrando mentalmente para ligar a Miller.

— Mas não vai encontrá-lo assim — prosseguiu sombriamente Dani. — Aquele homem muda de nome com mais frequência do que muda de cuecas.

— Enquanto aqui estive — retomou Gabrielle, registrando o aviso —, referiu algum sítio onde fosse com frequência? Um bar? A casa de um amigo? Uma discoteca?

Dani hesitou, com a mente às voltas, até que respondeu:

— Ele tinha uma caravana. Um sítio onde costumava guardar as coisas que roubava. Acho que era em Lower West Side... nunca soube a morada.

Dani continuou a olhar para Gabrielle, o cigarro dependurado por acender na boca. Nitidamente, esperava que a conversa acabasse em breve. Gabrielle decidiu apiedar-se dela — ser visitada pelo fantasma do seu torturador obviamente deixara a jovem abalada e perturbada.

— Obrigada, Dani, foi de extrema utilidade. Agradeço imenso o tempo que tirou para falar comigo.

Gabrielle estendeu o braço e relutantemente, embaraçada, Dani avançou, submetendo-se a um rápido aperto de mão, antes de uma vez mais deixar cair a mão de lado. Foi um cumprimento muito breve, mas o suficiente para Gabrielle reparar que lhe faltavam dois dedos. Devia estar a olhar para a mão mutilada, porque Dani se intrometeu, despachando-a.

— Feche a porta ao sair.

Virou-se para acender o cigarro e Gabrielle retirou-se. Momentos depois, estava de novo na rua, com os pensamentos a amontoarem-se uns por cima dos outros enquanto regressava ao carro. Detendo-se junto ao seu velho *Pontiac*, arriscou olhar para trás, para o apartamento de Dani. Para sua surpresa, a ex de Redmond estava agora à janela, envolvida numa nuvem de fumo de cigarro, olhando diretamente para ela. Era uma imagem que iria permanecer muito tempo na mente de Gabrielle.

A imagem de uma mulher atormentada pela vida.

Faith sentou-se num banquinho, a olhar para si mesma. Passara quase dois meses a trabalhar neste autorretrato, mas agora nem o reconhecia. A forma do seu rosto, a sua expressão, até as suas covinhas atrevidas, encontravam-se representadas na perfeição, mas foi como se mirasse uma estranha.

Era a primeira vez que saía da cama desde que regressara do hospital. Não se atrevera a abandonar o refúgio do quarto enquanto Adam e a mãe se encontravam em casa, não suportava a intromissão e a preocupação da parte deles. Mas, agora que a sua mãe partira, agora que por fim convencera Adam a ir para o consultório, tinha a casa só para si. Hesitante, emergiu do quarto — ainda se sentia dorida e era-lhe doloroso caminhar —, e lá acabou por chegar ao estúdio.

Ao entrar, olhou em redor. Todo o mobiliário e todos os acessórios lhe eram familiares, as bugigangas, os bustos e os souvenirs nos seus devidos lugares, mas sentiu-se uma intrusa, como se visse a divisão pela primeira vez. Não se surpreendeu nem perturbou com esta desorientação — desde aquele dia horrível no hospital nada batia certo. Tudo se desenrolava ao longe, como se ela se encontrasse fora do seu corpo a observar o desenrolar dos acontecimentos desde o alto. Adam diria que se trataria de uma forma de negação, de uma tentativa de se distanciar dos acontecimentos, e talvez fosse verdade. Mas, mesmo que assim fosse, nem por isso a dor seria menor.

Quando a parteira se esfoçara por detetar uma batida de coração,

Faith começara a entrar em pânico. Quando uma segunda parteira fracassou na busca por sinais de vida, desta feita com uma nova máquina, Faith ficou com o coração destrozado. O que se passou nas horas a seguir era para ela uma névoa difusa. Tentara imensas vezes ligar a Adam, até por fim desistir — a ausência dele foi apenas outra parcela do pesadelo que se desenrolava de forma inexorável. Acabara por ser a sua mãe a primeira a chegar, quem se sentara com ela enquanto era sujeita aos testes que confirmaram que a sua placenta saíra do útero, privando a bebé de oxigénio e nutrientes.

Adam por fim apareceu — quando, ela não sabia dizer —, e estava perturbado, naturalmente, mas ela não tinha espaço para o sofrimento dele, não quando lhe perguntavam se pretendia que induzissem o parto. Não, ela não queria ser induzida. Não, não queria uma cesariana. Só queria a sua bebé viva. Mas, no fim, aquiesceu a tomar um cocktail de comprimidos e 12 horríveis horas mais tarde a bebé Annabelle nasceu. Naturalmente, era perfeita — a cara chapada da mãe, desde as covinhas ao cabelo preto grosso —, de tal maneira que parecia um anjo adormecido, a dormir uma sesta antes de descer ao mundo. Aqueles momentos foram tremendamente preciosos, mas até esses foram manchados pelos sons das outras mães na sala de partos, sonoramente a darem à luz rebentos felizes e saudáveis.

Umás horas mais tarde, Annabelle partiu. Levada para a morgue do hospital. Adam permanecera nessa noite no quarto de Faith, mas nenhum deles pregara olho. Nem conseguiram sequer suportar percorrer os corredores com receio de depararem com mães, bebés ou enfermeiras, sem que nenhum deles soubesse sequer para onde olhar. Faith podia ter ficado mais tempo no hospital — os médicos desejavam que ficasse para a poderem vigiar, tendo em conta o seu historial de depressão —, mas desejara voltar para casa. Acabaram por lhe dar alta aos cuidados de Adam, com uma receita de Tramadol e uma série de acompanhamentos pós-operatórios agendados.

Não se revelara fácil regressar a casa, observando Adam discretamente a guardar o saco de fraldas e roupa de bebé por usar nos arrumos, passando em frente à porta fechada do quarto de brincar, mas fora melhor do que ficar naquele lugar horrível.

E ali ficara, a sonhar com Annabelle, depois despertando para a terrível realidade. Mal distinguia a noite do dia, não comera muito,

mas o que era suposto fazer? Como lidar com algo assim? Adam não se atrevera a sugerir que iria melhorar, que se iria curar, mas sabia que ele planeava arranjar-lhe ajuda. Não se mostraria ingrata — funcionara antes e ela necessitava imenso —, mas ainda era demasiado cedo. Ainda não se encontrava preparada para expressar a sua aflição.

Esperou que a presença no estúdio pudesse despertar alguma migalha de interesse ou energia, um desejo, quiçá, de expressar a sua dor de forma abstrata. Mas, na verdade, estar ali redundava no efeito oposto. O autorretrato parecia provocá-la, com a sua expressão melancólica e feliz, aparentemente ignorante do facto de ela ter dado à luz a morte. Erguendo-se, pousou um pano sobre o retrato, escondendo-o da vista. Já não a representava nem à sua vida — parecia-lhe errado e falso. Agora, tudo mudara. A sua bebé, a sua adorável menina, morrerá.

E parte dela também morrerá.

— A minha história não é muito notável. De início, era drogas e comprimidos, o habitual, mas no ano passado tive uma experiência que... que me deixou tremendamente traumatizada. Depois disso, bebi mais... e acabei por começar a tomar heroína.

Ela tinha razão, pensou Kassie para si mesma, ao observar o punho coçado da sua manga, apanhando uma linha solta. A história desta rapariga era igual a todas as outras — as quedas no abuso de substâncias, depois trauma pessoal, depois drogas duras, depois esgotamento. Não é que Kassie não sentisse pena — sentia compaixão por toda a gente que passasse por um mau bocado e sabia que as drogas podiam tomar conta da vida de uma pessoa —, a questão era ser tão previsível, tão deprimente.

A rapariga era a terceira oradora do dia. A conselheira — como se chamava? Rachel? Rebecca? — estava determinada a que toda a gente desfrutasse da sua oportunidade. Mas as histórias começavam a confundir-se umas com as outras. Kassie sabia que devia prestar atenção, mostrando sentimentos e anuindo com a cabeça em momentos-chave, mas a verdade é que não queria ouvir. A rapariga descrevia um incidente familiar que a levava ao consumo de drogas pesadas, mas nesse momento Kassie não tinha a capacidade de absorver as dores de terceiros. Não queria ali estar. Já antes tentara grupos de Narcóticos Anónimos e só marcara presença para honrar a promessa feita a Adam. Também não desejava partilhar a base do seu

trauma. De maneira nenhuma conseguiria fazê-lo sem cair no ridículo e, de qualquer modo, não pretendia abdicar das drogas. Às vezes, sentia que era a única coisa que a mantinha sã.

— E há quanto tempo estás limpa?

A conselheira gentilmente fazia avançar a conversa, mudando o foco da rapariga do passado doloroso para o sucesso presente e objetivos futuros. Kassie recuou um pouco para dentro de si mesma, enfiando a mão no bolso para descobrir o oitavo de cânabis que lá escondera. Deixou que os dedos bailassem sobre o saquinho de plástico, reconfortada pelo seu volume e divertida com a sua rebelião em levá-lo para ali.

— Sinto-me muito grata. Sinto-me muito grata a todos vocês pelo apoio e encorajamento...

A rapariga começar a chorar. Se Kassie pudesse ter tapado os ouvidos com os dedos, tê-lo-ia feito. Sabia que estava a ser injusta, mas o seu estado de espírito, tal como estava, já era frágil.

— Vamos fazer uma pequena pausa — disse a conselheira, enquanto a rapariga limpava os olhos. — Mas, primeiro, seria bom ouvir o nosso mais recente membro.

Kassie foi despertada dos seus pensamentos, alarmada por esta súbita mudança no rumo da conversa.

— Bem-vinda, Kassie.

O grupo murmurou, em conjunto, uma saudação calorosa.

— O que gostarias de partilhar hoje connosco? — prosseguiu a conselheira, com veemência.

Kassie agarrou o punho, arrancando o fio. O que ela desejaria era estar longe dali. Sentiu os outros a olhar para si — de repente, sentiu-se quente, desconfortável, claustrofóbica.

— Kassie?

A conselheira — Rochelle, era esse o seu nome — fitava-a suplicantemente, mas Kassie continuava a evitar o seu olhar. Começava a sentir-se zozna, até um pouco enjoada — porque é que nestes lugares nunca abriam as janelas? —, e havia uma dor pesada a atormentar-lhe a cabeça.

— Sem pressa. Mas todos têm de participar. Portanto... quando estiveres pronta, conta-nos as tuas experiências.

As palavras dela começavam a tornar-se indistintas. O coração de

Kassie batia muito depressa, sentia o suor a deslizar-lhe pelas costas. Queria fugir, irromper da sala apinhada para o ar puro, mas algo a detinha. E agora, apesar de ter tentado evitar o escrutínio, Kassie sentiu-se compelida a olhar para quem a interrogava.

Deu luta — deu luta com todas as suas forças —, mas não conseguiu evitá-lo. Lentamente, levantou a cabeça, fitando Rochelle diretamente nos olhos.

A sala de operações fervilhava de atividade. Ao longo dos últimos dias, aumentara progressivamente a quantidade de analistas, operacionais e inspetores que preenchiam a cavernosa divisão, conforme era trazido mais poder de fogo para resolver este caso perturbador. Por norma, os pedidos de recursos extra eram pura e simplesmente rechaçados com vigor por Hoskins, mas não desta vez, tal a pressão vinda do topo para que se obtivessem resultados. O contínuo fascínio do *Tribune* por este caso não ajudava em nada e uma emotiva conferência de imprensa por parte da enlutada noiva de Jones apenas acrescentara mais achas à fogueira. Entre os *media* e o público em geral reinava o consenso de que a CPD andava a arrastar os pés nesta investigação.

O olhar de Gabrielle estava preso ao telefone — acabara de receber um lembrete da parte do marido sobre um jogo de basebol na escola mais tarde —, mas não necessitava de mirar a sua equipa para ter uma noção da energia na sala. Se os opositores pudessem ali estar agora, a vê-los a telefonar, a perseguir pistas, a analisar, então teriam uma perspectiva muito diferente dos esforços do departamento.

— Chefe...

Gabrielle virou-se e viu Miller a aproximar-se.

— Acho que posso ter algo para si.

Gabrielle enfiou o telemóvel na carteira.

— Força...

— Podemos?

Miller apontou para o gabinete de Gabrielle e entrou. Gabrielle seguiu-a, espreitando fugazmente pelo caminho para Montgomery, que rondava por ali. Parecia desconfortável, até um pouco abatida, deixando Gabrielle a pensar se teria sido efetivamente ela a desenterrar esta pista. No entanto, a política do gabinete teria de esperar — aquilo de que precisavam agora era de boas informações.

— Temos andado a ligar para empresas de construção e de limpezas, firmas de mudanças — começou Miller, enquanto Gabrielle passava por ela, pousando a bolsa sobre a secretária —, para verificar se alguém que encaixasse na descrição do Redmond trabalhou lá nos últimos seis meses. E descobrimos isto...

Passou a Gabrielle uma cópia enviada por fax de um formulário de emprego de uma empresa chamada CleanEezy.

— Quem são eles?

— Limpam alcatifas, cortinas, esse tipo de coisas. Este tipo tem lá trabalhado ocasionalmente como freelance nos últimos cinco meses.

Gabrielle olhou para o nome no formulário — Conor Sumner — e depois para a fotografia anexa. Era uma imagem pequena a preto-e-branco, mas, a não ser que Redmond tivesse um sócio, era ele. O sinal de nascença era inconfundível.

— Foi verificado o endereço do formulário? — perguntou, ansiosa, Gabrielle. — 1566 West Lamont Street. Isso é Cicero? Forest View?

— Não existe — respondeu Miller. — A rua acaba no 1450. Mas nem é essa a parte interessante.

Gabrielle viu um vestígio de um sorriso a cruzar os lábios de Miller, conforme esta entregava à sua superior uma segunda folha.

Gabrielle observou o seu conteúdo — era uma cópia de uma fatura da CleanEezy. O seu olhar foi de imediato atraído pelo nome do cliente — Jacob Jones.

— Quando foi isto? — quis saber Gabrielle.

— Há dois meses. O Jones mandava lavar a alcatifa duas vezes por ano, gostava de manter a casa a brilhar. Nesta ocasião, o funcionário destacado para o trabalho...

— Foi o Conor Sumner...

O olhar de Gabrielle já incidia no nome de Sumner, impresso em

letras gordas na fatura da empresa.

— Então, dois meses antes de o Jones morrer — prosseguiu Gabrielle, pensando em voz alta —, o Kyle Redmond tem acesso ao lugar. A limpeza de alcatifa leva... o quê? Três, quatro horas?

A Miller anuiu com a cabeça.

— Um tipo ocupado como o Jones não ia ficar por lá à espera. Presumivelmente, o Redmond teria rédea livre. Para ir onde quisesse, para fazer o que lhe apetecesse. Talvez houvesse chaves de reserva...

Gabrielle abstraiu-se, com a sua mente a passar revista às possibilidades.

— OK, diz a toda a gente que largue o que está a fazer nas próximas horas — prosseguiu, de repente. — Temos de encontrar esse tipo *hoje*.

Miller saiu apressadamente da sala para tratar das ordens de Gabrielle. Todos os pensamentos no jogo de basebol do filho de Gabrielle desapareceram, quando a habitual adrenalina despertou. Cinco minutos antes, Redmond era um dos suspeitos que investigavam. Agora, saltara diretamente para o topo da lista.

Rochelle apressou-se a percorrer a rua, retirando um maço de cigarros da carteira. Parou para acender um, mas depressa retomou a marcha. Nunca gostara deste bairro — e pretendia distanciar-se da cena que acabara de presenciar.

Inexplicavelmente, sentiu-se envergonhada. Não fora ela a passar-se, nem a barafustar e a delirar, por isso, o que a levava a sentir-se tão estúpida? Não fora culpa *sua* — apesar de, obviamente, algo que dissera ou fizera ter transtornado a rapariga. Até então, as coisas haviam corrido... bem. Ela deliberadamente deixara algumas das outras raparigas partilharem primeiro, para evitar deixar no foco das atenções o novo elemento do grupo. Esperara que Kassie, que lhe parecera fechada e agressiva, relaxasse na sessão, percebendo que se tratava de uma prova de força, não de fraqueza, confidenciar com as outras o seu vício.

Tentara ser gentil com ela, dar-lhe todo o tempo de que necessitava. E, após algumas palavras de encorajamento, Kassie acabara por olhar para ela, como se fosse falar. Rochelle encarara isso como um sinal positivo... mas, na verdade, esse fora o momento em que tudo corria mal. Kassie olhara para Rochelle por um momento, parecendo estupefacta, para depois se lançar a ela, aos gritos.

Rochelle teve de dispensar o grupo e mandar as outras raparigas para casa. Chamara um táxi para Kassie, mas a adolescente recusara-se a ir, insistindo que necessitava de falar com Rochelle, para a *avisar*.

Avisá-la de quê, por amor de Deus? Rochelle talvez devesse ter ficado, mas, assim que o táxi apareceu, resolveu partir. A sua especialidade era terapia de dependência, não aconselhamento de saúde mental, e, além disso, para ser sincera consigo mesma, sentia-se assustada. A adolescente parecera incoerente, mas persistente, agarrando-se a Rochelle com se disso dependesse a sua vida. A rapariga na verdade magoava-a, pelo que Rochelle se desembaraçou o melhor que pôde e se pôs a andar dali para fora. Talvez tivesse sido cobardia, talvez fosse uma revogação do seu dever, mas já antes fora atacada em sessões e não era experiência que desejasse repetir. Assim que chegasse a casa, ligaria à equipa de assistentes sociais responsável por Kassie — era domínio deles, não seu.

Um ruído atrás dela levou Rochelle a virar-se. Algures a alguma distância, fora pontapeada uma lata que rebolava agora para a sarjeta. Pendurando a bolsa ao ombro, seguiu rapidamente caminho. A rua era intermitentemente iluminada e, tal como boa parte de Chicago, tinha vielas que nela desembocavam. De repente, Rochelle sentiu-se assustada e sozinha.

Estugou o passo, avançando para a estação do «L». Não desejava correr — dissera a si própria que estava a ser paranoica e que era desnecessário. Na realidade, era por temer que, se *desatasse* a correr, alguém irromperia das sombras atrás dela, em sua perseguição. Repreendeu-se pela sua própria estupidez, mas era inegável o modo como se sentia. Estava mesmo com os nervos em franja.

Outro ruído atrás de si. Sem abrandar a passada, rodou o pescoço. Para seu horror, detetou agora quem a perseguia. Era Kassie.

Rochelle atrapalhou-se a andar, espantada, por um segundo, depois virou-se e correu para a estação do «L» ao fim da rua. A adolescente olhara diretamente para ela, apressando-se na sua direção — não poderia haver dúvidas de que era perseguida. Algures atrás dela, Rochelle ouviu um grito, mas não se deteve, correndo rua fora, com a sua pesada bolsa a embater-lhe no flanco enquanto corria.

Estava a cem metros do «L», agora a cinquenta, agora a vinte. Ouvia passos pesados mais atrás, pelo que não hesitou, batendo com o bilhete no torniquete, antes de correr para a escadaria da estação e subir três degraus de cada vez. Enquanto o fazia, ouvia o matraquear habitual, sentiu as vibrações debaixo dos pés — aproximava-se uma

composição do metro.

— Rochelle, espere!

A sua perseguidora saltara as barreiras e estava ao fundo das escadas, sem fôlego e com um ar demencial. Rochelle voltou-se e correu pela plataforma quando a composição se deteve. Virando à esquerda, abriu caminho por entre a pequena torrente de passageiros a desembarcar, mergulhando para uma carruagem à retaguarda da composição.

— Vá lá, vá lá — murmurou, ansiando pelo fecho das portas.

Parecendo ensaiado, o alarme soou e as hidráulicas suspiraram. Nesse preciso momento, a sua perseguidora chegou à plataforma. Passando rapidamente os olhos pelo lugar, a rapariga tresloucada lançou-se para a composição, no preciso momento em que as portas começavam a fechar-se. Quando ela o fez, Rochelle tomou uma decisão instintiva, saindo propositadamente da carruagem. As portas uniram-se e, para grande alívio de Rochelle, viu que a sua perseguidora estava agora presa no interior.

O metro partiu, deixando Rochelle sozinha na plataforma, presa no olhar da rapariga, que tinha agora o rosto colado à janela. Rochelle, sem fôlego e aliviada, viu-a a afastar-se, mas, ao mesmo tempo, a sua atenção foi atraída para a composição na outra linha, agora a chocalhar na direção oposta. Sem hesitar, Rochelle apressou-se a descer as escadas, passando a grande velocidade pela passagem subterrânea e subindo para a plataforma adjacente. Apanhar a composição prestes a parar levá-la-ia na direção errada... mas levá-la-ia para mais longe *dela*. Além disso, havia uma praça de táxis na estação seguinte e hoje estava disposta a pagar o custo de uma travessia completa da cidade.

Agora, mais do que nunca, só queria chegar a casa.

Adam estava de pé no consultório, sufocado pelo silêncio. Trabalhava nesta bem equipada suíte já há alguns anos e vivera muitas experiências interessantes e surpreendentes; até tivera de perseguir um paciente adolescente pela rua fora, depois de ter jurado matar o presidente da câmara (que era um extraterrestre mascarado de humano). Houvera muito barulho, muitas lágrimas, confissões, acusações e discussões, mas agora o lugar parecia sem vida.

Adam não desejara estar ali — Faith praticamente expulsara-o de casa —, mas ao fazer a curta viagem de carro até ao consultório sentira-se um pouco mais animado, esperando que ali, a lidar com coisas do trabalho, isso pudesse funcionar com uma distração face ao sofrimento dos últimos dias. Mas, ali parado, a ouvir o serviço de gravação de mensagens, ao ver a sua caixa de correio eletrónico a rebentar pelas costuras, na realidade sentiu-se pior, com a culpa de ter deixado Faith sozinha a juntar-se à sensação de também ter abandonado os seus pacientes.

Mas, na prática, não tivera alternativa, claro. Faith esforçava-se tremendamente para processar o que lhes sucedera, e, com toda a honestidade, também ele. Ele tinha conhecimentos médicos, sabia como funcionava o corpo humano... mas, mesmo assim, um nado-morto era algo que lhe parecia profundamente *errado*. Era um beco sem saída horrível e chocante. Todas as esperanças deles para o futuro, todas as imagens que formaram de uma bebé saltitante e feliz

pareciam-lhe agora embustes cruéis. A excitação fora-se intensificando mês a mês para depois redundar em sofrimento, choque e dor.

Sentia-se como um homem que pisa os escombros da vida. Faith estava em casa, a partilhar da dor dele, mas ali havia imensas outras pessoas, os seus ficheiros na sua secretária, os e-mails a acumularem-se dia após dia, que também lutavam. Pessoas psicóticas, deprimidas, suicidas ou talvez timidamente a caminho da recuperação. Pensava agora ter compreendido a dor delas com um pouco mais de clareza, apesar de isso não o fazer sentir-se melhor.

Um cão ladrrou na rua, lá fora, despertando Adam dos seus pensamentos. Bebendo um último gole do café já frio, sentou-se à escrivaninha e começou a responder às mensagens dos pacientes. Durante uns dias, depararam ou com um atendedor de chamadas ou com uma mensagem de e-mail de ausência do trabalho, nenhuma das quais explicando a razão para este súbito desaparecimento. Agora teria de se explicar, mas dado que a maioria dos seus pacientes nada sabia da sua vida privada, conseguiu safar-se com uma simples «emergência familiar». Sentiu que parecia uma fraude — era bem pior do que isso —, mas poupou-o a ter de divulgar mais.

Avançando pela lista, depressa deparou com Kassie. Passou pelo nome dela, para contactar um par de pacientes mais abaixo na lista, mas depressa lá regressou. O que deveria ele fazer? Dissera que a ajudaria, mas depois desaparecera da sua vida. Em parte, ainda queria ajudá-la, apesar do que ela lhe dissera da última vez, apesar de ele se sentir algo ressentido por o ter impedido de estar com Faith durante a sua terrível provação. Mas teria ele agora resistência emocional? Já se sentia suficientemente culpado por estar meia hora longe de Faith. Desfeito, passou o dedo pela lista, buscando outro caso, menos complicado.

O intercomunicador zumbiu furiosamente, assustando-o. Atravessando a porta, pegou no auscultador e olhou para a imagem tremeluzente no pequeno ecrã. Reconheceu-a imediatamente. Kassie olhava para o chão, balançando levemente para trás e para a frente, mas agora olhava para a câmara. O primeiro instinto de Adam fora pousar o auscultador, fingir que não estava ninguém. Mas pareceu-lhe infantil, e a expressão de Kassie era de tal ansiedade que deu por si a abrir-lhe a porta.

Regressou à escrivaninha e esperou, escutando o rangido das tábuas do soalho enquanto Kassie subia as escadas. Momentos depois, ela estava diante dele, afogueada e agitada.

— Tenho tentado ligar-lhe.

— Desculpa, Kassie, tive de tirar uns dias. Está tudo bem contigo?

— Sim. Não...

— O que se passa? — questionou cautelosamente Adam, surpreendido com a facilidade com que era possível retomar a dinâmica médico/paciente.

Kassie fez uma pausa, recuperando o fôlego e tentando acalmar-se. Adam teve a distinta impressão de que não queria parecer demasiado «louca» diante dele.

— Aquilo voltou a acontecer...

Adam percebeu pela intensidade do olhar dela o que significava «aquilo».

— Fui à reunião dos Narcóticos Anónimos, como prometi... e vi. Pessoa diferente, a mesma coisa.

— Conta-me exatamente o que aconteceu.

— Não temos tempo. Temos de *avisá-la*.

— Kassie...

— O Adam conhece-a. A Rochelle... a líder do grupo. Não sei o último nome dela, nem onde mora, mas tem a morada dela, certo?

— É possível — respondeu evasivamente Adam. — Mas vamos lá tentar perceber isto. Diz-me o que se passou.

Kassie nitidamente queria sair já, mas o tom de Adam era firme.

— Fui lá — disse Kassie, impacientemente. — Quando chegou a minha vez de falar, olhei para a Rochelle e... vi aquilo. É a mesma coisa, exatamente a mesma coisa que com o Jacob Jones... Uma dor excruciante e aquele medo terrível e avassalador.

Adam olhou para ela, assustado com a alteração no seu comportamento.

— Não me lembro exatamente do que sucedeu depois... perdi-me um pouco, penso... a coisa seguinte de que me lembro foi de ela me ter chamado um táxi e de correr porta fora. Fui atrás dela.

— Tu seguiste-a? — questionou Adam, incrédulo.

— Sim — respondeu Kassie, desalentada. — Segui-a até ao «L», mas ela deu-me a volta.

— Kassie...

— Que mais haveria de fazer? — protestou ela. — Ela vai morrer *esta noite* e não faz a menor ideia.

— Temos de conversar sobre isto, Kassie — pressionou Adam, impondo-se à tentativa de interrupção de Kassie —, mas se isso te deixa mais segura, ligo à Rochelle. Peço desculpa pelo que aconteceu hoje, verifico se está bem...

— Não, temos de lá ir. Ela tem, no máximo, umas horas.

— Como é que podes saber?

— Porque é o que *vejo* — insistiu Kassie, agora visivelmente zangada. — Sei como as pessoas morrem, sei *quando* morrem. É hoje, acredite em mim, ela vai morrer *hoje*.

— Kassie, já falámos disto. Não tens nada com isso. O *teu* trabalho é livrares-te das drogas e concentrares-te em arranjares melhor...

— Acha-me maluca.

— Não. Não gosto dessa palavra e nunca a diria em relação a ti...

— Olha para o meu registo, o meu... historial e... e classifica-me como...

— Não. Nunca o faria.

— Então tente compreender que isto é real. Está a acontecer. Disse que me ajudaria, que iria comigo.

— E hei de ir. Mas pensa nisso um bocado, Kassie. Disseste-me antes que tudo o que «vês» é definitivo. Que diferença pode fazer a tua intervenção?

— Tenho de fazer algo. Não posso abandoná-la àquilo.

— Mesmo se não vais fazer a diferença?

— Talvez faça. Talvez possa salvá-la.

Ela olhava-o com uma expressão desafiadora, o peito a elevar-se, enquanto tentava conter as emoções.

— E se não a posso ajudar... então, talvez possa ajudar-me a mim mesma.

Foi dito com hesitação, até com algum receio. E agora Adam entendia. A sinistra previsão de Kassie da morte dela continuara a ocupar a mente de Adam, apesar da sua recente perda. Percebia agora que o desejo de Kassie de «salvar» Rochelle era estimulado tanto por interesse próprio como por pura humanidade. Se ela conseguisse subverter uma das suas visões, lograria provar que o seu «dom» era

falível, então, quiçá, conseguisse dar a volta à sua própria sentença de morte. Era assustador ver como ela fora seduzida pela sua narrativa alternativa dos acontecimentos.

— Sei que isto te vai soar muito estranho, Kassie. E que te assusta. Mas, acredita em mim, vai ficar tudo bem. Primeiro, temos de te levar a casa, para poderes descansar, depois talvez possamos conversar sobre as tuas abordagens. Considerar, talvez, alguma medicação de curta duração...

— Por amor de Deus...

— Mas eu disse que ligava à Rochelle. Podemos fazê-lo já.

— Temos de lá ir.

— Temos?

— Sim, eu tenho 15 anos, Adam.

— Mas não devias afastar-te de mim? — replicou Adam, com um tom de voz a denotar uma irritação crescente. — Se o que dizes é verdade...

Era um argumento básico e pouco sincero, mas não ocorreu a Adam outra forma de lhe afetar a crença.

— Talvez — reconheceu ela, calmamente. — Mas é a única pessoa que alguma vez esteve disposta a ouvir-me, a levar-me a sério, por isso... talvez tenha havido alguma razão para nos juntarmos. Se eu me enganar, ambos perdemos. Mas, se conseguirmos salvar a Rochelle, se conseguirmos impedir que isto aconteça...

Adam nada disse, silenciado pela provocação.

— Por favor, Adam. Sei que não acredita em mim. Sei que pareço louca. Mas tem de confiar em mim. Não tenho a quem mais recorrer.

— Não sei se é a melhor altura.

— Não lhe volto a pedir mais nada. Se estiver enganada, estou enganada. Nunca mais falo do assunto. Mas não estou. Ela vai ser morta agora, esta noite, se não fizermos nada.

Adam observou a adolescente inquieta e determinada à sua frente. Pensou na mãe dela, nos polícias e professores que a depreciaram, na força da sua doença, na promessa dele de a ajudar... e, depois, pensou em Faith, nas suas lágrimas, na sua dor amarga, e na bebé silenciosa que ele segurara nas mãos.

— Lamento, Kassie.

— Por favor...

— Gostaria de ajudar, mas neste momento não posso...

— Faça apenas isto por m...

— Não.

Saíra obviamente mais duro do que ele pretendia, pois levava Kassie a retrair-se. Suavizando o tom, avançou um pouco na direção dela.

— Tenho de ir ter com a Faith.

Kassie olhou, mal crendo no que ouvia.

— E tu tens de ir para casa. Ligo-te daqui a uns dias, ou, se quiseres falar com alguém hoje, posso indicar-te um colega que...

— Prometeu-me que me ajudaria.

— Kassie faço o que posso, mas...

— É um mentiroso.

Kassie rodou sobre os calcanhares, furiosa.

— Kassie, por favor, espera. Deixa-me levar-te, eu...

Ela bateu a porta com força, deixando-o sozinho.

Ela desligou o motor, tal como os faróis. Pouco antes, haviam iluminado a sombria vista urbana da South Morgan Street, uma faixa de armazéns e caravanas em forma de U nas margens do braço sul do rio Chicago, mas, agora, as construções estavam perdidas na penumbra.

— Pronta? — perguntou Gabrielle a Miller.

— A cem por cento — respondeu, animada, a adjunta, dando palmadinhas no coldre sob o colete.

— Vamos com calma. Só queremos falar com o tipo — avisou-a, com gentileza, pegando numa lanterna e saindo do carro.

Foram necessários uns quantos telefonemas, mas acabaram por descobrir um colega dele da CleanEezy que disse pensar lembrar-se da rua onde Redmond tinha a caravana. Verificações posteriores revelaram uma unidade na margem do rio alugada três meses antes, usando um dos nomes falsos preferidos de Redmond. Agora surgia à vista, empoleirada sobre a margem do rio, enquadrada pela escuridão tremeluzente do rio Chicago.

Os olhos de Gabrielle rodaram à esquerda e à direita, enquanto avançou em silêncio, em busca de sinais de movimento, de eventuais perigos. Mas a rua, por norma movimentada e animada durante o dia, nessa noite apresentava-se com uma calma de morte. Abandonou o passo ao chegar junto à caravana e ergueu a arma, fazendo sinal a Miller para que se mantivesse atrás. Teria sido irresponsável ir ali com

tão pouca gente? Gabrielle equacionara fazer uma demonstração de força, avançando sobre a caravana isolada com uma equipa de agentes, mas decidiu o oposto. Redmond não passava ainda de um suspeito, disse a si mesma, e, além do mais, uma abordagem em força poderia alertá-lo para a presença dela, o que era a última coisa que Gabrielle desejava. Havia diversas rotas de fuga possíveis — o rio, o terreno com vegetação rasteira atrás da caravana —, e não podia a arriscar-se a deixá-lo escapar por entre os dedos.

A porta pesada da caravana estava muito bem fechada com três cadeados industriais, pelo que Gabrielle avançou até à janela mais próxima. Pretendia dar uma olhadela rápida ao interior, mas ao espreitar pela grade de metal viu apenas o seu ténue reflexo a devolver-lhe o olhar. Aproximando-se, reparou que alguma espécie de material, preto e impenetrável, tapava o interior da janela. Havia outra janela mais adiante, mas encontrava-se protegida da mesma forma. Não era um tipo de lugar que desse as boas-vindas a visitantes.

Gabrielle virou-se, pensando nos segredos que conteria. Ao fazê-lo, o seu olhar incidiu de novo no rio, que prosseguia no seu fluxo estável e serpenteante, e nas margens lodosas que o ladeavam. Curvando-se, Gabrielle ergueu o dedo depois de o passar pela lama e apontou-lhe a lanterna. Era de um preto profundo, tal como os restos secos nos pneus do *Lincoln* de Jones.

— Algum sinal de vida?

Gabrielle voltou-se e deu com Miller a aproximar-se com cautela.

— Até agora, nada — respondeu Gabrielle, limpando a lama do dedo.

— O que quer fazer?

— Não há muito que possamos fazer. Podemos observar o lugar, mas, mais do que isso...

Miller assentiu em sinal de concordância, após o que disse:

— Quer espreitar lá dentro?

Gabrielle franziu a testa.

— Sem um mandado, não.

— As janelas são velhas e instáveis — prosseguiu, impassível, Miller. — E há um monte de pessoal com mau aspeto nas margens do rio à noite...

Era evidente onde ela queria chegar. E era verdade que demoraria

um dia ou mais a obter um mandado. Mas apesar de Gabrielle querer muito saber o que haveria por detrás do exterior despido da caravana, não iria pôr em risco qualquer eventual acusação futura violando o protocolo.

— Quando fores um pouco mais experiente, inspetora Miller, vais perceber porque é que isso não é boa ideia. Mas valorizo o entusiasmo.

Miller pareceu desiludida, mas aceitou bem a repreensão. Virando-se, Gabrielle encaminhou-se de regresso ao carro, mergulhada nos seus pensamentos. Fora até ali na esperança de dar com o esconderijo de Redmond, mas partia de mãos a abanar. Havia certos indicadores que ligavam este sítio decrépito ao lugar do crime, mas não tinham provas evidentes de que Redmond usara a caravana. Tudo o que podiam fazer por ora era emitir um alerta geral por ele e esperar que um agente ou um cidadão com olhos de lince o avistasse.

Irritada, Gabrielle voltou a entrar na viatura e ligou o motor. Apesar de todos os esforços, não se encontravam mais perto do seu esquivo principal suspeito. Onde raio estaria Redmond? E, mais importante, o que andaria a tramar?

Rochelle fechou a porta, trancando o cadeado e pondo a corrente. Verificara uma e outra vez se não era seguida, mas, depois dos estranhos acontecimentos do dia, não podia arriscar. Deu uma volta rápida à casa, assegurando-se de que tinha as janelas fechadas e que as janelas francesas estavam trancadas. Dando com tudo em ordem, dirigiu-se à cozinha, afundando-se numa cadeira, aliviada, mas exausta.

Necessitava de uma bebida. Um shot de *bourbon*, um copo de vinho, algo que a acalmasse. Mas, enquanto pensava arrastar os ossos até ao frigorífico, recordou a decisão de ligar à equipa de assistentes sociais de Kassie. Suspirando, regressou ao *hall*, retirou o telemóvel da bolsa e passou a lista de contactos. Previsivelmente, tendo em conta a hora, a assistente social de Kassie não atendeu, mas Rochelle deixou uma mensagem breve e contida, realçando a sua preocupação e despedindo-se com a sugestão de conversarem pela manhã.

Cumprido o seu dever, Rochelle largou o telefone na mesa. Nesse momento, o aparelho lançou um sonoro bip — emitindo um alerta. As últimas horas tinham sido tão perturbadoras que esquecera que o seu programa preferido estava quase a começar. A bebida teria de esperar. Tomaria um duche rápido e depois ligaria a Kat, para lhe perguntar se queria passar por sua casa. Poderiam ver *Scandal*, comer gelado *Ben & Jerry's* e esvaziar uma garrafa de *Pinot*. Animada com este pensamento, Rochelle permitiu-se um pequeno sorriso e

depois subiu as escadas até ao quarto.

O olhar dele acompanhou-a enquanto ela entrava no quarto, pensando no que iria fazer primeiro. Já a observara em muitas ocasiões e descobrira que era uma criatura de hábitos. Por norma, ia à varanda fumar brevemente um cigarro, antes de despir a roupa de trabalho. Noutras alturas, deixava-se cair na cama e perdia-se a mexer no telemóvel, passando interminavelmente revista ao *Facebook*. Mas, se as coisas estivessem mal, se estava chorosa ou agitada, ia diretamente para o chuveiro.

Já se despia, abrindo o fecho do vestido e retirando-o. Do seu ponto de observação privilegiado no armário dela, espreitou pelas ripas, observando atentamente enquanto ela deixava cair o vestido no chão, para depois se sentar na cama para tirar os collants. Não temeu ser descoberto, pois ela deixava sempre as roupas no chão até se deitar. Uma pessoa mais exigente poderia ter-lhe dado trabalho, mas não ela.

Encontrava-se agora em roupa interior, um belo conjunto a combinar. Curvando as costas, desapertou o sutiã e depois despiu as cuecas. Depois, passou descontraidamente sobre a roupa interior descartada e entrou na casa de banho que havia no quarto. Pouco depois, ele ouviu a porta do chuveiro a fechar-se, e em seguida o gemido habitual dos canos quando a água começou a jorrar. Era um som que sempre o fazia sorrir, por razões que nem ele sabia bem explicar.

Contou até 50, controlando o seu desejo de se apressar a ir ter com ela, e depois emergiu silenciosamente do armário. Lançou um olhar para a casa de banho — a porta estava entreaberta, mas ele conseguia ver que o painel do duche estava bem coberto por vapor — e avançou cuidadosamente sobre a alcatifa. Assentando uma mão enluvada no puxador, abriu a porta completamente para trás. Entrando, verificou uma vez mais o seu progresso, pretendendo verificar se a sua chegada fora detetada. Contudo, Rochelle parecia alheada, murmurando baixinho para si mesma enquanto tomava banho.

Chegara a altura de fazê-lo, chegara a hora de agir, mas hesitou, incapaz de resistir à visão diante dele. Apesar de embaciada pela condensação, a visão que tinha à sua frente ainda lhe permitia distinguir a curva das coxas, o volume dos seios, o seu comprido cabelo louro suspenso atrás. Já se sentia a ficar excitado, mas não era altura para se deixar levar pelos desejos, pelo que deu um passo determinado na direção dela, fechando suavemente a porta da casa de banho atrás de si.

Adam deteve-se na soleira, enquanto enfiava a chave na fechadura. Tentava permanecer calmo e composto, mas de súbito apercebeu-se do seu nervosismo. Uma loucura, a sério; era a sua casa — a bela casa geminada à qual sempre regressava com entusiasmo — e agora sentia-se subjugado pela agitação perante o que poderia encontrar do outro lado da porta.

Sabia que era uma estupidez. Faith lutara com uma depressão em jovem, mas era agora muito mais resistente e não era dada a dramatismos, pelo que ele sabia que não iria deparar com algo muito mau. Era apenas a dor de a ver a sofrer. Nos últimos dias, ela parecera esvaziada pelo que suportara. Adam passara a vida a lidar com os problemas de terceiros — as emoções e as crises de absolutos desconhecidos —, mas lidar com a angústia de Faith revelava-se difícil. Achou bem complicado manter as emoções controladas quando a mulher que adorava desabava diante dos seus olhos.

Rodando a chave, entrou. Tudo parecia calmo, tudo parecia sossegado... só que agora ouvia a chaleira a ferver. Inexplicavelmente, este simples ato doméstico perturbou-o e correu para a cozinha, onde deu com Faith, envergando calças de treino e top, debruçada sobre o balcão.

— Tcharan! — brincou ela, com veemência, destacando o facto de estar vestida.

Ele tentou parecer jovial, mas saiu-lhe forçado. Via que Faith se

esforçava, mas o olhar dela revelava a sua dor.

— E não é tudo — prosseguiu ela, com um tom inescrutável ao voltar-se para preparar uma chávena de chá. — Hoje fui ao estúdio.

— Fantástico. Como é que...

— Demasiado cedo — foi a breve resposta.

— Claro, não há pressa. Um passo de cada vez.

Nos últimos dias, ele proferira tantas vezes esta derradeira frase que já soava a cliché. Faith não reagiu, voltando a pousar a chaleira na banca e passando-lhe uma chávena de chá.

— Como é que correu o teu dia?

— Bem. Tratei da maioria dos telefonemas de que precisava.

— Isso é bom.

— Ainda faltam uns quantos, mas tenho os números. Posso fazê-los daqui...

Adam calou-se, fazendo incidir marcadamente a atenção no chá. Decidira não contar a Faith o seu encontro com Kassie, mas ela ainda olhava para ele, à espera de mais.

— Está tudo bem? Pareces... tenso.

— Está tudo bem — respondeu, com firmeza.

— Então?...

Ela fitava-o diretamente, sem dar espaço para evasivas ou ofuscações.

— A Kassie foi visitar-me. Ao consultório.

— Certo — reagiu ela, circunspectamente. — O que queria?

Adam não soube bem como responder.

— Adam?

— Queria ajuda.

— Porquê?

— Teve outro episódio.

— Outra visão?

Adam assentiu com um encolher de ombros.

Não gostava dessa designação.

— E? Revelou-te quem envolvia?

— Sim.

— E então?...

— Então, nada.

— Como assim?

— Eu... eu mandei-a embora.

Ainda proferia as palavras e já se sentia envergonhado.

— O quê? — reagiu Faith, soando genuinamente chocada.

— Eu não queria... mas neste momento não posso envolver-me com ela. Já temos tanta coisa com que lidar...

— É trabalho...

— E depois?

— Depois, não tem nada que ver connosco e se não a podes ajudar...

— Eu disse-lhe que não podia, por isso não vale a pena discutir...

— Acho que devias reconsiderar.

— Porquê?

— Porque eu não sou o raio de uma bonequinha de porcelana.

As palavras saíram de rajada, duras e zangadas. Adam ergueu o olhar para a sua mulher, viu as emoções a fervilharem logo abaixo da superfície.

— Sei que tentas ajudar-me — prosseguiu Faith, esforçando-se por se recompor. — Mas já sou uma menina crescida. Eu aguento.

— Só quero assegurar...

— E ser tratada como uma criança *não* vai ajudar. Por muito merdosa que seja... a vida continua.

Adam não podia negá-lo. Por muito que tivesse desejado apagar o mundo nos últimos dias, a vida continuava a intrrometer-se.

— Então, se a Kassie está com problemas, se precisa de ti a ponto de te procurar no consultório... — Fitou-o diretamente nos olhos ao concluir. — ... então, tens de a ajudar.

— Senta-te, *kochanie*, e come alguma coisa.

Kassie esforçava-se por compreender a cena que tinha diante dela. A mãe estava sentada à mesa, muito bem arranjada com um belo vestido estampado às flores e um sorriso colado à cara. Diante dela havia um pequeno banquete — montes de acepipes polacos, é claro, mas também umas quantas delícias americanas que por norma não eram permitidas.

— Por favor.

Kassie sentou-se cautelosamente e começou a petiscar *Oreo*. Toda a situação era de tal forma encenada, forçada, que Kassie já estava a contar que a mãe sacasse de um belo rapaz polaco com quem ela haveria de casar, como um mágico a puxar um coelho da cartola. Contava com o habitual interrogatório, ou pelo menos com uma reprimenda, mas não com *aquilo*.

— Como é que correu o teu dia? Como foi a tua... reunião dos Narcóticos Anónimos?

A mãe até então evitara referir a sua última dose de aconselhamento contra a dependência, pelo que se tratava de mais um pormenor alarmante.

— Foi boa, obrigada — mentiu, atrapalhada.

Kassie regressara a casa abatida, dando voltas e voltas à cabeça a tentar perceber como poderia arranjar a morada ou o número de telefone de Rochelle. Não fazia ideia de qual seria o seu apelido, não

tinha amigas no grupo, e, depois da atuação desse dia, era altamente improvável que alguma delas desse ouvidos a Kassie. Não que a mãe soubesse — ou se importasse com isso.

— Como é que correu o *teu* dia? — prosseguiu Kassie, tentando desajeitadamente encetar uma conversa.

— Correu bem, obrigada. Fui à igreja depois do trabalho, por isso passei lá na mercearia e trouxe-te alguns dos teus petiscos preferidos...

— Obrigada — murmurou Kassie, pegando num garfo para se inclinar e espetar um sonho.

Kassie enfiou-o na boca, antes de se servir de uma fatia de couve recheada e de também a engolir. A mãe deixou-a comer por uns minutos, antes de retomar a conversa.

— Há dias falei com o padre Nowak...

O garfo de Kassie estacou a meio da viagem, enquanto se virava para a mãe. Agora sim, iam chegar ao que estava por detrás deste banquete.

— Lembras-te do padre Nowak?

— Claro.

Kassie sentiu-se tentada a acrescentar: «Como é que poderia esquecê-lo?», mas resistiu.

— Ele lembra-se bem de ti e gostava muito de te ver de volta à igreja.

— Pois, está bem — reagiu Kassie, de modo inconclusivo.

— Pensei que poderíamos ir hoje, depois de teres comido...

— Hoje?

— Começa uma missa daqui a uma hora. Chegávamos lá a tempo.

Ela já fizera as contas, provavelmente saberia exatamente a que horas apareceria o autocarro 22, pelo que, apesar de uma viagem à São Stanislaus Kostka ser a última coisa que Kassie desejava, não valeria a pena contrariá-la. Desconfiou que a mãe entraria em combustão espontânea caso recusasse e, além disso, poderia usar a missa como tempo para refletir — desse por onde desse, *tinha* de encontrar Rochelle.

A viagem através da cidade foi rotineira e não tardaram a entrar na igreja cavernosa que Kassie tão bem recordava da sua infância. A missa ia começar, pelo que se sentaram rapidamente, a três filas da

frente. No momento em que se sentavam, Kassie apercebeu-se de uma troca de olhares entre a mãe e o corpulento padre. Nitidamente, tudo isto era uma armadilha, montada por uma mãe preocupada e pelo seu benevolente confessor.

Kassie tentou reprimir a fúria crescente e concentrar-se no que era dito — devia, pelo menos, isso à mãe. Havia a habitual introdução do padre Nowak, depois a Invocação e a seguir a Liturgia, e daí a nada Kassie deu por si a baixar-se sobre a almofada da oração, quando se iniciaram as orações eucarísticas.

— O Senhor esteja convosco...

Ela cerrou os olhos e uniu as mãos com força, murmurando as palavras que lhe saíam automaticamente.

— E com a vossa alma.

Queria concentrar-se no significado, para ver se lhe dava alguma força residual, mas a sua mente desviava-se inapelavelmente para Rochelle, e sentiu dificuldade em concentrar-se. Um cotovelo nas costas sugeriu que a mãe se apercebera do seu alheamento — estaria a fazer barulhos? —, pelo que redobrou o esforço.

— Abençoado seja aquele que vem em nome do Senhor...

Mas agora apercebia-se de outra coisa, de outra distração. Estava a tocar o telemóvel de alguém. Não, era o *seu* telemóvel a tocar.

Pegou-lhe e olhou para o ecrã. Umas quantas pessoas tinham-se voltado para trás para olhar para elas e a mãe agarrou-a pelo pulso.

— Desliga isso — silvou a mãe.

Mas Kassie já se estava a desembaraçar dela. Era Adam Brandt a ligar.

Finalmente, alguém escutara as suas preces.

— Quando lá chegarmos, eu falo. Tu ficas no carro.

Kassie não pareceu contente com tal sugestão, mas encolheu os ombros mostrando concordância. Se Adam podia confiar nela para honrar este acordo, era outra história completamente diferente.

— O que é que vai dizer-lhe?

— Vou dizer que soube do incidente na sessão de hoje e que queria verificar se estava tudo bem, para pedir desculpa.

Adam conhecia Rochelle Stevens de a encontrar em vários seminários de trabalho. Não o suficiente para lhe ligar para casa, mas achou que não haveria problema, e se servisse para acalmar Kassie já valeria a pena.

— E a seguir? — cortou Kassie, interrompendo a linha de pensamento dele.

— A seguir, nada. Vamos fazer isto para te descansar, não para a assustar.

— Lá porque ela está bem, não quer dizer que mais logo esteja...

— Olha, não sei bem o que mais possamos fazer — replicou Adam, com impaciência. — A não ser que pretendas que a prenda.

Kassie ia responder, mas Adam apercebeu-se e falou antes.

— Por isso, seguimos o plano. Vamos ver se ela está bem e depois seguimos o nosso caminho. A tua mãe já se deve estar a passar.

— Eu lido com ela.

Adam não sabia ao certo como Kassie planeava fazê-lo e num

momento pouco cavalheiresco esperou que não arrastasse o seu nome para a confusão.

O que ele estava a fazer não tinha nada de profissional nem de ético — já para não referir que era imprudente.

— Cá vamos nós — disse, com firmeza, ao virarem para a Washington Close.

A rua estava tranquila e pouco iluminada, mas os números das casas eram bem visíveis e Adam contou-os de forma decrescente enquanto avançavam lentamente pelo alcatrão.

— Vinte... dezoito... dezasseis...

O n.º 14 surgiu à vista e Adam apontou o carro suavemente para a berma.

— Fica — disse, num tom de aviso, ao abrir a porta do condutor.

— OK, OK, não sou um cão — respondeu, irritada.

Adam não ficou para escutar o resto, fechando a porta do carro e afastando-se. A casa parecia sem vida, com tudo às escuras, com exceção de uma lâmpada acesa no primeiro andar. Esquecendo as incertezas, avançou rapidamente para a porta de entrada e tocou à campainha.

Soou, demorada e sonoramente, ecoando pela casa. A ansiedade de Adam era crescente — o que iria dizer-lhe? —, mas não havia indícios de movimento no interior. Voltou a tocar, desta vez mantendo o dedo a pressionar.

— Então?

Adam retirou o dedo e voltou-se para ver Kassie ao seu lado.

— Eu disse-te para ficares...

— Não há sinais dela?

— Que eu veja, não.

Esquecendo a porta da entrada, Kassie encostou a cara a uma janela. Estreitando os olhos, tentou ver na escuridão no interior.

— Vejo a bolsa dela. Trazia-a esta tarde. E o telemóvel está pousado na mesinha do *hall*, pelo que não restam dúvidas de que veio para casa.

— Talvez se tenha deitado.

— Não veio à porta. E não é nada tarde.

— Pode ter saído — ripostou Adam.

— Sem o telemóvel, nem a bolsa.

Kassie já avançava, encaminhando-se para a porta da garagem e tentando a maçaneta. Mas esta permaneceu trancada e inamovível. Adam lançou um olhar nervoso para o outro lado da rua.

— Kassie, sai daí.

Mas o seu aviso entre dentes de nada valeu. Em vez disso, Kassie voltou a avançar, contornado a frente da casa e desaparecendo por uma passagem na lateral. Farto de chamar as atenções, Adam abdicou de voltar a chamá-la e optou antes por segui-la.

Deu com ela no jardim das traseiras, a espreitar atentamente pelas janelas francesas.

— Fechadas.

Bateu à janela. Mas não despertou qualquer resposta vinda do interior. Adam voltou-se uma vez mais para ela.

— OK, por agora já fizemos tudo o que podíamos. Mando-lhe uma mensagem a pedir-lhe que me ligue de manhã...

Mas Kassie já trepava pelo peitoril.

— Kassie, o que estás a fazer?

— As janelas francesas só fecham em cima, por isso, se conseguir enfiar uma mão...

— E como é que pretendes...

Kassie aplicou uma cotovelada numa janelinha. Limpando os vidros, cobriu a mão com a manga e do lado de dentro abriu o ferrolho, antes de voltar a saltar para o solo. Abrindo a janela francesa com cuidado, virou-se para Adam e sussurrou:

— Não vem?

— Está alguém?

A voz de Kassie ecoou pelo interior da casa, mas sem obter resposta. Adam juntou-se a ela, passando cautelosamente sobre o vidro partido. Ela até contava que ele a agarrasse e a puxasse para fora, mas, lançando-lhe um olhar furioso, passou por ela e gritou:

— Rochelle?

O silêncio voltou a apoderar-se da casa.

— Rochelle, sou eu, Adam Brandt. Não há razão para receios, mas se estás cá, se calhar podias descer?

Não houve respostas, mas um leve rangido levou-os a espicaçar os ouvidos.

— Rochelle?

Ainda nada. Kassie entrou cuidadosamente na sala de estar. Estava às escuras e vazia, pelo que avançou até ao *hall*. O seu olhar incidiu de pronto na mala de ombro de Rochelle e no telemóvel e nas chaves na mesa. Estendeu o braço para lhes pegar, mas Adam pôs a mão sobre a dela para a deter.

— Não te metas em mais apuros do que já estás.

Exceccionalmente, Kassie acatou o que lhe foi pedido. Adam passou agora por ela, enfiando o nariz na pequena cozinha. Mas, ali, nada havia de interesse, pelo que, voltando-se, subiram as escadas até ao primeiro andar. O terceiro degrau rangeu de forma bem audível e, retraindo-se, Adam mudou de rota, mantendo-se na beira das tábuas.

Kassie seguiu-o de perto e em breve deram com eles no patamar do andar de cima.

Tinha ligação para apenas duas portas, ambas para pequenos quartos. Kassie entrou cautelosamente no primeiro, mas, ao acender a luz, deparou com um vulgar quarto de hóspedes. A cama estava feita com primor, havia roupa lavada recentemente pendurada num cabide ali ao lado e quando Kassie passou o dedo pelo gaveteiro junto dela, descobriu que se encontrava recoberto por uma fina camada de pó.

Virando-se, juntou-se a Adam no quarto principal. Ali havia fotografias emolduradas, uma cesta de roupa cheia e uma das portas do armário estava entreaberta, mas de resto o quarto encontrava-se arrumado e limpo. Adam abriu a porta do armário e Kassie voltou a sustar a respiração — uma estupidez, sabia ela, pois não contava efetivamente que lá se encontrasse alguém —, antes de virar costas para inspecionar o cesto de roupa. Não se espantou ao dar no cimo com o vestido que Rochelle usara durante o dia, além de um sutiã, cuecas e um par de collants.

Ao ver aquilo, Kassie sentiu-se inexplicavelmente tensa. Terá trocado de roupa e ido a algum lado? Ou fora atacada estando despida e vulnerável? Avançando, abriu a porta da casa de banho. Estava mais quente do que o quarto, e também algo húmida, mas, tal como nas outras divisões, tudo parecia em ordem. Não havia sinais de perturbação, nem de luta... nem de Rochelle.

— E então?

Adam juntara-se a ela. Kassie observou atentamente a casa de banho, não abrindo a boca.

— Ela não está cá, Kassie. Nem há nada fora do lugar.

— Ela obviamente veio a casa, tomou um duche...

— Como qualquer pessoa normal.

— Há aqui algo de errado. Porque haveria de sair sem a mala e sem o telefone?

— Talvez se tenha esquecido. Ou saiu para visitar um vizinho.

— Não acredito nessa.

— Olha à tua volta, Kassie. Não há sinais do bicho-papão.

Kassie lançou um olhar zangado a Adam — não gostou do tom — e afastou-se. Sabia que ele fora ali contrariado, mas não se sentia preparada para ser gozada.

Observou o lavatório, o espelho, o chuveiro. O painel ainda se encontrava húmido e, ajoelhando-se, passou os dedos pela superfície do tapete do chuveiro. Estava húmido — não, estava encharcado.

A mente de Kassie começou de imediato a trabalhar. Porque é que estaria tão molhado? Seria possível que Rochelle tivesse sido atacada enquanto estava no duche? Que o agressor tivesse usado o tapete para limpar a água que se espalhara? Ou teria ela percebido tudo mal? Seria o cenário diante de si completamente inocente? Independentemente da razão, não podia especular mais, pois sentiu a mão de Adam no seu braço.

— Já chega, Kassie. Está na hora de irmos.

Os lábios dela moveram-se em silêncio, mas inflexivelmente. De cabeça baixa, as mãos unidas, implorava por misericórdia.

A igreja de São Stanislaus encontrava-se agora deserta e Natalia era o único vulto solitário entre as filas de bancos vazias. Os fiéis haviam partido e o padre Nowak retirara-se para tratar de uns assuntos administrativos, para grande alívio de Natalia, tendo em consideração a súbita e imperdoável partida de Kassandra. Prometera trazê-la, nem que fosse obrigada, para a ajudar a restabelecer a ligação à igreja, mas as lacunas de Natalia em termos de controlo e autoridade ficaram cruelmente expostas com a desobediência da filha. Naturalmente, ninguém tecera comentários, mas Natalia sentia-se segura de que todos falavam dela — mais uma nódoa negra a marcar a família. Com isso conseguia ela lidar, estava habituada à bisbilhotice de donas de casa idosas, mas o que lhe pesara imenso fora o olhar de desilusão do padre Nowak.

A vergonha transformara-se em fúria, para depois passar a aflição. Tentara ser inflexível, tentara ser simpática, mas nada resultava. Sentiu-se impotente, sozinha, e não pela primeira vez amaldiçoou o marido por ter partido de forma tão prematura, deixando-a sozinha a batalhar pela vida. Tal como sempre acontecia quando atormentada por este tipo de pensamentos, voltou-se para Deus. Sempre fora uma cristã devota, angariando dinheiro para a igreja, participando em marchas pela paz, rezando ao Santo Pai todos os dias, e achou que não

seria abandonada na sua hora de infortúnio. Por isso, rezou intensamente, sem parar, formando com a boca as palavras que lhe trariam — e a Kassie — a salvação.

Mas, por algum motivo, nessa noite não estavam a surtir efeito. O vento intensificara-se com firmeza ao longo da missa, como acontecia com frequência em Chicago, assobiando por entre o enorme templo. A madeira rangeu, as portas bateram, as portadas rodaram sobre as dobradiças — durante a missa, o padre Nowak teve de subir o volume do microfone para se fazer ouvir sobre o ruído. Desde então, a ferocidade do vento simplesmente intensificou-se. Natalia não queria ser paranoica, mas pareceu-lhe que nessa noite, quanto mais rezava, mais violento se revelava o vento. Seria possível que Deus estivesse zangado com ela? Pelos seus erros? Pela sua fraqueza?

Pum! Uma portada a bater invadiu uma vez mais o interior da igreja, assustando Natalia. Ela ergueu a voz, proferindo agora as palavras em voz alta, combatendo a interrupção da natureza. Pum! Pum! A resposta foi rápida e violenta, com o volume a erguer-se um pouco mais. Agora, o vento guinchava pela igreja, buscando as aberturas e fendas minúsculas, agitando o hinário, soprando boletins informativos pelo ar. Cerrando os olhos com firmeza, Natalia não cedeu, implorando pela piedade de Deus, pela Sua orientação. Pum! Pum! Pum!

De repente, Natalia levantou-se, perdendo a coragem. Olhando em redor para as portas rangentes, as portadas a abanar, de súbito sentiu-se desmesuradamente assustada, como se corresse perigo, como se de repente a igreja pudesse colapsar sobre si mesma. Por momentos, sopesou chamar pelo padre Nowak, mas depois virou-se e fugiu pela saída.

Irrompendo na rua, foi de imediato empurrada para trás, açoitada pelo vento que rugia diretamente sobre ela. Começava a chover, com pingos gordos a cair com um salpico nos degraus de pedra diante dela. Envolvendo-se no cachecol, Natalia apressou-se rua fora.

Viera em busca de salvação, mas deparara apenas com fúria e violência.

— Era melhor ligarmos para o 911.

Adam e Kassie haviam regressado ao carro, depois de saírem de casa de Rochelle.

— E dizemos o quê? — questionou Adam.

— Que a Rochelle desapareceu.

— Não sabemos.

— A chave e o telemóvel estavam lá, o Adam viu. Porque é que os deixaria ficar?

Ela virou-se, cravando o olhar nele. Era um desafio direto — e um que ele teria de enfrentar, para o bem de ambos.

— Olha, Kassie, aos olhos da polícia ainda és uma pessoa de interesse no homicídio do Jacob Jones...

Kassie calou-se, parecendo confusa, e até algo perturbada, com esta informação.

— E eu sou um psicólogo complacente, que não devia estar a apaparicar-te. Irão dizer que não há provas de ter sido cometido um crime.

Kassie tentou interromper, mas Adam falou por cima dela.

— E teriam *razão*. Admito que o comportamento da Rochelle...

— O desaparecimento, quer antes dizer.

— ... é estranho. Mas não passa disso. A não ser que tenhamos provas concretas de que foi raptada ou de que lhe fizeram mal, a polícia não vai mexer uma palha.

— Então vamos simplesmente abandoná-la?

— Podemos voltar a tentar de manhã. Já pode ter voltado nessa altura.

— Nessa altura, já vai estar morta...

— Não sabes.

— ... e vai pesar na *nossa* consciência.

As palavras explodiram desde dentro dela, espantando Adam a ponto de se calar. Kassie estava enervada, ruborizada, e ele surpreendeu-se ao ver lágrimas a marejarem-lhe os olhos.

— Isto foi um erro — prosseguiu ela num tom acusatório, abrindo a porta com força.

— Não fuja, Kassie. É tarde... não devias andar por aí sozinha.

Contudo, ela não lhe deu ouvidos, saindo do carro.

— Pelo menos deixa-me levar-te a casa...

Mas as palavras flutuaram até desaparecerem na noite. Ela já ia a meio caminho pela rua fora, afastando-se o mais depressa possível.

Adam seguiu de carro para casa, tamborilando no volante. Sentia-se zangado e furioso — preocupado com Kassie, com Rochelle e, para ser sincero, consigo próprio. O que andava ele a fazer? Porque é que se voluntariara para ajudar Kassie, se nem acreditava no que ela dizia? Onde pretendia ele chegar? Se estava mesmo preocupado com o bem-estar dela, como sugerira Faith, então devia tê-la contrariado, convencendo-a a não ir atrás de Rochelle. Mas fracassara em grande nisto — a convicção de Kassie de que Rochelle corria perigo era sólida como uma pedra e ela estava determinada a fazer algo em relação a isso. Ela, pelo menos, não tinha dúvidas sobre a importância e a precisão do seu «dom», sobre a sua capacidade de ler o futuro.

Em privado, Adam resistira desde o início a acreditar nessa sua capacidade de previsão. Não só por ir contra a sua educação, os seus estudos, mas também por causa das implicações. Se Kassie tivesse razão em relação a Jacob Jones, em relação a Rochelle, se conseguisse prever com precisão o destino das pessoas, isso significava... o quê? Que ele era um assassino? Que ele a mataria?

A ideia era ridícula. Passara toda a vida a ajudar pessoas, a curá-las. Não era um homem violento. Mais do que isso, gostava de Kassie,

por isso, o que poderia levá-lo a fazer-lhe mal? Afastou tal pensamento, irritado consigo mesmo por pensar assim. Tinha de ajudar Kassie, não encorajar as loucas fantasias dela. Devia retomar a sua abordagem inicial, recorrendo aos meios que acarinhara ao longo de tantos anos para detetar a origem da psicose dela. Era essa a forma de a ajudar — não a brincar aos detetives a meio da noite.

Este pensamento animou-o um pouco enquanto estacionava em frente a casa. Fora uma noite inquietante, mas dali em diante as coisas seriam diferentes. Iria concentrar os seus esforços em tentar recuperar alguma normalidade — no trabalho, em casa, no seu coração.

Abrindo a porta da frente, entrou em casa. Contava encontrar Faith ainda a pé — ultimamente andava a ver imensa televisão à noite, desde que regressara do hospital. Mas as luzes estavam apagadas e a casa fora envolvida pela escuridão.

Pousando as chaves na mesinha do *hall*, atravessou em passos leves a sala de estar, passando pela cozinha deserta em direção ao quarto. Também ali as luzes estavam apagadas e, entrando, Adam detetou a forma horizontal de Faith, envolvida pelo edredão. Obviamente, optara por se deitar cedo, mas não conseguiu perceber se isso seria, ou não, bom sinal. Ou ela não conseguiu enfrentar o mundo e recolheu-se na cama, ou por fim sentiu-se genuinamente cansada e tentava retemperar-se com uma boa noite de sono. Já lá ia algum tempo desde a última vez que algum deles desfrutara disso.

Ele despojou-se da sua roupa às escuras e enfiou-se na cama ao lado dela. Ela não se mexeu enquanto ele se instalava cuidadosamente do seu lado da cama. Escutou atentamente, na esperança de a ouvir respirar, subindo e descendo suavemente o peito. Mas não ouviu nada. Puxando o edredão até ao queixo, fechou os olhos e tentou afastar os pensamentos que lhe atormentavam a cabeça.

— Está tudo bem?

A voz dela sobressaltou-o. Convencera-se de que ela dormia.

— Com a Kassie, quero eu dizer.

— Falso alarme — respondeu, virando-se para ela.

— Ótimo.

— Foi para casa. Ter com a mãe.

Era mentira — não fazia ideia de para onde ela fora — e arrependeu-se de a ter proferido. A imagem que formou de mãe e filha

no lar familiar só podia ser penosa para Faith.

— Ainda bem que ela está OK — murmurou Faith, com a voz ligeiramente tensa.

Virou-se de costas para ele e nada mais disse. Mas Adam percebeu pelo leve movimento dos ombros, pela respiração intensa e silenciosa, que chorava. Por um momento, sentiu-se terrivelmente devastado, esvaziado pelo som da sua mulher em sofrimento, e depois obrigou-se a rolar para o lado e a envolvê-la com o braço. Por norma, tê-lo-ia passado pela barriga, mas desta vez pousou-a suavemente na coxa. Agarrou-a, esperando que fosse o suficiente para acalmá-la.

— Achas... achas que algum dia vamos estar prontos para tentar de novo?

Por momentos, Adam permaneceu mudo. De onde viera esta ideia? Ainda era demasiado cedo para pensar nisso. Ainda tentavam processar a enormidade da morte de Annabelle e, além disso, depois de tudo aquilo por que passaram para engravidar, parecia uma enorme montanha a escalar. Algo que só conseguiriam assim que tivessem ultrapassado a presente dor.

— Eu... não sei, Faith — respondeu, hesitante, consciente que deveria dizer algo. — Mas, talvez... primeiro precisemos de algum tempo?

O tempo não corria em favor dela. Faith já ia perto dos 40 anos e, dado o historial, estava tudo contra eles. Mas era igualmente verdade que nenhum deles estava no seu melhor estado mental para se envolver em algo que podia ser tão danoso, tão doloroso. Ainda assim, sabia que não era isto que Faith queria ouvir, com as suas palavras furtivas a soarem pouco convincentes e evasivas.

Adam aguardou, esperando — temendo — a continuação da conversa. Mas, para sua surpresa, Faith não respondeu. Em vez disso, virou-lhe costas e puxou o edredão até ao queixo. Relutante, ele largou-a e regressou ao seu lado da cama. Enunciara as palavras erradas. E desejava desesperadamente emendar as coisas. Mas nada poderia dizer-lhe que lhe aplacasse a dor. Por isso, limitou-se a ficar ali, junto à sua imóvel companheira. Marido e mulher, unidos na dor e no silêncio.

— Olhem só quem resolveu dar um ar da sua graça...

Gabrielle estava habituada às farpas bem-humoradas do marido e nunca se irritava com elas. Principalmente porque, em geral, a repreensão dele era merecida.

— Eu sei e peço desculpa... Ouvi dizer que o jogo não foi nada de especial.

— O teu filho mais velho fez dois *home runs* e o teu filho mais novo fez três.

— Caramba... — gemeu Gabrielle, atirando a mala e o casaco para uma cadeira e deixando-se cair ao lado de Dwayne no sofá. — Estou metida num belo sarilho.

— Acho que estamos a falar, pelo menos, de um videojogo. Possivelmente, de dois.

Ele levantou-se do sofá, beijando-a suavemente na testa.

— De qualquer modo, não foi assim tão mau. Tive de passar algum tempo com as mães, algumas delas são bem giras.

Gabrielle atirou-lhe uma almofada, mas ele já ia a caminho da cozinha.

— Vou buscar cerveja e batatas fritas, tu preparas a *Netflix*. Comes alguma coisa?

— As batatas chegam — respondeu Gabrielle, pegando no comando. Recostando-se no sofá, foi passando o menu até dar com *Quando nos Conhecemos*. Pouco depois, Dwayne estava de volta ao

lado dela, a fazer um brinde com um toque de garrafas enquanto a série começava. Gabrielle estimava estes momentos — pequenos oásis de normalidade numa vida recheada de stress, angústia e perigo. Sabia que o seu trabalho prejudicava o marido e os filhos, tal como a ela, para ser honesta, daí ser tão importante a oportunidade de serem um casal normal e feliz.

O episódio arrancou e Gabrielle esforçou-se por se deixar envolver. As peripécias românticas de Noah Ashby e do seu bando por norma proporcionavam-lhe a muito necessária fuga, mas nesse dia não conseguia deixar-se levar — não a largavam os pensamentos relacionados com a procura infrutífera por Kyle Redmond. Apesar de um alerta lançado por toda a cidade, ainda não havia sinais dele. Chicago era um lugar imenso, com quase três milhões de almas a percorrer diariamente as suas movimentadas ruas, mas seria possível *desaparecer* assim?

— Au.

O cotovelo de Dwayne acertou-lhe nas costelas.

— Concentra-te. Já não estás a trabalhar.

Retribuindo a cotovelada, obedeceu, concentrando-se no drama que se desenrolava no ecrã. Mas a realidade era que em casos como este *nunca* se larga o trabalho. Cada erro e cada demora contavam devido ao que poderiam implicar. Apesar de todos os seus esforços, não estavam mais perto de uma detenção, nem mais perto de encerrar satisfatoriamente este caso perturbador.

Algures, lá fora, um assassino calcorreava Chicago.

— Por favor, fale comigo...

A voz dela soou débil e prestes a soçobrar.

— Porque é que não fala comigo?

O homem mascarado ignorou-a, arrastando pelo chão um saco desportivo na sua direção. Desolada, Rochelle começou a chorar, com lágrimas salgadas e mucosidade a afetar-lhe a garganta maltratada. Nunca se sentira tão mal na vida — era como se tivesse estado envolvida num acidente de automóvel grave. Sentiu-se zozza e desorientada e era incapaz de rodar a cabeça sem que uma dor violenta lhe afetasse o pescoço, mas, contudo, sabia que essa seria a menor das suas preocupações. O seu raptor ainda não proferira uma palavra desde que ela chegara àquele lugar terrível e a cada segundo o terror aumentava.

Estava em casa, a libertar-se das preocupações de um dia perturbador, quando de repente o painel do duche se abriu. Mãos rudes agarraram-na e, antes de poder registar o que se passava, estava no chão da casa de banho, com as pernas despidas a escorregarem desesperadamente na tijoleira húmida. E depois aquela terrível sensação de sufoco.

Quando deu por si, ali estava, envolvida pela escuridão, nua e exposta, os braços e as pernas atados atrás, sentindo o encorilhado daquele plástico horrível por baixo dos dedos dos pés. Desorientada, aterrorizada, gritara sem parar, mas o raptor não reagira, continuando

imperturbavelmente a tratar dos seus assuntos. Envergava um macacão de trabalho e teria parecido um trabalhador normal se não fosse pela máscara de esqui que lhe ocultava as feições e o persistente e implacável silêncio.

— Por favor... — pediu ela de novo. — Diga-me o que quer! Tenho dinheiro... o meu pai tem dinheiro... O que é que *quer*?

O homem nada disse, mas pôs fim à sua busca. Endireitando-se, voltou-se para Rochelle. O espaço era escuro e acanhado, com uma única lâmpada de parafina a emitir uma luz ténue, mas o sangue dela gelou ao vê-lo. Na sua mão direita via-se um cutelo de talhante. A luz bruxuleante da lâmpada refletiu e dançou perversamente no reflexo da lâmina.

— Por favor, não me faça mal...

As lágrimas escorriam agora pelo rosto de Rochelle. O captor não reagiu, limitando-se a inclinar-se para avaliar a inquietação, antes de avançar para ela.

— Imploro-lhe...

Soluçava violentamente.

— Não me mate...

Deteve-se mesmo diante dela. Calmamente, passou a extremidade embotada do cutelo pela face dela. Ela sentiu o aço frio e cruel na pele.

— Sabes quem sou? — disse ele, entre dentes.

— Não, não faço ideia...

— Sabes o que faço?

— Não, não sei nada de si...

— Ótimo.

Elevou bem alto o cutelo, preparando-se para o cravar no crânio dela. Sacudindo-se para trás, Rochelle gritou de medo. Mas, para sua surpresa, o agressor baixou o braço, rindo-se baixinho só para si. Rochelle olhou para ele, lívida de espanto, com o coração a estrondear ao ritmo do terror que sentia. Naquele momento, contou morrer. Agora, temia que tivesse algo muito pior reservado para si.

Apercebendo-se disso, o homem baixou-se ao nível dela. O nariz quase tocava no dela. Sentiu cheiro a tabaco no hálito dele, o odor intenso a suor.

— Não vamos apressar isto, Rochelle — segredou ele.

Rochelle não conseguia falar. A maldade na voz dele, o brilho nos olhos, eram excessivos. Ela queria perder os sentidos, para que tudo aquilo acabasse, mas, cruelmente, o seu corpo não obedecia. Estava presa ao pesadelo.

— Vamos fazer isto com toda a calma...

— Por favor, não — gemeu ela.

— Bocado a bocado.

Afagou-lhe o cabelo com o cutelo. Rochelle quis vomitar — de repente, percebeu exatamente o que lá vinha.

— Começando por essa tua bela linguazinha.

O sol matinal infiltrou-se pela abertura das cortinas, iluminando um cenário sombrio. Natalia estava sentada sozinha na cama por abrir da filha, passando febrilmente pelos dedos as contas do seu rosário enquanto olhava para o chão. Estava zangada com a filha, envergonhada, ressentida, mas, acima de tudo, preocupada. Kassie não viera para casa nessa noite.

Que raio andaria ela a tramar? Onde estaria? Não tinha amigos com quem falar, nem familiares de quem fosse próxima; portanto, quem lhe ligaria? Ela nem pensara duas vezes, abandonando a igreja sem olhar para trás. Teria um namorado? Ou alguma amiga nova de um dos inúmeros grupos que frequentara ao longo dos anos? Ou seria possível que se tratasse daquele psicólogo, que até agora nada mais fizera do que encorajar Kassie nas suas alucinações, a ligar-lhe na noite anterior? Desconfiou desta última hipótese, embora, nesse momento, não tivesse forma de saber.

Levantando-se, Natalia aproximou-se das janelas, puxando as cortinas para o lado e observando a rua pela quinta vez essa manhã. Tendo esperado até às 2 horas, Natalia acabou por se deitar, recordando que Kassie já antes ficara na rua até tarde. Mas, quando o relógio avançou até às 4 horas, depois 5 horas e então 6 horas, Natalia desistira do sono, ligando uma vez mais para o telemóvel de Kassie, antes de se vestir e correr para a rua em busca de sinais da filha malcomportada.

Desiludida, refugiou-se no quarto de Kassie, na esperança de descobrir alguma pista quanto ao paradeiro dela, mas sem nada encontrar. Apenas as habituais peças de roupa suja espalhadas pelo chão, os manuais da escola desarrumados na secretária improvisada. E ali se deixou ficar à espera... na esperança de que Kassie reaparecesse. Mas não havia sinais dela. Estaria viva? Morta? Em apuros? Natalia achou que já saberia se lhe tivesse acontecido algo de mal, tê-lo-ia sentido nos ossos, e o facto de tal não ter acontecido deu-lhe uma migalha de conforto. Mas, para lá disso, não imaginava o que lhe podia ter acontecido. Deveria ligar à polícia? Certamente que não, depois de todos os problemas recentes com as autoridades. No mínimo, teria de contactar a escola de Kassie para dar conta da ausência dela — mas este não era um telefonema por que ansiasse. Tal como se encontrava a situação, já estavam debaixo do olho do diretor Harrison.

Natalia afundou-se na cama, de repente privada de forças e de esperança. E ao baixar-se para o colchão curvo, algo lhe chamou a atenção. Uma fotografia emoldurada ao lado da cama. Era de uma jovem Kassie com os pais, sorrindo abertamente com Wrigley Park a estender-se atrás dela. Um redemoinho de emoções remexeu-se no peito de Natalia — alegria, orgulho, arrependimento, tudo envolvido numa profunda tristeza. Esforçara-se tanto com Kassie. Sabendo muito bem que não era pessoa de demonstrar sentimentos, fizera de tudo para oferecer afeto à sua bebé. Vestira-a bem, alimentara-a bem, levando-a a dar passeios mesmo não tendo meios para tal. Após a morte de Mikolaj, é claro que fora ainda mais duro — teve de arranjar mais do que um emprego só para sobreviverem e com frequência sentira-se demasiado fatigada para lidar com a sua filha difícil e irreconhecível —, mas tentara, determinada a não repetir erros do passado.

A infância da própria Natalia fora complicada e solitária — a mãe era uma mulher perturbada que acabara por perder o juízo, mas não antes de ter criado seis filhos. Desde o início que tivera favoritos, e Natalia não era um deles. Aleksy, o rapaz louro de olhos azuis, e Emilka, a sua voluntariosa e encantadora filha mais velha, eram os meninos dos olhos dela.

Ambos morreram antes de chegarem à adolescência, mas,

enquanto estavam vivos, toda a gente tinha de esperar pela sua vez. Esta negligência deixara marcas em Natalia e ela empenhara-se em fazer as coisas de maneira diferente. Teve apenas uma filha, pelo que naturalmente foi mais fácil, mas tudo fez para que Kassie se sentisse desejada e estimada, ao mesmo tempo que a ensinava a viver a vida de um modo correto. A ser educada, prestável, obediente, respeitadora da igreja e dos seus antepassados.

E qual fora a sua recompensa? Desobediência, rejeição, isolamento. Tentara dar amor à filha, mas nada recebera em troca. Daí encontrar-se agora sozinha na cama dela — triste, perdida e assustada.

Nos seus piores pesadelos, Adam nunca se imaginara a ter de fazer isto. Tudo lhe parecia irreal — *horrivelmente* irreal —, e agora arrependia-se de ter aceitado carregar este fardo sozinho.

Na altura, parecera-lhe a coisa certa a fazer, a coisa lógica, mas a aprendizagem médica serve apenas para levar tudo mais longe. A lógica fria da doença e da morte, em princípio, é fácil de entender, mas difícil de sentir na pele. Pode ser complicado lidar com estranhos em sofrimento — Adam deu por si frequentemente em tal situação —, mas não é nada comparado com lidar com alguém de quem se gosta, a quem se ama. Adam ainda conseguia imaginar o rosto pálido e manchado por lágrimas de Faith, quando entrou a correr nessa noite na sala de partos, despejando as suas desculpas. Parecia espantada, inexpressiva, como se tivesse sofrido um acidente. Na realidade, estava em choque, ainda em negação face à possibilidade de a vida poder ser tão impiedosa, brutal e cruel.

Desde então, passara do choque para um desespero copioso e descontrolado, depois amargura e raiva, e agora... bem, onde é que ela estava agora? Esta manhã, mostrara-se solícita, talvez arrependida da estranha conversa da noite anterior, e, apesar de não terem falado muito, pelo menos deram as mãos, unindo-se, sem palavras, enquanto o Sol subia. A ele, pareceu-lhe que se encontrava agora mergulhada numa dor profunda, o que, a longo prazo, até podia não ser mau. Ele, teve de o admitir, não estava nem perto disso. Ainda se encontrava em

choque, com dificuldade em processar os acontecimentos que lhe haviam abalado o mundo nos últimos dias.

— Demore o tempo que precisar. Quando se sentir preparado...

Ergueu o olhar para a administradora do hospital, que lhe sorria com compreensão.

— Desculpe, eu...

— Não há pressa, doutor Brandt, não há qualquer pressa.

Sorrindo-lhe de um modo tenso, Adam olhou para baixo, para o formulário que tinha à sua frente, de caneta na mão. Era a mais simples das tarefas — uma simples assinatura na linha de pontinhos —, mas, de repente, pareceu-lhe a coisa mais difícil do mundo. O hospital necessitava da sua autorização para libertar o corpo de Annabelle e é evidente que ele a daria, mas hesitava. Estranhamente, fora buscar algum conforto ao facto de ela estar em segurança no Centro Médico da Universidade Rush, um hospital que conhecia bem. Assinando o documento, libertaria o pequeno corpo para que a agência funerária desse início ao triste processo — os preparativos do funeral, a cerimónia, o velório. E, de repente, não queria nada daquilo — tudo lhe parecia demasiado definitivo. Um ponto final gigantesco para as esperanças e sonhos de ambos.

As lágrimas ameaçavam brotar quando lhe surgiu na mente a imagem de Annabelle. Tinha-a aconchegada nos seus braços, olhava para ela com aquela expressão vidrada e benigna, como se tivesse desligado só por um minuto. Foi uma memória a que se agarrou, apesar de lhe causar uma profunda dor. Ali de pé na sala dos familiares ladeado por uma estranha bem-intencionada, Adam percebeu que ainda não interiorizara o seu infortúnio, que o desespero ainda esperava por romper. Mas não o faria ali, não diante de uma mulher que mal conhecia. Por isso, depois de escrevinhar a assinatura no formulário, devolveu-o.

Tinha de se manter forte. Por si. Por Faith. E também por Annabelle.

Ela não era nada como Kassie imaginara.

Desde a primeira vez que Adam Brandt se referira a Faith, Kassie traçara mentalmente um retrato da mulher do eminente psicólogo. Era arranjada, sofisticada, movendo-se num mundo ao qual Kassie era completamente alheia. Kassie imaginara-a a deslizar por uma imponente mansão de tijolo castanho, interessante, realizada, educada. A realidade era de certa forma diferente. A casa de Adam era impressionante, mas gira, e Faith não era minimamente delicada. Era graciosa, boémia, até um pouco desalinhada, de um jeito com tanto de insolente como de perturbada. Estava à porta, com o roupão descaído num ombro, fitando Kassie com algo que se assemelhava muito a irritação.

— Desculpe incomodar — disse de repente Kassie, baixando o olhar para o chão quando o seu discurso ensaiado se evaporou.

— Olhe, se está a vender algu...

— Procuro o Adam... o doutor Brandt. Sou Kassie Wojcek.

Silêncio. Kassie espreitou na direção de Faith e detetou nela uma alteração subtil na expressão. Reconhecimento, por certo, mas também algo mais. Surpresa? Curiosidade?

— Eu sei que não devia ter vindo aqui, mas ele não está no consultório e não atende o telefone.

— Não, ele teve de... — respondeu Faith, vacilando. — Teve de sair.

— Percebo.

De repente, Kassie não soube o que fazer. Ela já compreendera que se trataria de uma emergência familiar — calculou que fosse uma situação de luto, dado o ar soturno de Adam, um dos pais de Faith, talvez — e convencera-se de que se encontraria em casa, a confortar a mulher. Não traçara um plano alternativo na eventualidade de estar enganada. Balançou para trás e para a frente, a roer as unhas.

— Digo-lhe que te telefone?

A voz de Faith interrompeu-lhe a introspecção.

— Sim, por favor — murmurou. — E pode dizer-lhe que é urgente.

— Claro.

A conversa extinguiu-se — faltando a Kassie a sofisticação de saber o que dizer a seguir, deixou-se ficar à porta, indecisa entre ficar e partir. Cerca de uma hora antes, *feeds* de notícias locais no *Twitter* agitaram-se com rumores de que havia sido descoberto um segundo corpo e Kassie sentiu-se compelida a procurar Adam. Mas agora não sabia o que fazer a seguir. Desapontada e frustrada, virou-se para se ir embora, sentindo-se irritada por nada mais ter alcançado do que incomodar alguém em visível sofrimento.

— Olha, se quiseres, podes esperar.

Surpreendida, Kassie deteve-se e voltou-se.

— Ele deve voltar daqui a uma meia hora. Não está a planear ir hoje ao consultório, por isso, se é importante...

Kassie quis aceitar o convite, mas deu por si a dizer:

— Não é preciso. Não quero incomodar...

— Não faz mal, a sério.

Foi dito com gentileza, mas num tom firme. Kassie lançou-lhe outra olhadela rápida e surpreendeu-se ao ver bondade, até compaixão, na expressão de Faith. A percepção de uma alma em sofrimento a chegar à outra. Sorrindo em agradecimento, entrou na casa.

Cinco minutos depois, Kassie deu por si num estúdio espaçoso nas traseiras da casa. Tinham passado pela sala de estar, decorada com inúmeras fotografias de família e recordações de férias, rumando antes

diretamente à cozinha. Foi rapidamente preparado um café e dirigiram-se então às traseiras da casa, à gruta de Aladino de Faith.

Kassie nunca vira nada semelhante. A divisão estava recheada de esculturas, tapeçarias e bugigangas — Budas corpulentos encostados a fadas irlandesas e gatos da sorte chineses. Mas foram as pinturas que efetivamente a deixaram assoberbada. Havia-as de todos os tamanhos — algumas pequenas e pessoais, outras enormes e imponentes — e em muitos estilos diferentes. Todas eram retratos — alguns em cores elétricas, quase luminosos, outros desenhos a carvão, austeros —, mas todos capazes de atrair uma pessoa, desafiando-a a explorar a personalidade do sujeito.

— São todos seus? — deu por si a perguntar Kassie.

Faith olhou à sua volta, parecendo surpreendida por dar ali com as pinturas, e respondeu com descontracção.

— A-hã.

— São fantásticos.

Kassie percebeu que soava como uma fã descontrolada, mas não conseguiu conter-se.

— Quanto tempo levou a pintar isto tudo?

— Anos — respondeu Faith, desinteressada.

— Deviam estar expostos numa galeria. Ou numa loja — prosseguiu Kassie, tagarelando.

— Pois...

Faith soou alheada, como se os quadros não fossem seus, como se não fossem dignos do interesse de ninguém, muito menos do dela, e quando Kassie se voltou para ela, percebeu como se encontrava pálida a mulher de Adam. Parecia perdida, até vazia, e quando Kassie se permitiu observá-la melhor, reparou pela primeira vez na dilatação em redor da barriga. E, de repente, achou ter entendido o que desequilibrara o mundo deste feliz casal.

— Olhe, se calhar é melhor eu ir — disse Kassie, pousando a sua caneca de café.

— Não. Prefiro que aqui estejas. Quando estou sozinha é demasiado sossegado.

Kassie hesitou, sem saber se devia seguir o seu instinto de partir ou ficar e fazer companhia à sua abalada anfitriã.

— Perdemos uma bebé — prosseguiu de súbito Faith.

— Lamento.

— Às vezes, gosto de estar sozinha... é mais fácil... mas, noutras alturas...

Calou-se, tomada pela emoção. Kassie de repente formou uma imagem nítida de uma mulher tomada pela dor a vaguear por esta casa vazia, atormentada pelas suas esperanças por concretizar nas divisões sossegadas e livres de crianças. Instintivamente, deu um passo em frente e pousou uma mão no braço de Faith. Para sua surpresa, Faith agarrou-a, como se se agarrasse à vida.

— Deve ser o inferno — disse Kassie, sem pensar, afagando o braço de Faith com a sua mão livre, tentando dar algum consolo à perturbada mãe.

Faith assentiu com fervor, enquanto um par de lágrimas lhe escorreu pela face.

— É pior do que isso.

Kassie murmurou a sua concordância, sem saber como reagir. Faith tinha mais do dobro da sua idade, e a adolescente sentiu-se tremendamente como um peixe fora de água. Uma vez mais, pensou se seria melhor partir — Adam não iria ficar nada satisfeito por ela incomodar a sua esposa —, mas nesse momento Faith ergueu o olhar. Observou Kassie por uns momentos, como se ponderasse se deveria ou não falar, até que disse:

— Achas?...

Ainda hesitou, procurando respostas no rosto de Kassie:

— Achas que ela sofreu?

Kassie foi apanhada de surpresa pela pergunta, mas Faith olhava-a agora intensamente, como se ansiasse pelo conselho dela. Desorientada, desconfortável, Kassie baixou o olhar.

— Quando a Annabelle morreu, ela sofreu?

Kassie tentou manter-se calma, mas sentia-se desalentada, transtornada, a pisar terrenos instáveis.

— Por favor, Kassie... preciso de saber.

O que era suposto ela dizer? O que teria contado exatamente Adam sobre ela a Faith? Não fazia ideia do que vivera a bebé por nascer, não tinha nenhuma imagem dela, nenhum conceito da sua existência. Contudo, era tão evidente a necessidade de consolo de Faith, de auxílio, que Kassie se surpreendeu por responder:

— Não. Ela não sofreu nada.

E, para imensa vergonha de Kassie, Faith sorriu-lhe por entre as lágrimas.

Gabrielle sentiu a barriga às voltas.

Recebera o telefonema logo pela manhã, quando estava a deixar os filhos na escola. Era este o absurdo da sua vida — conversar animadamente com o diretor sobre os planos de Zack para a universidade num minuto, para no seguinte digerir o boletim confuso de Suarez. Saíra a correr para o local do crime — um clube de vela na beira do lago — na esperança de conseguir conter o incidente —, mas ao estacionar no parque de estacionamento a abarrotar percebeu que era uma esperança vã. Já havia agentes CSI no local, tal como agentes da CPD, e, para lá deles, um punhado de mirones e um crescente número de jornalistas.

O *Ford Ranger* abandonado estava no parque de estacionamento vazio. Emily Bartlett, a chefe dos serviços forenses, acabara de chegar ao local e juntou-se a Gabrielle enquanto inspecionava o conteúdo da mala. Já sabia com o que contar, mas nem por isso a visão deixou de ser extremamente chocante. Uma folha de plástico, carregada de sangue, contendo um corpo mutilado. O rosto lívido da vítima do sexo feminino parecia tolhido pelo horror, com a cabeleira comprida carregada de sangue seco tombada sobre uma ferida no pescoço horrorosamente profunda. Enojada, Gabrielle virou costas, indicando por gestos a Bartlett que prosseguisse com a sua investigação. Nesse momento, Miller apareceu ao seu lado.

— Quem é que a descobriu? — questionou Gabrielle, ainda com a

cabeça à roda.

— O gerente do clube de vela. O carro estava aqui quando ele chegou. Reparou que a mala não estava bem fechada, por isso...

— E temos alguma ideia de quem ela é?

— Para já, nada de identificação... obviamente — respondeu Miller, com cautela. — Mas o carro está registado em nome de uma Rochelle Stevens.

Uma hora mais tarde, Gabrielle e a sua equipa já tinham levado a cabo uma busca preliminar à elegante casa urbana de Rochelle Stevens. A proprietária trabalhava em terapia de dependências, pelo que Gabrielle assumiu que a casa seria financiada pelos pais, dado que não havia fotografias de um namorado ou marido. Havia pouca coisa fora do lugar na bem arranjada propriedade, mas uma janela nas traseiras fora partida e as janelas francesas estavam destrancadas. Se um intruso forçou a entrada, terá sido presumivelmente desta forma. A equipa do local do crime já instalara um corredor de passagem para evitar a contaminação da rota de entrada e esforçavam-se ao máximo a passar revista às superfícies em busca de fibras, células de pele, etc.

Gabrielle esperava fervorosamente que desencantassem algo, porque, além da janela partida, não havia sinais evidentes de desordem. Os móveis estavam nos seus lugares, as camas feitas, as toalhas penduradas direitas na casa de banho. A carteira, as chaves e o telemóvel da dona encontravam-se pousados na mesinha do *hall*, junto ao correio da véspera, e um saco de trazer ao ombro cinzento repousava no chão mais abaixo, contendo um bilhete da véspera do «L». O carro estava desaparecido — obviamente —, mas a porta da garagem encontrava-se fechada, pelo que, resumindo, não fora pelo facto de Rochelle não ter aparecido naquela manhã no trabalho, nada havia de evidente que ligasse a dona da casa ao corpo destroçado encontrado na mala do carro.

Com poucas provas concretas para seguir em frente, Gabrielle tratou de investigar o telemóvel da vítima. Nada havia de interessante nos e-mails ou mensagens recentes, pelo que Gabrielle avançou de imediato para a agenda. Esta foi mais esclarecedora. Rochelle era

nitidamente uma mulher que gostava de ter a vida organizada. Tudo estava agendado e planeado, até ao pormenor de ter assinalado a sua série de televisão preferida — *Scandal* —, à qual parecia assistir religiosamente todas as terças-feiras à noite. Na tarde de ontem, orientara uma reunião dos Narcóticos Anónimos e a sua bolsa e chaves encontravam-se ali, pelo que presumivelmente Rochelle dirigira-se diretamente a casa logo após a sessão... depois, desapareceu da face da Terra. Muito provavelmente, o último avistamento confirmado de Rochelle fora no grupo de reabilitação no Lower West Side.

Que era precisamente para onde Gabrielle se dirigia agora.

Adam guinou o volante violentamente para a esquerda, cruzando duas faixas de rodagem até um lugar de estacionamento vazio. Fez a manobra muito depressa e num ângulo louco, com os pneus a bater na berma, sacudindo-o no assento. A toda a volta ouviu buzinas, com automobilistas furiosos a vincarem o seu desagrado, mas ignorou-os. A sua atenção estava concentrada na voz na rádio.

«... pouco antes da sete da manhã. Segundo uma fonte próxima da investigação...»

Adam subiu o volume, com a mão a tremer ligeiramente.

«... o corpo foi profundamente mutilado e a garganta da vítima, cortada. Jacob Jones, um procurador do Illinois, foi assassinado de modo semelhante há menos de uma semana e lançam-se agora questões à investigação levada a cabo pelo Gabinete de Inspectores da CPD...»

As palavras deixaram Adam em choque, e tentou processá-las. Quando saíra da casa na noite anterior com Kassie, nada faltava, não havia sinais da ocorrência de um crime. Era possível, naturalmente, que os dois crimes não estivessem ligados, mas mesmo essa ténue esperança se extinguiu face às tristes notícias divulgadas pela jornalista.

«Ainda não foi facultada uma identificação oficial, mas soubemos que a vítima é do sexo feminino, tem 20 e muitos anos, residente na área de West Town. cremos que será conhecida das autoridades

devido ao seu trabalho em terapia de dependências, sendo que já residia em Chicago há algum tempo...»

O noticiário prosseguiu, com a jornalista a ir até onde se pode ir sem efetivamente dar um nome à vítima. Mas Adam sabia exatamente de quem ela falava. Rochelle Stevens estava morta, tal como Kassie previra. Como era possível? Adam compreendeu agora que se agarrara à esperança de que Kassie estaria equivocada, que Rochelle acabaria por aparecer, viva e de boa saúde, obrigando a adolescente a enfrentar as razões mais profundas para as suas «visões». Mas... e agora? Qual era o jogo de Kassie? O que sabia ela?

Pela primeira vez na sua vida de adulto, Adam sentiu-se à deriva. Inclinando-se para a frente, desligou o rádio, incapaz de ouvir mais. Um dia já de si difícil e perturbador tornara-se agora muito mais sombrio.

— Não é horrível? Uma mulher tão jovem. Com a vida toda à frente dela...

Madelaine Baines tinha uma agenda bastante preenchida nessa manhã — deixar a roupa a lavar, ir buscar as compras à mercearia, uma ida ao Phone Shack e ao Nail Bar —, mas algumas coisas eram demasiado importantes para deixar passar sem um comentário. Não se sentia segura de que o funcionário que a atendia partilhava dos seus sentimentos, estando ele ocupado a tratar da atualização do seu telefone, mas tal não a impediu de deixar bem claro o que sentia.

— Disseram nas notícias que ela tinha apenas 26 anos. Para acabar assim, na mala de um carro. Dizem que é a segunda vítima... Sabe, depois daquele pobre homem...

— Pois... — grunhiu o funcionário, enquanto tentava inserir o novo cartão SIM.

— Como é que ele se chamava? Jacob qualquer coisa?

Enquanto falava, Madelaine olhou em volta à procura de outra pessoa com quem conversar. Às vezes os homens eram tão inúteis... mas, nessa manhã, a loja estava vazia e não havia outros funcionários que partilhassem o choque com ela. De qualquer modo, nem deveriam ser destas bandas e não compreenderiam por que razão era tão alarmante. Deus sabia que Chicago não era alheia ao crime, mas aquilo era algo diferente.

Dois inocentes, raptados dos seus lares e depois brutalmente

assassinados. E logo em West Town, o bairro que escolhera como seu desde que se mudara para Chicago há 20 anos. Jacob Jones — era esse o seu nome — vivia a poucos quarteirões dali. Seria possível que também esta jovem morasse ali perto?

Madelaine permitiu que a sua mente continuasse a vaguear neste assunto, enquanto se apressava na direção do carro. Tinha muitas outras coisas em que pensar — os miúdos, Paul, o seu trabalho de caridade —, mas já estava a formular um plano. Madelaine sabia que tinha um carácter forte — que por vezes as pessoas a achavam mandona, até um pouco dominadora —, mas, independentemente do que se dissesse dela, numa crise, estava sempre presente. Estava sempre a postos para reagir a uma crise.

E seria isso que faria agora. Não seriam intimidados. Não se iriam acobardar. Chegara a hora de os moradores de West Town ripostarem.

— Não podes vir aqui, Kassie. Não é assim que as coisas funcionam.

Adam olhava para a adolescente com um olhar de espanto puro. O dia tornara-se definitivamente surreal, como se fosse produto da imaginação dele. A provação devastadora que passara no hospital, as notícias sobre a descoberta do corpo de Rochelle Stevens e por fim dar com Faith e Kassie a conversarem profundamente no estúdio dela, como se se conhecessem, como se fossem *amigas*. Poderia ele estar a sonhar com aquilo tudo? Acordaria daí a um minuto para descobrir que tudo estava bem? Que se encontraria ao seu lado a dormitar uma Faith feliz e grávida?

— Eu sei e peço desculpa — reagiu envergonhadamente Kassie.

— Tu sabes que eu quero ajudar-te, mas eu tenho uma vida, uma vida privada, e quando não estou a trabalhar...

— Eu compreendo isso, a sério que sim. Não queria meter-me na sua vida, na da Faith...

Adam acompanhou o breve olhar de Kassie ao estúdio, para onde Faith se retirara discretamente.

— Mas com certeza que percebe o que me trouxe aqui? Já soube o que aconteceu?

— Claro.

No caminho de carro até casa, Adam não pensara em mais nada. O facto de Rochelle estar morta — uma mulher com quem falara, com

quem tomara umas bebidas — era horrível. O facto de ele e Kassie terem invadido a casa dela só piorava as coisas.

— Kassie... — Hesitou, esforçando-se por encontrar as palavras certas para formular a frase. — Kassie, se sabes alguma coisa sobre estes homicídios, tens de me contar já. Se estás em apuros, posso ajudar-te, mas tenho de saber a verdade.

Tentava manter a voz estável. Kassie olhou fixamente para ele, como se não percebesse onde queria chegar.

— Do que é que está a falar?

— Seguiste a Rochelle ontem à noite, depois da tua terapia.

— Ela fugiu de mim. Já lhe contei isso...

— Aconteceu alguma coisa na sessão de terapia que te tenha perturbado? — insistiu ele. — Algo entre ti e Rochelle?

— Eu contei-lhe tudo — insistiu ela. — Assustei-me com o que vi. Por isso, gritei, foi só isso...

— Onde foste a noite passada, depois de nos termos separado? Foste para casa?

Pela primeira vez, Kassie pareceu acanhada. Baixando o olhar, respondeu:

— Não. Não tive coragem.

— E então...

— Então... Passei a noite no «L». Entrei no Loop e passei a noite a circular até de manhã. Há muita gente que o faz, vagabundos, bêbedos, fugitivos...

Ergueu o olhar para ele enquanto falava, tentando avaliar se ele acreditava nela. Adam sentiu dificuldade em interpretar-lhe a expressão. Veria culpa? Ou vergonha?

— Deves entender o que me leva a perguntar — prosseguiu Adam, evitando o olhar dela. — Tu conhecias o Jacob Jones, que tratou da tua acusação no tribunal juvenil. Também conhecias a Rochelle.

— Estive *uma vez* com ela. E nem sequer me lembrava do Jones. Estive aí uma meia hora no tribunal, não fixei nomes, caras...

Adam nada disse, olhando fixamente para a perturbada adolescente.

— E não, não tive nada que ver com as mortes deles — concluiu, irritada, Kassie. — Queria ajudá-los, queria parar aquele tipo...

— Kassie, tu tens 15 anos.

— Não tive escolha. Sabe muito bem disso.

Olhava diretamente para ele. Adam expirou, de forma demorada e profunda, esfregando o rosto com a mão. Na verdade, já não sabia nada.

— Foi por isso que aqui vim... para lhe pedir ajuda.

— Não estou a ver o que possa fazer.

— Quero que me leve lá outra vez.

— À casa da Rochelle? — retorquiu Adam, incrédulo.

— Não, à minha visão. Às coisas que vi.

Mais um choque num dia que não parava de o surpreender.

— É evidente que duvida do que sinto, do que vejo, mas acho que as minhas experiências podem... ajudar. Tentei recordar o que estava a acontecer, tentei levar a minha mente a recuar, mas só me ocorrem fragmentos...

— Nem saberia por onde começar — replicou Adam, de repente de pé atrás. — Não são as tuas memórias, não são...

Travou a tempo de dizer «reais», mas Kassie estava nitidamente a preencher os lugares em branco.

— Ainda assim — prosseguiu ela, inabalável. — Eu vivi-os. Senti-os como se lá estivesse com ela e algumas das coisas que senti em relação ao Jones revelaram-se verdadeiras — o material frio por baixo dos pés dele, podia ter sido o plástico...

— Estás a somar dois com dois e a dar cinco, Kassie. Estás a permitir que aquilo em que queres acreditar te leve...

— Por amor de Deus — deixou escapar Kassie. — Morreram duas pessoas. A polícia não tem nada, por isso, havendo uma hipótese de eu ajudar, não acha que devíamos tentar?

— E se isso te afetar pela negativa? — contrapôs Adam. — Se te desequilibrar, agrava o trauma de que já sofres...

— É um risco que estou disposta a correr.

A resposta dela foi determinada, definitiva: deixando Adam com uma opção a tomar. Alinhar com Kassie nos termos por ela traçados. Ou virar-lhe costas.

— Olha, há técnicas de distanciamento a que podemos recorrer — acabou ele por dizer. — Para te permitir acederes a essas... experiências sem lá estares mesmo...

Para surpresa de Adam, Kassie sorriu, pousando uma mão no

braço dele.

— É tudo o que peço — disse ela, baixinho, com os olhos de repente marejados de lágrimas. — Só quero que tentemos.

— Nunca vi nada assim. Num minuto, tudo normal, e depois...

Gabrielle Grey olhou com atenção para a rapariga em lágrimas diante dela. Simone Fischer era uma de uma dúzia de pessoas reunidas à porta do modesto salão comunitário em Lower West Side. Algumas levavam flores, outras agarravam-se mutuamente em busca de apoio, todas estavam visivelmente chocadas com a recente notícia do homicídio de Rochelle Stevens.

— Continue — incentivou Gabrielle.

— Bem, foi muito estranho... A Rochelle estava a incentivar o grupo a partilhar, coisa que fizemos, e depois dirigiu a sua atenção à rapariga nova — prosseguiu Simone. — A Rochelle perguntou-lhe se queria contar-nos as suas experiências... e, depois, foi a loucura.

— Como assim?

— A rapariga... não disse nada. Começou a fazer uns ruídos estranhos.

— Que tipo de ruídos?

— A grunhir e a arquejar, como se não conseguisse respirar. Depois gritou e gritou, quase deitava a casa abaixo. Primeiro, pensei que estava a ter um ataque, mas depois ergueu o olhar com uns... olhos enlouquecidos e começou a avançar para a Rochelle, agarrando-se a ela...

— Percebo — reagiu Gabrielle, de súbito bastante interessada.

— Obviamente, depois disso, acabou a reunião. Fomos todas

mandadas para casa. Para ser sincera, ficámos satisfeitas por sair dali, enquanto a Rochelle ficou com a rapariga.

Simone de repente calou-se, pensando, talvez, se a partida apressada delas teria custado a vida a Rochelle.

— E essa rapariga tem nome? — quis saber Gabrielle, ávida por retomar o rumo da conversa.

— Claro — disse de pronto Simone. — Chama-se Cassandra, acho, mas a Rochelle disse para lhe chamarmos Kassie.

Dez minutos mais tarde, Gabrielle percorria a rua em passadas largas, esquivando-se aos caixotes do lixo virados e aos detritos espalhados pelo chão. Rumava à estação do «L» a que Rochelle recorrera depois de abortada a reunião dos Narcóticos Anónimos, observando a desolada rua em busca de potenciais testemunhas. As suas impressões não eram favoráveis. Os edifícios desta zona encontravam-se amplamente degradados — poucas pessoas quereriam viver ali, muito menos montar negócios, o que significava que as ruas se encontravam sempre quase desertas. E seguiu em frente, mas Gabrielle era a única pessoa nestas ruas nessa manhã e, não fosse pela sua *Colt .45* aconchegada às costelas, ter-se-ia sentido bastante vulnerável.

Passado pouco tempo, chegou ao «L». Frustrada, ocorreu-lhe uma ideia e apressou-se para o interior da estação. E ali estava — uma solitária câmara de videovigilância a cobrir a zona dos bilhetes. Aproximando-se da bilheteira, Gabrielle bateu no vidro e depois mostrou o seu crachá ao surpreendido funcionário da Autoridade de Transportes Públicos de Chicago, que comia um *donut* de geleia.

— Essa coisa grava? — rugiu Gabrielle, a apontar para a câmara.

— Claro, acho eu — foi a resposta murmurada.

— Então quero ver o que aí tem.

Cinco minutos mais tarde, Gabrielle estava sentada diante de um monitor miserável, fitando as habituais imagens aos soluços. Por uma vez, a sorte esteve do seu lado — as gravações por norma eram apagadas ao fim de 24 horas, mas decorrera menos de um dia desde o desaparecimento de Rochelle e, ao fim de uma pequena e paciente

passagem de imagens, Gabrielle descobriu o que procurava.

A silhueta franzina de Rochelle Stevens apressava-se para a zona dos bilhetes, olhando brevemente para trás pelo caminho. Enfiou a mão na bolsa, bateu com o seu bilhete no leitor e transpôs as barreiras, para depois olhar repentinamente para cima. Terá ouvido uma composição a aproximar-se? Sem hesitar, passou a correr pelas barreiras que se apartavam e sprintou escadas acima. Logo desapareceu da vista, mas Gabrielle manteve o olhar colado ao ecrã e pouco depois a sua paciência deu frutos.

Uma rapariga alta surgiu na zona da bilheteira, trepando sobre os torniquetes, antes de subir as escadas em corrida. Passando a gravação para trás, Gabrielle esperou até que a perseguidora entrasse na zona da bilheteira e carregou no STOP. Observou a imagem com atenção e depois, expirando, recostou-se na cadeira.

Era claro como o dia. Mesmo através de um ângulo lateral, não restavam dúvidas de que a perseguidora de Rochelle era Cassandra Wojcek.

Faith estava completamente imóvel, a olhar para a tela diante dela.

Nem queria entrar no estúdio, mas era a divisão mais iluminada e acolhedora da casa. Banhado pelo sol matinal quente e brilhante, parecera o lugar ideal para trazer Kassie enquanto aguardavam pelo regresso de Adam. Quando ele acabou por transpor a porta, encaminhara de imediato Kassie para o escritório, envolvendo-se com ela numa conversa bastante acalorada. Ficando parada no corredor, uma figura esquecida, Faith sentira-se inibida e inconveniente. Adam nunca recebera um paciente em casa e Faith não queria ser acusada de ouvir sorrateiramente ou de interferir, pelo que se retirou de novo para o estúdio, fechando a porta ao entrar.

Agora na ampla divisão, que antes lhe parecera luminosa e arejada, sentiu-se desconfortavelmente acalorada, até algo sufocada. As inúmeras telas, com as quais Kassie tanto se deleitara, pareciam agora amontoar-se sobre ela, aguilhoando-a por exibir a sua produtividade do passado, o à-vontade com que previamente passara para a tela o seu mais recente assomo de inspiração. Virando costas, deu por si uma vez mais confrontada pelo autorretrato.

Faith olhava para Faith, carne e osso a enfrentar o seu eu pintado, como que num impasse. O retrato estava praticamente completo. Faltava o trabalho de uma manhã — um dia, no máximo — para que ficasse terminado. Um tubo de tinta preta a óleo repousava no cavalete, onde o deixara nessa manhã, e agora, cautelosa e

cuidadosamente, pegou-lhe e espremeu-o, depositando o conteúdo lodoso na paleta. Largando-o sem voltar a aplicar a tampa, fez o mesmo com um tubo de tinta branca, antes de pegar no pincel mais próximo para misturar as duas cores. Não demorou a formar um cinzento chamativo e rico nos pelos do pincel, que ergueu lentamente para pintar.

A ponta do pincel tocou na tela, gerando uma sensação estranha, mas familiar, e lentamente Faith completou uma pincelada. E depois outra. Esta, contudo, revelou-se vacilante, menos certa, e Faith percebeu que pisara o traço. Ia limpar, para começar de novo, quando de repente estacou. Estava perto da pintura, olhava diretamente para o seu próprio rosto, de olhos fixos nas feições que tinha à sua frente. Mas, de repente, já não via as suas feições, via as de Annabelle. O minúsculo nariz arrebitado, o queixo com covinha, aqueles olhos azuis dolorosamente belos. Aqueles olhos vidrados, *sem vida*...

A tremer, Faith largou o pincel. Estrondeou ao cair no chão, mas nem reparou. Vacilou um pouco, como se fosse desmaiar, e depois inclinou-se para a frente, assentando a cabeça na tela retesada. Sentia lágrimas a escorrer-lhe pela face, tombando sobre a tinta, mas não quis saber. Mesmo que o desejasse, não tinha forças para se mover.

Fora um erro ter tentado. Ainda não se sentia preparada e algo a levou a pensar se alguma vez o estaria. Queria pintar — precisava de pintar —, mas por ora era impossível. Não conseguia ver, não conseguia sentir nada que não fosse Annabelle. Estava assombrada pelo fantasma de uma criança que amara e perdera.

Seguiram de carro em silêncio até ao consultório dele. Adam não queria sair de junto de Faith, mas ela enxotara-o furiosamente quando ele enfiou a cabeça na porta do estúdio. Não iria de maneira nenhuma levar a cabo uma sessão em casa, com Faith a poder ouvir, pelo que Adam encaminhou Kassie para o *Lexus* e partiu para Lincoln Park.

Ao subir a escadaria até ao último andar, Adam espantara-se com o silêncio no edifício. Naturalmente, não tinha consultas agendadas para esse dia, mas onde estava todo o outro pessoal, os funcionários de escritório e os mensageiros que passavam regularmente quando ele subia as escadas? Hoje, nada lhe parecia normal. Tudo lhe parecia ligeiramente alterado.

Cinco minutos depois, encontravam-se frente a frente no consultório, com Kassie sentada muito rígida numa das poltronas. Ela recusara a oferta de uma bebida, denotando algo que se pareceu com impaciência. Ficou a nítida impressão de que, agora que fora tomada a decisão em relação a isto, ela só queria avançar. Adam, por seu lado, mostrara-se mais contido, mas concluíra que não haveria nada a ganhar em rejeitar Kassie. Se queria mesmo chegar ao fundo da questão, tinha de alinhar.

— As técnicas de distanciamento funcionam de muitas formas — deu por si a dizer Adam —, mas todas têm o mesmo propósito. Permitem ao sujeito reviver um trauma num espaço seguro, para que este saiba que não se pode magoar nem ser afetado pela experiência.

Tal como alguém que olha de fora para dentro. Portanto, temos de encontrar algo que funcione contigo enquanto ser individual. Algumas pessoas gostam de imaginar que estão numa sala de estar acolhedora, a ver as suas experiências na televisão. És tu quem comanda, podes ligar e desligar quando quiseres. Outras pessoas gostam de se envolver diretamente na experiência, mas desta vez inseridas numa bolha. Nada lhes pode tocar ou magoar e ninguém da experiência original consegue ver...

— A bolha — interrompeu subitamente Kassie. — Fazemos a bolha.

Adam deteve-se, sem saber se devia acatar esta decisão ou seguir em frente. Parecendo pressentir a dúvida, Kassie disse:

— Será o mais adequado para mim. Não vale a pena discutir outras opções.

Pareceu confiante, determinada, pelo que Adam prosseguiu:

— Agora vou hipnotizar-te, mas não te esqueças de que vais estar *sempre* na tua bolha completamente a salvo e segura.

Kassie assentiu com a cabeça, e então Adam pô-la a contar até 50 enquanto começava lentamente a hipnotizá-la. Assim que acreditou que estava adequadamente desligada, começou a fazê-la regredir no tempo.

— Quero que esvazies a tua mente, Kassie. Imagina que flutuas num espaço vazio. Não tem cor, nem marcas, nada. Está vazio, limpo, puro. Planas suavemente por lá, feliz, relaxada, sem pesos.

Adam fez uma pausa para que ela interiorizasse. Kassie parecia reagir às suas indicações, pelo que prosseguiu:

— Agora, ao longe, vês uma coisa. Parece uma luz, algo real, algo palpável. Agora que avanças a uma velocidade estável, começa lentamente a ficar cada vez maior e mais nítido. Agora vês o que é. É o teu grupo de terapia e estás com Rochelle, com Simone e com as outras. Consegues ver, Kassie?

A adolescente assentiu com a cabeça.

— Estás com elas na sala, mas a salvo, em segurança. A observá-las a partir de dentro da tua bolha. Agora, Kassie, quero que olhes aos poucos para cima. Quero que olhes para os olhos da Rochelle. Podes fazer isso por mim?

O efeito nela foi imediato. Kassie arquejou e depois saltou saliva

da boca da adolescente enquanto gritou:

— Oh, meu Deus, não. Por favor não me faça mal. Eu não quero...

POR FAVOR...

A derradeira palavra irrompeu dela enquanto caía da poltrona, aterrando no chão. Adam levantou-se de imediato, apressando-se na direção dela, erguendo-a do tapete. Estava consciente, desperta da hipnose, mas Adam ainda se encontrava espantado com a transformação. Ela transpirava profusamente e tinha o rosto sombriamente pálido.

— Está tudo bem, Kassie — disse, com gentileza, encaminhando-a de volta à poltrona. — Estás completamente em segurança. Estás aqui comigo, o doutor Brandt, no meu consultório, e...

— Tudo bem, estou OK...

Ela sussurrou as palavras sem fôlego, mas com coerência. Enquanto falava, um pouquinho de cor retornou às suas faces.

— Desculpe. Não devia ter feito aquilo — disse ela, em voz baixa.

— Não tens de pedir desculpa, Kassie...

— Assustei-me tanto...

— Eu entendo. Fica aqui sentada. Vou buscar-te um copo de água, e depois tratamos de te arranjar um táxi que te leve até casa.

— Quero tentar outra vez.

— De maneira nenhuma.

— *Temos* de tentar outra vez.

— Não. Não estaria a cumprir o meu dever se...

— Por favor — contrariou ela. — Só mais uma vez. Sei o que esperar desta vez, sei como lidar com isso.

Ao fim de mais alguma argumentação, Adam acabou por ceder, insistindo, contudo, que fariam uma pausa de quinze minutos para apanhar ar e beber um copo de água. O quarto de hora na varanda passou depressa e daí a nada estavam de novo frente a frente. Apesar de alguns — e sérios — receios, Adam voltou a hipnotizar Kassie.

Tal como antes, encaminhou-a para a sala da terapia e, tal como sucedera previamente, pediu-lhe que olhasse diretamente para Rochelle. Kassie, que deixara descair um pouco os ombros, sentou-se muito direita e começou a fazer uns ruídos discretos e agudos. O corpo dela estava rígido, o rosto contorcido, os músculos a tremelicar em redor da boca. Desta vez, não caiu; em vez disso, pareceu lutar com

algo, talvez debatendo-se para se manter na experiência.

— Ele quer fazer-me mal — jorrou, de repente, da boca dela, com uma voz tensa, que se tornou mais aguda a cada palavra. — Vai matar-me. Sinto a mão dele no meu pescoço.

Interrompeu-se, gritando demoradamente e alto, antes de parar abruptamente. A respiração dela era febril, com o peito a subir e a descer rapidamente.

Adam percebeu instintivamente que devia pôr fim à sessão, mas de repente Kassie voltou a falar:

— Ele está mesmo por cima de mim, consigo cheirá-lo. E...

Subitamente, voltou a calar-se, com a cor a esvaír-se das suas faces.

— O que é, Kassie?

— Vai cortar-me a garganta.

Ela arquejou e gemeu. Sem conseguir controlar-se, Adam até tremeu, como se até sentisse a garganta de Rochelle a ser cortada.

— Só aí está ele?

— Sim... não... ouço risos... Parecem risos femininos.

— Consegues ver a mulher? Ela está aí?

— Não... já não vejo... mais ninguém — suspirou ela, parecendo ainda debater-se para respirar. — Estou a olhar para o teto. Vejo a Lua. Uma Lua grande e rosada.

Kassie começou então a engasgar-se, inspirando avidamente, enquanto tentava agarrar o ar, pelo que Adam interveio, chamando-a rapidamente de volta da hipnose. Parecia profundamente abalada e Adam ficou apenas com uma vaga ideia de como se sentiria — nunca tivera uma sessão de distanciamento na qual o paciente tivesse sido capaz de sentir o trauma de forma tão intensa.

— Estou tão pálida como o Adam?

A pergunta de Kassie despertou-o da sua introspecção — Adam surpreendeu-se ao ver o vestígio de um sorriso pesaroso na expressão de Kassie.

— Pior — respondeu Adam, no tom mais ligeiro que conseguiu.

— Então, e agora?

— Agora... se estiveres pronta... conta-me tudo o que viste.

Sentou-se diante dele com a caneta a postos para anotar o relato dela. Já o fizera muitas vezes, mas nunca a mão lhe tremera tanto.

— Foi num barracão ou num anexo.

— Foi o mesmo lugar da outra vez?

— Sim.

— Mas disseste que o Jacob estava numa cave.

— Enganei-me, era sem dúvida acima do solo. Quando olhei para cima... Vi através das traves partidas. Vi uma Lua, uma Lua grande e rosada...

Adam anotou «Lua rosada». Estas raridades celestes aconteciam na primavera, pelo que o *timing* de Kassie estava correto. Mas, se foi por acaso ou fabricado, era algo que ele não sabia dizer.

— Conseguiste ver quem estava contigo? O tal homem?

— Não muito bem, estava escuro. Mas o hálito dele cheirava a cigarros. Consegui ouvir a voz dele. Estava perto, a atormentá-la, divertia-se.

— Ele tinha sotaque.

— É do Midwest, penso eu, mas é difícil dizer.

— E a mulher?

Kassie abanou a cabeça.

— Só ouvi o riso dela. Era agudo e cruel... tão cruel... como se ela não conseguisse parar.

Kassie arrepiou-se e abraçou-se a si própria.

— E ela estava lá contigo?

— Sim... não... não sei. Soou mais distante, mas era muito nítido.

— E reconheceste-a? À voz, quero eu dizer?

— Não — respondeu Kassie com convicção, como se tal sugestão a irritasse.

— Estavas vestida?

— Não... sem dúvida que não. Sentia muito frio...

— E viste a lâmina?

— Não, só a senti na pele. Era comprida e fina... senti-a a cravar-se na minha garganta, a cortar-me...

Kassie começou a chorar, com um soluçar grave e assustado. Adam fez uma pausa na sessão, levando algum tempo a reconfortá-la, antes de a pôr a ver televisão, para assim poder passar a limpo as suas notas. Apesar de ela, aparentemente, contradizer parte do primeiro testemunho, os pensamentos de Kassie tinham sido claros, precisos e detalhados. Mas permanecia uma pergunta sem resposta — algo

daquilo fora remotamente real?

— Já lhe disse que não imagino onde esteja.

O tom de Natalia era de dor, ardente. Sentou-se à mesa da cozinha, lançando olhares horrorizados aos agentes da polícia que lhe viravam a casa do avesso. O que procuravam eles? O que contavam encontrar?

— A última vez que a vi foi ontem à noite na igreja. Estávamos na São Stanislaus Kostka.

— A que horas foi isso? — interrompeu a inspetora Grey.

— A missa começou às nove. Ela saiu cerca de 20 minutos depois. Atendeu uma chamada e saiu a correr.

A agente da polícia anotou a informação, Natalia observou-a com atenção. Iria envolver Kassie em mais apuros por referir isto?

— Ontem à noite, não veio para casa?

— Não esperei acordada por ela, mas...

— É frequente passar a noite fora?

— Não, nunca. Bem, quase nunca.

— Então, a sua filha está desaparecida?

Natalia encolheu os ombros, confirmando. Não gostava de o admitir, mas era a verdade.

— E, ainda assim, não participou disso?

Natalia hesitou, envergonhada, antes de responder discretamente:

— Achei que já tínhamos problemas suficientes.

— Pelo menos nisso podemos concordar — reagiu a agente num

tom seco. — Ontem à noite, foi assassinada uma mulher... brutalmente assassinada. A sua filha foi vista a segui-la.

A inspetora falou num tom calmo e pausado, aterrorizando ainda mais Natalia. Em que é que se envolvera Kassie agora?

— É muito importante que encontremos a Kassie — prosseguiu rudemente Grey. — Para a própria segurança dela, tanto como o resto. Por isso, se souber de algo... alguém com quem ela possa estar, algum lugar onde ela possa ter ido... agora seria uma boa altura para nos contar.

Ao falar, incidiu um olhar penetrante em Natalia. Todo o mundo de Natalia pareceu desabar sobre si mesmo, mas sabia que tinha de fazer algo para se proteger, para proteger Kassie.

— Quem me dera poder ajudar — gaguejou Natalia, desesperada por parecer prestável. — Mas não há ninguém... sou só eu e ela. Sinceramente, já nem sei por onde ela anda, mas...

A expressão de Grey revelou agora um vislumbre de interesse.

— Tenho um palpite de quem lhe poderá ter ligado na noite passada. Onde ela poderá ter ido...

Grey olhava diretamente para ela. Pela primeira vez nesta penosa conversa, Natalia sentiu que estava por cima.

— Na verdade — concluiu, apreciando este breve momento de tréguas —, é alguém que a senhora agente conhece... Alguém que apresentou à minha filha.

Natalia estava a postos para lançar a bomba, mas a expressão da inspetora revelou-lhe que não era necessário. Gabrielle Grey sabia exatamente a quem ela se referia.

Kassie escondeu-se nas sombras quando Grey emergiu do pequeno bungalow. Do seu ponto de observação, do outro lado da rua, Kassie seguiu o decorrer da ação, mas questionou-se agora se o seu pobre abrigo poderia evitar que fosse detetada. Os caixotes do lixo não eram particularmente altos ou largos, e a inspetora da CPD parecia determinada e enérgica.

Ao sair do consultório de Adam, Kassie ligara o telemóvel, deparando com uma série de mensagens de Grey, apelando-lhe para que entrasse de imediato em contacto. Desconfiada, Kassie desligara o telefone e correria para casa. Mas, assim que entrou na rua, Kassie avistou-os. O seu bairro era tão apático, tão parado, que os três carros da CPD e o *Pontiac* amolgado se destacavam de imediato. Natalia e Kassie *nunca* recebiam visitas — ter tanta gente a aparecer em casa delas era quase cómico. Só que ninguém se ria —, nem Grey, nem Kassie, nem a sua mãe, certamente. Kassie tivera uns vislumbres de Natalia a andar de um lado para o outro na cozinha. Mesmo ao longe, conseguiu perceber que parecia bastante perturbada.

Grey avançava agora em passadas largas para o carro, com o telemóvel colado ao ouvido. Os outros agentes permaneceram no interior, dando seguimento à humilhante busca na pequena casa suburbana, mas Gabrielle Grey estava de saída. O que descobrira ela? O que lhe contara a mãe? A mãe podia, naturalmente, proteger Kassie, mas não era boa a mentir, nem tinha tal prática. Presumivelmente,

teria contado a Grey que não passara a noite em casa, que lhe parecera inquieta e agitada durante a sua visita forçada a São Stanislaus, mas o que mais lhe teria dito para impelir uma partida tão súbita e determinada? De repente, Kassie teve um mau agouro.

Grey afastava-se agora da berma, olhando para a esquerda e para a direita a verificar se havia trânsito. Kassie recuou mais um passo, temendo ainda ser detetada. Ao deixar o consultório de Adam, decidira regressar a casa, para se refugiar do mundo por umas horas, mas já não dispunha ali de um abrigo, enquanto a CPD virava do avesso a casa da família.

Pela primeira vez na sua curta vida, Kassie sentiu-se perseguida.

Madelaine Baines acabou de twittar, após o que abriu de imediato o *WhatsApp*. Desde a sua discussão na Phone Schack, sentia-se plena de energia, avançando desapiedadamente para as redes sociais para tornar conhecidos os seus pontos de vista. A notícia de um segundo homicídio nesta parte da cidade já se espalhara, mesmo entre aqueles que não seguiam com regularidade os blocos de notícias da rádio e da TV. Mas reagir e bisbilhotar não bastava. Algo teria de ser feito.

Madelaine nunca fora pessoa de se deixar ficar. Desde que abdicara de trabalhar para tomar conta dos filhos, não lhe faltava tempo. Mais tempo do que aquele com que se sentiria confortável, para ser sincera. Por isso, sentia-se grata por ajudar na recolha de donativos, na vendas de bolos e noutros eventos sociais. Sabia que tivera sorte na vida — uns pais extremosos, um marido dedicado, filhas adoráveis — e isso impulsionou-a a ajudar os menos afortunados. Sempre que ocorria um desastre local ou surgia uma criança com uma doença que não era abrangida pelo seguro de saúde, era a primeira da fila a cumprir a sua parte. Fazia-a sentir-se útil, fazia-a sentir que ainda tinha valor. E, nesse momento, sentiu aquela habitual vontade de agir, aquela energia e entusiasmo a crescerem dentro de si. O marido dizia com frequência que se envolvia em demasiadas coisas — que não podia arcar com os problemas de todos —, mas, para ela, ajudar era tão natural como respirar. Daí que também agora necessitasse de se envolver.

Obviamente, a população local pretendia prestar a sua homenagem àqueles que perderam a vida — uma pessoa que servia a causa pública e uma jovem conselheira chacinados. Ocorrera-lhe uma missa, mas depois recuara, pois não fazia ideia das crenças das vítimas. Em vez disso, decidiu-se por uma vigília com velas na Granary Square. Seria um evento adequado e um ponto de encontro perfeito. Pois, além de evocar as vítimas, era vital que assegurassem que não voltava a acontecer, que a comunidade local estava protegida.

Na realidade, esta era a sua principal motivação. Já vivia na zona há 20 anos — o marido trabalhava ali, as filhas frequentavam a escola secundária local. A ideia de que lhes podia acontecer algo... Rochelle Stevens tinha apenas mais oito anos do que a sua filha mais velha, e só de pensar no que aquela pobre rapariga suportara... Não, era essencial que as pessoas se unissem para se protegerem mutuamente, para extirparem este demónio. Ninguém, nem mesmo o mais dotado e determinado criminoso, estaria à altura dos olhos e ouvidos de toda uma comunidade.

Tendo divulgado nos seus grupos locais de *WhatsApp* um apelo à concentração, passou ao *Facebook*. Já afluíam reações — de horror, mas determinadas e empenhadas — e Madelaine sentiu um otimismo crescente. Iam ser capazes, podiam ripostar. Uma das primeiras pessoas a responder fora Amy, a filha mais nova, que partilhava muitas das características de Madelaine e que já recrutava colegas de escola. Sem conseguir conter-se, Madelaine sentiu uma pontada de orgulho — por Amy, por Joanne, pelo marido, Paul. Nisto, ela sabia que, chegada a altura, podia contar com o seu apoio absoluto. Era o que tinham as tragédias deste calibre. Por muito terríveis que fossem, recordavam-nos sempre que éramos uns felizardos por fazermos parte de uma família feliz e amorosa.

— Vamos lá ver se eu percebo... Na noite passada, foi à casa da Rochelle Stevens e *arrombou-a*?

O tom de Gabrielle Grey era uma mistura de desnorte e espanto.

— Sim — reconheceu Adam, acanhadamente.

Gabrielle continuou a olhar para ele, tentando processar este inesperado desenvolvimento. Era profundamente estranho para Adam vê-la ali no consultório — a interação deles sempre decorrera no território *dela* —, mas aparecera 20 minutos antes sem se fazer anunciar. Viera na esperança de apanhar Kassie, mas já obtivera bem mais do que aquilo com que pensava contar.

— A que horas foi isso?

— Logo a seguir às dez.

— Mas conhecia a Rochelle?

— Profissionalmente. Encontrámo-nos algumas vezes e encaminho com frequência adolescentes para a terapia de dependência dela.

— A Kassie Wojcek é uma das pacientes dela?

— Sim. Pu-las em contacto há uma semana. Gabrielle, eu disse-lhe que achava importante a Kassie ser tratada.

Gabrielle ainda olhava diretamente para ele, como se tentasse decifrá-lo. Apesar de Adam nada ter a esconder, não conseguia deixar de se sentir tenso.

— Porque é que lá foi na noite passada?

— A Kassie estava determinada a encontrá-la, e foi por isso que a

acompanhei. Estava muito preocupada com a Rochelle e queria assegurar-se de que estava bem.

— E então, para lhe perguntar se estava bem, arrombou-lhe a casa? — insistiu Gabrielle, incrédula.

— Foi a Kassie, não eu. Eu teria esperado até de manhã, mas...

— É algo que por norma faz com os seus pacientes? Arrombar e entrar...

— A Rochelle não atendia a porta — interrompeu Adam, irritado. — Mas era evidente que fora a casa...

— E como é que pode saber isso?

— Vimos a bolsa e o telemóvel dela no corredor.

Adam percebeu que soara mal — os dois a espreitar pelas janelas de Rochelle antes de forçarem a entrada —, mas continuou, determinado a despejar tudo.

— Olhe, a Kassie estava convencida de que se passava algo de errado...

— Com base em quê?

Esta era a pergunta que ele temia. Escolhendo cuidadosamente as palavras, Adam prosseguiu:

— A Kassie teve a forte impressão de que a Rochelle ia ser atacada... pela mesma pessoa, ou pessoas, que assassinaram o Jacob Jones, portanto...

— Ela queria avisá-la?

— Sim — respondeu Adam, ignorando o sarcasmo. — Daí tê-la seguido desde a reunião dos NA.

— E perguntou-lhe o que a deixara convencida de que a Rochelle corria perigo?

A perguntou pairou no ar por uns momentos, até que:

— Ela teve... uma espécie de visão. Na sessão de terapia.

— Outra? Ela tem essas visões diariamente ou só quando alguém está prestes a ser retalhado aos pedacinhos?

— Gabrielle, tento responder com sinceridade às suas perguntas — rosnou Adam. — Agradecia que tivesse a cortesia de me levar a sério.

— E eu agradecia que respondesse à minha pergunta.

— Claro — prosseguiu Adam, irritado. — Ela alega que as tem todos os dias, mas só discutimos as duas respeitantes ao Jacob e à

Rochelle.

Gabrielle digeriu a resposta.

— Então, o que é que aconteceu quando estavam na casa?

— Nada. Nada de nada — insistiu Adam, consciente de que soava cada vez mais defensivo. — Procurámos a Rochelle, mas ela não estava. Fomos embora.

— Que horas eram?

— Umas dez e um quarto... dez e vinte... não estivemos lá muito tempo.

— E foram embora juntos?

— Não... — reconheceu Adam. — Eu segui de carro para casa. A Kassie... eu acho que a Kassie passou a noite no «L».

— Toda a noite?

— Foi o que ela me disse.

— E onde é que o Adam esteve? Depois, digamos, das dez e meia?

— Em casa, com a minha mulher.

— Toda a noite?

— Toda a noite — respondeu Adam, irritado.

— Há mais alguém que possa confirmar isso?

— Não me parece. A não ser que algum vizinho me tenha visto chegar.

Gabrielle nada disse, enquanto retirava do bolso um pequeno bloco para tomar algumas notas.

— Não sou realmente suspeito, pois não? — quis saber Adam.

— Estou de mente aberta.

— Oh, por amor de Deus.

— O Adam arrombou a casa da Rochelle Stevens na noite passada. Esta manhã encontrámos o cadáver dela.

— Nós estávamos a tentar ajudá-la.

Mas percebeu que soou muito fraco.

— Onde está agora a Kassie? — questionou Gabrielle, ignorando os protestos dele.

— Não sei. Se não está em casa, pode estar na escola.

— Não está. O diretor disse-me que já lá não põe os pés há uns dias.

— Então, sabe tanto quanto eu.

Adam desta vez olhou-a nos olhos, determinado a não parecer

intimidado. Mas Gabrielle pareceu insensível ao desafio dele, olhando-o também nos olhos.

— Diga-me uma coisa — acabou ela por dizer. — O que é que o levou na noite passada à casa da Rochelle?

— Já lhe expliquei.

— Disse-me que a Kassie estava preocupada com ela. O que fazia lá você?

— Queria provar-lhe que a Rochelle estava bem, que não havia motivo para preocupações.

— E revelou a morada de uma parceira de trabalho a uma paciente...

— Não foi bem assim...

— E, não satisfeito com isso, acompanhou a sua paciente, onde prontamente forçou a entrada e...

— Olhe, eu não o devia ter feito, sei disso. Mas a Kassie estava convencida de que a Rochelle corria perigo e, vamos a ver, ela tinha razão.

As palavras escaparam-lhe antes que as conseguisse travar. De imediato, Adam desejou poder apagá-las, mas já era tarde.

— Oh. Meu. Deus.

Gabrielle levou a mão à boca, com uma genuína surpresa a sobrepor-se à desconfiança.

— Acredita nela, não acredita? Acredita *mesmo* que esta rapariga é uma espécie... uma espécie de médium?

— É claro que não — disparou de pronto Adam.

— Então é o quê?

— Tento ajudá-la.

— Encorajando-a nos seus delírios?

— Escutando-a. É a diferença entre mim e a Gabrielle. Você instantaneamente não acredita em nada do que lhe dizem. Eu não me posso dar a esse luxo. Tenho de trabalhar com o que as pessoas me contam.

— Quer dizer que tem de engolir as suas mentiras.

— Tenho de ouvir, interpretar o que dizem, e depois tentar ajudá-las.

— Se conseguisse ouvir-se agora...

— Por que razão a Kassie haveria de mentir em relação a isto?

— interrompeu Adam, com o volume da voz a aumentar a par da sua irritação. — Se está envolvida, porque é que haveria de chamar as atenções para si falando comigo?

— É o que pretendo descobrir.

— Não faz qualquer sentido. Ela não tem motivo.

— Isso não é verdade.

— Além disso, ela não podia ter levado a cabo os homicídios.

— Quão próximo da Kassie é, doutor Brandt?

— O que pretende dizer com isso?

— Parece ser muito protetor em relação a ela. E, tanto quanto me lembro, isso já faz parte do seu *historial*. A sua esposa era sua paciente, não era?

— Vá para o diabo que a carregue! — rugiu Adam. — A Kassie tem 15 anos. Toma-me por quem?

Gabrielle nada disse. Todo o fingimento e bons modos já eram. Adam e Gabrielle tinham-se entendido bem no passado, mas o relacionamento profissional deles jazia agora em ruínas.

— Obrigada pelo seu tempo — disse, de súbito, Gabrielle, pegando na mala. — Um dos elementos da minha equipa entrará em contacto consigo para recolher por escrito um depoimento completo. Entretanto, não vá a lado nenhum, OK?

Adam assentiu com a cabeça, não confiando em si mesmo para falar. Gabrielle voltou-se como se fosse a sair, mas depois deteve-se para uma última tirada.

— Não sei o que se passa aqui, Adam, mas deixe-me dar-lhe um conselho. Corte os seus laços com a Kassie Wojcek *hoje*, retome o seu trabalho diário, e depois... — Prendeu o olhar no dele. — Veja-se bem ao espelho.

Entrando discretamente em casa, ela virou-se para observar a cena. Contara que a mãe se lançasse a ela com uma avalanche de recriminações, mas na realidade reinava um silêncio de morte na casa. Os agentes da CPD haviam partido 10 minutos antes, pouco se tendo esforçado por arrumar a desordem que criaram. Kassie recordou de pronto o que os trouxera ali, arruinando a casinha imaculada e bem arrumada delas.

Perturbada e nervosa, Kassie rumou de imediato às traseiras da casa. Ao percorrer em passos leves o corredor estreito, apercebeu-se de movimento à frente e entrou no quarto principal. A mãe estava lá, mas, para surpresa de Kassie, Natalia nada lhe disse, votando-lhe apenas uma espreitadela rápida antes de voltar a fazer as malas. Uma mala de viagem praticamente cheia estava pousada na cama, havendo outra no chão.

— O que se passa?

— Vamo-nos embora.

Kassie emudeceu, sem saber o que dizer.

— Acabei de falar ao telefone com a tia Marija. Está preparada para nos receber por uns tempos, embora Deus saiba como não é o ideal.

— Vamos para Minneapolis?

— Assim que estivermos prontas. Já pus a tua roupa na mala. Se houver mais alguma coisa que queiras do teu quarto, vai já buscá-

la.

— Não podemos partir assim.

— Estás a contar que eu fique? — ripostou violentamente a mãe.

— Para que a polícia regresse? Para deixar esta casa, *a minha casa*, do avesso. Para a vizinhança poder bisbilhotar e... cabra.

Fez o sinal da cruz quando ainda dizia as palavras.

— Mãe, desculpa.

— Tu não te atrevas... não te...

Ergueu um dedo para calar a filha, quando de repente emudeceu, tomada pela emoção. Continuou a fazer a mala, com as lágrimas a picarem-lhe os olhos enfurecidos.

— Eu tentei, Kassie. Tentei levar-te para o bom caminho. A respeitares a Igreja, a respeitares a lei, a respeitares-me. Mas agora tenho de ser crescadinha e reconhecer que falhei.

— Não digas isso — incitou-a Kassie, de repente também ela em lágrimas.

— Não sei no que te meteste, ou o que achas que andas a fazer, mas deixa-me que te diga uma coisa. Não vou ficar aqui para ser... humilhada. O Senhor sabe bem o quanto já aturei disso ao longo de anos.

Kassie ficou especada a olhar para a mãe, espantada.

— Talvez voltemos, talvez não. Mas eu preciso de ajuda. E tu tens de sair daqui. Talvez o teu tio Max te consiga pôr na linha, não é tão brando como eu.

Kassie estremeceu ante a menção do tio. A mãe chamava-lhe disciplinador. Ela chamava-lhe bruto.

— Seja como for, quero fazer-me à estrada antes da hora de ponta, por isso não fiques aí como um peixe empalhado...

— Não posso ir, mamã.

— Porquê? Porque é que não podes ir visitar a tua tia, que sempre te adorou?

— Tu sabes porquê.

— Não, não sei. E não quero saber.

— Há gente a morrer...

— A polícia disse-me.

— O que é que disseram? — replicou Kassie, subitamente preocupada.

— Não interessa o que disseram. Estão enganados. E se não estiveres aqui, não podem meter o nariz, insinuar coisas. Vamos embora e ponto final.

— Mas e se eu puder ajudar?

— Nunca ajudaste ninguém, além de ti mesma.

Kassie pestanejou, abalada pelo tom cáustico da mãe, mas, depois de se recompor, reagiu.

— Pode ser a minha oportunidade de corrigir as coisas. De fazer algum bem.

Natalia pareceu horrorizada, olhando para a filha como se esta tivesse perdido o juízo.

— Vou-me embora, Kassie. Vou deixar esta casa. Se queres continuar a fazer parte desta família, vens agora comigo.

— Mas se... — Kassie hesitou em dizê-lo. — Se há uma razão para eu ver estas coisas?

A mãe olhou-a nos olhos, com uma resignação amarga estampada no rosto.

— Então fizeste a tua escolha.

Sem mais palavras, Natalia correu o fecho da mala e saiu intempestivamente, roçando de passagem na filha. Kassie ficou sozinha no quarto, abalada e perturbada. Apesar de tudo, amava a mãe — amava-a do fundo do coração.

Mas sabia agora que nunca mais a veria.

Lançou-se a ela assim que entrou na sala. Jane Miller há horas que tentava apanhar a sua chefe, mas fora repetidamente encaminhada para o voicemail. Quando Gabrielle por fim entrou na repleta sala de operações, parecendo perturbada e desconfortável, abeirou-se rapidamente dela.

— Inspetora Miller — saudou-a Gabrielle, quando ela se aproximou. — Por favor, diz-me que me trazes boas notícias...

Miller surpreendeu-se com a jovialidade forçada da voz dela. A sua chefe, por norma, era uma presença cheia de vida e dinâmica, mas nessa manhã parecia exausta. Na realidade, a pressão andava firmemente a subjugarlos a todos, enquanto tentavam lidar com este caso inquietante. O superintendente Hoskins aparecera pessoalmente para os recordar da importância de uma detenção rápida. Veio armado com um exemplar do *Chicago Sun*, cuja escabrosa primeira página se deleitava com os feitos do assassino a que chamaram «O Carniceiro de Chicago».

— Eu e o Suarez temos andado a seguir o rasto financeiro da Rochelle Stevens. E no extrato bancário do mês passado encontrámos isto...

Entregou a Gabrielle uma impressão com uma entrada sublinhada.

— São 80 dólares pagos à CleanEezy. Liguei-lhes e confirmaram o serviço... limpeza de alcatifa na morada dela. E adivinhe? O funcionário era...

— Conor Sumner.

— Também conhecido por Kyle Redmond.

Miller observou enquanto Gabrielle digerira a informação.

— Ou seja, ambas a vítimas abriram as portas de sua casa a este tipo — prosseguiu Gabrielle, pensando em voz alta. — Ele teria tido imenso tempo para planejar os raptos...

— Pois.

— ... e se estivermos certos quanto à ligação com a Kassie Wojcek, então há boas hipóteses de ser o cúmplice. Alguém faz ideia de onde ela possa estar?

— Até agora, nada.

— E o Redmond? — prosseguiu Gabrielle, visivelmente frustrada.

— Até ver, ninguém o viu, mas falámos com um par de clientes da CleanEezy, que lidaram com ele nos últimos meses. Segundo disseram, conduzia uma pick-up *Ford* castanha com matrícula do Louisiana. Não temos o registo completo, mas...

— De qualquer modo, avisa a Divisão de Trânsito. Precisamos dos olhos e ouvidos deles atentos. E assegura-te de que toda a equipa está pronta a entrar em ação. Nós próprios temos de pôr a nossa gente nas ruas, ver o que conseguimos encontrar.

— É para já.

— Entretanto, vou ver em que ponto está o mandado. Temos de voltar àquela caravana...

— Chegou há uma hora — contou, satisfeita, Miller, entregando-lho.

— O que seria de mim sem ti? — reagiu Gabrielle, por fim animada, permitindo-se sorrir. — Pronta para partir em cinco minutos?

Gabrielle virou-se e dirigiu-se em passadas firmes ao seu gabinete. Miller sentiu um assomo de orgulho, mas, detendo-o, apressou-se para a secretária para reunir os seus pertences. Por fim, faziam progressos. Tinham um suspeito principal.

Agora só tinham de o apanhar.

Ele levou o cigarro aos lábios e puxou uma fumaça, preenchendo a boca com o fumo amargo. Ao fazê-lo, a ponta acesa ardeu violentamente, tornando-se intensamente brilhante, gerando-lhe um arrepio na espinha. Hoje em dia encontrava significados mesmo nas coisas mais simples — as cinzas minúsculas e crepitantes pareciam uma demonstração adequada do seu poder.

Tinha o televisor ligado diante dele, com os jornalistas sóbrios a conterem a excitação enquanto palravam sobre o cadáver encontrado no parque de estacionamento. Nas últimas horas, não tinham falado de mais nada. Outra simpática benfeitora de classe média fora raptada de sua casa, acabando em pedacinhos na mala do seu próprio carro. Para a mulher excessivamente maquilhada que debitava as notícias, tal como para os seus espetadores estupidificados, era um pensamento terrível. A violência podia abater-se sobre eles. Podia encontrá-los nas suas próprias casas, enquanto dormiam, tomavam um duche, rezavam... Excitava-o sobremaneira pensar nos milhares de pequenos gerentes, mães que levam os filhos à escola, recém-casados e solteiros que dariam voltas e voltas na cama nessa noite. O pesadelo já não estava apenas nas cabeças deles, estava diante deles.

«O Carniceiro de Chicago.» Era previsível, tendo em conta o interesse mórbido da comunicação social pelo estado de Jones e de Stevens, mas enfureceu-o. Pareceu-lhe imbecil e brutal, como se eles tivessem sido seleccionados ao acaso e retalhados. Sim, a dor e o medo

excitavam-no — o horror nos olhos deles quando a vida esguichava das suas gargantas agitadas —, mas não era disso que se tratava. Os *media*, a polícia, não faziam ideia do porquê da escolha desta gente merecedora, nem da quantidade de planeamento necessária para a sua destruição. Nada fora accidental. Nada fora à sorte.

Deu mais uma longa passa no cigarro. Talvez fosse estúpido por se excitar em demasia — mas nada disso interessava. Podiam chamar-lhe o que quisessem, mas isso não mudaria o facto de a cidade estar a ficar assustada. Chicago, a sua terra natal, esta metrópole amarga, perturbada e negligente, tremia de medo, aterrorizada por um dos seus. Nunca se importaram. Muito iriam ter de sofrer.

Jones tivera o que merecera. Rochelle Stevens também. E não seriam os últimos. Algures lá fora, entre milhões de almas condenadas na cidade, havia outra cuja hora chegara. Ainda não o sabia. Não o podia saber. Mas aquela cabra que de nada desconfiava tinha encontro marcado com a lâmina do carnicheiro.

Madelaine Baines admirou a vista diante dela, comovida e inspirada. Sabia que o seu apelo à mobilização da comunidade conquistara imensa tração no *Facebook* e no *Twitter* — e subsequentemente uma referência nos blocos noticiosos locais —, mas nem assim contara com uma afluência tão impressionante. Afluíam ao Granary Park pessoas vindas de todos os bairros, transportando lanternas, candeeiros, velas, assim como imagens de Jacob Jones e Rochelle Stevens. Foi em simultâneo intensamente triste e incrivelmente tocante, dor profunda mesclada com desafio e determinação.

A vigília estava para começar em breve, pelo que Madelaine aproveitou para lançar outra espreitadela ao seu discurso. Tivera de o escrever rapidamente e esperou sair-se tão bem como os outros líderes comunitários no palco montado tão rapidamente. Contavam com o padre local, um político preeminente, um amigo de Rochelle, mas caberia a Madelaine encerrar o evento. Esperou provar estar à altura da tarefa — não pedira para ser a líder *de facto* desta vigília, mas, dado que fora ela a pôr a máquina em movimento, acabou por acontecer com naturalidade. Agora, de repente, sentia-se nervosa e excitada — estava habituada ao serviço comunitário, mas falar em público não era a sua praia.

Sentira-se tão tonificada nessa manhã, a contactar com os dignitários locais e formadores de opinião, a mobilizar aqueles que, sabia ela, se interessariam, que nem parara para pensar no que podia

ter iniciado. Agora, ao olhar para todos os cidadãos reunidos no pequeno parque comunitário, começou a ter uma vaga ideia disso. A praça enchia rapidamente; em breve não haveria um milímetro de relva à vista. Sentia o coração pleno por constatar que ainda havia tanta gente que se importava. Um par de equipas de televisão circulava por ali, falando com residentes locais, captando imagens da multidão crescente. Madelaine desejara a presença dos *media*, é claro, mas, só de os ver, gerava-lhe uma impressão na barriga.

Madelaine passou mais uma vez os olhos pelo que escrevera, recordando a si mesma que falasse devagar, para dar peso às palavras. Afinal, isto não tinha que ver com os seus sentimentos, tinha que ver com manter as pessoas seguras. Se pudesse alertar as pessoas para os perigos, se conseguisse focar as mentes em extirparem este demónio, então teria cumprido a sua missão. E quem duvidaria da determinação desta multidão ou do seu poder? Estavam aglomerados no parque, dando os braços, acendendo velas, ocasionalmente cantando. Era espantoso de contemplar, uma expressão de solidariedade estoica enquanto jovens, velhos, negros, brancos, gays e heterossexuais se posicionavam lado a lado, com as suas velas e lanternas a tremeluzir ao sabor da brisa. Era mais do que a manifestação de um desígnio.

Era uma questão de beleza.

A bela adolescente segurava uma fotografia de Rochelle numa mão e uma vela tremeluzente na outra. Cantava, tal como muitas outras raparigas na vigília, mas a câmara permaneceu colada ao rosto da jovem, conforme lhe escorriam as lágrimas pelas faces. Ela era desafiadora, era vocal, mas a adolescente estava também perturbada por alguém dos seus lhe ter sido retirado de uma forma tão brutal.

Adam desviou o olhar, incapaz de ver. O televisor do bar estava sintonizado há algum tempo na WGN e a maioria dos clientes habituais estava colada às imagens. Mas Adam só queria apagar aquilo da memória, pelo que devolveu a sua atenção à bebida, para perceber que o seu copo de cerveja se encontrava vazio.

— Outra, por favor.

O barman voltou a encher o copo sem sequer olhar para ele, bem mais interessado nas notícias que iam passando do que no cliente já tocado. Adam pegou no copo e esvaziou metade de uma golada, mas não se sentiu melhor. Talvez necessitasse de algo mais forte. Apontou o olhar para a extensa fila de garrafas na prateleira, que se mantinha orgulhosa em frente à suja parede espelhada, e deparou com o seu próprio reflexo a olhar para si. Seria este o espelho a que Gabrielle Grey se referira?, pensou, amargamente.

Desde que se refugiara no bar, estivera continuamente a passar revista à conversa. Pareceu-lhe impossível que o relacionamento deles tivesse amargado tão depressa. Mas, na verdade, nada sobre os

derradeiros dias pareceu normal. Há uma semana, era um respeitado psicólogo, amigo da polícia e confessor de muita gente, com uma mulher feliz e uma bebé a caminho. E, agora, o que era ele? Um homem a afogar as mágoas, desejando, como tantos outros neste bar de mau aspeto, que fosse possível fazer o relógio andar para trás...

Estaria a enlouquecer? A sofrer algum tipo de esgotamento? Quando estava com Kassie, carregara o entusiasmo dela, acalentando pensamentos que sabia serem ridículos, fazendo coisas que sabia serem arriscadas e pouco profissionais. Mas, assim que se afastou dela, de volta ao mundo real, voltou à Terra com um baque. As palavras de Gabrielle cortaram tão fundo, o tom dela foi de tal menosprezo, que não conseguiu evitar pensar com embaraço nas suas recentes ações. Ela tinha razão. Ele fora ridículo, estouvado e indulgente.

Contudo, seria capaz de assegurar que Kassie mentia? Que o usava? A descrição que fizera dos homicídios fora detalhada e tocante, e a sua performance sob hipnose parecera genuína. Por norma, teria assinalado Kassie como sofrendo de alguma psicose delirante, mas ela *previra* com precisão a morte de Rochelle. O que significava que ou estava envolvida nas mortes ou sabia algo sobre o autor e envolvia Adam como... o quê, exatamente? Uma diversão? Um encobrimento? Durante a sessão de hoje, ele equacionara num momento de loucura se a mulher cuja gargalhada Kassie escutara seria a própria Kassie, se ela de algum modo recondicionava mentalmente o seu envolvimento nestes homicídios, encaminhando Adam para o coração deste enigma na sua forma retorcida e indireta. Mas esta explicação dos eventos também não era completamente satisfatória — ele nunca encontrara um estado de fuga *assim profundo* e estava bastante convencido de que não era representação da parte dela. Uma vez mais, a única outra possibilidade era o dom de Kassie ser real, o que era impossível.

Ao olhar para baixo, Adam reparou que o seu copo se encontrava de novo vazio, apesar de não se recordar de o ter terminado. Até mesmo as ações mais banais pareciam ter assumido um aspeto surreal nos dias que corriam, deixando-o quase incapaz de funcionar. O que haveria ele de fazer? Continuar a beber ou ir para casa ter com Faith? Ligar a Kassie para a alertar para as suspeitas da polícia ou cortar de vez com ela? Pela primeira vez na vida, Adam Brandt não sabia o que fazer.

Era em alturas como esta que sentia a falta do pai. Ao longo da vida de Adam, o pai sempre fora a sua orientação. Era um homem com vistas rígidas, um sólido sentido de moralidade pessoal e uma natureza forte e determinada. Esta noite, curvado sobre uma caneca vazia de cerveja, Adam sentiu-se uma pálida imitação dele.

O cheiro era avassalador. Quando levantaram a porta de metal reforçado, o odor cáustico atingiu-a. Era cortante, industrial, nauseante. Aplicando uma máscara sobre a boca e o nariz, Gabrielle virou-se para verificar se Miller se encontrava pronta. As duas pareciam ligeiramente ridículas, envergando fatos forenses e coberturas para o calçado e levando na mão lanternas e revólveres, mas não havia alternativa. Se fosse este o local dos homicídios, teriam de o preservar, mas teriam também de se proteger. Gabrielle não contava que se encontrasse alguém no interior — o lugar parecia frio e sem vida —, mas de nada serviria correr riscos, especialmente levando atrás uma agente subalterna.

— Aos três. Um, dois, três.

Gabrielle avançou para o interior, lanterna apontada e arma em riste. Um movimento à esquerda levou-a a virar-se, mas não passava de uma sombra a dançar na parede. Avançaram, com Gabrielle a tomar conta do canto esquerdo, enquanto Miller cobria o flanco direito. Seguiram em frente, vasculhando com o olhar a caravana às escuras em busca de sinais de vida. Mas não havia ali ninguém — o lugar fazia eco e estava vazio, a não ser pela pilha de material de limpeza e maquinaria no canto mais distante.

Virando-se para lá, Gabrielle apontou a lanterna para o material abandonado. Havia uma máquina industrial de limpar carpetes que já vira melhores dias, com um tubo de aspirador rasgado dependurado,

mas viam-se outros objetos que pareciam ser mais novos. Coberturas para calçado e fatos protetores. Coberturas de plástico e luvas de látex. Gabrielle agachou-se para as examinar, com a sua mente a recordar as marcas no pescoço de Jacob Jones, causadas pela sua alergia ao látex. Será que o corpo de Rochelle também teria revelado indícios de ter sido manuseado por luvas de látex? Gabrielle sabia que não haviam sido encontradas impressões digitais nem fibras no corpo, mas não perguntara especificamente a Aaron Holmes por isto e anotou mentalmente para o fazer assim que terminassem ali.

Junto ao monte de lençóis de plástico, encontrava-se um grande bidão. Apontando para lá a lanterna, Gabrielle avistou uma variedade de símbolos de alerta, revelando a toxicidade do conteúdo, assim como o nome da substância. Hipoclorito de sódio.

— Hipoclorito de sódio... o que é isso? — questionou Miller, ao ler o rótulo por cima do ombro.

— Lixívia industrial. Mas não sei que uso terá na limpeza de alcatifas.

Gabrielle afastou-se do bidão, varrendo o chão vazio com o feixe da lanterna.

— E para quê tanto?

Detendo-se, curvou-se para examinar a superfície da caravana. Para um lugar tão desgastado e abandonado, o chão encontrava-se escrupulosamente limpo, sem um vestígio de pó. Seria Redmond meticulosamente higiénico ou as superfícies macias e limpas esconderiam algo mais sinistro? O feixe de luz de Gabrielle incidiu num orifício de drenagem no canto à sua direita.

— Dá-me aqui uma ajuda, OK? — pediu, dirigindo-se para lá.

O escoadouro tinha por cima uma pesada grelha metálica. Unindo forças, as duas levantaram-na com facilidade. Gabrielle apontou a lanterna para baixo. O raio iluminou um cano profundo e amplo que descia um metro e meio até chegar a um curso de água. Era sujo e escuro e nem com a potente lanterna se conseguia ver bem, com a luz a dançar no reflexo da água. O que era claro era que imensas quantidades de lixívia tinham sido despejadas por ali — o aroma tóxico era tão intenso no escoadouro como na divisão acima.

— Precisamos dos CSI aqui em baixo — comentou Gabrielle, enquanto voltavam a tapar o escoadouro. — Para passarem este lugar

a pente fino.

— Vou ligar-lhes — respondeu de imediato Miller, retirando o telemóvel do bolso e avançando rapidamente para a porta.

Gabrielle manteve-se onde estava, absorvendo o que via na caravana lúgubre. O lugar causava-lhe arrepios — havia ali algo de feio e sinistro —, e ansiou por saber o que se passara dentro daquelas quatro paredes. Isso, contudo, teria de esperar até Bartlett e a sua equipa CSI tratarem do assunto logo pela manhã do dia seguinte. Desvendando quaisquer segredos que esta caravana lúgubre ocultasse... por ora.

Entrando para o corredor, Adam levou algum tempo a recompor-se, reparando que uma vez mais as suas emoções se encontravam estranhamente ao rubro. Sentiu-se tentado a atribuir as culpas à cerveja que circulava dentro dele, mas a verdade é que ultimamente, sempre que voltava a casa, sentia algo diferente — tensão, raiva, alívio, nervos. Era tudo tão diferente dos dias — tão recentes, na verdade — em que entrava pela porta com o coração leve e um sorriso na cara.

Agora, as suas emoções atropelavam-se umas às outras. Havia a culpa por ter deixado Faith sozinha, irritação por ela o ter afastado, raiva por a vida poder ser tão merdosa e, por vezes, um desejo ocasional de gritar e berrar, de derrubar as paredes. Acima de tudo, havia nervosismo, uma sensação de não saber que terrenos pisava.

Esta noite, contara que tudo fosse tranquilo. Partira do princípio de que Faith se teria retirado para o seu estúdio, ou que se teria deitado, mas agora, ao fechar suavemente a porta de entrada, ouviu vozes vindas da sala de estar. Entrando, espantou-se ao ver Kassie e Faith a conversar no sofá.

Viraram-se quando entrou, com Kassie a corar um pouco, enquanto Faith falava com ele.

— Olá.

— Olá — reagiu Adam, sorrindo de um modo que sabia ter parecido convincente.

— A Kassie teve uns problemas com a mãe — prosseguiu Faith. — Saiu de repente da cidade, por isso eu disse-lhe que podia ficar aqui umas noites, até resolver as coisas.

As palavras foram proferidas num tom ligeiro, como se não fosse nada de especial, e Adam deu por si a concordar num aceno mudo. Na realidade, aquilo era um grande sinal vermelho. Em nenhuma circunstância era boa ideia uma paciente ficar em casa do psicólogo. Era muito mais indicado envolver a assistente social para que lhe encontrasse um hostel ou hotel, e por norma era exatamente isso que teria sugerido. Mas Faith parecia ávida por ajudá-la e naquele momento Adam não suportava a ideia de contrariá-la à frente de Kassie. Não restavam dúvidas de que Faith sabia que o seu pedido era algo em grande, daí a ligeireza forçada das suas palavras, mas de qualquer modo pareceu importante para ela.

— Bem, estamos contentes por ajudar — disse Adam, o que em parte era verdade.

— É só por um dia ou dois — acrescentou de pronto Kassie, lançando um olhar confrangido à sua mala, pousada junto ao sofá.

— Não há problema — descansou-a Adam. — Mas a polícia está ansiosa por falar contigo, por isso amanhã de manhã bem cedo é melhor telefonarmos-lhes. Para ver se conseguimos resolver isto.

Kassie pareceu desconfortável perante tal perspetiva, mas assentiu. Faith olhou de soslaio para Adam, a denotar uma suspeita de que ele tentava fazer com que Kassie se sentisse indesejada.

— Queres comer alguma coisa, Kassie? — perguntou Faith, virando-se para a rapariga.

— Não, não é preciso, não quero incomodar-vos...

— Não incomodas nada — interrompeu Faith. — Vamos mandar vir.

— É muito amável, mas já comi e, além disso — disse Kassie, hesitando um pouco antes de prosseguir — ... gostaria de ir ao Granary Park, à vigília.

— Claro.

A aceitação fácil da parte de Faith sugeriu que já estaria a contar com isto da parte de Kassie. Para embaraço de Adam, constatou então que o encontro comunitário desta noite se apagara por completo da sua mente.

— Não faço ideia se vai levar a alguma coisa, mas sinto-me impotente não fazendo nada — prosseguiu Kassie com um encolher de ombros angustiado.

— Assim sendo, deixa-me arranjar-te uma chave — disse então Faith. — Caso não estejamos a pé quando voltares...

Saiu energicamente da sala, deixando Adam e Kassie a sós.

— Estás bem? — arriscou a perguntar Adam.

— Sim, estou.

— E a tua mãe? O que é que se passou?

Mas Kassie limitou-se a abanar a cabeça e, segundos mais tarde, Faith regressou, depositando uma chave na mão de Kassie.

— Preparo-te a cama no quarto de hóspedes.

O quarto extra deles acomodara a mãe dela nas últimas semanas, mas já há alguns dias que não era usado.

— É muito amável. E agradeço — replicou Kassie. — Não sabia mais onde ir...

— E ainda bem que vieste. Não é, Adam?

— Sem dúvida.

Kassie fitou-o com os olhos semicerrados, talvez tentando avaliar a sinceridade da resposta dele, após o que saiu. Por momentos, o silêncio invadiu a casa, com o som dos passos de Kassie aos poucos cada vez mais longínquo, enquanto Faith e Adam olhavam um para o outro. Depois, abruptamente, Faith virou-se e encaminhou-se para a mesa, pegando na ementa de *takeaway*.

— E então, preferes indiano ou chinês?

— Faith...

Ela parou de ler e voltou-se para ele.

— Achas que isto é sensato?

— «Sensato»?

— Ela é minha paciente.

— Eu sei.

— E pessoa de interesse numa investigação de homicídio em curso...

— Tretas. Andam às apalpadelas.

Adam fitou por momentos a mulher, com inveja da sua certeza descomplicada. Ela devolveu o olhar, recusando-se a pedir desculpa pela sua hospitalidade.

— O que quero dizer é... se se sabe que tenho uma paciente hospedada em minha casa, isso pode originar graves repercussões profissionais.

— Eu entendo isso, mas é só por um dia ou dois. E não temos de anunciar a ninguém que ela cá está.

Adam queria compadecer-se, mas por algum motivo não conseguiu. Sabia que a presença de Kassie ali representava sarilhos. Faith pareceu pressenti-lo e lançou-se ao ataque.

— Ora bem, qual é a alternativa? Um hotel? Um daqueles hostels horríveis para onde mandam os que andam perdidos?

— Não são assim tão maus.

— Ela é uma *rapariga*, Adam. Uma rapariga vulnerável...

— Eu sei. Mas há outras formas de ajudá-la, não temos de ser nós.

— Caso não tenhas reparado — ripostou Faith, começando a ficar vermelha —, ela não tem mais ninguém. A própria mãe, a pessoa que supostamente devia protegê-la... criá-la, deixou a cidade... se calhar de vez. O resto da família não quer saber, não tem amigos...

— Há lugares seguros para onde ela pode ir. Se falar com a assistente social...

— A Kassie tem de ser protegida — teimou Faith, interrompendo-o. — Precisa de amor, de orientação. Serás capaz de perceber isso?

— É claro que sim.

— E, mesmo assim, ainda a queres largar nas ruas?

Ela agora lançava-lhe um olhar fulminante. Adam sentiu-se mal — ele tinha razão, mas ela também, confiando no seu instinto maternal e fazendo o que faria qualquer ser humano decente. Adorava a força de Faith, a sua moralidade descomplexada, o seu sentido de compaixão, e de repente desejou imenso corrigir as coisas, reconciliar-se. Só que não teve a oportunidade, pois Faith já seguia para o quarto, mas não sem antes lançar o seu derradeiro e esmagador veredito.

— Imaginei-te melhor do que isso.

Kassie percorreu a rua em passos pesados, com os pés a bater com força no passeio. Apesar de a vigília já ter começado, ainda havia retardatários a rumar ao Granary Park, e ela acompanhou-os. Levava um charro escondido na mão e travou discretamente, desejosa de não perder as últimas preciosas passas.

Esperou sentir-se mais animada depois de umas passas, mas não lhe saíam da mente algumas questões incômodas. Porque é que fazia tanta asneira? Porque é que levava infelicidade e divisão onde quer que fosse? A sua própria mãe perdera a esperança nela, cortando definitivamente os laços. E o que dizer dos seus novos «protetores»? Faith acolhera-a bem, mas Kassie percebera que a sua presença no lar dos Brandts perturbara Adam, por muito que ele tivesse tentado disfarçar. Não suportava a hipótese de regressar a casa — apesar de «casa» ser uma palavra estranha para um lugar que agora tresandava a rejeições e tristeza —, mas não lhe passou despercebido o ambiente que gerara entre os Brandts. Estariam nesse instante a discutir, com Adam a esforçar-se por convencer Faith a voltar atrás na sua oferta de hospitalidade? Tal ideia levou Kassie a parar, tomada pela melancolia, e atirou a beata do charro para a sarjeta. Nada parecia correr em seu favor.

Agora ouvia vozes mais adiante — vozes altas amplificadas —, e também aplausos. Erguendo o olhar, percebeu que chegara à entrada do parque. Estava obviamente a ouvir através do sistema de som —

escutava a voz de um homem a incitar os presentes a permanecerem resolutos, lado a lado com os outros cidadãos.

Tratou-se de uma mensagem que tocou fundo em Kassie, nessa noite mais do que nunca. Sentira-se só na maior parte da sua vida, nunca se achara verdadeiramente desejada ou aceite, e agora dava por si a apressar-se na direção do som, ávida por sentir por si a solidariedade da comunidade. Ultrapassando um par de empatas, contornou a curva do carreiro e entrou na secção principal do parque.

Estacou de imediato. Não apenas por o caminho se encontrar bloqueado — o pequeno parque abarrotava de gente —, mas mais por nunca ter visto algo tão enternecedor. Não havia um milímetro de espaço onde quer que fosse, o lugar abarrotava de gente da zona, quase todos com velas ou lanternas nas mãos. Havia reformados de braço dado, criancinhas aos ombros dos pais, para verem melhor, jovens casais apoiando-se mutuamente na sua comoção. Kassie sentiu lágrimas a picarem-lhe os olhos — era quase excessivamente mágico.

O homem continuou a falar. À distância a que se encontrava, Kassie não podia ter a certeza, mas parecia um padre. Por norma, encararia tudo o que ele disse com alguma desconfiança — a sua experiência tornava difícil acreditar no benevolente Deus a quem a sua mãe rezava —, mas nessa noite as suas palavras soaram reconfortantes.

— Lado a lado permanecemos, de mão dada ao nosso companheiro. E, acreditem em mim, não há demónio que não possa ser subjugado, se cidadãos comuns e decentes se recusarem a acobardar-se, se recusarem deixar-se intimidar. Acreditem no próximo, procurem o próximo, e este horrível período passará. O salvamento está à mão, mas cabe-vos a vós fazer as coisas bem...

Os seus ouvintes reagiam positivamente, tal como Kassie. Deu por si a sorrir e de repente sentiu vontade de rir — para expulsar toda a angústia e sofrimento e acolher no seu lugar o otimismo e a esperança. Sentiu as suas preocupações a esvaírem-se enquanto se perdia na retórica do padre e no fervor da multidão. Pela primeira vez em muito tempo, Kassie sentiu-se feliz, até excitada, e imiscuiu-se um pouco mais na multidão, ansiosa por se aproximar do coração da ação. Algo — adrenalina? Um desejo de pertença? — a incitava a avançar, e cedeu com prazer, deleitando-se com o ardor das pessoas em redor.

Sorrindo a si mesma, baixou a cabeça e serpenteou até ao palco, desaparecendo lentamente de vista por entre o mar de gente.

O carro ronronou pelo alcatrão fora, avançando devagar, mas com determinação. As ocupantes seguiam em silêncio — de olhos colados na rua, observando atentamente cada viatura estacionada, cada rosto que passava. Procuravam há quase duas horas e, em privado, ambas ansiavam por uma pausa, mas para já não havia hipóteses.

Gabrielle e a adjunta batiam Lower West Side desde que abandonaram a caravana de Redmond. Apesar de este poder estar escondido em qualquer ponto da cidade — ou, talvez, até no exterior —, era lógico iniciar a busca em áreas mais próximas da caravana. Não se encontravam sozinhas na caçada: duas dúzias de agentes de trânsito e um punhado de inspetores da equipa de Gabrielle faziam o mesmo, completando circuitos em Pilsen, Chinatown, Medical District, Near West Side e mais além. Mas, até então, ainda ninguém dera com a pick-up de Redmond, nem com o próprio homem.

Talvez fosse um sinal de desespero o facto de Gabrielle e Miller se terem juntado à caçada, em vez de dirigirem as operações a partir da base. Mas não havia novas estratégias a traçar, nem novas informações a peneirar, pelo menos até Bartlett concluir as suas investigações. Por ora, todos os caminhos iam dar a Redmond e, até que o encontrassem, a investigação não avançaria de vez.

Miller conteve um bocejo, erguendo uma mão para disfarçar o cansaço. Mas Gabrielle não se deixou enganar, nem ficou insensível ao sofrimento dela. A adjunta mal dormira nessa semana, passando todas

as horas desperta a perseguir pistas ou a bater ruas.

— Sabes, se quiseses ir para casa, não me importo de fazer isto sozinha. Já só faltam algumas horas, aliás.

— Eu estou bem, a sério.

— Não há crise. Já trabalhaste mais do que devias nestes últimos dias.

— «Nós servimos e protegemos» — reagiu Miller, animada.

— E estou grata que o faças, mas não tens de te estourar por completo. Toda a gente tem direito a uma vida.

— Eu não — ripostou, alegremente, a adjunta. — Adoro o meu trabalho, dá-me tudo aquilo de que preciso.

— E uma família? — inquiriu Gabrielle, consciente do pouco que sabia sobre a adjunta.

— Toda em Detroit.

— Um companheiro?

— Não tenho tempo para isso.

— A sério? Pensei que os jovens passassem o tempo livre em busca de companhia...

— Não faz o meu género — replicou Miller, virando-se para observar uma pick-up que rodava na direção oposta.

A condutora sorriu-lhes ao passar. Seguiram caminho, abandonando Medical District para rumar a norte. A gigante autoestrada Chicago-Kansas pairava lá no alto, enquanto cruzavam Lower West Side. Gabrielle duvidou que tivessem melhor sorte ali, mas tinham de tentar.

— Mãe e pai em Detroit? — perguntou Gabrielle, ao contornarem a esquina para a South Laflin Street.

— A-hã.

— Vais lá com frequência?

— Talvez uma vez por ano. Não somos muito chegados.

Gabrielle espreitou discretamente para a colega, que continuava a observar a rua, parecendo imperturbada com a confissão.

— Sabes, Jane, todos agradecemos a tua dedicação, mas é importante termos alguém que nos apoie. Este trabalho é exigente e por vezes precisas...

— Tenho a equipa, isso basta.

— E isso é ótimo, mas a equipa muda. Um dia és promovida e

terás todo um novo conjunto de rostos...

Mas Miller abanava suavemente a cabeça.

— Sinto-me feliz onde estou. Esta equipa é o mais próximo de uma família que alguma vez tive.

Foi proferido de uma forma simples, como algo factual, mas apanhou Gabrielle de surpresa.

— Antes, nunca senti que me encaixasse em lado nenhum — prosseguiu Miller, ao pressentir a reação de Gabrielle. — Na escola, no trabalho, e até em casa. Mas apostou em mim... e nunca o esquecerei.

— Já mais do que pagaste a minha confiança em ti.

— Falo a sério — prosseguiu Miller. — Eu não tinha foco, nem direção, até me juntar à sua equipa.

Gabrielle foi apanhada de surpresa pelo tom emotivo da voz de Miller. Nunca ouvira a subalterna falar assim. Ao parar num semáforo vermelho, Gabrielle aproveitou a deixa para se virar para a sua agente, curiosa por saber o que despertara esta inabitual abertura. Miller devolveu fugazmente o olhar, para depressa desviar os olhos.

— Provavelmente, não devia falar consigo nestes termos — prosseguiu Miller, olhando para um ponto algures acima do ombro de Gabrielle. — Eu só acho... acho que nunca houve quem acreditasse em mim. Daí que signifique tanto para mim. Daí eu nem sequer me interessar se me propuserem uma promoção. Só quero estar no Gabinete a fazer um bom trabalho consigo, com a equipa...

Havia um entusiasmo na sua voz, na sua expressão, mas também algo mais. Algo que perturbou Gabrielle.

— E essa boa vontade estende-se, também, à inspetora Montgomery? — ripostou Gabrielle.

— Ela é nova — respondeu de pronto Miller. — Ainda está a aprender, mas há de lá chegar.

— Com a orientação certa.

— Claro — respondeu Miller. — Nunca tive problemas com ela. Vai ser... é uma boa inspetora. E ajudá-la-ei de todas as formas que puder. É o meu dever, depois do que a chefe fez por mim...

Gabrielle preparou-se para mais — uma afirmação hesitante e incómoda de solidariedade e determinação —, mas, para sua surpresa, Miller de repente calou-se. Gabrielle virou-se para ela, sem saber o que esperar a seguir, mas uma vez mais foi apanhada de surpresa.

Miller não olhava para ela, mas para algo diretamente atrás dela.

— Olhe — disse entre dentes Miller, apontando por cima do ombro de Gabrielle.

Gabrielle rodou no seu assento, mal se atrevendo a acalentar esperanças. Mas, desta vez, não era para se sentir desapontada. Escondida numa viela escura que dava para a rua principal encontrava-se uma pick-up *Ford* castanha com matrícula do Louisiana.

— Quer esperar por reforços? Ou avançamos já?

As duas mulheres estavam paradas na sombra do bloco de apartamentos em ruínas. Todos os vestígios da emoção anterior haviam desaparecido — a inspetora Miller regressara ao modo estritamente profissional. Vibrava de excitação, dando a volta à pick-up estacionada, enquanto verificava uma e outra vez o seu revólver.

Gabrielle recuou um passo para olhar melhor para o prédio em ruínas que se erguia sobre elas. A pedra cinzenta maltratada estava abandonada, mas não esquecida, encontrando-se coberta de avisos anunciando a sua demolição. No entanto, os trabalhos não começariam antes de três meses, tornando a estrutura vazia num esconderijo perfeito. Todo o espaço parecia sem vida e abandonado, mas, focando a vista, Gabrielle distinguiu uma luz débil proveniente do interior.

— Eu digo que avancemos.

— Por mim, está bem — respondeu, ansiosa, Miller.

— Os reforços só chegam daqui a 20 minutos. E há todas as probabilidades de a cavalaria o alertar para a nossa presença.

Era uma decisão difícil. Entrar sem apoio era perigoso, mas, com o elemento surpresa, podiam apanhar Redmond sem luta. Retirando a arma do coldre, Gabrielle libertou a cavilha de segurança.

— OK, vamos a isto. Mas com *calma*...

Anuindo, Miller avançou um passo. A porta principal tinha tábuas

pregadas numa proibitiva forma de X, mas, contorcendo o corpo para passar por uma abertura, Miller conseguiu deitar a mão ao puxador.

Nenhuma das mulheres se surpreendeu quando abriu facilmente, e Miller torceu-se para passar pela abertura nas tábuas. Gabrielle seguiu-a, desaparecendo na escuridão.

Avançaram lentamente, mal se atrevendo a respirar. O prédio estava abandonado há um tempo considerável — o soalho rangia de modo agoirento, caía-lhes estuque nas mãos e havia fios elétricos dependurados do teto. Gabrielle assumiu que não estivessem ligados, mas não ia verificar a sua teoria e avançou com cuidado, testando cada passo antes de prosseguir. O lugar estava podre — parecia capaz de engolir alguém que desse um passo em falso — e cada movimento era carregado de perigo.

Havia alguém no prédio — ela ouvia o movimento —, mas a questão era: onde? Os ruídos pareciam oriundos da frente delas, mas a escuridão desorientava-as. Gabrielle sentiu-se extremamente tentada a acender a lanterna, mas fazê-lo alertaria Redmond para a presença de ambas. Assim, prosseguiu às escuras, de arma empunhada.

Distinguiu com dificuldade uma entrada à esquerda. Gabrielle parou para se assegurar de que Miller a acompanhava e depois sussurrou:

— Aos três. Um, dois, três...

Entraram velozmente na divisão, com o olhar a vasculhar a escuridão, as armas em busca de um alvo. Algo correu rapidamente para as sombras e Miller reagiu de pronto, mas Gabrielle deteve-a com uma mão sobre o braço.

— Ratos — murmurou.

Voltando-se, examinaram o resto da divisão. Estava vazia, pelo que se retiraram depressa para seguirem caminho. Havia outra porta para a direita e apressaram-se então para lá, mas também só encontraram um espaço deserto. A derradeira divisão no rés do chão era demasiado perigosa sequer para se entrar, com várias tábuas do soalho já partidas. Já há algum tempo que ninguém ali punha os pés.

Estavam a voltar para o corredor quando um repentino ruído as

levou a parar. Um rangido sonoro, a emanar quase diretamente sobre as cabeças delas. Seguido pelo som de vozes abafadas. Estaria alguém com Redmond? Assentiu com a cabeça na direção de Miller e o par retomou a marcha, avançando rapidamente, mas em silêncio, pelo corredor até chegarem à escadaria principal. Uma vez mais, Gabrielle espreitou para o relógio, com o mostrador a brilhar na escuridão. Os reforços ainda se encontravam a 10 minutos de distância — demasiado tempo para esperar havendo a possibilidade de apanharem o assassino — ou assassinos — desprevenido.

Gabrielle subiu os degraus com firmeza, mas depressa. Isto devia-se em parte ao nervosismo, mas principalmente por o som das vozes ser cada vez mais nítido. Agora era possível distinguir perfeitamente uma voz feminina. Gabrielle segurou com força o seu revólver, esperando não ter de o usar, rezando para que a sorte a acompanhasse se o tivesse de fazer.

Subindo a escadaria, deu por si num corredor comprido às escuras. Os ruídos vinham de uma divisão ali perto, à esquerda. Avançando encostada à parede, Gabrielle deu passos leves e amplos — até o mais discreto ruído poderia revelar a presença delas. Encostando-se ao caixilho da porta, comunicou por gestos a Miller e depois entrou confiante e silenciosamente pela porta aberta, refugiando-se do outro lado. As mulheres estavam agora bem posicionadas para cobrir o interior da divisão a partir de vários ângulos. Gabrielle afastou da mente os pensamentos na família, o perigo que corria, e assentiu com a cabeça para a adjunta. Rodando à volta do caixilho da porta, apontaram as armas para a divisão do outro lado.

Para surpresa de Gabrielle, estava vazia. Havia uma cadeira e uma mesa. Nesta última, estavam pousadas várias caixas de takeaway e um cigarro ainda aceso na beira de um cinzeiro. No chão via-se um par de caixas de cartão e alguns jornais, e por detrás um ecrã de televisão a tremeluzir, que parecia passar as notícias da noite da WGN. A jornalista apresentava os últimos desenvolvimentos da caça ao «Carniceiro de Chicago» de uma forma decidida e clara, levando Gabrielle a deter-se. Seria esta a voz feminina que ouvira lá em baixo? O cigarro ainda a arder sugeria que alguém ali estava. A questão era: *quem?*

Baralhada, Gabrielle recuou para o corredor, com a sua *Colt .45* a abrir o caminho. Avançou com determinação, pensando apenas em apanhar o suspeito, de tal maneira que o seu pé quase passou por uma tábua podre — a experiente agente conseguiu puxá-lo mesmo a tempo. Endireitando-se, indicou por gestos a Miller que a seguisse, avançando depois um passo.

Quando o fez, um vulto passou a correr ao fundo do corredor, com a sua arma a troar enquanto partia. Gabrielle atirou-se para a direita — a bala cravou-se na parede no local onde ela estivera. Reagiu disparando de pronto — uma, duas, três vezes —, com as balas a rasgar o comprido corredor, falhando por pouco o alvo, que correu para a divisão em frente. Gabrielle rodopiou rapidamente para ver se Miller estava bem, lançando uma ordem à adjunta.

— Fica atrás de mim.

Miller obedeceu. Mantendo-se chegada à parede, Gabrielle deslizou pelo corredor, com a arma apontada à entrada aberta da divisão. Tinha o dedo colado ao gatilho, pronta a disparar de novo. Não pretendia que a situação se desenrolasse desta maneira, mas agora era matar ou morrer. Avançou rapidamente pelo corredor, mantendo-se agachada. Estava pronta para disparar, mas deparou com a divisão vazia, com um vento amargamente frio a rugir pela janela aberta.

Correndo para lá, Gabrielle espreitou cautelosamente — a tempo de ver um homem alto de cabeça rapada a erguer-se no meio dos sacos do lixo lá em baixo. Por momentos, os seus olhares cruzaram-se — era Redmond. Gabrielle ergueu a arma para disparar, mas ele já se afastava e ela foi um segundo demasiado lenta. Praguejando, Gabrielle voltou-se e saiu da divisão a correr, quase chocando com Miller.

Chegou às escadas em segundos e desceu-as a correr. Cruzava agora o *hall*. Tentando puxar a porta para trás, aplicou-lhe um e outro pontapé, arrancando as tábuas dos pontos de fixação. Ouviu Miller logo atrás de si, mas não hesitou. Saindo disparada para o frio, correu para a direita, guinando para uma viela estreita que dava para as traseiras do prédio. Contornando-o, correu através das traseiras, saltando sobre mobiliário desfeito e brinquedos abandonados até dar com a janela por onde Redmond saltara. Orientando-se, detetou a rota de fuga dele, uma viela mais larga que dava para norte, e correu por

lá fora. Para seu grande alívio, viu Redmond à frente, a avançar atabalhoadamente rumo ao fundo do beco.

— Polícia. Pare!

Uma bala voou um pouco acima da cabeça dela, mas Gabrielle não vacilou, correndo pela viela na senda dele. O olhar de Redmond cruzou-se fugazmente com o dela — depois, optando por não arriscar outro tiro a uma distância tão grande, ele virou-se e fugiu.

A caçada estava lançada.

Kassie manteve a cabeça baixa, contorcendo o corpo esguio por entre a multidão. Estava apenas a uma dúzia de metros do palco, mas a parede de humanidade diante dela dificultava-lhe o avanço. Até então, as pessoas haviam sido tolerantes com ela, mas agora começavam a surgir comentários e um ou outro resmungo enquanto forçava a passagem, embatendo em cotovelos e ombros. Era uma estupidez — conseguia ouvir perfeitamente bem e, se se tivesse dado ao trabalho de ver, também teria uma boa perspectiva do palco, mas algo a impelia a avançar.

Seria esperança o que a movia? Uma necessidade de acreditar que tudo ficaria bem? Ou outra coisa qualquer? O seu coração batia demasiado depressa e sentiu-se entontecida. Num momento, sentiu-se subjugada, como se fosse desmaiar no meio do aperto da multidão, a seguir sentiu-se animada e eufórica. Era desconcertante, um pouco assustador, mas irresistível, daí o seu avanço vacilante, mas persistente.

E lá foi seguindo em frente, pisando o pé de alguém, mas avançando demasiado depressa para ouvir toda a manifestação de desagrado. E, de repente, ali estava ela, colada às barreiras de segurança que delimitavam o palco. Voltando-se para olhar para trás, abarcou a multidão de rostos e pensou por um momento como conseguira transpor uma massa de gente tão proibitiva, mas outro aplauso sonoro da multidão despertou-a dos seus pensamentos, e

virou-se de novo para o evento principal.

Tomara a palavra uma mulher de meia-idade que incitava a população de Chicago a vigiar a sua cidade, a extirpar o mal de dentro da comunidade. Parecia ser a atração principal, talvez a organizadora da vigília, e o volume das reações da multidão parecia crescer a cada frase. O encontro aparentava estar a atingir o seu clímax — transformando-se em algo diferente, mas ruidoso —, um toque a reunir dirigido a todos os cidadãos preocupados.

Os residentes de West Town ali presentes foram afetados pelo mesmo, tal como Kassie. A oradora também não ficou insensível, subindo o tom de voz enquanto apontava para as pessoas da multidão, instigando-as a agir individualmente, a ripostar. Era como se ungissee as pessoas, outorgando-lhes uma licença especial para liderar a luta, e Kassie desejou a sua aprovação, ansiando pela sua proteção e pelo conforto que isso traria.

A mulher pareceu não a ter visto, olhando para a esquerda dela, por cima dela, para a direita... e, de repente, descobriu-a. Fez uma breve pausa e depois retomou o discurso, enquanto baixava o olhar para o cruzar com o de Kassie. De imediato, Kassie vacilou, chocando na pessoa atrás de si.

— Ei, o que ‘tás a fazer?

As palavras soaram abafadas e longínquas. Kassie quis agarrar-se a elas, para se arrastar de novo para o presente, mas já era tarde. O seu olhar prendeu-se no da mulher e não havia maneira de voltar atrás. Houve um momento de silêncio puro e depois, sem aviso, Kassie desatou a gritar, demorada e audivelmente, antes de desabar no chão.

Estava em sofrimento, mas nem assim se deteve.

Mergulhara de uma altura de cerca de cinco metros desde aquela janela, aterrando pesadamente no solo. A queda fora parcialmente amparada pelos sacos do lixo espalhados pela viela, mas esmagara o cotovelo no chão duro. Sentia todo o braço dormente — ter-se-ia partido? —, mas agora não tinha como tratá-lo, não com a sua perseguidora tão perto.

Como raio é que o encontraram? Não fazia sentido. Fora muito cuidadoso, escondendo-se num dos vários edifícios de apartamentos devolutos que não haviam sido transformados em refúgios para *hipsters*. Era o buraco perfeito para alguém que necessitava de se manter fora do radar.

Outro grito de aviso atrás dele. A polícia estava a ganhar terreno e ele já contava que a qualquer momento uma bala se lhe cravasse nas costas... mas ainda não fora derrotado. Conhecia estes becos como a palma da mão e recorreu a esses conhecimentos, cortando à esquerda, depois à direita, antes de voltar para trás para baralhar a perseguidora. Chicago é uma cidade de vielas e ele sempre as usara em seu proveito.

Ainda assim, ela continuava no seu encaicho. Não era, evidentemente, idiota. Nem sequer cobarde, correndo na direção do perigo em vez de fugir dele. Os agentes da CPD supostamente seriam duros de roer e ela era a prova viva disso, mas ele ainda tinha um

trunfo do seu lado. Ela não dispararia se houvesse civis na linha de fogo e nessa noite as ruas estavam movimentadas. Ele ouvia o ruído ao longe — nitidamente, estava em curso algum tipo de evento —, e ao esquivar-se e ao serpentear pelas vielas que uniam as principais vias da cidade, avistou fugazmente as pessoas, todas rumando na mesma direção. Não sabia ao certo a que se devia aquilo — não havia jogos nessa noite —, mas ofereceu-lhe uma possibilidade de salvação. Não havia maneira de se superiorizar à sua perseguidora em corrida, mas podia ser mais esperto do que ela.

Até então, mantivera-se fora da vista, temendo ser detetado por agentes fardados em patrulha, mas cautelas já não eram opção. Ela seguia a apenas uns 15 metros dele, ao alcance de um tiro se conseguisse apontar, e ele não queria morrer numa viela fétida de Chicago — não, tendo ainda tanto para fazer.

Ao chegar ao fim do atalho, entrou aos tropeções na rua.

Uma mulher sobressaltada olhou para ele, observando o seu rosto ruborizado e suado, antes de se afastar. Ele acompanhou o progresso dela, reparando que se dirigia para um parque ali perto que parecia repleto de gente. Não hesitou, ultrapassando a mulher e avançando o mais depressa que pôde na direção da parte mais afastada da rua, esperando livrar-se da perseguidora no parque apinhado.

Mas a polícia — uma mulher negra de meia-idade — já estava na rua, procurando a presa com o olhar. Um momento de indecisão, e depois cortou à esquerda, na mesma direção que ele tomara. Ele praguejou baixinho — ganhara um par de metros, mas ela depressa os recuperaria se não encontrasse rapidamente um esconderijo. Redobrando o esforço, coxeou na direção do movimentado parque, mais adiante.

Nesse momento, começou de novo a escutar sons. Uma voz de mulher — amplificada por um sistema de som —, mas também aplausos e um ou outro grito de desafio. E foi então que percebeu do que se tratava. Vira na televisão, mas na altura não lhe prestara atenção — e agora ali estava, mesmo à sua frente. A vigília com velas por Jacob Jones e Rochelle Stevens. Era quase demasiado bom para ser verdade. Era *perfeito*. E, agora, na sua hora de aperto, seria a sua salvação.

Com um tremendo esforço, correu para a entrada. Só que, de

repente, deu por si a voar de lado. Bateu com força no passeio, com a cabeça latejante a chocar no chão. Ficou sem ar, mas ainda conseguiu levantar-se — para dar com a atacante a fazer o mesmo. A jovem agente da polícia já levava a mão ao interior do casaco, sacando a arma do coldre.

— CPD. Largue a arma, e...

Redmond não hesitou — aplicou uma cabeçada no rosto dela. Ela vacilou para trás, cambaleando, como um bêbedo, até cair no chão. Ele sacou da sua arma — podia acabar com ela, não haveria alvo mais fácil —, mas tinha de seguir caminho. Estava quase no parque.

Deu um passo em frente, mas, nesse preciso momento, sentiu o cano frio de uma arma cravado na nuca. No meio da confusão, não se apercebera da aproximação da perseguidora original. E agora? Conseguiria afastá-la e disparar a tempo? Achou que seria possível, mas enquanto ainda avaliava as suas possibilidades, uma voz fria atrás dele avisou:

— Força, Kyle, dê-me um motivo para premir o gatilho.

Kassie instalou-se na cadeira de plástico rachada segurando um saco de gelo encostado à cabeça latejante. Tinha os olhos fechados — a lâmpada fluorescente do hospital servia apenas para intensificar a dor —, mas agora ouvia passos de alguém a aproximar-se. Percebeu de quem se tratava sem precisar de olhar.

— Peço muita desculpa — disse Kassie, baixinho. — Insistiram que eu ligasse a *alguém*...

— Não faz mal — disse Adam, num tom cansado, sentando-se ao lado dela. — Enquanto estás connosco, és responsabilidade nossa.

Isto serviu apenas para Kassie se sentir pior.

— O que é que aconteceu? — questionou Adam, baixinho.

De repente, Kassie sentiu uma enorme gratidão para com Adam. Apesar de tudo, ainda se *esforçava* por ser amável. Poucas pessoas tiveram tanta paciência com ela.

— Desmaiei na vigília, bati com a cabeça... Quando dei por mim, ia numa ambulância. Disse-lhes que me deixassem sair, mas insistiram em trazer-me aqui.

— Como é que te sentes agora?

— Sinto-me bem... e os médicos dizem que não tenho nada. Sinceramente, só quero pôr-me a andar daqui.

— Estiveste a fumar? Antes de desmaiases?

Kassie hesitou, o que levou Adam a insistir:

— O médico disse que o teu hálito cheirava a erva.

— Um charro, foi tudo.

— Era suposto estares a deixar...

— Eu sei, e vou fazê-lo, mas não é disso que estamos agora a falar.

— Então, o que é que aconteceu?

Kassie sabia que este momento chegaria, mas não estava preparada.

— Foi a multidão? Alguém te magoou de alguma forma?

Kassie mexeu nas unhas.

— Olha, independentemente do que possas pensar, não estou zangado cont...

— Tive outra visão.

Adam levantou-se de um pulo. Pela sua expressão, já era o que ele esperava, ou talvez até temesse.

— Eu estava na vigília e a sentir-me fantástica — prosseguiu Kassie, de pronto. — Foi excitante, animador... mas, depois, vi-a...

— Viste quem?

— A mulher que estava a discursar... Madelaine qualquer coisa.

— Madelaine Baines.

— Isso... Eu não queria, mas olhei-a nos olhos e vi. A dor dela, o terror, e depois o fogo a toda a volta, a *consumi-la*.

Virou-se para Adam, com a voz a tremer:

— A Madelaine Baines vai ser a próxima vítima dele.

Kyle Redmond lançou um olhar furioso a Gabrielle, puxando as amarras que o prendiam à cadeira de detenção. Mantivera-se calmo enquanto tivera uma arma apontada à cabeça, mas, mal foi posto sob custódia, tornou-se agressivo — pontapeando, socando e até mordendo os agentes que processavam a detenção. No fim, tiveram de o atar antes de o levarem para a sala de interrogatórios. As cadeiras de detenção eram mais associadas à baía de Guantánamo, mas Gabrielle tinha o direito de usar uma e não ia correr riscos. A inspetora Miller ainda estava a ser vista por um médico, mas Gabrielle desconfiava que a adjunta tinha o nariz partido.

— Jacob Jones e Rochelle Stevens.

Gabrielle fez deslizar as fotografias das duas vítimas sobre o tampo da mesa, até as deter sob o nariz de Redmond. No entanto, ele nem tentou olhar para lá, optando antes por a fitar diretamente. Os olhos dele pareciam demorar-se nas feições, como se se empenhasse em memorizá-las.

— Ambos brutalmente assassinados. Pode dizer-me quando é que os conheceu?

Redmond incidiu a sua atenção no inspetor Suarez, que ali estava no lugar da ferida Miller, olhando diretamente para ele. Era um jogo óbvio para um pulha como Redmond — dividir para reinar —, mas ela sabia que Suarez não se deixaria intimidar. Era um agente experiente que ao longo dos anos já enfrentara muita gente má.

— Deixe-me dar uma ajudinha. Limpou a casa do Sr. Jones na West Erie Street. E a propriedade de Rochelle Stevens em Washington Close. Falou com eles enquanto lá esteve, Kyle? Conheceu-os?

Ociosamente, Redmond devolveu o olhar a Gabrielle. Parecia quase divertido com os procedimentos. O facto de ter sido capturado parecia não o afetar minimamente.

— Não? Se calhar estavam com pressa para irem trabalhar — prosseguiu descontraidamente Gabrielle. — Eram ambas pessoas ocupadas. Calculo que tenha ficado com a casa por sua conta depois disso? Para levar alguma coisa, foi? Um conjunto extra de chaves, talvez?

Redmond estreitou um pouco os olhos, mas manteve um silêncio sepulcral.

— Porque há aqui uma coisa. Quem quer que tenha raptado estas pessoas, teve acesso às suas casas e todas as chaves foram encontradas, por isso...

Gabrielle deixou as palavras a pairar no ar, mas Redmond não estava a morder o isco.

— Não? OK, então vamos ao essencial — prosseguiu ela. — Onde é que estava na noite de 10 de abril?

Redmond interiorizou a pergunta, mas nada disse.

— Não? E que tal na de 17 de abril? A noite em que foi assassinada Rochelle Stevens.

Redmond remexeu-se na cadeira, puxando uma vez as correias que o restringiam.

— Fiz-lhe uma pergunta, Kyle.

Com relutância, Redmond parara de fazer força.

— Saí. Não me lembro onde fui.

— Saiu para fazer o quê? Foi a uma festa? Beber?

— Conduzir, acho eu.

— Algum sítio perto de West Town?

Redmond encolheu os ombros.

— Era onde viviam as vítimas. Mas é claro que já sabia isso, não é? Depois de as ter visitado — prosseguiu Gabrielle num tom coloquial.

— Tenho fraca memória para rostos — respondeu ele, num tom de desafio.

— A sério? Duas belas criaturas como eles? Olhe bem para as fotografias, Kyle. São dois giraços. Era impossível ver estas caras e não se lembrar, certo? Mas, insisto, se calhar eles não lhe dispensaram muito tempo.

Redmond olhou incisivamente para cima, para tentar perceber se Gabrielle troçava dele. O seu rosto era dominado por um enorme sinal congénito — isto, associado às inúmeras tatuagens, *piercings* e cabelo rapado, levava a que Redmond fosse o tipo de personagem que fazia com que as pessoas atravessassem a rua para o evitar.

— Gosta de ter poder sobre as pessoas, não é?

— Como?

— Agressão sexual, sequestro, tortura. Está aqui tudo, preto no branco. Gosta de as aterrorizar, de as rebaixar...

Redmond resfolegou e deu um novo sacão às amarras. Começava a ficar visivelmente frustrado por estar ali incapacitado, com suor a formar-se na sua testa franzida.

— Não vai a lado nenhum enquanto não começar a falar comigo, Kyle. Por isso, fale-me da Dani. O que é que ela lhe fez?

Redmond parou de se debater, surpreendido com a referência à ex-namorada.

— Ela gostava de si. Acolheu-o. E, em troca, manteve-a refém durante 48 horas. Torturou-a, cortou-lhe dois dedos.

— Aquela cabra não sabia o que era lealdade, não tinha classe...

— E, além disso, vejo pelos seus registos que agrediu a sua mãe.

— Ninguém merecia mais do que ela — comentou, com um sorriso a formar-se pela primeira vez nos seus lábios.

— E, além disso, os seus irmãos, colegas de escola...

Redmond encolheu os ombros, mas Gabrielle reparou no orgulho dele perante aquelas memórias.

— E agora Jacob Jones e Rochelle Stevens. Diga-me, como é que é senti-los todos à sua mercê?

Redmond agora observava-a com atenção.

— Queria destruí-los? Torná-los irreconhecíveis às suas famílias, a quem os amava? Disseram, ou fizeram, algo que o rebaixasse? Fizeram com que sentisse insignificante?

Redmond baixou o olhar para as fotografias sobre a mesa, interiorizando as imagens defronte dele.

— Não? Então, se calhar percebi isto tudo mal. Se calhar é inocente?

— Agora está a chegar lá...

Ele sorriu desconsoladamente, revelando vários dentes de ouro. Gabrielle levou com uma baforada de hálito a tabaco, mas disfarçou a repugnância, determinada a não reagir à provocação.

— Se assim é, o que o levou a fugir de nós? — contrapôs Gabrielle. — Se é inocente, porque é que disparou contra uma agente da polícia? Porque agrediu a minha colega?

— Violei a liberdade condicional. Se for apanhado, volto à cadeia.

— Tangas. Não se tenta matar uma agente da CPD por violar a liberdade condicional.

— Já alguma vez esteve presa na Prisão do Condado de Cook? — ripostou, num tom desdenhoso.

— É claro que não.

— Então, como é que haveria de saber? Há lá todo o tipo de aberrações. Preferia levar um tiro... merda, preferia encontrar a minha mãe no Inferno do que voltar para lá.

— Ah, sim?

— Não duvide — respondeu Redmond, num tom confiante, como se tivesse encestado para três pontos.

— Bem, isso é uma pena — acrescentou Suarez —, porque é exatamente para lá que vai.

A raiva apossou-se do olhar dele. Redmond estava prestes a lançar uma tirada de insultos a Suarez, mas Gabrielle intrometeu-se.

— Onde é que o fez, Kyle?

— Caraaaaamba...

— Sabemos que foi junto a um curso de água — frisou Gabrielle. — Um rio ou um lago. Estava aqui a pensar se teria sido na sua caravana na South Morgan Street?

Agora Redmond ficou tenso, nitidamente apanhado de surpresa pela dedução de Gabrielle.

— Algumas pessoas sabiam da caravana, claro, mas ninguém importante, certo? Era privado, num lugar muito afastado e sossegado à noite.

— Além disso, tinha tudo ali mesmo à mão para limpar as provas — intrometeu-se Suarez. — Limpinho, limpinho.

— O que estão para aí a dizer? Não tenho nenhuma caravana na South Morgan Street.

— Tem, pois, Kyle. Foi alugada com um dos seus nomes falsos preferidos.

Outra reação. Finalmente, Gabrielle sentiu que tinha Redmond na mão.

— As nossas equipas CSI estão neste momento a caminho de lá. Se descobirmos um fio de cabelo que seja da Rochelle Stevens ou do Jacob Jones...

— Não vão encontrar nada — contrariou ele.

— Então porque é que limpou aquilo tão minuciosamente? Cheira a lixívia por todo o lado, e falo da pesada, não da que se usa em casa no dia a dia.

— Isso são tretas.

— Conhecia as vítimas, tem registo...

— Não, não, não.

— E, além do mais, não tem álibi e tem o local do crime perfeito.

Redmond nada disse para se defender, a olhar para os pés. Gabrielle deixou que o silêncio se instalasse por uns momentos, antes de prosseguir.

— Ora bem, tem-me mentido desde que se sentou, mas... vou dar-lhe mais uma oportunidade. Sei que não atua sozinho. Até acho que não terá sido quem deu início a isto, por isso vou fazer-lhe mais uma pergunta. E, desta vez, gostaria de obter a verdade.

Redmond não levantou os olhos do chão. Agora parecia desorientado, como se desconhecesse o que viria a seguir.

— Conhece esta rapariga?

Empurrou uma fotografia de Kassie Wojcek sobre a mesa. Com relutância, Redmond ergueu o olhar, franzindo uma vez mais a testa, ao olhar para a fotografia.

— O que disser a seguir terá grande peso no modo como isto vai correr para si, Kyle. Por isso, pense bem e diga-me... conhece esta rapariga?

Redmond olhou demoradamente para a fotografia, como se debatesse a melhor forma de reagir, até que murmurou:

— Não... — Abanou lentamente a cabeça, mas sem olhar diretamente para Gabrielle. — Nunca vi essa cabra.

O rádio murmurava baixinho enquanto seguiam de carro pelas ruas escuras. A cabeça de Kassie começava a melhorar, a dor era menos intensa, e uma vez mais sentiu-se envergonhada e desconfortável. Adam poucos comentários tecera em reação à última visão dela, concentrando-se antes em assinar a papelada necessária para ela receber alta e ficar ao cuidado dele. Kassie teve a nítida sensação de que a quis tirar do hospital antes que ela adiantasse algo mais.

O *Lexus* rodou suavemente pela rua, exacerbando o silêncio instalado no interior. Iam a caminho de casa... para fazer o quê? Deitarem-se e esquecer tudo? Discutir a última visão e fazer algo em relação a isso? Ligar aos serviços sociais? Tudo parecia tão complicado e confuso que de repente Kassie ansiou por algum tipo de clareza. Adam concordara em ajudá-la a enfrentar o seu dom, não fora? Ou andaria ele desde o início a ceder aos caprichos dela?

Kassie viu Adam a inclinar-se para a frente para aumentar o volume do rádio. Visivelmente, o silêncio também estava a incomodá-lo. Era a WKSC, uma típica estação de rádio de país, cheia de *rock* dos anos 1980 e *grunge* dos anos 1990. Kassie surpreendeu-se por ter de suprimir um sorriso — ela até gostava dos êxitos pirosos que passavam nesta estação, mas por certo que era um pouco antiquada para Adam, que se orgulhava de ser um jovem quarentão moderno. Contendo a sua diversão, Kassie tentou deixar-se levar pela música — um hino do *rock* ao qual se seguiu rapidamente uma poderosa balada

dos anos 1980. Foi divertido desligar, deixar-se afundar nas letras cliché e nas melodias já tão batidas. Mas depressa acabou, com as últimas notícias a quebrarem o encanto.

«Antes de vos trazermos o boletim meteorológico, uma notícia de última hora», anunciou o jornalista. «Por voltas das 21 horas, agentes da CPD apanharam e detiveram um suspeito ligado aos homicídios de Jacob Jones e Rochelle Stevens, conhecidos como os homicídios do “Carniceiro de Chicago”. Segundo fontes ligadas à polícia, o suspeito encontra-se agora na sede, em Bronzeville, a ser interrogado por inspetores da CPD...»

Kassie ficou muito quieta no seu assento, espantada com o que ouvia. A voz do jornalista continuou a murmurar, mas, mais do que tudo, o silêncio no carro tornou-se ainda mais pronunciado. Kassie dava voltas à cabeça — o que significaria aquilo? Seria possível que ela tivesse percebido mal? Tal nunca acontecera até então... Virando-se para Adam, reparou na palidez dele e no modo como agarrava com força o volante. Angustiada, nervosa, carregada de dúvidas, deu por si a dizer:

— Acredita em mim?

Mas Adam não respondeu, olhando em frente para a noite.

— Fiz-lhe uma pergunta, Adam. Acredita em mim?

Houve uma longa pausa, antes de Adam responder:

— Para ser sincero, já não sei em que acreditar...

— Não diga isso — reagiu Kassie, destroçada.

— Tu dizes-me que vai haver outro homicídio, mas a polícia prendeu um suspeito. Dizes-me que há uma mulher a ajudar o assassino, mas a única no radar da polícia és tu. Dizes-me que te vou... fazer mal, no entanto, isso nunca me passou pela cabeça, nunca me passará pela cabeça.

Estava tudo a sair de repente — demasiado depressa e demasiado devastador para Kassie conseguir aguentar.

— Então, diz-me, Kassie, o que é suposto eu pensar? Diz-me lá... o quê?

Kassie fitou-o por um momento, chocada com as palavras dele e com o seu tom agressivo e desesperado. Então, ela virou repentinamente a cara.

— Olha, eu não quero irritar-me — prosseguiu ele, lançando-lhe

um olhar ansioso. — Mas, sinceramente, já não sei o que ando a fazer.

A culpa atingiu Kassie com a força de um martelo. O médico entusiasmado e empenhado que se oferecera para ajudá-la parecia agora derrubado e esgotado. Afundou-se no assento, sentindo-se profundamente desamparada. Percebeu que Adam se arrependeu da sua explosão e que queria conversar com ela, mas nesse momento não se sentia capaz. Assim, optou antes por olhar pela janela, ocultando as lágrimas enquanto seguiam de carro pelas pacatas ruas de Chicago.

Madelaine Baines fechou a porta da frente e encostou lá a cabeça. Sentia-se completamente esgotada — privada de energia, com a garganta seca —, mas bastante feliz. Correria melhor do que alguma vez esperara.

Correndo o fecho para o devolver ao lugar, Madelaine recompôs-se e arrastou os ossos até à cozinha. Ali, ficou enternecida por ver um bilhete colorido pousado no balcão do pequeno-almoço. Escrito a marcador, dizia: «Muito Bem, Super-Mãe. És a maior!!!» Delimitado com belas flores e escrito com a letra tremida das filhas, deixou Madelaine emocionada.

Equacionara autorizar a presença delas na vigília, mas acabaram por decidir o contrário. Tinham aulas no dia seguinte e ela não queria perturbá-las desnecessariamente, pelo que Paul ficou em casa com elas, com ordens estritas para as deixar ver o minuto de silêncio e depois seguirem diretamente para a cama. Visivelmente, fora o suficiente — a visão de hordas de pessoas a segurar velas já as impressionara o suficiente para escreverem e desenharem um bilhete.

Pegando na folha, Madelaine foi buscar o íman que compraram no Grand Canyon e prendeu o desenho ao frigorífico. Corou ao pensar naquilo, mas efetivamente as raparigas tinham razão — ela alcançara algo. Onde havia pânico e medo, agora via-se determinação e empenho. Sentiu-se acalentada, e quase se esqueceu do cansaço esmagador.

Pegando num copo de água, Madelaine subiu as escadas em passos leves. Reinava um silêncio absoluto na casa — as gêmeas com certeza estariam a dormir profundamente e, pelo suave ressonar que emanava do quarto de casal, também Paul adormecera. Madelaine sentiu-se algo desiludida quando se juntou a ele no espaçoso quarto — por um lado, naturalmente, queria dormir, mas, por outro, gostaria de partilhar com alguém o seu triunfo, para processar as muitas e variadas emoções que sentira.

Ocorrera uma pequena perturbação perto do final — uma adolescente desmaiara na primeira fila —, mas, para lá disso, tudo decorrera como Madelaine esperara. Houve imensas lágrimas, evidentemente, mas também aplausos para o contributo de dois habitantes de Chicago à cidade antes das suas precoces mortes. O minuto de silêncio foi impecavelmente respeitado, os discursos, empolgantes, e apesar de ela não o dizer em voz alta, Madelaine sentiu que o seu esforço fora uma aposta ganha. A multidão pareceu dar valor às suas palavras, e quando as pessoas estavam a dispersar, reconfortadas e encorajadas, Madelaine dispusera de um momento para refletir sobre um trabalho bem feito. Pouco depois, começaram as chamadas — de estações de rádio e televisão, da imprensa. Estava previsto ela aparecer na manhã seguinte nas notícias na WGN, após o que se seguiria uma entrevista ao *Tribune*. Era vertiginoso e, para ser sincera, também algo excitante.

Sentiu-se tentada a ligar o televisor, desejosa de ver como os canais de notícias locais cobriram a vigília, mas isso teria de esperar até à manhã seguinte. Sentia-se demasiado cansada para pegar sequer no telecomando, pelo que, atravessando o quarto para o seu lado da cama, curvou-se suavemente sobre o colchão e com cuidado e em silêncio acendeu o candeeiro à cabeceira.

Voltou-se para Paul, para ver se o perturbara, mas este nem se mexera. Satisfeita, começou a despir-se, desabotoando a blusa e atirando-a para o cesto da roupa suja, antes de remover os brincos. Pousou-os na mesinha de cabeceira, junto ao copo de água, e quando o fez avistou algo. A sua fotografia de família preferida — os quatro a fazerem *rafting* no Montana — estava fora do lugar. Por norma, encontrava-se posicionada de maneira a poder deitar-se na cama e apreciar a imagem de dias felizes do passado. Mas, agora, estava

ligeiramente deslocada, levemente voltada para longe da cama, só lhe permitindo ver as raparigas.

Madelaine deteve-se. A empregada de limpeza não viera nesse dia e Paul nunca se aventurava a vir a este lado da cama — os cremes faciais e os sérums dela assustavam-no. Assim sendo, teriam sido as raparigas, mas porque é que haveriam de mexer na sua mesinha de cabeceira? Havia pouco de interesse para elas ali... não eram autorizados *iPads* nos quartos.

Era um pequeno mistério, e assim iria permanecer, pois Madelaine sentia-se demasiado cansada para pensar nisso agora. Perguntaria às miúdas pela manhã e já ansiava por ouvir as desculpas esfarrapadas que iriam inventar para encobrir a intrusão.

Sorrindo para si mesma, Madelaine despiu o resto da roupa e enfiou-se na cama. Com uma última e feliz espreitadela à fotografia, agora na posição correta, Madelaine esticou-se e apagou o candeeiro, mergulhando o quarto na escuridão.

Faith manteve os olhos fechados, respirando de forma estável.

— Faith? — chamou de novo Adam, suavemente.

Ela ouvira-os regressar 10 minutos antes. Pouco depois, Adam entrara no quarto, despira a roupa às escuras e enfiara-se na cama. Momentos depois, Adam virou-se para repousar. Ela percebeu que ele estava desiludido, ouvira um pequeno e quase inaudível suspiro de frustração, mas já não aguentava mais discussões. Sabia que fora demasiado dura com ele, mas ainda não se sentia preparada para pedir desculpa. Ficara irritada com a aparente determinação em livrar-se de Kassie, mas sabia que ele não merecia a destruição de caráter com que o brindara. Talvez fosse a dor dela que a tornava superprotetora em relação a Kassie, talvez fossem as hormonas a alimentar a sua fúria — num caso ou noutro, arrependeu-se das suas palavras duras, em especial depois de Adam não ter hesitado em ir em auxílio da adolescente quando ligaram do hospital. A sua partida silenciosa de casa, a sua missão piedosa altruísta a meio da noite, era a réplica mais eloquente às suas acusações.

Contudo... Faith sentiu-se protetora de Kassie e ofendia-se ante qualquer tentativa de rejeitá-la. Não só por a perturbada adolescente estar sozinha no mundo, nem sequer por Faith sentir alguma afinidade com Kassie — também ela sofrera de problemas de saúde mentais na adolescência e na casa dos 20. Devia-se também ao facto de Kassie ser muito boa ouvinte. Adam também o era, naturalmente, mas as

conversas deles sobre Annabelle eram tão pesadas, enquadradas na sua mente pelo seu fracasso em levar a gestação até ao fim e pela pergunta sem resposta de quando — ou *se* — iriam tentar de novo. Kassie não tinha nada que ver com a situação deles, era nova nas suas vidas e era com gosto que partilhava o sofrimento e a dor de Faith. Daí valorizar a sua companhia.

Adam rolara para o outro lado e parecia estar agora a dormir, com o peito a subir e a descer ritmadamente, pelo que Faith saiu da cama e dirigiu-se em passos leves à cozinha. Sentia-se quente e pegajosa nessa noite — tinha a boca seca e ansiava por um copo com água fresca. Depois de entrar na cozinha, estendia a mão para a torneira quando de repente se apercebeu de um vulto sentado sozinho na cozinha. Travando um grito de susto, Faith acendeu a luz principal e viu Kassie à mesa da cozinha. Tinha à sua frente um copo de leite, assim como os restos de umas bolachas.

— Desculpe, não conseguia dormir — disse Kassie de imediato, temendo ter assustado Faith.

— Nem eu — replicou Faith, enchendo um copo com água.

— Espero que não se importe que eu...

— De maneira nenhuma. Tira aquilo que quiseses. Sinceramente, nestes últimos dias tenho-me alimentado a bolachas de água e sal e a queijo. Não aguento mais nada...

Kassie assentiu, mas sem responder. Este era um dos seus melhores atributos, a percepção de que por vezes era melhor não falar. No entanto, nessa noite algo estava diferente. Algo a perturbava.

— Sentes-te bem? — perguntou Faith, sentando-se junto a Kassie.

— Sim.

— O que disseram no hospital?

— Não é nada. Um galo na cabeça.

— Deram-te alguma coisa? Para as dores, quero eu dizer? Temos *Xanax*...

— Estou bem, a sério.

Kassie exibiu um breve e tenso sorriso a Faith, e depois bebeu mais leite. Parecia melancólica, desanimada, remexendo-se impacientemente na cadeira. A estranheza da situação assentou de repente em Faith — a diferença de idades, o escasso conhecimento que tinham uma da outra — e agora não sabia o que dizer. Assim,

limitou-se a olhar. Nunca se demorara a examinar adequadamente o rosto de Kassie, mas, agora, Faith encontrou lá genuína beleza — as sardas espalhadas pela pele clara, a moldura perfeita providenciada pelo abundante cabelo castanho-avermelhado —, mas também cansaço, uma sensação de que a vida lhe deixara marcas. Era uma mistura cativante.

Kassie brincava agora com o copo, rodando-o nas mãos. O movimento parecia acalmá-la um pouco, mas, ao olhar para cima, deu com Faith a olhar para si e de pronto parou.

— Desculpe — murmurou, parecendo embaraçada.

— Não tem mal — disse Faith. — Podes continuar, se quiseres...

Mas Kassie não o fez e uma vez mais abateu-se o silêncio. Não ocorria nada a Faith para dizer, mas nenhuma delas iria conseguir dormir em breve e tal absurdistade irritou-a. O que iam fazer? Ia a sugerir que ligassem a televisão — até a esta hora tardia poderia passar algo de que Kassie gostasse —, quando lhe ocorreu outra ideia. Não fora planeado, mas de repente pareceu-lhe a coisa acertada a fazer. Na realidade, até poderia vir a gostar, dada a novidade do tema. E foi por isso que deu por si a perguntar:

— Posso desenhar-te, Kassie?

— Baixa um pouco o queixo e olha para a porta.

Kassie obedeceu, mas o ângulo ainda não era o ideal, pelo que Faith se abeirou dela, pegando-lhe no queixo e movendo-o muito devagar. Regressando ao seu lugar a poucos passos de Kassie, Faith constatou com agrado que a postura da adolescente era perfeita. Naturalmente, havia ali uma beleza, um certo porte, mas também vulnerabilidade e complexidade.

Sempre que Faith iniciava um retrato, era exatamente isto que procurava. A estética era importante, mas o essencial era a representação de uma verdade essencial — era suposto ser uma imagem do *caráter* de alguém. Sentindo que o encontrara, Faith pegou no lápis e começou a desenhar.

Para sua surpresa, trabalhou depressa. Um ou dois dias antes, teria sentido o lápis grosso e pesado na mão. Além do mais, o tema não lhe teria interessado, presa como se encontrava na sua própria tragédia. Mas agora parecia-lhe fácil — os traços eram naturais e sentiu mesmo como se estivesse a apreciar. Daí a nada, tinha um contorno exequível do rosto e um primeiro traço decente das delicadas feições da rapariga. Este último, naturalmente, teria de ser refinado, tal como os olhos, o vinco da testa, a posição da boca, o caráter revelado. Necessitaria de várias tentativas e de uma melhor compreensão do tema, para o apanhar bem, mas fora um bom início.

— Quem me dera ter a tua cor — comentou Faith, de repente.

Sempre achara que as ruivas pareciam mais exóticas e atraentes do que as outras mulheres.

— Quem me dera ter o seu estilo — limitou-se a reagir Kassie.

— Vá lá, tens ótimo ar.

— Está a gozar?

Kassie passou os dedos por uma das suas madeixas, parecendo inibida e insatisfeita.

— Corto sempre eu o meu próprio cabelo e a minha mãe nunca gostou muito que eu usasse maquilhagem.

— Bem, podemos corrigir isso — respondeu Faith. — Onde é que foste buscar essa cor? Vem da tua mãe...

— Não, o cabelo dela é preto. Vem da minha avó. A mãe da minha mãe...

— Fala-me dela. — Faith pousou o lápis e instalou-se na ponta do seu banco.

Muitas vezes era um caso complicado levar os modelos a abrirem-se, a revelarem algo sobre o seu caráter, a sua família. Mas, de repente, Faith sentiu que queria saber mais sobre esta adolescente misteriosa e melancólica. Kassie, todavia, hesitou e por momentos Faith achou que ela ia recusar, mas a rapariga lá respondeu, medindo cautelosamente as palavras.

— A minha avó agora está num lar, sofre de demência, mas quando era nova era muito espontânea. Era mais coração do que cabeça. Podia ser dura, até severa, às vezes, mas comigo era sempre amorosa e generosa.

— Como é que se chama?

— Wieslaw. Wieslaw Zuzanna — entoou Kassie, com um sorriso nos cantos dos lábios.

— Ainda és chegada a ela?

— Muito chegada.

Foi dito com firmeza, quase com ar de desafio.

— Ela não se dava com toda a gente... bem, na verdade, dava-se com pouca gente. Mas eu e ela...

— A que achas que se devia isso?

Kassie fez uma pausa, parecendo não saber como responder, pelo que Faith prosseguiu:

— Dirias que és como ela?

— Sim e não. Ela é uma mulher forte, muito mais forte do que eu. Suportou várias tragédias ao longo da vida, mas isso só a tornou mais resistente. Veio para os Estados Unidos sem nada, construiu um lar para si e para os filhos... mas tinha ficado marcada pelas suas experiências, pela sua infância. Por isso, muitas vezes ferve em pouca água e pode ser dura com as pessoas. E tinha os seus preferidos...

— A tua mãe?

Kassie riu-se, mas não era um som alegre.

— Não, a minha mãe não. Eu, sim, mas não a minha mãe.

Faith inclinou-se para a frente, intrigada.

— Porque é que elas não se entendem?

— Porque... são opostos. A minha mãe é respeitadora, pragmática, responsável. A minha avó não é nada disso...

— Isso é comum nas famílias. Diferentes personalidades, diferentes temperamentos...

— Não, é mais do que isso — insistiu Kassie. — A minha avó... viu coisas que a levaram a duvidar da prudência de jogar pelo seguro, de apostar no futuro.

— Referes-te à guerra?

— Claro — respondeu Kassie, assentindo com a cabeça. — A Polónia sofreu horrores na Segunda Guerra Mundial. A minha família teve sorte, conseguiram sair a tempo. Viram o que lá vinha, bem, a minha avó viu, pelo menos. Felizmente, os parentes dela *deram-lhe ouvidos*, não eram tão desconfiados como a minha...

— Como é que ela podia saber? — interrompeu Faith.

— Desculpe?

— Na altura não podia passar de uma criança.

— Tinha 9 anos — confirmou Kassie.

— Era muito nova, como é que pode ter previsto o que ia acontecer?

Mas ainda formulava a pergunta e Faith adivinhou a resposta, como se desde sempre fosse óbvia. De repente, todas as suas conversas com Adam — as suas reações angustiadas e confusas a Kassie — lhe rodopiaram na mente. Hesitou em fazer a pergunta, mas constatou que não conseguia resistir.

— A tua... a tua avó era como tu? Quer dizer, ela via coisas? Sentia quando as pessoas...

Faith não conseguiu completar a frase, mas não precisou. Kassie assentiu ao de leve com a cabeça.

— Eu só percebi muito tarde. Fui visitá-la ao lar e ela contou-me coisas, coisas que me assustaram, mas que ao mesmo tempo faziam todo o sentido. Foi só mais tarde, depois de muito pensar nelas, que percebi porque é que ela tinha favoritos, porque dera mais amor a essas crianças que morreriam cedo, porque é que a minha mãe se sentiu... posta de parte.

Faith nada disse, com a sua mente a esforçar-se por processar o que ouvira. Era impossível, desconcertante, mas Kassie falou como se fosse a coisa mais simples e fácil de compreender do mundo.

— Lembro-me que ela uma vez me falou da sua infância na Polónia...

Kassie já não olhava para Faith, mais parecia que falava consigo mesma.

— Ela faltava muitas vezes às aulas... Odiava, nunca foi muito popular. Mas, num dia em particular, o diretor apanhou-a, levou-a para a aula e, ao entrar na sala, todos os alunos se viraram para ela. E foi quando viu...

Kassie agora tremia um pouco como se de repente tivesse sido encurralada pela emoção. Faith sentiu-se tentada a estender a mão e tocar-lhe, mas conteve-se.

— Ela viu que... em menos de um ano, dois terços dos colegas de turma estariam mortos. Assassinados pelos nazis.

Kassie limpou uma lágrima. Faith reparou que ela estava mais pálida do que o habitual.

— Acho que a imagem a atormentou... — prosseguiu Kassie, num sussurro, com a voz a vacilar um pouco — ... para o resto da vida.

E, de repente, Faith compreendeu. O dom que Kassie partilhava com a avó — se fosse real, se o que Kassie contava fosse verdade — era extraordinário, até divino. Era como se dispusesse de um mapa das vidas de toda a gente, como se pudesse projetar luz sobre os recantos mais sombrios, responder às questões mais fundamentais. Mas este conhecimento acarretava um preço terrível. Faith emocionou-se ao pensar que a sua crença instintiva no mundo espiritual podia ter algumas bases na verdade, mas as confissões de Kassie também a perturbaram. A maldição da previsão era obviamente profunda —

tanto Kassie como a avó andavam mergulhadas na morte desde que nasceram.

Olhando uma vez mais para o seu esboço, Faith pareceu vê-lo com clareza pela primeira vez. Finalmente, percebeu o *porquê* de o seu modelo mostrar uma expressão tão perturbada.

O amanhecer revelou-se frio e sem vida, com um sufocante manto de nuvens a tapar o sol. Saindo do carro, Gabrielle Grey observou a água cinzento-escura que redemoinhava pela corrente abaixo. O rio Chicago gerara a cidade, mas parecia contaminado e cansado, como sangue privado de oxigénio. Se foi isto ou o frio do amanhecer primaveril que levou Gabrielle a tremer, não soube precisar.

Apertando bem o casaco, encaminhou-se apressadamente para a caravana. Anteriormente, o local parecera abandonado, mas nesse dia fervilhava de atividade. Mergulhadores da polícia misturados com operacionais CSI, enquanto agentes fardados mantinham ao largo os curiosos. Ao centro de tudo isto, com o nariz fortemente enfaixado, encontrava-se a inspetora Jane Miller.

— Eu disse-te que tirasses uns dias de folga — frisou Gabrielle, num tom acusatório.

— O médico disse que só está muito pisado e, além do mais... eu não ia perder isto de maneira nenhuma.

Apontou para a azáfama que ia atrás dela.

— A Bartlett está lá dentro?

— À sua espera — respondeu Miller, afastando-se para dar passagem a Gabrielle.

Mostrando-lhe um breve sorriso, Gabrielle entrou na caravana. O contraste com a última visita não podia ser mais impressionante. Previamente vazia, a caravana encontrava-se agora abundantemente

povoada, com potentes focos a iluminar cada canto. Emily Bartlett, envergando o seu fato forense, estava parada junto ao canto do escoadouro, que agora fora removido. Quando Gabrielle se aproximou, avistou um dos agentes de Bartlett no fosso do sorvedouro e de repente lembrou-se do que a levava a optar pelo Gabinete de Inspetores em vez da equipa forense.

— Desculpe ligar assim tão cedo — disse Bartlett, animada, ao detetar a aproximação de Gabrielle.

— Duas horas de sono chegam perfeitamente...

— Mas achei que talvez quisesse ver isto.

Agarrava um saco de provas, que à primeira vista parecia vazio.

— Estamos no escoadouro há quase quatro horas — relatou Bartlett, entregando o saco a Gabrielle. — Para ser sincera, é o escoadouro mais limpo que alguma vez vi, além de que liga diretamente ao rio, pelo que não poderia haver melhor sítio para descarga, em especial por a lixívia ter tido tempo para fazer o seu trabalho.

Gabrielle ouvia atentamente todas as palavras, mas o seu olhar fora atraído para algo enfiado no canto do saco de provas. Algo pequeno e dourado.

— Mas há um rebordo natural no fosso do escoadouro, onde se unem as duas metades do cano. Empenaram um pouco, criando uma aresta onde as coisas podem prender, e foi aí que encontrámos isto.

Gabrielle aproximou um pouco mais o saco e avistou o que parecia ser metade de um botão de punho em ouro. A corrente que unia as duas pontas parecia ter partido, explicando a metade em falta.

— Naturalmente, ainda temos de fazer exames forenses, mas olhe para o lado de baixo.

Gabrielle já desconfiava do que lá poderia encontrar, mas o seu coração falhou uma batida quando olhou para o fundo do elo partido e viu duas iniciais em monograma: «JJ»

Gabrielle ergueu o olhar para Bartlett, com uma expressão de alívio. Finalmente, tinham encontrado o local onde ocorreram os homicídios. O lugar onde Rochelle Stevens e Jacob Jones passaram as suas derradeiras e agonizantes horas na Terra.

Ele olhou para o quarto vazio confuso e assustado. A cama estava por fazer, os bens dela, espalhados pelo chão, mas não havia sinais de Kassie. Voltando-se, Adam rumou de imediato à cozinha.

— Já viste a Kassie hoje de manhã?

Faith abanou a cabeça. Estava sentada à mesa da cozinha, curvada sobre uma caneca de café.

— Não a vejo em lado nenhum. Não atende o telemóvel.

— Ela saiu antes de eu me levantar — informou Faith, apaticamente.

— Fazes ideia de onde poderá ter ido? Ontem disse-te alguma coisa?

Faith encolheu os ombros, mas não respondeu. Parecia bem mais interessada no conteúdo da sua caneca do que no marido.

— Se estás preocupado, tenta outra vez o telemóvel — acabou por dizer, levantando-se e encaminhando-se para a banca.

Adam sentiu-se tentado a fazê-lo. Contara conversar nessa manhã com Kassie, para a desencorajar de tentar contactar Madelaine Baines, para a convencer a falar com a polícia, mas ver Faith a arrastar-se pela cozinha deteve-o. Ela ainda nem sequer olhara para ele, e parecia mais distante do que nunca.

— Olha, Faith, desculpa por ontem...

Adam não sabia se cabia a ele desculpar-se, mas queria desesperadamente restaurar a paz entre ambos. Faith andara melhor

nesses últimos dias, mas de repente pareceu-lhe outra vez muito frágil.

— ... se achaste que fui insensível ou desagradável com a Kassie. Obviamente, a segurança dela vem primeiro, por isso ela pode ficar até encontrarmos uma alternativa melhor.

Mas as palavras pareceram vaguear por cima da cabeça de Faith — quase como se não as tivesse ouvido.

— Faith?

— Temos de falar disso agora?

Ela ainda pairava sobre a banca, apoiando-se de lado como que para se segurar.

— Sentes-te bem?

— Só um pouco cansada.

— Olha para mim, Faith.

Lenta e relutantemente, voltou-se para ele. Adam ficou triste ao ver como estava pálida a pele dela, como eram profundas as olheiras.

— Conseguiste dormir?

— Ia e vinha.

— Passaste a noite a pé?

— Está a ser difícil desligar.

— Tens tomado os medicamentos? É muito importante que...

— Sim, *senhor Doutor*. Estou a fazer tudo o que me indicou.

— Faith, estou a tentar ajudar-te — replicou Adam, ferido com o seu sarcasmo brando.

— Interrogando-me?

— Preocupando-me contigo.

— Já disse que estou bem — disse ela, bruscamente, preparando-se para sair.

— Fica um minuto, fala comigo...

— E digo o quê? O que é que poderá haver para dizermos um ao outro que torne... *isto* melhor?

Soou derrotada, mais do que hostil. Adam, de repente, sentiu-se subjugado pela emoção — toda a tristeza dos últimos dias a desabar sobre ele. Porque é que isto tinha de lhes acontecer a *elas*?

— Não há nada que eu possa dizer que ajude a melhorar — disse Adam, com sinceridade. — É claro que não há. Mas, se te sentes infeliz, quero saber. Porque te amo...

Para sua surpresa, as suas palavras terão cortado a direito através

da fúria dela e ela encolheu-se um pouco, com as lágrimas a virem-lhe aos olhos.

— Eu sei — murmurou, remexendo no cinto do roupão. — Eu sei e peço desculpa. Eu só... não gosto de ser vigiada.

— Ninguém te vigia.

— Como se fosse um elo fraco, uma criança.

— Então, amor, não estou a dizer isso.

Adam avançou um passo na direção dela, mas Faith ergueu uma mão para o deter.

— Por favor, Adam, estou a falar a sério.

Adam susteve o seu avanço.

— Vai procurar a Kassie. Vai para o consultório. Faz *alguma coisa*. Mas... dá-me um pouco de espaço.

Era a última coisa que ele queria fazer, mas aquele tom de voz não tolerava argumentação. Ela avançou para a entrada, parando brevemente na soleira para sussurrar:

— Também te amo.

E depois partiu.

Kassie sentou-se sozinha ao balcão, ignorando os olhares curiosos do cozinheiro que estava descontraidamente a virar panquecas na grelha para o pequeno-almoço. Fez rodopiar o telemóvel na superfície de aço polido, observando-o a dar voltas sobre voltas. Se parasse apontando para ela, telefonaria; caso contrário, não o faria. O seu movimento era hipnótico e ela manteve os olhos colados ao telefone enquanto este abrandava, até por fim estacar apontando a ela.

— À melhor de três — murmurou, fazendo-o girar de novo.

O telemóvel completou lentamente o seu movimento, antes de produzir o mesmo resultado. Furiosamente, Kassie pegou nele e enfiou-o no bolso. Quem queria ela enganar? Sabia bem que ligaria a Adam para se desculpar pela sua partida súbita, para explicar porque tivera de sair, mas conseguiria mesmo encontrar as palavras adequadas? Além disso, isso não iria atrair Adam de novo, quando ela já decidira avançar sozinha?

Não culpava Adam pelas dúvidas dele, pelo seu ceticismo, mas era notório que não estava preparado para continuar a defendê-la. Apoiá-la-ia, orientá-la-ia, tentaria até «curá-la», mas não iria certamente assumir as preocupações e medos dela assim sem mais nem menos, pelo que não valia a pena abusar da hospitalidade. Mais valia deixar Adam e Faith sozinhos — já lhes causara problemas suficientes.

— Vais querer alguma coisa ou vieste só para aquecer o lugar?

O cozinheiro ainda olhava para ela. Despertando de repente dos

seus pensamentos, Kassie remexeu no bolso até encontrar uma nota de 10 dólares amarrotada.

— Duas panquecas, por favor.

Não tinha apetite, nem intenção de as comer, mas o restaurante era quente e acolhedor, um abrigo temporário. Empurrou a nota pelo balcão na direção dele, mas, enquanto o fazia, de repente tomou consciência de sons — palavras — que lhe soaram sinistramente familiares. — «...Jacob Jones... Rochelle Stevens...» — Rodando no seu assento, viu o rádio empoleirado junto ao posto do cozinheiro.

— Pode pôr um pouco mais alto? — pediu.

Relutante, o corpulento cozinheiro fez-lhe a vontade. Kassie escutou com atenção, o seu corpo rígido com a tensão.

— «... que Kyle Redmond, antigo residente de Bedford Park, foi acusado do brutal homicídio duplo. Soubemos que Redmond será em breve transferido da sede da CPD para a Prisão do Condado de Cook e que amanhã será estabelecida uma medida de coação. O funeral de Jones, a sua primeira vítima, está marcado para daqui a dois dias e é de esperar grande interesse por parte da comunicação social...»

Kassie voltou-se para trás, com dificuldade em acreditar no que ouvia. Madelaine Baines iria morrer hoje, então, porque é que a polícia estava convicta da culpa de Redmond? Seria possível que fosse outra pessoa a andar atrás dela? Um cúmplice? A alternativa mais óbvia seria Kassie estar equivocada, ter de alguma forma interpretado mal a experiência, mas sentia-se segura de que assim não era. A sua visão da morte de Madelaine fora muito intensa, muito nítida — ainda ouvia aquela gargalhada casquinada, inumana.

Não, havia algo que não encaixava. A polícia podia ter acusado Redmond, podia estar convencida de que ele era «O Carniceiro de Chicago», mas Kassie sabia que se passava ali algo de errado. A única questão agora era saber o que estaria ela preparada para fazer.

De maneira nenhuma podia ficar parada a olhar. O seu destino, tal como o de Madelaine, dependia disso. Portanto, descendo do seu banco, Kassie deitou a mão ao casaco e correu para a porta no momento em que o perplexo cozinheiro pousava no balcão as suas panquecas quentes e fumegantes.

As portas da garagem ergueram-se e, pouco depois, o *Cadillac Escalade* saiu. Madelaine Baines deteve-se por momentos na rampa de casa — ele viu a mão dela a emergir da janela do carro, carregando duas vezes no comando da garagem para fechar as portas —, após o que arrancou. As portas da garagem desceram aos poucos e uma vez mais tudo ficou de novo tranquilo.

Ele viu o *Cadillac* desaparecer para lá da esquina e depois retirou o telemóvel do bolso. Depois de olhar rapidamente em volta para confirmar que não ia ser surpreendido por algum vizinho intrometido, devolveu a atenção ao telefone, abrindo de imediato a agenda de Madelaine. Ficou aliviado por ver que nada mudara. Era esperada nessa manhã na WGN e depois no *Tribune* ao meio-dia. Descansado, guardou o telemóvel de novo no bolso. Sobrava-lhe tempo.

Uma vez mais, observou as imediações em busca de potenciais testemunhas, mas a via suburbana encontrava-se deserta, pelo que, saindo do carro, atravessou rapidamente a rua na direção do lar dos Baines. Havia um arbusto grande ao lado da rampa da garagem e abrigou-se lá, o que já não era a primeira vez que acontecia. Uma nova verificação rápida e depois premiu o botão do seu *RollJam*^[5], e de imediato as portas da garagem começaram a subir. Assim que subiram um metro e meio, entrou rapidamente, agachando-se para evitar o contacto. As portas ainda subiam, mas carregou de novo no botão e estacaram, para depois iniciarem a descida.

Sorrindo, voltou-se, enfiando o pequeno aparelho no bolso. Custara-lhe apenas 32 dólares e valia cada centímo. Facilmente pirateava e registava o código de um comando *wireless*, o que lhe permitia abrir livremente portas de garagens ou destrancar carros. O dono do telecomando poderia descobrir desde logo que o comando não funcionava, mas era raro desconfiarem de algo mais. Limitava-se a tentar de novo o comando e, assim que funcionava, seguia em frente com a sua vida ocupada, sem se aperceber de que acabara de ser pirateado.

A porta que ligava a garagem à casa estava destrancada. Já a usara algumas vezes e a família Baines nunca se dava ao incómodo de a trancar. Porque haveriam de o fazer, se viviam num subúrbio tão próspero e livre de crime? Os acontecimentos recentes não os levaram a alterar esses hábitos — era estranho, tendo em conta a brutalidade dos crimes —, mas quase nunca contavam que essas coisas tivessem impacto direto neles.

Fechando cuidadosamente a porta, parou. Se por um acaso ainda houvesse alguém em casa, não seria complicado retirar-se sem ser detetado. Mas, naturalmente, a casa encontrava-se vazia — vira-os a todos a sair —, pelo que tinha o lugar por sua conta.

Ficou ali parado, permitindo-se saborear o momento. Já fizera aquilo muitas vezes, em muitas casas diferentes, mas ainda o excitava — era um intruso, um invasor, mas, agora, este era o seu espaço. A família Baines estava a viver o seu dia, todos muito ocupados e arrogantes, sem fazerem a mínima ideia de que se encontrava um estranho na sala da frente da sua casa. Podia fazer o que quisesse, sem receio de ser descoberto ou detetado. Havia muito a fazer num tempo limitado, mas estava determinado a aproveitar em pleno este momento. Ainda estava a aprender, retirando maior prazer a cada nova ação, mas algo se tornara perfeitamente claro.

Para ele, a caçada era tão satisfatória quanto a matança.

[5] Aparelho eletrónico capaz de «roubar» os códigos secretos de carros e portas de garagens. [N. T.]

«Por favor, ligue-me assim que ouvir isto.»

A voz incorpórea preencheu a divisão, com Adam de pé à secretária.

«Tive uma conversa preocupante com a Gabrielle Grey ontem e... bem, gostaria de ouvir o seu lado da história.»

A voz desapareceu, substituída por um bip intenso. Adam premiu o botão vermelho, desligando o voicemail, mas não deu mostras de querer pegar no telefone. Sabia muito bem o que contara Gabrielle ao Dr. Gould, o presidente da Comissão de Regulação Profissional do Illinois, e não fazia ideia do que lhe devia responder, nem como se defender. As suas ações dos últimos dias eram indefensáveis — pelo menos, à vista do mundo exterior.

Ignorando o telefone, Adam sentou-se à secretária e ligou o computador portátil. Na sequência das respostas aos e-mails que enviara mais cedo nessa semana, tinha agora uns quantos pacientes regulares agendados para consultas nos dias seguintes. Ainda não sabia bem se estava preparado, mas não tinha alternativa que não fosse seguir com a sua vida. Talvez retomar a rotina habitual lhe fizesse bem.

Mas, ao abrir a agenda, surpreendeu-se ao constatar que se encontrava virtualmente limpa. Ontem, ao confirmar, verificara que tinha cinco marcações na agenda. Agora tinha apenas duas — três pessoas cancelaram nas últimas 24 horas. Seria coincidência,

naturalmente, mas o sentido de oportunidade era curioso. Além de ser um psicólogo altamente qualificado, o Dr. Geoff Gould era também um conhecido bisbilhoteiro. Se conversara com colegas, amigos no ramo, sobre as preocupações de Grey, então seria perfeitamente possível que as pessoas já soubessem que ele revelara a morada de Rochelle a uma paciente, e que arrombara a casa, além da sua ligação próxima com uma suspeita numa investigação de homicídio.

Pegando no telefone, premiu na marcação rápida o número da Vestra Healthcare, a agência da qual recebia a maioria das recomendações de terceiros.

— Ligaram a desmarcar esta manhã — explicou-lhe o seu contacto com uma voz de tédio, completamente alheio à ansiedade das interrogações de Adam.

— Deu-lhes a possibilidade de remarcar?

— Sim, propus a todos horas alternativas. Mas disseram que ligavam mais tarde...

Adam pôs fim à chamada, afundando-se de novo na cadeira. Rochelle era um elemento popular na comunidade de cuidados de saúde de Chicago — rumores que o implicassem em irregularidades relacionadas com a morte dela podiam ser fatais para a sua carreira. Chicago era uma cidade grande, mas o seu mundo profissional era pequeno e não levaria muito para que o exercício da sua profissão sufocasse na fonte. Mas primeiro o que era importante: teria de ligar a Gould e ver o que ele sabia. Mas era uma perspectiva que assustava Adam. Até que ponto devia ser honesto?

O seu dia começara mal e estava a piorar. Kassie desaparecera — ainda não fazia ideia de onde se encontraria, nem do que estaria a fazer — e Faith afastara-o. Mesmo no seu local de trabalho, um espaço que há muito era o seu refúgio, as coisas viravam-se contra ele. Adam de repente teve a forte sensação de que havia forças para lá do seu controlo a laborar, desviando o seu mundo do eixo, ameaçando empurrá-lo para o abismo. Era estúpido pensar assim, estava a revelar-se louco, paranoico até, mas, por muito que tentasse afastar estes sentimentos, não podia negar que, pela primeira vez na vida, se sentia genuinamente assustado.

Gabrielle Grey olhou pela janela para o pátio mais abaixo. Escolhera este corredor afastado no quarto piso por ter o melhor ponto de observação, dando-lhe uma vista sem restrições da área de transferência de prisioneiros sem revelar que observava. Já recorrera muitas vezes a esta posição elevada e não ia perder a oportunidade.

Redmond formava um vulto esguio no pátio mais abaixo, ladeado pelos encorpados guardas prisionais. Quando ela o trouxera de manhã para novo interrogatório, ele recusara-se a alinhar. Confrontara-o com as novas provas, mas deparara com um silêncio empedernido e, mais tarde, com uma tirada de recriminações e ameaças. Ele até lhe cuspira na cara — uma pequena agressão que ela tivera muito gosto em acrescentar à sua folha de acusações. Nunca seria acusado por isso, tendo em conta a magnitude das outras acusações, mas Gabrielle não era o tipo de pessoa que deixa passar.

Redmond seria agora levado para a Prisão do Condado de Cook, onde trocaria as suas roupas coçadas por um fato-macaco cor de laranja — o primeiro passo na sua transição de assassino suspeito a homicida condenado. Às vezes, Gabrielle sentia pena daqueles a quem acusava — muitos vinham de ambientes desesperados e empobrecidos —, mas não de Redmond. Os crimes dele eram demasiados brutais e sádicos para serem desculpados. Iria apreciar ver as portas da cela a trancarem-se.

Redmond encontrava-se agora junto à carrinha, olhando

sombriamente para lá quando as portas de abriram para o acolher. Gabrielle preparava-se para apreciar os derradeiros segundos do seu desconforto quando ouviu passos apressados ao longo do corredor. Voltando-se, surpreendeu-se ao ver a inspetora Montgomery a aproximar-se.

— Ora, ora, como é que uma nova agente já sabe deste esconderijo? — saudou-a Gabrielle.

— O inspetor Suarez — reagiu inexpressivamente. — Disse-me que vem cá acima muitas vezes.

— Ai disse? — contrapôs Gabrielle, alegre. — Vens apreciar o espetáculo?

Apontou para o pátio mais abaixo.

— Nem por isso — respondeu Montgomery, tensa.

Agora Gabrielle deteve-se. Havia algo na expressão rígida de Montgomery que a deixou preocupada.

— O que é, inspetora? O que se passa?

— Tenho de falar consigo.

— Vamos para o meu gabinete?

— Não, acho que é melhor aqui.

A ansiedade de Gabrielle intensificou-se um pouco, apesar de não saber explicar porquê.

— Diz.

— Bem, a prova que encontrámos esta manhã — disse Montgomery, mantendo um baixo. — Tenho algumas preocupações em relação à mesma.

— Como assim? — replicou Gabrielle, surpreendida.

— Bem, os botões de punho são muito caraterísticos. Banhados a ouro, gravados...

— E oferecidos ao Jones pela noiva. Já sabemos...

— O que eu quero dizer é que... — prosseguiu Montgomery, hesitando um pouco. — ... são facilmente reconhecíveis. E foi por isso que percebi que... já os tinha visto antes.

— Como assim? — reagiu Gabrielle, com os alarmes a soar.

— Vi-os na casa do Jones, quando fazíamos a nossa busca inicial a 11 de abril. Não eram objetos de interesse, pelo que os anotei e segui em frente. Mas tenho a certeza de que os encontrei na mesinha de cabeceira do Jones.

As palavras dela pairaram por momentos, antes de Gabrielle responder:

— Pode ter sido outro conjunto de botões de punho. Como podes ter a certeza?

— Porque me lembro de ter visto a gravação. Deixou-me um pouco triste, tendo em conta que o tipo morreu.

— Até que ponto tens a certeza?

— Bem, tenho as minhas notas originais, e aqui...

Montgomery entregou a Gabrielle uma mica.

— Fotografias do local do crime, da casa do Jones — prosseguiu, enquanto Gabrielle abria a pasta. — Temos apenas um plano médio da cama e da mesinha de cabeceira, mas veja...

Montgomery apontou para a fotografia, mas Gabrielle já observava o que parecia ser um par de botões de punho dourados, quase escondidos na mesa, ao lado de um livro de bolso castanho-escuro.

— Não dá para ver com clareza as gravações, mas posso garantir-lhe que são os mesmos botões de punho, ou botão, que a Bartlett encontrou hoje de manhã.

— Então, a primeira coisa a fazer é regressar à casa do Jones — disse, com determinação, Gabrielle.

— Já o fiz — disse Montgomery, algo acanhada.

— E?

— Já não estão lá.

Gabrielle sentiu o estômago a revolver-se. Ainda não estava convencida — primeiro, teria de ver com os próprios olhos. Mas, se Montgomery estivesse certa, se as provas tivessem sido plantadas, então teriam cometido um erro terrível — que poderia ter consequências catastróficas.

Madelaine fechou a porta e suspirou de alívio. Estava em casa.

Fora um dia gratificante, mas também cansativo. Ficara uma pilha de nervos antes da entrevista na televisão, mas na verdade comportara-se muito bem sob os projetores quentes do estúdio — a corrente de comentários positivos no *Twitter* atestava isso mesmo. A seguir, sentira-se esgotada, mas não havia tempo para descansar — fora contactada por mais duas estações de rádio que queriam entrevistas, e lá conseguiu encaixá-las antes de ir para o *Tribune*. Essa quase fora a parte mais satisfatória do dia — entrar naquele famoso edifício e ser tratada como se fosse da realeza, enquanto era entrevistada e fotografada. Do nada, numa questão de dias, tornara-se a voz de Chicago.

A ideia deixou-a estonteada, mas quase se sentia demasiado cansada para apreciar. Mesmo que tivesse a tendência para se comprazer com autoelogios, não teria grandes oportunidades para isso. Eram quase duas da tarde e daí a pouco tempo teria de voltar a sair de casa para assistir ao jogo de softbol das raparigas. Podia ter pedido a Paul que o fizesse, naturalmente, mas na verdade não quis. Desejava um pouco de normalidade para equilibrar a loucura das últimas 48 horas.

Espreitando o relógio, Madelaine apressou-se escadas acima, despindo o casaco do fato e começando a desabotoar a blusa. Se se despachasse, teria tempo à justa para mudar de roupa e retocar de

maquilhagem antes de voltar a sair. Já ansiava pela tarde e final de tarde relaxados, uma oportunidade de passar tempo com a família numa banal noite juntos.

Mas, ao atravessar o patamar para o quarto de casal, deteve-se. O alçapão do sótão estava imediatamente acima dela e ao olhar para lá reparou que saía luz pelas junções. Conteve um desejo de praguejar — Paul ia com frequência lá acima, dando voltas à procura de ferramentas que acumulara para um dia usar, esquecendo-se muitas vezes de apagar a luz. Ela hesitou: tinha de se despachar, porque o relógio não parava, mas já sabia que não ia ser assim — não suportava desperdício de eletricidade. Assim sendo, indo buscar o escadote ao armário ao lado, subiu, abriu o alçapão e trepou para o sótão empoeirado.

Passou os olhos rapidamente pelo local, ligeiramente irritada — o espaço estava atafalhado de tralhas; estava mesmo na altura de Paul fazer algo em relação àquilo. Esquecendo a irritação, avançou uns passos até ao interruptor, desligando-o com um clique satisfatório. Abateu-se a escuridão, com a única luz a vir agora lá de baixo do patamar. Mas quando ia a virar-se, também esta se apagou de repente, com o alçapão a fechar-se com estrondo.

— O que raio?...

Sentia o coração a mil, mas tentou acalmar-se. Talvez não o tivesse aberto por completo? Seria possível que tivesse sido fechado por uma corrente de ar? Parecia improvável, mas... Virou-se para voltar a acender a luz, mas, quando o fez, ouviu um pequeno rangido, como se alguém tivesse dado um passo na direção dela.

— Está aí alguém?

A sua voz soou débil e embargada.

— Está aí alguém? — disse mais alto, mas ainda sem obter uma resposta.

Agora Madelaine sentia-se em pânico. Não gostava do escuro e começava a imaginar todo o tipo de coisas horríveis. Recuando, bateu em busca do interruptor, mas, ainda enquanto o fazia, obteve por fim uma resposta — uma que lhe gelou o sangue. Uma voz suave sussurrou-lhe duas palavras, tão perto que até sentiu o sopro no pescoço.

— Olá, Madelaine.

Ficou completamente imóvel, interiorizando a cena que tinha diante de si.

A residência Baines era um lar de família impressionante. Sem dúvida que ali não faltaria dinheiro. Dava para perceber tanto pela pintura imaculada do exterior como pelo opulento interior. Madelaine e o marido, Paul, obviamente orgulhavam-se imenso dela — a casa surgiu em inúmeras publicações de *Facebook*, ostensivamente a anunciar vendas de jardim e bolos para caridade, enquanto na verdade sublinhavam tanto a exclusividade da zona como o esplendor do lar deles. Kassie não demorou a reconhecer o bairro e depois a rua, e a caixa do correio prateada, orgulhosamente assente num poste com uma pintura brilhante e com o nome da família em relevo, foi a prova definitiva.

Confirmando que não estava a ser observada, Kassie atravessou rapidamente a rua na direção da casa. Colando a cara à janela, viu o grande televisor de plasma, os sofás de couro, as obras de arte na bem decorada sala de estar. No interior, reinava a tranquilidade e as persianas não estavam fechadas, o que de repente encheu Kassie de esperança. Afinal, se calhar não chegou demasiado tarde.

Afastando-se da janela, tocou à campainha e aguardou. Não houve sinais de movimento no interior, pelo que voltou a tocar, mas ainda sem que ninguém aparecesse. Frustrada, optou por bater à porta.

Ainda nada. Kassie recuou uns passos, erguendo o olhar para os

pisos superiores, em busca de algo, fosse o que fosse. Não detetando nada de interesse, percorreu a rua com o olhar, mas não havia vizinhos à vista e imperava o sossego. Kassie interrogou-se se o assassino — ou assassinos — escolheriam deliberadamente pacatos lares suburbanos. Seria muito mais difícil levar a cabo aqueles crimes no rude caos de South Shore.

Este pensamento trouxe-lhe repentinamente à mente o que estava reservado a Madelaine. Afastando-se da casa, Kassie fez concha com as mãos em frente à boca e berrou:

— Madelaine... consegue ouvir-me?

Não houve resposta, apenas a voz de Kassie a esmorecer pela rua fora. Por isso, aumentando o volume, tentou uma vez mais:

— Madelaine... consegue ouvir-me?

Madelaine Barnes rodou a cabeça, olhando hesitantemente na direção dos gritos, mas o seu captor permaneceu imóvel. Espreitou por uma minúscula abertura nos cortinados para a pessoa lá em baixo, esforçando-se por perceber o que via. Quem era aquela rapariga? E o que queria?

Arriscou mais uma espreitadela para o exterior. Seria amiga de Madelaine? Conhecia-a bem menos do que conhecera Rochelle e Jacob, pelo que era difícil de responder, mas não achou que esta rapariga pertencesse ao mundo dela. Parecia mais um caso a precisar de caridade, com o cabelo mal cortado e uma camisola de capuz dos Motörhead. Assim sendo, qual era a sua ligação com Madelaine? E porque é que pretendia falar com ela com tanta urgência?

Transpirando, olhou para o relógio. Não haveria maneira de sair da casa com ela ali — mesmo que conseguisse levar Madelaine para a garagem e para o carro sem ser detetado, sem dúvida que seria intercetado ao partir. Mesmo que a rapariga não conseguisse travar o veículo, iria vê-lo. Naturalmente, poderia usar a máscara de esqui, mas isso só iria levantar suspeitas, levando-a a ligar à polícia. Entretanto, era suposto Madelaine aparecer no jogo de softbol daí a nada. Quando dessem pela sua falta, iriam começar a fazer perguntas, dando o alarme. O marido viria a correr para casa, talvez as gémeas também apanhassem uma boleia. O que faria ele perante tal cenário? Degolá-la e escapar pelas traseiras? Não, não, não... não era suposto

que as coisas se passassem dessa forma.

A rapariga parara de chamar e pusera-se a bater à porta. Agora recuara um pouco e observava os andares superiores. Tal era o seu nível de interesse que por momentos ele pensou que tinha sido detetado, mas o olhar dela acabou por avançar, varrendo o outro lado da casa.

Respirando pesadamente, voltou-se para a sua vítima, pensando se ela poderia esclarecê-lo? Teria de lhe perguntar, mas retirar-lhe a mordaca não era opção.

Não, o melhor a fazer era esperar. Esperar para ver o passo seguinte da rapariga. Iria ela cansar-se e partir? Ou iria tentar entrar em casa? De repente, sentiu-se desesperado por saber.

O seu destino, tal como o de Madelaine, dependiam disso.

— Isso é treta. Uma grande treta.

Miller andava de um lado para o outro no gabinete de Gabrielle. Sentia-se furiosa, ressentida, e alegava a inocência. Mas Gabrielle reparou que a adjunta nem por uma vez olhou para ela.

— Estou só a fazer uma pergunta, tal como me *obriga o dever*.

— Pois, mas se alguém aponta o dedo, é porque tem algum objetivo. Um ponto a marcar. Sabe-se lá, se calhar quer o meu emprego...

— Não tem que ver com isso.

— Não?

O ceticismo dela era evidente, mas pareceu forçado a Gabrielle.

— O que mais poderia ser? — prosseguiu Miller. — Sempre lhe fui *muito* leal, trabalhando dia e noite...

— Sei que o teu trabalho é muito importante para ti.

— Pode crer que é!

— Mas também sei que às vezes podes ser impetuosa, e que te sentes tentada a seguir por atalhos. Já antes falámos disso.

Miller nada disse, mas finalmente deixou de andar de um lado para o outro.

— Todos temos andado sob imensa pressão. Esta investigação é extremamente desafiadora e complicada. E percebo porque é que possa parecer tentador a um agente dar um empurrãozinho quando temos um suspeito principal sob custódia, mas faltam-nos provas...

— Não, não, não — retorquiu Miller, sacudindo energicamente a cabeça.

— Jane, quando fomos naquela primeira noite à caravana do Redmond oferecete-te para a arrombar para inspecionar o local. Quanto apostas que se formos lá agora vamos encontrar uma das janelas forçadas?

De repente, Miller parou com os protestos. O seu olhar varreu o chão, como se procurasse uma moeda perdida. Mas ainda sem conseguir olhar para a sua chefe.

— Ora bem, estive na casa dos Jones esta manhã. Os botões de punho que estavam claramente *in situ* nas fotografias do local do crime já não se encontravam lá. Alguém os levou.

Miller continuava a olhar para o chão.

— Portanto, vou voltar a perguntar, Jane. Puseste os botões de punho do Jones na caravana?

Miller hesitou um segundo a mais antes de abrir a boca e naquele momento Gabrielle *soube*. Por um segundo, até pareceu que a sua adjunta iria continuar a alegar inocência, mas as palavras não se formaram e de repente desfez-se em lágrimas, perturbada e com o corpo a tremer.

Gabrielle olhou para ela. Queria admoestá-la, gritar-lhe, despejar toda a fúria sobre ela, mas quando por fim abriu a boca para falar foi com tristeza que arquejou:

— Que raio foste tu fazer, Jane?

— Vais contar-me o que se passa?

Paul Baines surpreendeu-se por a descarada adolescente diante dele ter conseguido passar a segurança. Ficou ainda mais surpreendido por lhe fazer perguntas sobre a mulher.

— Só queria saber se contactou recentemente com a sua mulher.

— Certo... És amiga dela?

— Conheci-a na vigília — mentiu Kassie. — Era suposto encontrar-me hoje com ela, mas quando fui a vossa casa ninguém atendeu.

Baines observou-a com atenção, nitidamente cético em relação à sua história.

— Quando foi isso?

— Logo a seguir às duas.

Paul digeriu a informação, confuso, e agora até um pouco desconfiado.

— Ela marcou contigo a essa hora? Era suposto assistir ao jogo de softbol na escola pouco depois...

— Era um encontro rápido...

A rapariga parecia matreira, evitando o contacto ocular enquanto falava.

— Pode ligar-lhe? — pediu ela, de repente. — Para ver se está bem.

— Neste momento, deve estar a regressar a casa com as miúdas.

E se eu lhe disser para te ligar...

— Por favor...

— O que é isto? O que se passa?

— Não tem de se preocupar. Por favor... Ligue-lhe. Se ela estiver bem, juro que não o chateio mais. É mesmo importante.

E algo na sua postura modesta e preocupada bateu fundo nele. Pegando no seu telemóvel, foi à marcação rápida para ligar à mulher.

«Olá, sou a Madelaine. Deixe mensagem...»

— Sou eu — disse Paul, quando a gravação terminou a saudação.

— Liga-me quando ouvires isto.

Desligou e tentou de novo, mas foi uma vez mais parar diretamente ao voicemail.

— Se calhar já chegou a casa — comentou ele, tanto para si como para ela.

Ligou para o telefone de casa, mas este tocou e tocou, antes de passar para o atendedor automático, com a gravação da voz amistosa da mulher a saudá-lo. Tentou de novo o telemóvel, mas ainda ia direto para o voicemail, pelo que desligou, virando-se uma vez mais para a rapariga curiosa.

— Temo que não haja sinais dela.

Pela reação dela, Paul percebeu que ela ficou preocupada com a informação. E, de repente, também ele ficou.

Um milhar de perguntas rodopiou na mente de Madelaine, cada uma mais alarmante do que a anterior. Onde estaria ela? E o que pretendia ele fazer-lhe?

Atirara-se a ela no sótão — ficara demasiado chocada para reagir e pouco depois despertou no chão do seu quarto. A sua recordação do que ocorrera então era confusa e enevoada — parecia ter havido alguma agitação à porta de casa — e não muito depois estava a ser enfiada na mala do seu próprio carro. Foi atada, amordaçada e vendada, e a hora que se seguiu, ou perto disso, ao rebolar para a frente e para trás ao sabor dos arranques e travagens do carro, foi o período mais assustador da sua vida.

A escuridão era total, o calor intensificava-se a cada minuto, com o ar a revelar-se viciado e desagradável. De início, convenceu-se de que morreria ali e que sempre fora essa a intenção do atacante. Mas, com o decorrer dos minutos, conforme foi esmorecendo o ruído do trânsito no exterior, ocorreram-lhe outras possibilidades. Estaria a ser transportada para um lugar remoto? Se sim, com que fim? Para ser mantida como refém? Agredida? Assassinada?

Madelaine tentou manter um pensamento positivo, para imaginar os melhores cenários possíveis desta situação horrível, mas, antes de conseguir assentar num que fosse mais agradável ao espírito, o carro estacou. Pouco depois, a mala abriu-se e foi içada para o exterior a céu aberto. Foi então arrastada por um solo áspero com os tornozelos

a raspar dolorosamente no que pareciam ser pequenas pedras, e de súbito já estava de novo noutro espaço interior. Uns segundos mais tarde, foi forçada a instalar-se em algo duro — uma espécie de assento — a que foram atados os seus braços.

E então... foi deixada em paz. Ouviu o homem a mover-se em volta, mas sem lhe tocar, pelo que tentou ordenar os pensamentos, para tentar perceber onde se encontrava. Sentiu o cheiro a parafina, mas também a algo mais. Madeira. Madeira húmida e podre. Também conseguia ouvir coisas. O homem a andar de um lado para o outro, o ranger das tábuas, mas também um leve som de gargalhadas.

Sentiu-se desamparada na cadeira, com o coração a bater ao ritmo do seu terror. Desejou saber porque estava ali, o que fizera para provocar o ataque. Moveu a cabeça, desesperada por se libertar das amarras, desesperada por ver ou ouvir algo que lhe desse uma pista sobre o seu provável destino. E enquanto se sacudia e remexia, reparou em algo. A sua venda movera-se um pouco enquanto estava a ser arrastada com dureza para o barracão e o material sobre o olho esquerdo era mais fino e tipo gaze em comparação com o tecido que lhe tapava o direito. Talvez fosse o limite do material, talvez se tivesse rasgado — fosse um ou outro caso, se fechasse o olho direito, mantendo o esquerdo aberto, conseguia distinguir através do tecido fino o que se encontrava diante dela.

Estava numa espécie de anexo. As paredes eram escuras, acastanhadas, mas o chão era muito mais claro, quase branco. Confusa, Madelaine passou os pés sobre a área mesmo à sua frente para descobrir que se mexia e enrugava. Era muito frio ao toque e parecia... plástico. Baralhada, aterrorizada, Madelaine incidiu a atenção no agressor, que estava entretido ali perto. Era de altura média e com algum peso mais, a zona da barriga sob o seu fato-macaco a revelar-se um pouco saliente. Ainda usava a máscara de esqui, o que a deixava aterrorizada, pois assim só poderia imaginar que tipo de monstro se ocultaria por baixo.

Tentara manter um pensamento positivo em plena provação, mas percebia agora instintivamente que o seu rapto estava ligado aos seus recentes atos em prol da comunidade. Afastara o pensamento da mente, mas este retornara, incómodo e insistente. De repente, percebeu exatamente o que a levava a ser raptada e qual seria o seu

destino, uma suspeita confirmada agora que o homem se voltava para ela, com um grande cutelo na mão.

O seu instinto inicial foi gritar, mas de algum modo conseguiu reprimir o pavor. Corria agora grande perigo, mas dispunha de uma minúscula tábua de salvação. A não ser que estivesse equivocada, o atacante não sabia que ela o via. Por isso, apesar de o seu coração bater descontroladamente, Madelaine manteve-se imóvel. Ele parara bem em frente a ela — Madelaine preparou-se para o beijo da lâmina —, mas em vez disso ele baixou-se para se pôr ao seu nível. Estavam praticamente nariz com nariz, com o captor deleitado a observá-la, esperando talvez vê-la a estremecer de medo.

Inesperadamente, Madelaine lançou-se para a frente. Já não pensava, agia por instinto, esmagando a sua testa contra o rosto do captor. Uivando de dor, o homem caiu para trás, batendo com força no chão. Madelaine não hesitou, inclinando-se para a frente até os seus pés tocarem no chão e conseguir levantar-se. Desequilíbrio-se de pronto, com a cadeira onde se encontrava presa quase a puxando de volta para trás. Mas, oscilando e cambaleando, recuperou o equilíbrio e precipitou-se para a frente o melhor que pôde.

O agressor ainda se encontrava no chão, a gemer, pelo que Madelaine avançou para a porta. Não pareceu trancada e se lograsse abri-la talvez desse para escapar e chamar por ajuda.

O progresso dela foi instável, mas, milagre dos milagres, conseguiu chegar à porta. Estava entreaberta, pelo que, virando-se de lado, contorceu os dedos do pé direito na abertura e empurrou com toda a força. A porta abriu-se e ela viu a margem lodosa no exterior, com a água por trás. Avançou apressadamente... mas, de repente, deu por si a cair para trás. Por momentos, ficou desorientada, confusa, mas, esticando o pescoço para olhar em volta, percebeu que o seu raptor agarrara a cadeira e a puxava de volta.

Agora, seria lutar até morrer, e Madelaine debateu-se violentamente, gritando tanto de raiva como de medo. Mas a ordem das forças alterara-se e era inexoravelmente puxada de volta à sua prisão. Momentos mais tarde, regressava ao plástico, exausta e desalentada. Um golpe violento levou-a a balançar para trás e, quando conseguiu voltar a ordenar os sentidos, viu o captor parado diante dela, sem fôlego, com um olhar rubro e furioso, e com aquela lâmina

horrível na mão.

Ela quis soluçar, implorar, mas de repente viu-se incapaz de produzir um som, com o terror a furtar-lhe a voz. E conforme o seu captor se aproximou, com a lâmina erguida para atacar, tudo o que conseguiu ouvir foi aquela gargalhada hedionda e vibrante.

Ela sentiu os olhos em cima de si. Por toda a sala de operações, agentes de todas as hierarquias fizeram uma pausa no seu trabalho para apreciar o espetáculo. A cada segundo, a vergonha dela aumentava, com a indignidade a acumular-se.

Ela tivera de esperar meia hora no gabinete de Gabrielle, enquanto uma equipa dos Assuntos Internos era chamada. Foram os 30 minutos mais longos da sua vida. No passado, ela e Gabrielle fecharam-se muitas vezes naquele gabinete, amaldiçoando o café da esquadra, enquanto dissecavam novas pistas de uma investigação. A ela, sempre lhe parecera um lugar especial, até levemente mágico, que elas partilhavam. O pequeno oásis delas longe do caos e das trevas, mas nesse dia parecia uma prisão, como se Gabrielle — a mulher que tanto admirava — a mantivesse refém. Durante essa espera, a chefe nada dissera, talvez, suspeitou Jane, por não confiar no que poderia dizer.

Os agentes dos AI acabaram por aparecer — uma mulher de feições macilentas, carrancuda, e um homenzarrão malcheiroso —, e agora ali estava ela, de pé junto à sua secretária, enquanto eram recolhidos, etiquetados e ensacados os conteúdos das suas gavetas e pastas de arquivo. O telemóvel fora levado, tal como o computador portátil, mas guardaram o melhor para o fim.

— A sua mala, por favor — disse o agente, sem levantar os olhos.

Ela obedeceu, entregando-lhe a mala já gasta. Lenta e

deliberadamente, ele começou a esvaziar o conteúdo — um *Kleenex* amarrotado, o seu passe dos transportes públicos de Chicago, até os cigarros dos quais ela dissera a todos ter desistido. Nada disto tinha que ver com a investigação à sua má conduta — o único propósito era humilhá-la e punir quem observava.

Jane manteve o olhar pregado ao chão. Iria sair sob fiança, naturalmente, mas, e depois? O seu vencimento seria suspenso durante a investigação e ela não dispunha de poupanças significativas. O que ia fazer da vida? Tinha alguns amigos em Chicago, mas ninguém com quem pudesse abrir-se. Será que teria de regressar a Detroit para casa dos pais? Os íntegros Mary e Eric que adoravam o seu belo e bem-sucedido filho mais velho em detrimento de todos os outros? Que desiludidos ficariam, mas não surpreendidos. Só a ideia de lhes ver as expressões taciturnas dava-lhe vontade de chorar, mas disfarçou a angústia. Não ia dar-lhes isso.

— Pronta para ir?

O enfado na voz do agente foi dilacerante. Isto para ele era rotina diária, independentemente de para ela ser uma catástrofe pessoal. Assentiu discretamente.

— Então vamos lá embora — prosseguiu ele, indicando-lhe a saída.

Enquanto durou o suplício, desejara sair daquele lugar, mas agora hesitava. Abatera-se o silêncio sobre a sala, já ninguém fingia sequer estar a trabalhar. Estavam todos colados ao drama, com tanto de espanto como de horror. Ela queria que todos eles... desaparecessem, para que todo este terrível pesadelo terminasse, mas esta pecadora não teria uma escapatória simples.

Por isso, virando costas ao seu posto de trabalho, à mulher que estimara, iniciou a sua longa e demorada caminhada da vergonha.

Kassie arrastou os pés sobre o linóleo gasto. Ergueram-se olhares à sua passagem, mas mal reparou neles, mantendo os olhos fixos na forma frágil perfilhada no terraço à frente. O que a trouxera até ali, não sabia dizer — o que poderia alcançar? —, contudo, não podia ir a qualquer outro sítio. Quando a vida lhe reduzia a cinzas as esperanças, recorria sempre à única pessoa que alguma vez demonstrara verdadeiro amor por ela.

Wieslawa olhava para o lago, de olhos fixos nos pássaros. Vestia um roupão quente e tinha uma manta de lã a cobrir-lhe as pernas, que Kassie ajustou para garantir que não passavam correntes de ar. Beijando-a na testa, Kassie sentou-se junto à avó, pegando-lhe na mão marcada por manchas, por causa do fígado.

Wieslawa mal reagiu, erguendo momentaneamente os olhos para a neta, antes de devolver o olhar à paisagem. Mas, pelo menos, não retirou a mão, como por vezes ocorria quando se sentia enervada ou perturbada. Ao longo dos anos, Kassie aprendera que era impossível prever o estado de espírito da avó. Nuns dias, apresentava-se passiva e inerte, noutros, animada e comunicativa. Nesses dias, Kassie quase acreditava que Wieslawa a reconhecia, com a avó a murmurar frases, até a mencionar lugares e acontecimentos do passado. No entanto, noutros dias revelava-se chorosa e inquieta, lançando olhares desconfiados a toda a sua volta. Com o passar do tempo, os médicos apresentaram várias formas de descrever o seu estado — demência,

psicose delirante, outras que Kassie esquecera ou apagara —, mas Kassie tinha uma perspectiva diferente. Wieslawa sempre vivera cercada pela morte, mas nunca mais do que ali, onde idosos eram deixados pelos filhos para morrer, fora da vista e fora da mente. Arrepiou-se ao pensar no que Wieslawa deveria ver, a morte iminente para tantos que conhecera nos corredores, na sala de convívio, nas mesas na margem do lago. Rezou para que a avó já não o conseguisse ver, mas em grande parte achava que não seria assim.

— *Babcia* — murmurou a idosa.

Kassie ergueu o olhar, esperançosa, mas Wieslawa manteve o semblante fixo no horizonte. Kassie deixou uma vez mais pender a cabeça, sentindo-se profundamente esmagada. Viera em busca de abrigo, para ordenar os pensamentos, apesar de ter de enfrentar o facto de ter falhado perante Madelaine, de ter falhado perante si mesma. A adorável mãe de duas crianças estava prestes a ser brutalmente assassinada e a própria Kassie tinha menos de duas semanas de vida. O seu fracasso seria fatal para ambas. O facto de isto a poder poupar ao destino da avó não era hoje de grande conforto — Kassie sentiu-se profundamente vazia, derreada.

— *Babcia* — sussurrou a avó, desta feita um pouco mais alto.

Mas Kassie não ergueu o olhar, não conseguia acreditar que a velhota compreendesse ou quisesse saber da sua angústia. Em vez disso, beijou-lhe a mão e, pousando-a suavemente na manta de lã, partiu. Não suportava a claustrofobia do salão de visitas, pelo que, em vez de voltar por onde veio, Kassie desceu até à água. Encontraria outra saída — uma por onde não fosse espiada —, mas, ao chegar ao lago, deteve-se, espantada com o que via diante dela.

O lago Michigan estava espantoso nessa noite, com o sol poente a raiar sobre a sua vasta superfície, a luz dourada de cá para lá enquanto a água ia vazando e fluindo. Ao longe via-se o centro de Chicago, pleno de energia e atividade, mas o próprio lago apresentava-se sereno, privado de vida humana, confiante na sua grandeza e majestade. Nada o incomodava, nada lhe perturbava a calma, com exceção das aves pernaltas, das garças, das águias e das tarambolas que varriam o céu, chamando umas pelas outras. Kassie manteve-se na margem, inclinando a cabeça para ver os seus círculos elegantes, na esperança de encontrar consolo naquele dinamismo

tranquilo. A cada ano iam e vinham, independentemente dos dramas e das trevas que assolavam a cidade. E todos os anos *continuariam* a vir. Este pensamento animou um pouco Kassie — a sua própria vida, a sua própria narrativa, seriam talvez insignificantes face ao esquema mais alargado das coisas —, e deixou-se estar ali, desejosa de se perder nesse alheamento, para encontrar um momento de paz.

Mas, mesmo ali parada, algo começou a imiscuir-se na sua mente. Um pensamento... não, não era um pensamento. Um som. Um som que já ouvira. Por um milésimo de segundo, a mente de Kassie espiralou de volta àquele horrível barracão, a *ele*, ao horror e ao medo, de súbito regressara ao presente, mais uma vez maravilhada a apreciar as estrelas.

E, de repente, *percebeu*.

Subiu os degraus três a três, sempre a correr. Fervia de frustração desde que partira de Lincoln Park e, ao chegar ao prédio do consultório de Adam, não hesitou. Ia uma jovem mulher a sair pela porta principal e Kassie passou à frente dela, correndo para atravessar o *lobby* e investindo escadas acima.

Irrompendo na recepção do oitavo andar, Kassie correu para a porta do consultório, abrindo-a para trás. Adam estava ao telefone e lançou-lhe um olhar zangado enquanto Kassie atravessava a sala na direção dele. Fazendo concha com a mão sobre o auscultador, ia repreendê-la, mas nem teve a oportunidade. Kassie deitou a mão ao telefone e pôs fim à chamada.

— O que raio estás a fazer? — vociferou ele.

— Tenho de falar consigo.

— Era uma chamada *importante*... — protestou Adam, com um ar zangado e perturbado.

— Sei o que é — disse ela, ignorando-o.

— Como assim?...

— Sei o que é. O riso.

Adam parecia perdido, pelo que Kassie desenvolveu.

— O riso de mulher, no barracão... eu disse que não parecia humano. E isso é porque não é. São as aves...

Apontou para as janelas que iam do teto ao chão, que emolduravam o lago. Ao longe, ainda era possível vislumbrar as aves,

envolvidas nas suas rotações intermináveis.

— São as aves — repetiu ela, meio a sorrir, meio a rir.

Adam olhou para ela como se Kassie estivesse louca, pelo que esta avançou até às janelas, abrindo-as. Inúmeras aves visitavam o lago — abetoiras, águias, garças-reais — e as suas casquinadas agudas constantes podiam ser ouvidas mesmo àquela distância.

Kassie voltou-se para Adam. Momentos antes, ele parecia prestes a explodir, mas agora deixava-se envolver pelo ruído sórdido e malevolente.

— A Madelaine... está junto à água — entoou Kassie. — Está presa algures junto ao lago ou a um rio, tenho a certeza.

Enquanto falava, viu a expressão de Adam ensombrecer, como se o que ela dissera encaixasse em algo.

— Só temos de descobrir onde.

— Kassie...

— Só lhe restam umas horas de vida. Mas agora temos uma oportunidade...

— Sê sensata, Kassie. O lago é enorme e não faltam rios.

— Temos de descobrir onde se agrupam as aves. Terá de ser um sítio remoto, onde o tipo não possa ser incomodado, depois podemos ir lá...

— Seria como procurar uma agulha num palheiro.

— Podemos salvá-la, eu sei que sim — insistiu Kassie, recusando-se a ser rejeitada. — Mas não sei por onde começar, com quem devo falar sobre isto.

Apesar de contrariado, Adam reagiu. De repente, Kassie sentiu-se inundada de esperança de que Adam a ajudasse — se conseguisse convencê-lo.

— Conhece alguém?

— Não. Bem, sim. Mas não posso simplesmente aparecer e...

— Temos de ir ter com eles.

— Só quando me disseres por onde andaste e porque é que pensas que isto...

— Não temos tempo!

As palavras irromperam dela, deixando Adam chocado e em silêncio.

— Duas vezes eu tive razão em relação a isto e não fizemos *nada*.

Por favor, não me faça sentir responsável por mais uma morte. Eu não ia aguentar.

Adam continuou hesitante.

— Faça isto por mim e *juro* que nunca mais o chateio.

— Não sei, Kassie...

— Se a salvarmos, então talvez fique outra vez tudo OK. Para si e para mim. Por favor, Adam, faça esta última coisa por mim. *Imploro-lhe*.

O tom de Kassie era suplicante, suplicante. Mas teria ela feito o suficiente? Adam fitava-a fixamente, nitidamente dividido entre fazer-lhe a vontade ou mandá-la para o Inferno. Depois, para enorme alívio dela, Adam pegou no telefone e no casaco e encaminhou-a para a porta.

Escorreram-lhe lágrimas pelo rosto devastado, mas não fez diferença. Ali não havia misericórdia.

O captor espancara-a selvaticamente, a ponto de a deixar inconsciente, antes de subitamente afrouxar. Madelaine continuou atada à cadeira, nua, ferida e a tremer, mas ele soltara as amarras de um dos pulsos, levando a mão livre a pousar numa pequena mesa que empurrara para junto dela. Os olhos de Madelaine estavam colados ao hediondo cutelo pousado na superfície amolgada, ali perto, mas ele pareceu momentaneamente tê-lo esquecido. Parecia muito mais interessado nela.

Pegou na mão dela, parecendo deleitado por a ver tremer.

— Tens medo, Madelaine?

Madelaine emitiu um ruído estranho — metade soluço, metade afirmação.

— Devias ter.

Conseguiu ver os dentes manchados dele a apartarem-se num sorriso, enquanto ela libertava outro soluço.

— Vamos brincar a um jogo — prosseguiu ele, animado.

— Não quero...

— Por norma, começo pela língua, mas hoje vou abrir uma exceção.

— *Por favor*, não me faça mal.

Mas ele ignorou-a, continuando a afagar-lhe a mão, passando um

dedo sobre o polegar dela.

— Este porquinho foi ao mercado...

Deslizou para o indicador.

— Este porquinho ficou em casa...

— Não...

— Este porquinho comeu rosbife...

— Por favor... não... — arquejou ela, desta feita mais alto.

— E este porquinho não tem ninguém...

Passou do anelar para o mindinho.

— E *este* porquinho fez chichi, chichi, chichi a caminho de casa.

Ainda a agarrar-lhe o mindinho, pegou no cutelo. Madelaine gritou — um grito longo, alto e aterrorizado —, mas ele pareceu não a ouvir. Assentando a lâmina na base do dedo, fez pontaria, ergueu o cutelo e lançou-o para baixo com força. Madelaine irrompeu numa gritaria — e os seus uivos agudos disfarçaram o suave baque que o dedo decepado fez ao embater no plástico no chão.

Um choque momentaneamente entorpecedor e depois uma chama selvagem de agonia. A dor revelou-se insuportável e por um momento Madelaine perdeu a consciência, apagando brevemente antes de regressar ao horrível presente. Agora começava a balbuciar, implorando por piedade ao captor, invocando tudo o que lhe era querido, mas isso pareceu servir apenas para o excitar ainda mais. Para seu puro horror, ela vislumbrou o início de uma ereção na virilha retesada do fato-macaco.

Madelaine voltou a gritar, gritou até lhe arderem os pulmões. Sentiu-se zozza, entorpecida — foi tomada pelo mais profundo desespero e rezou para que o seu coração parasse de bater, para assim escapar àquele terrível pesadelo. Mas o captor não o permitiu, esbofeteando-a com força para que parasse de gritar. Isto silenciou-a por momentos, mas daí a nada ela gritava atabalhoadamente e rosnava toda a sua dor e raiva. Era tal a dor que se tornava impossível permanecer calada, precisava de um qualquer tipo de libertação. Mas nenhum estava para vir.

— Ora muito bem, Madelaine... — O captor agora ronronava, pegando-lhe na mão ensanguentada para mais uma vez a segurar com força. — Estás preparada para voltar a jogar?

— Isto é muito importante, Brock. Pensa...

Brock Williams estava a meio de uma reunião, a falar com os parceiros financeiros sobre os esquemas do desenvolvimento de um condomínio em Lakeshore, mas quando a secretária dele mencionara o nome de Adam, largara tudo e saíra a correr. Deixara uma mensagem de condolências após o parto da nada-morta de Faith, mas não via Adam desde então e, enquanto conduzia o seu velho companheiro e a estranha parceira adolescente dele até ao seu gabinete privado, pediu desculpas por ter sido um amigo tão mau e ausente.

Para sua surpresa, Adam descartou o pedido de desculpas. Fora ter com ele por uma razão apenas — o conhecimento de Brock sobre aves. Brock presumira que Adam estava a brincar, a provocá-lo, até, mas quando se tornou aparente que falava muito a sério, perguntara de si para si se Adam estaria embriagado. Mas, na verdade, Adam parecia estar bem — um pouco agitado, talvez, mas lúcido, inteligente e preciso.

— Parece que podem estar a descrever uma águia qualquer — disse Brock, hesitante. — Podem dar-me o som, de novo?

A adolescente — que ele sabia agora chamar-se Kassie — imitou o pio da ave o melhor que conseguiu, casquinando bastante e muito alto. Brock dirigiu-se de imediato ao seu computador portátil e abriu a página do *YouTube*.

— É isto? — sugeriu, carregando no botão *play* de um vídeo.

A sala encheu-se com uma casquinada rouca, como um bando de aves a chamarem-se umas às outras.

— Sim, é isso! É isso, sem dúvida — gritou a rapariga, parecendo estranhamente emocionada.

— Então o que ouviste foi uma águia-de-cabeça-branca.

— Onde fica isso? — perguntou Adam de seguida, apontando para o vídeo.

— É só um vídeo genérico. Não fica por estes lados — respondeu Brock, surpreso com a urgência no tom de voz do amigo.

— Mas há águias dessas aqui em Chicago, certo?

— Claro, vêm cá na primavera.

— E onde nidificam? — interrompeu a rapariga.

— Por todo o lado. Vêm para se alimentar, ficam por umas seis semanas...

— Onde, *especificamente*?

— Perto de qualquer grande massa de água — atirou Brock, sentindo que o par estava insatisfeito com as respostas. — O lago Michigan atrai muito...

— Essa área é demasiado grande — interrompeu Adam. — Há mais outro local onde as possamos encontrar? Estamos à procura de um lugar remoto.

— Bem, o lago Winnebago tem uma população grande, mas isso fica a norte de Milwaukee.

— Mais perto do que isso — insistiu a rapariga.

— Bem... se quiserem realmente algo *local*, há uma massa de água que pode encaixar no perfil. Nunca lá fui, porque é de difícil acesso, mas dizem que há uma grande população de águias-de-cabeça-branca por lá, este ano.

— Onde? — perguntou Adam.

Brock fez uma pausa, antes de concluir:

— O lago Calumet.

Conduziram em silêncio, cada um absorto nos seus pensamentos. O lago Calumet ficava a sul da cidade e fora, outrora, uma estação de expedição e um centro industrial movimentado. Quando o negócio diminuiu, tornou-se um aterro sanitário, mas até isso provara ser pouco sustentável. Agora tratava-se apenas de uma zona industrial devoluta, abandonada na sombra da autoestrada Bishop Ford, popular apenas entre as aves migratórias e o ocasional ornitólogo intrépido.

Era um local do qual Kassie ouvira falar, mas que nunca visitara. E à medida que avançavam pelo caminho acidentado que levava ao perímetro cercado por rede metálica, ignorando os sinais de «Perigo! Afaste-se!», Kassie conseguia perceber porquê. Um enorme elevador de grão decrepito, esquelético e triste, fazia guarda a uma profusão de edifícios industriais abandonados. Relíquia de uma antiga prosperidade, o local estava agora totalmente ao abandono, em decadência, e era, provavelmente, perigoso, com inúmeras placas de sinalização afixadas na cerca a avisar da existência de químicos tóxicos enterrados no aterro.

Era impossível não se sentir triste ao olhar para aquele local decrepito, mas a visão de uma águia-de-cabeça-branca a voar em círculos no céu lembrou Kassie do porquê de estarem ali. Mexendo nervosamente na costura da manga, olhou de relance para Adam. Conseguia perceber que ele sentia o mesmo que ela — parecia muito tenso, tamborilando repetidamente com os dedos no volante.

O carro parou e Adam desligou a ignição. Guardou as chaves no bolso e espreitou para a visão agoirenta do lado de fora do carro.

— Vamos dar uma espreitadela rápida e, se virmos algo suspeito, chamamos a polícia — disse ele rapidamente, levando a mão à porta do carro para a abrir.

— Adam, espere.

Adam virou-se para ela quando Kassie lhe pousou a mão no braço.

— Já fez o que lhe pedi. Agora devia ir para casa.

Adam estava prestes a protestar, mas ela falou por cima dele:

— O que quer que esteja ali fora, consigo enfrentá-lo sozinha.

— Dá-me algum crédito, Kassie — respondeu ele, com alguma arrogância.

— Eu sei que nunca quis nada disto, que eu só lhe trouxe problemas.

— Não te vou deixar fazer isto sozinha.

— Por favor, Adam — insistiu Kassie. — Você é casado, tem responsabilidades. Vá para casa ter com a Faith e deixe-me terminar o que *eu* comecei.

— Disse que fazia esta última coisa por ti e vou fazê-lo. Não há hipótese nenhuma de eu te deixar aqui sozinha...

Adam fez um gesto em direção ao terreno devoluto.

— Mas se isto for em vão, se estiveres enganada, quero que me prometas que me deixas ajudar-te. Talvez consigamos arranjar-te apoio domiciliário.

— De acordo, mas...

— Então vamos lá. Estamos a perder tempo.

As palavras de Adam mexeram-lhe com a consciência — cada segundo podia custar bastante caro a Madelaine —, ainda assim hesitou. Seria *justo*? Conseguiria ela fazer aquilo realmente? Mas Adam já saíra do carro, dirigindo-se à mala, e, com relutância, Kassie seguiu-o para fora do carro. Adam depressa se juntou a ela, tendo encontrado uma lanterna. O sol estava agora quase abaixo do horizonte e, em breve, estariam perdidos na escuridão.

— Vamos lá.

Adam marchou em frente e Kassie apressou-se a segui-lo. Percorreram a cerca alta e imponente até encontrarem o portão principal. Eram estruturas sólidas e bem construídas, criadas para

manter afastados os ladrões de metal e fechadas com um cadeado enorme. Caminharam na direção daquela barreira proibitiva, perguntando-se como poderiam entrar. Mas quando o feixe de luz da lanterna de Adam incidiu sobre o cadeado, constataram imediatamente que estava partido. Adam retirou-o do sítio onde estava pendurado para examiná-lo mais de perto e mostrou-o a Kassie — um dos braços do cadeado fora cortado com um corte limpo, presumivelmente com um corta-cavilhas.

— Não significa nada — balbuciou Kassie. — Podem ter sido ladrões...

Adam parecia não acreditar naquilo tanto quanto ela, mas, para seu crédito, manteve a compostura, abrindo o portão para trás. Entraram devagar, passando por um velho armazém. O sol poente formava sombras estranhas no chão e, em mais de uma ocasião, Kassie sentiu ver o contorno de um homem. Mas era apenas a mente dela a pregar-lhe partidas, ou assim ela se convenceu. Foram avançando, passando por pilhas de caixas de empacotamento abandonadas, armazéns de grão desertos e escritórios vazios, caminhando em silêncio, procurando com o olhar por anexos de madeira.

— Não acha que devíamos desligar a lanterna? — perguntou Kassie, de repente. — Quer dizer, se houver alguém aqui e virem o nosso feixe de luz...

Adam olhava para Kassie como se, por fim, ela tivesse enlouquecido de vez, mas, com relutância, concordou e desligou a lanterna.

— Provavelmente há luz suficiente vinda da autoestrada para nos iluminar o caminho.

— Está bem — respondeu Adam, soando muito pouco convencido. — Mas não te afastes.

Avançaram, adentrando cada vez mais no terreno. Naquele local, os edifícios estavam mais próximos uns dos outros, forçando ambos a percorrer uma ruela estreita. Kassie manteve-se perto de Adam, perscrutando a escuridão com o olhar. Com certeza, em breve chegariam à margem e, então...

De repente, alguém se atirou a ela. Vinha uma sombra negra na sua direção. Com um pequeno grito, Kassie tropeçou caindo nos braços de Adam, levantando a mão para se proteger... mas era apenas

um pombo assustado, agitando as asas enquanto voava para cima em direção à noite, talvez uma presa fácil para as águias que voavam pelos céus em círculos.

— Desculpe — sussurrou Kassie, recompondo-se.

Ela não sabia dizer porque sussurrava. Mas sentia um nó de tensão no estômago e algo lhe dizia para estar atenta. Esgueirando-se até ao fim da viela, espreitou pela esquina e, por fim, avistou o lago. Parecia uma enorme mancha preta na paisagem, emoldurada pela autoestrada lá em cima, uma imagem distópica de declínio e decomposição. Sentiu um arrepio na espinha, mas reuniu coragem e saiu da viela, avançando alguns passos hesitantes.

No momento em que o fazia, sentiu uma mão firme a travá-la. Adam puxou-a de volta para a sombra e dirigiu a atenção dela para um pequeno edifício um pouco mais à frente na margem do lago. Era uma espécie de barracão, velho e gasto, e não parecia diferente de qualquer outra estrutura abandonada no local, a não ser pelo facto de dele emanar uma luz dançante. Mais intrigante ainda era o *SUV* estacionado nas sombras junto ao barracão.

— Acha que é da Madelaine? — perguntou Kassie, sustendo a respiração e apontando para o veículo.

Adam encolheu os ombros, mas Kassie pensava saber a resposta. Voltou-se novamente para o barracão, gloriosamente isolado à beira do lago, completamente só, a não ser pelas dezenas de aves que nidificavam nos pântanos circundantes. Era aquilo. Tinham encontrado Madelaine. E, se quisessem salvá-la, seria agora ou nunca.

Chegara ao fim. Lutara com ele, lutara com todo o seu ser, mas chegara ao limite da resistência. A tortura fora incessante, a crueldade dele, interminável. A língua dela fora cortada, os dedos das mãos e dos pés, amputados. Com cada abominação, ela desmaiara, assolada pela dor, mas ele acordara-a sempre — atirando-lhe água para o rosto, esbofeteando-a, o que fosse necessário para a manter consciente.

Uma ou duas vezes, pensara que o seu coração ia rebentar. Nessas ocasiões, rezara por um ataque cardíaco, por um alívio daquele purgatório. Mas o atacante tinha bastante prática, trazendo-a repetidamente de volta do limiar da morte. No entanto, agora, o fim estava próximo e, como se o sentisse, o captor voltou a falar.

— És gira, não és?

Ela voltou a vomitar, vindo-lhe bílis pura à boca.

— Só falta uma coisa. Gostas de colares, não gostas?

Madelaine não estava certa de o ter ouvido corretamente, mas assentiu ao de leve com a cabeça.

— Boa — murmurou ele, pegando no cutelo e colocando-lhe a lâmina no pescoço. — Pois chegou a hora do corte final.

A mala do *Cadillac Escalade* estava aberta, como a bocarra de um predador à espera de uma presa. Kassie passou por ele depressa — não queria olhar para lá — com os olhos antes fixos no barracão. A porta estava entreaberta e, quando se chegaram mais perto, conseguiram ouvir vozes. A voz de um homem, baixa e sinistra, e a voz de uma mulher — fraca, entrecortada, queixosa.

Alarmada, Kassie deu um passo em frente, levando uma mão à porta, mas Adam puxou-a para trás.

— Primeiro eu — sussurrou.

Adam segurou bem a lanterna na mão e abriu a porta muito devagar. Kassie estava a olhar por cima do ombro dele e o que ela via agora tirou-lhe a respiração. O interior encontrava-se debilmente iluminado por uma lamparina de querosene, mas a sua luz tremeluzente era suficiente para revelar um homem de macacão azul, de pé, sobre Madelaine Baines — ou o que restava dela. As mãos e pés dela não passavam de tocos sangrentos, tinha sangue espalhado pelo corpo todo e a lâmina de um cutelo encostada à garganta.

O homem mascarado parecia estar a provocá-la, deliciando-se com o medo dela. Estava preparado para lhe cortar a garganta, mas, quando a vítima viu movimento junto à porta, soltou um grunhido longo e alto. De imediato, o homem virou-se, praguejando de surpresa.

Kassie ficou congelada no lugar onde estava, mas Adam correu

para a frente, no instante em que o homem da máscara se preparava para se defender, fazendo deslizar o cutelo para longe de Madelaine e na direção do intruso. Mas Adam não hesitou, arremessando a lanterna com violência, tirando-lhe o cutelo da mão. Apercebendo-se do perigo que corria, o captor de Madelaine respondeu de imediato, atirando a cabeça para a frente, tentando dar uma cabeçada no seu atacante. Mas Adam desviou-se, enfiando o joelho nas virilhas do homem. A gemer, este cambaleou para trás, atirando a vítima devastada ao chão, permitindo que Adam atacasse.

Aterrou com um soco pesado e o homem da máscara tropeçou. Adam avançou para o golpe final, agarrando a cabeça do homem e tentando puxá-lo de volta. Mas, de repente, era Adam quem estava a cair para trás, com a máscara de esqui na mão. Kassie vislumbrou o rosto do homem — branco, pálido, de pera —, mas, subitamente, este virou-se, acertando com violência no queixo de Adam. Este foi apanhado de surpresa e caiu para trás, aterrando com um baque pesado no chão. E, agora, o captor de Madelaine saltava para cima dele, afastando-lhe os braços para o lado e apertando-lhe a garganta com as mãos.

Adam contorcia-se no chão, dando pontapés no ar com violência, tentando soltar-se do atacante. E, nesse momento, Kassie ganhou vida, sentindo o perigo e correndo para lá. O atacante de Adam claramente não registara a presença dela, pois não tentou defender-se sequer. Kassie aproveitou-se da situação, envolvendo o pescoço forte do homem com o braço e puxando para trás com toda a força.

O homem gemeu — de surpresa e dor — e soltou Adam por momentos. Kassie puxou ainda mais, mas agora ele lançara-se para trás na direção dela, arrancando o braço dela do pescoço e atingindo-lhe a face com o cotovelo. De repente, Kassie estava a deslizar para o lado, a ver o barracão a andar à roda, e, momentos depois, sentiu a maçã do rosto a colidir com violência no chão áspero.

Ficou ali deitada, a gemer, sem se conseguir mexer. Sentia-se tonta, vendo tudo a girar em volta dela. Ainda assim, sabia que tinha de se levantar, por isso, vacilante e desajeitadamente, conseguiu pôr-se de joelhos. Queria ajudar, salvar Adam e Madelaine daquele assassino impiedoso, mas, mesmo enquanto olhava, apercebeu-se de que era inútil. O homem retomara o ataque a Adam, com as mãos

cerradas em volta do pescoço da sua vítima, a apertar, a apertar, a apertar...

Kassie tinha de intervir. Arrastou-se até eles, mas perdeu o equilíbrio, caindo para o lado. Agora só lhe restavam alguns segundos — os olhos de Adam estavam salientes, o rosto roxo — e, ainda assim, ela não conseguia fazer com que o seu corpo avançasse. Praguejando, começou a chorar. Era *mesmo* assim que ia acabar?

Mas agora, para sua surpresa, o homem estava a pôr-se de pé. Adam continuava consciente — por pouco —, a vomitar e a tossir no chão, por isso, porque se levantara o seu atacante? E foi então que Kassie se apercebeu do cheiro horrível e insidioso que começava a encher o barracão. Olhou de relance para a direita, vendo o que acontecera. A lamparina de querosene caíra durante a luta, espalhando o combustível mortífero para a pequena mesa que, por sua vez, incendiara a estrutura do edifício. Uma das paredes já ardia e, em poucos segundos, toda a construção estaria em chamas.

Atordoada, Kassie observou o homem a pegar no cutelo e a fugir, abandonando a vítima e os atacantes sem pensar duas vezes. Momentos depois, ouviu o SUV a ligar e a afastar-se. O som pareceu fazer com que voltasse à terra e, sem pensar, correu para Adam.

— Está bem? — gritou, agarrando-o com força.

— Estou — disse ele com a voz rouca, com dificuldades em se recompor.

Kassie virou-se e viu Madelaine, deitada quieta no chão, com as chamas a ameaçar rodeá-la. Correu até lá e enfiou os braços sob os de Madelaine, tentando içá-la. Kassie conseguia sentir o calor do fogo, conseguia ouvir o crepitar da madeira por cima dela, mas, por muito que tentasse, não conseguia mover Madelaine. Por isso, virou a sua atenção para as cordas que a amarravam à cadeira, puxando-as com força,

Mas enquanto o fazia, um horrível som agudo levou-a a olhar para cima — a tempo de ver um pedaço de madeira a arder a cair mesmo ao lado dela, ressaltando no lençol de plástico e enviando faúlhas para o ar. Kassie olhou de relance para o teto em chamas, que rangia ameaçadoramente, e redobrou os seus esforços.

Puxou e puxou, enfiando os dedos entre as cordas e tentando soltar os nós, mas não adiantava. Um fumo acre enchia agora o

barracão, à medida que começava a derreter o revestimento de plástico onde ambas se encontravam. O fumo picava-lhe os olhos, enchia-lhe os pulmões, mas Kassie sabia que não podia parar. Tinha de tirar Madelaine dali.

O suor escorria-lhe pelo rosto, era-lhe cada vez mais difícil respirar, mas Kassie agarrou nas mãos mutiladas de Madelaine e começou a puxar. Se tudo o resto falhasse, podia ao menos arrastá-la para fora do barracão. Uma das unhas dela partiu, depois outra, mas Kassie ignorou. Conseguiu deslocar Madelaine uns centímetros, depois mais outros.

Caiu outro pedaço de madeira ao chão, raspando no ombro de Kassie, fazendo-a perder o equilíbrio. Por um instante, ficou desorientada, com o fumo a girar em volta dela, mas voltou a ver a forma inerte de Madelaine e começou a puxar uma vez mais. Conseguiu arrastá-la mais uns centímetros, mas a sua progressão foi interrompida de repente. Teria a cadeira ficado presa em algo?

— Madelaine?

O grito dela saiu rachado e estridente. E não obteve resposta. Kassie voltou a puxar, mas, enquanto o fazia, mais dois pedaços de madeira caíram, enchendo-a de faúlhas. Puxou mais uma vez, mas agora sentia alguém a agarrá-la por trás. Virou-se e surpreendeu-se ao ver rosto de Adam através da escuridão. Ele tentava dizer alguma coisa, Kassie conseguia ver a boca dele a mexer, mas o que dizia perdeu-se quando mais um pedaço de madeira do teto caiu no chão ao lado deles.

Ainda assim, ele continuava a puxá-la. Kassie tentou afastá-lo, mas ele agarrava-a com força. Agora estava a arrastá-la a ela em direção à porta. Furiosa, virou-se, tentando voltar a apanhar Madelaine. Mas, entretanto, perdera-a no meio do fumo.

— ... ssie, temos de sair daqui.

Conseguiu ouvir a voz de Adam e, segundos depois, sentiu uma brisa de ar fresco, quando ele a puxou para fora do barracão em chamas. Por um instante, debateu-se nos braços dele, mas sabia que era inútil. A estrutura estava toda em chamas e quem tivesse ficado lá dentro estaria perdido para sempre.

— Não há mais que possamos fazer, Kassie — disse Adam, segurando-a contra ele.

Ela continuou a debater-se, mas já não o fazia com muita vontade, curvando o corpo à medida que as lágrimas caíam. Momentos depois, o telhado inteiro colapsou sobre si mesmo.

— Chegámos tarde demais...

Kassie ficou flácida nos braços dele, vencida pelo desespero e pela exaustão. Adam não fez um gesto para a soltar, abraçando-a. Tinham feito o seu melhor, mas falharam. Não havia mais nada que pudessem fazer, e ficaram ali, oscilando, com os olhos colados ao barracão a arder, à medida que chamas enormes saltavam de lá, emolduradas pelas águas do lago, negras como breu.

— Diz-me outra vez como ele era.

Kassie levantou a cabeça, incrédula. Estava exausta, tresandava a fumo e acabara de ser libertada pelos paramédicos, mas Gabrielle Grey parecia determinada a atormentá-la.

— O que mais quer que eu diga? — perguntou Kassie, num tom rouco.

— O «homem» que descreveste pode ser qualquer um. Tinha algum traço característico?

— Estava escuro e havia fumo por todo o lado. Só o vi de relance...

— Então, «branco, de meia-idade, com pera». Isso descreve metade dos homens em Chicago.

Kassie lançou-lhe um olhar furioso, sentindo cada vez mais uma antipatia profunda por aquela inspetora cínica. Tinham fugido a correr do barracão em chamas e chamado a polícia de imediato. Para espanto deles, Gabrielle Grey chegara cinco minutos depois dos agentes fardados, esperando pacientemente que os paramédicos dessem alta a Adam e Kassie, antes de os separar e os levar para a sede da CPD para interrogatório. Kassie só queria que a deixassem sozinha, deitar-se e chorar até adormecer, mas sabia que não tinha qualquer poder ali.

— A barba dele era grisalha — continuou ela com pouco entusiasmo. — E tinha um pouco de peso a mais. Agarrei-o pelo

pescoço gordo quando tentei afastá-lo do Adam...

— Não encontrámos pele nenhuma nas amostras que tirámos das tuas unhas.

— Deve ter saído quando eu estava a tentar libertar a Madelaine. Perdi duas unhas ao puxar aquelas cordas...

A voz de Kassie soçobrou e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Só de pensar no destino terrível de Madelaine... era demasiado para contemplar.

— Cor dos olhos? — continuou Grey, sem remorsos.

Kassie abanou a cabeça.

— Alguma tatuagem?

— Não no pescoço, nem nos braços. Não lhe consegui ver o resto do corpo.

— Cicatrizes? Sinais de nascença?

— Não.

— Mas serias capaz de reconhecê-lo se o visses novamente?

— Sim. Sim, seria.

— Bem, graças a Deus por pequenas mercês...

Aquele comentário final destinava-se ao colega, mas a tentativa de humor negro de Grey não caiu muito bem. A inspetora experiente parecia ter mudado desde a última vez que Kassie a vira — parecia exausta, acossada até.

— E dizes que este tipo fugiu de lá de carro? — acrescentou o colega num tom mecânico. — Enquanto ainda estavam lá dentro?

— Sim, num *Escalade* preto. Vocês devem ter visto as marcas de pneus.

— Vimos marcas de pneus — respondeu ele friamente.

— Credo! — explodiu Kassie, com a voz quebrada de emoção. — Porque é que não acreditam no que estou a dizer? O doutor Brandt vai confirmar tudo o que eu disse.

Os dois polícias trocaram um olhar. Kassie não estava certa do que aquele olhar significava. Adam confirmara o que ela dissera, não confirmara?

— *Estava* lá um homem. Vocês deviam fazer circular uma imagem dele, pôr a cara dele nas notícias.

— Ai sim?

— É provável que ele esteja ferido, pisado. Alguém vai reparar em

alguma coisa, alguém vai saber quem ele é.

— Fala-me outra vez da tua ligação à Madelaine Baines — interrompeu Gabrielle, descartando a sugestão de Kassie.

— Já lhe disse, nunca a conheci. Vi-a na vigília, mas é tudo.

— E estavas no lago Calumet porque?...

— Já expliquei porque fui até ao lago...

— Certo — interrompeu Grey. — Mas acontece que eu não acredito em videntes ou médiuns... nem no Pai Natal ou na Fada dos Dentes. Acredito em provas, factos, ligações concretas, por isso, estou curiosa por saber porque é que tu e o doutor Brandt continuam a aparecer neste caso. Por enquanto, vocês são a única coisa que liga todas as três vítimas. Tu abordaste o Jacob Jones, arrombaste a casa da Rochelle Stevens. Uma adolescente com a tua descrição foi vista a bater com força na porta dos Baines hoje, mais cedo.

— Isto é de loucos.

— É?

O tom de Gabrielle era duro, o olhar, impávido. Mas Kassie ainda não tinha acabado.

— Se eu estivesse envolvida, porque incendiaria o barracão? Arriscaria a minha própria vida? Porque chamaria a polícia?

— Talvez tenha havido um acidente. Talvez o fogo tivesse ficado descontrolado. Talvez me estejas a contar um chorrilho de mentiras.

Kassie abanou a cabeça, sem palavras.

— Admitiste que conhecias a Rochelle das tuas reuniões dos Narcóticos Anónimos. E o Jacob Jones foi responsável por uma condenação tua no passado. O que eu queria saber é como conheces a Madelaine Baines.

— Não conheço.

Mas a expressão nos rostos deles indicavam que sabiam mais do que Kassie dissera.

— Juro que não — repetiu ela, com menos firmeza.

— Demos uma olhadela à agenda da Sra. Baines dos últimos meses — continuou Gabrielle. — Pelos vistos, parece que apoia uma organização de beneficência que organiza planos de leitura em escolas com maus resultados, para tentar que miúdos rudes e duros leiam literatura «a sério». Tu eras um dos miúdos registados nesse plano...

— O quê?...

— Mas a tua inscrição foi suspensa devido a comportamentos inadequados...

— Nunca a conheci — insistiu Kassie.

— Kassie...

— Vem muita gente à nossa escola e, além do mais, era raro eu estar lá.

— A Madelaine Baines visitou a tua escola com frequência durante meses. Estás a querer convencer-me de que nunca a encontraste? Que ela não teve influência na tua exclusão do programa?

— Se teve, não me recordo.

— Isso não chega, Kassie. Três figuras de autoridade foram brutalmente assassinadas, três figuras de autoridade com quem *tu* estiveste em contacto.

— Não...

Mas agora os protestos de Kassie eram fracos, e Gabrielle entrou a matar.

— O elo és tu, Kassie. Tu e mais ninguém.

Olhou para si próprio, zangado e infeliz.

Depois de fugir do lago, conduziu a grande velocidade noite fora, acabando por abandonar o *SUV* dos Baines num parque de estacionamento isolado em South Shore. Aquele seria já o local de despejo do carro, mas sentia-se inquieto e agitado ao desfazer-se do veículo. Enquanto limpava o interior, com o cheiro do desinfetante a deixá-lo nauseado, não parava de olhar ansiosamente pelo parque vazio. Sabia que os gangues eram ativos à noite e a última coisa de que precisava era ser atacado enquanto levava a cabo a operação de limpeza.

Já tivera surpresas suficientes por uma noite.

Estivera tão embrenhado na agonia mortal de Baines que não ouvira os seus supostos salvadores aproximar-se. De início, ficara especado, incapaz de processar o que se passava. Depois, à medida que os combatia, acabando por retomar a iniciativa, ficara chocado por se aperceber que *reconhecera* um deles. Era a mesma rapariga que o perturbara na residência dos Baines.

Mas quem era ela, raios? E como é que ela conseguira encontrar o lago Calumet?

Aquelas perguntas assombraram-no enquanto corria por South Shore, mantendo-se escondido nas sombras, tentando avistar o autocarro noturno. Estaria ela a segui-lo? Não, ele tê-la-ia visto. Teria ela qualquer tipo de dispositivo de localização no veículo dos Baines?

Não, isso era absurdo. Tão urgente quanto isso era perceber *como* sabia ela. Como sabia que Madelaine Baines corria perigo, quando apenas ele decidira o destino dela? Era impossível e, no entanto, de alguma forma, a rapariga estava em cima dele, de alguma forma *sabia* o que ele planeava.

Agora de volta, são e salvo, à sua casa alugada e decrepita, aquele pensamento ainda lhe dava arrepios. Como? Como estava ela a fazer aquilo? Mas o espelho não tinha respostas, apenas avisos de descoberta. Um dos dentes da frente dele sofrera danos, mas conseguiria ultrapassá-los — estava apenas lascado e, de qualquer forma, ele raramente sorria. Havia também arranhões e marcas na bochecha direita, mas esses também podiam ser explicados — um acidente doméstico, o gato da casa, o que fosse. Era a pisadura enorme e arroxeadada na face — herança da cabeçada da cabra da Baines — que seria mais difícil de explicar. Já roubara base para o rosto a um dos seus companheiros de casa e, embora isso tivesse esbatido o enorme círculo roxo, não o conseguia esconder por completo. Iriam as pessoas comentar? Ou evitariam chamar a atenção para aquilo? Ele nunca fora muito popular — em casa ou no trabalho — e isso podia jogar a seu favor agora.

A pisadura, no entanto, não era o único problema dele. A rapariga vira-o — estaria, provavelmente, a contar tudo à polícia naquele momento. Estariam eles a criar um retrato-robô para fazer circular na comunicação social? Um retrato parecido com ele? Não havia outra hipótese, tinha de se desfazer imediatamente da pera. Era provável que isso ajudasse, mas não se tratava de uma solução infalível, de todo. Teria de esperar que não o reconhecessem. Pensar naquilo deixava-o distintivamente pouco à vontade. Aquela rapariga — quem quer que fosse — metera-se na história dele desde o primeiro dia. De início, fora suspeita — tinha a certeza de que era a rapariga de 15 anos detida após a morte de Jones que os jornais mencionaram —, mas, agora, era o quê? Uma espécie de justiceira? Porque tinha ela aparecido no barracão, a tentar salvar Baines? Como podia ela prever os passos dele?

Pela primeira vez desde que começara, conseguia sentir a rede a apertar.

— Qual a natureza da sua relação com a Kassie Wojcek?

Adam olhou fixamente para Gabrielle, espantado com a persistência e hostilidade dela. Fora obrigado a esperar por mais de uma hora na sala de interrogatórios gelada, sem autorização para fazer uma chamada telefônica, ou sequer beber um copo de água. E agora estava a ser sujeito a um interrogatório longo e hostil.

— Já falámos sobre isto. Ela é minha *paciente*.

— E hoje foi o quê? Terapia em ação?

— Ouça, você sabe que pensámos que a Madelaine Baines corria perigo...

— Graças às visões da Wojcek?

— Eu não lhes chamaria isso...

— Mas estava lá por causa dela, certo? Porque ela o convenceu que a Baines seria um alvo?

— Sim.

Não valia a pena negar — tudo o que acontecera recentemente devera-se a Kassie. Gabrielle digeriu aquilo e depois perguntou:

— Esteve envolvido nos assassinios de Jacob Jones, Rochelle Stevens...

— Não!

— ... e Madelaine Baines?

— Claro que não.

— E, no entanto, está sempre por perto, não está? Ajuda a Kassie a

sair do Centro de Detenção Juvenil e, horas depois, o Jacob Jones é raptado, assassinado.

— Eu estava a fazer o meu *trabalho*...

— Invadem o domicílio da Rochelle Stevens juntos e, horas depois, *ela* está morta. A Madelaine Baines é brutalmente assassinada num barracão remoto e lá está você outra vez...

— Já expliquei o meu envolvimento, dei-lhe um álibi para a noite em que o Jacob Jones e a Rochelle Stevens foram atacados.

— Em casa com a sua esposa, nós sabemos — disse Suarez, a abanar a cabeça.

— Olhem, tentei ser sincero convosco — contrapôs Adam, zangado —, mas se querem *realmente* ir por aí, então vou querer um advogado.

Gabrielle descartou as objeções dele, como se a indignação de Adam não tivesse importância nenhuma.

— É a Kassie Wojcek quem está a dirigir estes assassinios? Foi ela que os planeou?

— Não. Eu estava com ela esta noite. A lutar com o tipo, a tentar salvar a Madelaine. Tive de arrastá-la para fora do barracão.

Gabrielle assentiu com a cabeça, mas não parecia muito impressionada.

— A Kassie está ferida — continuou Adam, irritado. — E eu também, já agora. Olhe para estas pisaduras, pelo amor de Deus. — Fez um gesto na direção da marca roxa profunda no pescoço dele. — Acha que fiz isto a mim próprio?

— Não faço ideia, mas o facto é que ela conhecia as vítimas todas.

— Não, não conhecia.

— O Jacob Jones processou a acusação no caso dela. A Rochelle Stevens aconselhou-a. A Madelaine Baines fazia voluntariado na escola dela... com miúdos como a Kassie.

Adam não respondeu, silenciado por aquela informação nova.

— Três pessoas que intervieram na vida dela, que tentaram discipliná-la, que tentaram ajudá-la, estão agora mortas — continuou Gabrielle. — É melhor ter cuidado, doutor Brandt. Pode ser o próximo.

— Isso é absurdo.

— Da última vez que nos encontrámos, indicou que acreditava no

«dom» da Kassie.

— Não foi nada disso — protestou Adam.

— Na altura, pensei que estava maluco, mas agora acho que ela o está a usar, a envolvê-lo no jogo dela. Talvez como disfarce, talvez para escudá-la de nós, talvez só porque sim. Acho que o Adam faz parte do puzzle.

— O meu único objetivo tem sido ajudá-la.

— E o que é que conseguiu? Três pessoas morreram. E, em cada um dos casos, a Kassie Wojcek sabia que iam morrer. Com a Madelaine, ela até o levou para o local do crime, porque... porquê, Suarez?

— Porque ela ouviu uns pássaros quaisquer numa premonição — respondeu ele obedientemente.

— Porque ouviu pássaros numa premonição — repetiu Gabrielle.

— Uma visão que ela teve no seu gabinete, alegadamente sob hipnose. Não consegue ver o que se está a passar aqui?

— Não sei do que está a falar.

— Acredita que ela tem poderes psíquicos?

— Não. Não...

— Então, que outra explicação há? — Gabrielle debruçou-se para a frente. — Admita, Adam. Ela tem andado a manipulá-lo desde o primeiro dia.

Kassie sentou-se no banco frio, observando os *graffiti* obscenos nas paredes, as manchas desagradáveis por baixo dos pés dela. Já estivera numa carrinha da polícia, após umas brigas e detenções, mas nunca sozinha. De repente, sentia-se vulnerável e assustada.

Ali não lhe aconteceria nada, obviamente — tratava-se apenas de uma curta viagem da sede da CPD até ao Centro de Detenção Juvenil —, era o que aí vinha que a preocupava. O interrogatório dela fora implacável, com Grey e Suarez a lançarem-lhe acusações à vez. Grey, em particular, parecia determinada a fazê-la suar, revisitando os pequenos delitos passados de Kassie, mencionando datas e horas incessantemente, estabelecendo uma ligação concreta a todas as três vítimas de homicídio.

Seria possível que a acusassem? Teriam o suficiente para o fazer? Kassie estremeceu só de pensar no assunto. Ela era uma rapariga de 15 anos, pouco instruída e ingénua — que hipóteses tinha ela contra Grey e a máquina da lei? Prometeram-lhe um advogado, alguém que se certificasse de que o devido processo legal seria seguido, mas Kassie necessitava de falar com alguém que a conhecesse, alguém que se importasse com ela. Tentara ligar à mãe durante uma breve pausa no interrogatório. Prometera a si mesma que se a mãe viesse em seu auxílio agora, passaria o resto da vida a esforçar-se para ser uma filha exemplar. Mas o telemóvel de Natalia tocara e tocara, e, como havia outras pessoas à espera para ligar aos seus entes queridos, Kassie

acabara por ser obrigada a desistir.

Kassie nunca precisara de uma palavra simpática, de apoio, tanto quanto necessitava agora. Mas a mãe desaparecera e Adam... bem, quem sabia o que lhe acontecera? Subitamente, Kassie sentiu-se completamente subjugada. Toda a infelicidade, raiva e náusea que enchera aquela maldita carrinha ao longo dos anos atacava-a agora, cobrindo-a de desespero, furtando-lhe a determinação. Sentia-se encurralada, acusada, uma prisioneira no sistema, à mercê dos ventos tempestuosos que continuavam a atacá-la. Iria acabar os seus dias rodeada pela suspeição e injuriada por todos os que a conheciam.

À medida que a carrinha avançava, ribombando pelos portões e para a rua escura, Kassie deixou cair a cabeça nas mãos e começou a chorar.

Adam correu pelas escadas abaixo, procurando um táxi na rua. O carro dele continuava no depósito da polícia, mas os taxistas da cidade cobriam aquela área, apanhando os advogados que entravam e saíam da sede da CPD num carrossel interminável. Sentia-se desconfortável — as afirmações de Gabrielle giravam na cabeça dele, mesmo quando tinha uma lealdade residual para com Kassie, mesmo quando havia uma nesga de *crença*, davam luta. Perturbado, agitado e exausto, Adam agora só queria chegar a casa.

Aproximou-se um táxi e Adam acenou-lhe freneticamente, mas o carro passou serenamente sem parar. Praguejando, tirou o telemóvel do bolso e ligou-o. O mínimo que podia fazer era contar o que se passara a Faith, tranquilizá-la e depois chamar um táxi. Mas quando o telemóvel se ligou, começou a vibrar de maneira febril. Adam olhou para baixo e viu que tinha cinco mensagens no atendedor de chamadas.

Alarmado, premiu o botão para ouvi-las. A primeira mensagem era de Faith, mas era difícil ouvi-la com o ruído do trânsito. Parecia estar a chorar e quase a sussurrar as palavras. Por isso, saltou para a seguinte e depois para a seguinte. Todas as mensagens eram confusas — o coração de Adam batia acelerado —, por isso avançou para a mensagem final. Era curta, mas ainda mais alarmante.

«Perdoa-me, Adam. Perdoa-me por tudo. Amo-te...»

Adam largou o telefone e desatou a correr.

— Faith?

O chamamento dele ecoou pelo corredor vazio. Chegara a casa em menos de 10 minutos, tendo feito sinal a um táxi na South Giles Avenue e atirando o dinheiro ao taxista espantado quando pararam em frente à casa deles.

— Faith, estás em casa?

A voz dele soava exausta e desesperada. Não teve resposta, por isso dirigiu-se à cozinha. O rádio estava ligado, como estivera naquela manhã, mas não havia sinal da mulher.

— Faith?

Disparou pelo corredor até ao estúdio. Mas também este se encontrava deserto, inundado pela escuridão. A visão provocou-lhe arrepios — aquele local que fora tão especial para Faith parecia agora solitário e sem vida. Virou-se e correu para o quarto deles, mas também o recebeu vazio.

Rapidamente, atravessou o patamar em direção ao telefone fixo, tencionando ligar a Christine. Talvez Faith se tivesse refugiado com a mãe. Mas, ao fazê-lo, reparou em algo. A porta para o quarto da bebé estava fechada, vendo-se uma pequena nesga de luz vinda de debaixo dela. De repente, Adam ficou sem fôlego. Faith não entrara ali desde...

— Faith?

Agarrou na maçaneta. Esta rodou facilmente e a porta abriu-se para trás. Para sua surpresa, o chão estava coberto de roupas de bebé — as roupas de bebé que ele escondera no sótão —, todas muito bem espalhadas como se estivessem prontas a ser usadas.

Confuso, aterrorizado, Adam avançou mais um passo e, então, subitamente, estacou. Permaneceu ali paralisado por um segundo, incapaz de processar a visão que tinha à sua frente, mesmo quando deixou escapar um grito aterrador. Faith entrara no quarto da bebé e o seu corpo flácido pendia agora da trave do teto, balançando devagar. Para trás e para a frente.

LIVRO TERCEIRO

A rua estava movimentada e ela era constantemente atingida por corpos. O pé direito fora pisado, um cotovelo perdido batera-lhe nas costelas, mas Kassie mal reparara. Tinha de continuar a andar. Tinha de o encontrar.

Uma semana antes, não teria sido capaz de aguentar aquele ritmo. A experiência no lago Calumet tivera o seu impacto — a garganta e os pulmões ficaram danificados pelo fumo e sofrera um ligeiro traumatismo craniano com o golpe que levara na cabeça. Sentira-se totalmente exausta quando voltou à rotina do Centro de Detenção Juvenil. A culpa pelo seu falhanço em salvar Madelaine e a tristeza profunda pela morte desnecessária de Faith misturavam-se com uma certeza nauseante de que se tornaria o bode expiatório para aqueles assassinios brutais. Mas passara um dia sem ter sido acusada e, na véspera do seu segundo dia sob custódia, fora subitamente libertada.

Aquele desenvolvimento inesperado reanimara-a e, todavia, embora tivesse regressado a uma casa vazia, sentira uma mudança na maré. As suas coisas continuavam na casa de Adam, por isso, usara as chaves extras, escondidas debaixo de um vaso em caso de emergência, mas, tendo entrado e procurado os poucos dólares que lhe restavam, correria para a mercearia. Esbanjara 40 dólares logo ali e, depois de ter comido demasiado e despachado uma embalagem de seis cervejas, apagara completamente, aproveitando a sua primeira noite decente de sono em semanas. Quando acordou na manhã seguinte, sentia-se

renovada. A questão era o que devia fazer em seguida, se é que devia fazer alguma coisa.

De início, interrogou-se se seria seguro não fazer nada, concentrar-se no seu próprio dilema e, no entanto... *ele* continuava por aí. Aquele simples facto assombrava-a. Consequira agarrá-lo brevemente, mas ele afastara-a e escapara. Graças a ela, Chicago continuava à mercê dele. Assim, apesar das suas reservas, apesar do medo persistente que crescia dentro dela, decidira agir.

Afastando-se de um jovem homem de negócios que vinha direito a ela, Kassie parou junto a uma lavandaria. Já visitara um snack-bar, uma loja de ferragens e um salão de manicura naquela rua e começava a desanimar, mas entrou no estabelecimento. De imediato, oito pares de olhos viraram-se para ela, os clientes aborrecidos afastando a sua atenção do ciclo hipnótico das máquinas de lavar roupa. Kassie olhou-os nos olhos, passando rapidamente de um para o seguinte, mal parando para absorver os pormenores. Um ataque cardíaco, uma hemorragia cerebral, um afogamento, um acidente de trabalho, outro ataque cardíaco... Kassie cambaleou ligeiramente à medida que absorvia aquelas imagens viscerais, mas conseguiu manter a compostura, até ter verificado a última pessoa naquele local. Estavam a olhar para ela com estranheza — o que fazia aquela rapariga à porta, a olhar para eles? —, por isso, virou-se e saiu. Não havia razão para chamar a atenção sobre ela — não havia nada para ela ali.

Kassie continuou, batendo a rua, examinando as pessoas que andavam às compras e os trabalhadores que passavam por ela em passo apressado. Parecia não haver um motivo palpável para a escolha das vítimas do assassino, *exceto* o bairro em que viviam. Por isso, Kassie decidira iniciar ali as suas buscas, vagueando pelos cafés, pastelarias, restaurantes, parques e cinemas de West Town, esperando expor o assassino ao procurar a vítima seguinte. Sabia que era uma tarefa inútil — milhares de pessoas passavam por aquele bairro todos os dias —, mas tinha de tentar.

Desceu a West Grand Avenue, subiu a West Chicago Avenue, atravessou a Ukranian Village para leste até à Noble Square e para oeste até ao North Sacramento Boulevard. Investigou a maioria dos espaços comunitários populares, escrutinando os visitantes do Museu Talcott e do Jardim Comunitário de Met West, chegando até a causar

uma agitação entre os paroquianos desconfiados da igreja de St. Columbkille, que não gostaram da sua presença invasiva. A ironia não se perdeu em Kassie. Fugira das suas visões durante grande parte da vida, mas agora procurava-as ativamente, afogando-se diariamente num terrível caleidoscópio de morte. E tudo em vão. A identidade da futura vítima do assassino permanecia tão opaca como sempre.

Desviando-se de um grupo de mulheres em conversa animada, Kassie parou para recuperar o fôlego, encostando a cabeça à montra de um estabelecimento de tosquias para cães. Ao fazê-lo, viu, de relance no reflexo, do outro lado da rua, uma jovem praticante de jogging debruçando-se para apertar os atacadores. Sem dúvida que o outro agente à paisana — a quem Kassie chamara «rapaz do skate» devido à sua tentativa falhada em se vestir à jovem — também estaria por perto. Eles, e outros como eles, seguiam-na desde que fora libertada do Centro de Detenção. Era claro que ainda não estava safa.

Contudo, a presença deles não a perturbava. Na realidade, agradava-a. O tempo estava a terminar e se tropeçasse no rasto do assassino, desmascarando-o mesmo no curto tempo que tinha, iria precisar da ajuda deles.

Naquele dia, Kassie agradecia a presença persistente dos agentes.

— **Q**uão certa está?

A pergunta de Hoskins fora bruta e direta ao assunto.

— Noventa e nove por cento — respondeu Gabrielle, tensa. — Só precisamos de provas...

— Só precisam de provas.

A resposta dele escorria sarcasmo. O superintendente Hoskins não aparecia com frequência no oitavo andar, mas, quando o fazia, impunha a sua presença.

— A Kassie Wojcek está ligada a *todas* as vítimas — continuou Gabrielle, ousada. — Foi vista a persegui-las pouco antes das suas mortes.

— É o que a Gabrielle continua a dizer.

— E agora passa os dias em West Town, a vigiar lojas, cafés, centros comunitários. O que encaixa, pois todas as vítimas...

— Moravam em West Town. Eu li os seus relatórios, Gabrielle. Também li os jornais. De facto, trouxe alguns deles comigo, no caso de não ter tido oportunidade de os ler...

Atirou um tabloide para cima da mesa, lendo os cabeçalhos em voz alta:

— «Reino de terror. O Carniceiro de Chicago continua a iludir as autoridades...»

Outro tabloide aterrou em cima do primeiro:

— «Inferno no lago Calumet. A verdadeira história...»

Depois o *Tribune*:

— «CPD à nora com triplo homicídio...»

Sob o título surgia uma fotografia de Gabrielle com um ar stressado. Os repórteres e fotógrafos continuavam à espreita à porta da sede da CPD, à espera de descobrir pedacinhos de informação ou, no mínimo, de provas de incompetência policial. Um fotógrafo intrépido até se colocara junto à casa de Gabrielle — levando a uma discussão furiosa entre ela e Dwayne naquela manhã. O marido estava cada vez mais preocupado com o impacto que o caso estava a ter nela e na família. Gabrielle concordava em absoluto com ele — aquilo estava a afetar *toda a gente* —, mas não havia hipótese de ela se afastar agora.

— Mais 24 horas e teremos isto fechado — respondeu ela, tão confiante quanto possível.

Hoskins franziu o sobrolho.

— Acha que sim?

— Absolutamente. Temos uma unidade de oito homens à paisana a seguir todos os movimentos dela. Ela vai levar-nos à próxima vítima. E quando o fizer...

Hoskins continuava cético.

— Confie em mim, depois de amanhã as manchetes vão ser muito melhores.

— Quando não faz ideia de quem é o cúmplice? Se é que *tem* um cúmplice sequer — argumentou Hoskins.

— *Wojcek* é a chave. E vai cometer um erro. Estamos *muito* perto.

— Quem me dera poder acreditar em si, Gabrielle — respondeu Hoskins num tom pesaroso. — Mas esta investigação está comprometida desde o início.

Hoskins olhou para a sala de operações, pousando o olhar na cadeira vazia de Miller. Hoskins quase retirara Gabrielle da investigação naquela altura — ela lembrava-se de todas as palavras da reação repleta de palavrões que ele tivera à confissão e suspensão de Miller — e só fora dissuadido de o fazer devido aos cabeçalhos negativos que, inevitavelmente, o afastamento de Gabrielle iria gerar. Ainda assim, a posição dela estava por um fio, e Gabrielle sabia-o.

— Superintendente, deu-me este cargo porque tinha fé em mim, porque confiou em mim para liderar este departamento — continuou

ela, afastando a ansiedade. — Mantenha essa fé por mais um dia. Se, após isso, eu falhar, então chame o FBI, faça o que tem a fazer. Mas não nos tire esta hipótese de acabar com isto nos *nossos* termos, de mostrar que a CPD está à altura da tarefa que lhe foi confiada.

Era um apelo óbvio ao orgulho dele, ao seu sentido de legado e reputação. Hoskins deliberou por uma eternidade, avaliando os riscos e recompensas possíveis, antes de assentir com a cabeça bruscamente, retirando-se. Gabrielle observou-o a ir embora, aliviada por ter sobrevivido ao último arrufo entre ambos, mas consciente de que o alívio seria temporário.

Agora, tinha a corda ao pescoço.

— Mas para onde é que estás a olhar, porra?

Kassie deu um salto, sobressaltada com a voz zangada. Regressando à realidade, apercebeu-se de que tinha sido apanhada a olhar fixamente para alguém. Já havia cabeças a virar-se para ela e a queixa agressiva do homem ecoava pela biblioteca silenciosa.

— Fiz-te uma pergunta.

O homem levantava-se, irritado e perturbado com o escrutínio de Kassie. Afastando-se, Kassie tentou pensar numa resposta plausível, algo que atenuasse a situação, mas tudo o que conseguia pensar, tudo o que conseguia *ver*, era aquele pobre homem a morrer engasgado com o seu próprio vômito, mesmo assim continuando a agarrar a seringa suja.

— Desculpe... Não quis importuná-lo.

— Tarde demais — respondeu ele, dirigindo-se para ela.

Os olhos de Kassie foram atraídos para os braços dele — as mangas subidas o suficiente para revelar as marcas de picadas de seringa. Porque fora tão estúpida? Ele não era relevante para o objetivo principal dela, então porque ficara especada a olhar para ele? Alarmada, Kassie apressou a sua retirada da decrepita biblioteca municipal. O tipo parecia tresloucado e não estava para brincadeiras, claramente.

De imediato, Kassie foi contra algo duro, que lhe tirou a respiração. Desorientada, estacou, preparando-se para o ataque do

jovem toxicodependente. Mas, para sua surpresa, ele afastava-se agora, voltando rapidamente para o seu lugar. Confusa, Kassie virou-se, para descobrir que tinha ido contra o corpo enorme do segurança da biblioteca. Estava a olhar para ela com um ar pouco simpático, com o desagrado estampado no rosto.

— Acho que está na hora de te pores a milhas daqui, não achas?

Tropeçando para a luz do dia, Kassie sentou-se nos degraus de pedra frios da biblioteca. O segurança brutamontes levava-a até à saída, sublinhando o castigo que a esperava se tentasse voltar. Não gostara do ar dela, claramente — Kassie conseguira perceber pela expressão do rosto dele que pensava que ela tinha problemas mentais, algo que tanto o assustava como enojava. Acrescentando uns quantos insultos, atirara-a para fora das instalações.

Repreendida, Kassie quis fugir, colocar o máximo de distância possível entre ela e a cena do seu embarço mais recente, mas, em vez disso, deixou-se abater para o chão, sem ligar às reações dos transeuntes ou dos agentes à paisana que, sem dúvida, andavam por ali. Pousou a cabeça a latejar nos joelhos, fechou os olhos e deixou que a escuridão a envolvesse.

Acordava todos os dias com uma esperança renovada, de alguma forma afastando a desilusão do dia anterior. Mas já passara quase uma semana e começava a ser difícil manter o otimismo. Sabia que estava no limite da destruição, que não havia um segundo a perder, mas o corpo dela começava a rebelar-se, tolhido pelo medo e pelo desespero. E, como sempre, não havia ninguém que a levantasse.

A mãe estava a centenas de quilómetros de distância. Não tinha amigos a quem recorrer. E fora expulsa da escola por faltar continuamente às aulas — a carta formal estava à sua espera quando voltou do Centro de Detenção. Sem mais para onde ir, passava agora os dias nas ruas, a conduzir as suas buscas infrutíferas, regressando a casa apenas quando se sentia demasiado exausta para continuar. As poucas horas que passava na casa de família eram povoadas de medo e remorsos, e Kassie era uma figura desesperada a chocalhar dentro de uma caixa vazia. Uma semana antes, teria ligado a Adam, procurado a

companhia dele, mas, obviamente, não havia hipótese de o fazer agora.

Kassie esfregou a cabeça com força no joelho, forçando-se a não chorar. Mas a solidão dela era total, a infelicidade era completa. Gostava de Adam, de Faith também, mas destruíra-os a ambos. Uma deixara este mundo, o outro permanecia, sofrendo de formas que Kassie era incapaz de conceber. Aquela era a destruição das vidas que ela tocava. Na verdade, sempre fora assim. Onde quer que fosse, o desastre seguia-a. O facto de o tempo dela estar a chegar ao fim não lhe trazia conforto algum — causara mais danos em 15 anos do que a maioria consegue numa vida inteira. Seria aquele o seu legado.

A vida era muito estranha. Duas semanas antes, após ter chocado com Jacob Jones na North Michigan Avenue, estava cheia de propósito, determinada a desafiar o seu dom, a fitar o destino nos olhos, a salvar as vidas daqueles cuja morte previra. E agora? Iria levantar os ossos e continuar a sua demanda, sem dúvida — que mais podia ela fazer? —, mas tratava-se mais de uma questão de esperança do que de expectativa. Agarrara-se à ideia de que o envolvimento dela naqueles homicídios *significava* algo, que tinha um papel a desempenhar. Mas talvez não passasse, afinal, de uma testemunha casual da crueldade impiedosa do assassino. Talvez toda aquela atividade frenética fosse o alvoroço inútil antes do fim inevitável.

Com relutância, Kassie levantou-se dos degraus frios. Não havia nada que pudesse fazer a não ser continuar. No entanto, sabia agora que estava destinada ao falhanço.

O seu tempo estava a acabar e Kassie via-se a olhar para o cano da arma.

Ela assombrava a casa desde a morte de Faith.

Adam habituara-se à presença de Christine — a sogra tinha a sua própria chave e entrara na casa várias vezes durante a gravidez de Faith —, mas isso fora em tempos mais felizes, quando estavam à espera da bebé, entusiasmados, esperançados. Agora, as coisas eram muito diferentes. Adam continuava em choque, cambaleando de um dia para o outro, mas, ao menos, tinha coisas para fazer. Muitos desses afazeres eram desagradáveis — informar os amigos, familiares e colegas da morte dela, que ficavam em choque, organizar um funeral conjunto para Faith e Annabelle, preparar-se para o obrigatório inquérito —, mas davam a Adam um propósito e um objetivo, pelo menos a curto prazo.

Christine parecia não ter tal conforto, vacilando entre o desespero vocal angustiado e a apatia chocada. Christine investira todas as suas esperanças na filha e na perspectiva de um neto, mas só lhe restavam cinzas. Vivia sozinha, o marido morrera há muito, por isso Adam compreendia porque ela sentia a necessidade de estar na casa, de estar com alguém que partilhasse a sua dor. Mas isso não fazia com que fosse mais fácil aguentar. Christine vagueava como um fantasma pela casa, a chorar, a fazer chávenas infinitas de chá que deixava por beber, parando apenas para se sentar em frente ao televisor, olhando inutilmente para o vazio enquanto os apresentadores falavam para eles mesmos. Adam achava aquilo bastante perturbador, a sogra a

portar-se como uma zombie, sem dar conforto algum com a sua presença, antes pelo contrário, sublinhando a crueldade desnecessária e inútil da morte de Faith.

Ela estava lá agora — olhando taciturnamente para o canal da meteorologia. Christine parecia não estar consciente da presença dele, por isso Adam passou pela sala em direção ao corredor. Dirigia-se para a porta da frente, mas parou para se olhar no espelho que ia do chão ao teto. Envergava o fato Ermenegildo Zegna que Faith lhe comprara para o seu 40.^o aniversário, aquele que ela demorara tanto tempo a escolher, certificando-se de que a cor, o tecido e o corte fossem perfeitos. Emocionava-se agora ao pensar no amor que ela depositara naquele presente e esperava fervorosamente que parte da boa vontade e do afeto dela passasse para ele hoje. Precisava daquilo.

Iria apresentar-se perante a Comissão de Regulação Profissional do Illinois dali a menos de uma hora. Por um lado, continuava zangado por ter sido chamado, mas, por outro, sabia que era inevitável, dado o seu comportamento recente. De início, escondera a convocatória de Christine, convencendo-se de que não era relevante, que o envolvimento dele com Kassie não contribuíra para a morte de Faith. Mas isso não era verdade e acabara por ultrapassar o embaraço, e contara-lhe. Ela reagira calmamente, mas Adam conseguira sentir nela o julgamento silencioso, a sua crença de que aquele «juízo» era adequado. Christine, claro, não estava interessada no teor principal das queixas da comissão — os vários limites que Adam ultrapassara durante o seu tratamento de Kassie. As acusações da sogra eram mais específicas e mais pessoais. Por que razão, como marido, como psicólogo experiente, não tinha Adam visto os sinais? Porque não tinha ele previsto o que estava para acontecer? Porque abandonara Faith naquele dia fatídico?

Adam fizera a si mesmo aquelas perguntas várias vezes desde a morte de Faith, torturando-se durante longas noites, quando os minutos pareciam arrastar-se. Ainda assim, não tinha respostas. Sim, Faith sofrera. Sim, a disposição dela variava — num momento era persuasiva e desafiadora, no seguinte, inconsolável e desesperada. Mas ele nunca, nos seus piores pesadelos, pensara que ela se suicidaria. Apesar dos seus problemas de saúde mental iniciais, nos últimos tempos revelara-se estável e lúcida. Era verdade que o desejo dela em

ser mãe ocasionalmente a assoberbara, durante as muitas tentativas falhadas de fertilização *in vitro*, e que, por vezes, ficara deprimida, mas nunca desistira do seu desejo de viver. Amava a mãe, amava-o a ele — isso nunca estivera em dúvida. No entanto... escolhera deixá-lo.

Deixara um papel rabiscado no chão, mas dizia simplesmente: «Não há esperança», o que transcendia a razão. Seria possível que a depressão se tivesse transformado numa forma de psicose, num estado mental no qual ela seria incapaz de considerar totalmente as consequências dos seus atos? Talvez o seu desejo, a sua necessidade em ser mãe, a tivesse esmagado simplesmente. A escolha do quarto da bebé como local do seu suicídio sugeria fortemente que seria esse o caso, mas, se assim fosse, como é que ele não o antecipara? Faith revelara-se hostil, perturbada, naquela última manhã, afastando Adam; mas fora tão inesperado... A única mercê fora que ela não sofrera — o pescoço partira-se de imediato —, mas isso não fazia nada para diminuir o choque profundo e o desgosto de Adam com a morte da mulher.

Por vezes, enfurecia-se com o desejo silencioso de Christine em culpá-lo, noutras ocasiões, agradecia-lhe a censura, sentindo que a merecia. Por vezes, os pensamentos dele viravam-se para Kassie. Mal tivera tempo para processar as insinuações de Gabrielle Grey antes de ter descoberto Faith e, desde então, aquele assunto saía completamente da mente dele. No entanto, durante os últimos dias, começara a regressar. Grey troçara das alegadas capacidades de Kassie como vidente e da indulgência de Adam para com essa ideia, e, embora tivesse resistido ao ataque na altura, agora sentia instintivamente que Grey tinha razão. Sim, a capacidade de Kassie em prever a identidade das vítimas era extraordinária, mas era verdade que ela as conhecia pessoalmente. Sim, parecia estar a tentar ajudar, mas quem salvara ela? Ninguém. Todos tinham morrido nas circunstâncias mais terríveis. Assim sendo, o que retirara Kassie daquilo? A atenção de várias pessoas — da mãe, das autoridades, mas, principalmente, dele e de Faith. Conseguira a amizade deles, viera morar para casa deles, imiscuíra-se nas vidas deles.

Havia um facto revelador que continuava a incomodar Adam. Apesar de entrar no seu luto, apesar de viver na mesma casa que eles, olhando-os literalmente nos olhos dia após dia, Kassie não previra a

morte de Faith. Ambas passaram bastante tempo juntas, Faith parecia achar a presença de Kassie reconfortante — até começara a desenhá-la. No entanto, Kassie não previra o destino dela, não se apercebera de que a sua morte estava iminente.

O que queria isso dizer? Que o seu dom era intermitente, às vezes ligado, outras, desligado? Ou que não havia dom, de todo?

Adam debatia-se, torturado por perguntas sem resposta. Mas havia poucas dúvidas quanto a um ponto. A única coisa — a coisa mais importante — que Kassie *devia* ter antecipado, não antecipara. O que levava Adam a questionar-se se alguma vez devia ter acreditado numa palavra que saíra da boca dela.

Embalava o café na mão, esfregando o queixo. A pele macia parecia-lhe estranha ao toque — tirara a pera há uma semana, mas ainda estava a habituar-se. O desaparecimento súbito da pera gerara alguns comentários no trabalho, mas ensaiara as razões da mudança e ninguém parecera suspeitar — o consenso era que lhe retirava alguns anos de cima. Alguns até especularam que pudesse ter uma namorada nova, o que o fizera rir. A pisadura no rosto atraía mais interesse, mas também isso fora explicado, pois os colegas não tiveram problema algum em acreditar que ele fosse tonto o suficiente para colidir com um ramo durante uma corrida noturna. A fraca opinião que tinham dele começava finalmente a dar frutos.

Após o desastre no lago Calumet, de início entrara em pânico, receando que o seu descuido resultasse na sua captura. Mas não surgira um retrato-robô na imprensa na manhã seguinte — de facto, passara um dia inteiro até uma imagem de um homem de meia-idade com pera começar a circular nos meios de comunicação social. A semelhança era razoável, mas nada mais — os olhos e a forma do rosto estavam ambos errados —, e, além disso, o apelo da polícia estava repleto de termos suavizados. Aquele homem era «uma pessoa de interesse» com quem a polícia queria falar. Não era oficialmente o suspeito principal, nem sequer um suspeito, apenas queriam falar com ele. Aquilo alegrara-o — mas também o deixara intrigado. Que tipo de jogo estaria a polícia a fazer?

Confuso, enervado, percorreram os jornais e os sites de notícias, varrendo a cobertura da investigação. E tivera sorte com o Blacklisted.com — o site de notícias de má reputação publicara uma fotografia, tirada com telemóvel por um detido, de uma rapariga de 15 anos a ser conduzida para uma carrinha da polícia. A rapariga estava algemada, a caminho do Centro de Detenção Juvenil — o site alegava que ela era a principal suspeita da CPD, a *mesma* rapariga que fora detida após o assassinio de Jacob Jones.

Reconhecera a sua jovem inimiga de imediato — a adolescente com um ar soturno que parecia conseguir prever todos os movimentos dele. Alegando uma doença na família, tirara imediatamente uns dias de folga, dirigindo-se ao Centro de Detenção Juvenil em South Hamilton. Uns quantos jornalistas entediados guardavam a entrada principal, mas ele escolhera um local do outro lado da rua em frente à saída das traseiras. Sabia por experiência própria que os detidos eram normalmente soltos por aquele caminho mais discreto, logo pela manhã ou já de noite. E não demorou muito até ser recompensado pela sua providência — a adolescente desajeitada a esgueirar-se pela porta de trás, entrando na escuridão da noite de Chicago, alguns dias após a sua detenção inicial.

Sentira-se tentado a abordá-la — raptá-la, exigir respostas —, mas a visão dos agentes à paisana que a seguiam impediu-o. Em vez disso, seguiu-os a uma distância discreta, até Back of the Yards, onde a rapariga entrou num bungalow pequeno e bem cuidado. Os agentes que a seguiam posicionaram-se imediatamente do outro lado da rua, com os olhos colados à casa. Ele afastara-se no seu carro a toda a velocidade, com a cabeça em água. Parecia impossível, ridículo até, mas o site estava *certo*. A rapariga magra *era* claramente a suspeita principal dos homicídios. Não podia haver outra explicação. Era óbvio que a polícia não fazia ideia de com quem lidava.

Era uma característica partilhada com os colegas de trabalho, que não mostraram interesse algum na sua breve ausência e que até agora mostravam mais interesse em revistas de tecnologia do que no monstro no meio deles. Abanando a cabeça perante aquela ignorância casmurra, tirou o telemóvel do bolso e foi buscar o perfil de Jan, avançando diretamente para a agenda dele. A agenda confirmava que o jovem eslovaco estaria a trabalhar no primeiro turno e que sairia do

trabalho às 15 horas. Esperara ele algo diferente? Claro que não, já verificara os horários de Jan três vezes naquele dia. Estava a ser cauteloso em demasia, mas também sabia que aquele ritual fazia parte do período de preparação, a monitorização constante dos horários da vítima era um prelúdio agradável do que lá vinha. O pobre Jan tinha tantos planos, para si, para a namorada, para a irmã, não se apercebendo de que tinha apenas poucas horas de vida.

Voltou a enfiar o telemóvel no bolso e reviu o plano mais uma vez. Era arriscado voltar a atacar, tão depressa após Calumet, mas não havia hipóteses de parar. O terror das suas vítimas — a forma como imploravam, o seu desespero, a sua agonia — era uma coisa, mas era a reação mais abrangente da cidade que o excitava, agora. Os homicídios engendraram uma ansiedade inquietante que alastrava pelos subúrbios abastados de Chicago. As pessoas mais influentes da cidade estavam habituadas a ler sobre violência no *Tribune* — imagens dos tiroteios mais recentes —, mas pensar que a morte podia persegui-los *a eles*, que podia entrar nas casas deles e bater-lhes no ombro, aterrorizava-os. Se *eles* não estavam a salvo, então ninguém estaria.

Via-se nas entrevistas televisivas, ouvia-se nas chamadas para os programas de rádio, lia-se nos murais comunitários online — medo. O perigo nunca estivera tão próximo e todos queriam que parasse. Combinavam vigílias comunitárias, organizavam protestos a exigir mais policiamento na rua, querendo desesperadamente que aquele reinado de terror terminasse.

Tudo por causa dele.

Gabrielle estava sentada no gabinete, com os estores fechados e a porta trancada. O estilo dela não costumava ser aquele — gostava de encorajar uma dinâmica informal e de partilha dentro no departamento. Mas, naquele momento, precisava de estar sozinha.

O encontro com Hoskins ainda estava bastante fresco na memória. Após a saída do superintendente, Gabrielle fora ter com Suarez à sala de crise, depois com o inspetor Richards, o batedor da equipa de vigilância. As notícias não eram encorajadoras — Kassie Wojcek continuava a assombrar West Town, mas aparentemente sem propósito. O seu comportamento tornava-se cada vez mais imprevisível — acabara de ser expulsa da biblioteca local por perturbar os leitores — e Gabrielle conseguia ver que a sua equipa começava a duvidar que a vigilância deles viesse a dar frutos.

Sentindo-se sitiada, frustrada, Gabrielle retirara-se para o gabinete. O avanço no caso que esperavam alcançar com Kassie Wojcek continuava a escapar-lhes. A adolescente continuava a sua caçada solitária, mas não fizera nada de interessante ou incriminatório, na verdade. Nem entrara em contacto com ninguém. Aquele último pormenor era particularmente irritante, já que a teoria corrente era que Kassie tinha um cúmplice, selecionando e perseguindo a presa antes de a entregar a um assassino mais experiente. No entanto, durante os cinco dias de vigilância, os agentes de Gabrielle não a tinham visto contactar ninguém. Kassie não usara o

telefone nem tentara encontrar-se com quem quer que fosse, por isso, como é que aquela parceria funcionava?

Gabrielle matutou sobre o assunto, analisando as possibilidades, mas sem conseguir fazer progressos. Era de loucos: Kassie tinha de estar envolvida de alguma forma — soubera a identidade das vítimas antes de qualquer outra pessoa e inserira-se na narrativa à mínima oportunidade. Além disso, tinha motivos para não gostar delas. No entanto... havia aspetos no comportamento dela, aspetos que Adam Brandt sublinhara com intensidade, que iam contra a ideia de que Kassie pudesse ser uma ameaça para aquelas pessoas. Ela insistira que estava a tentar avisar Jacob Jones, algo que ele confirmara no breve depoimento que fizera aos agentes fardados que a afastaram dele na North Michigan Avenue. Além disso, as ações dela na casa de Rochelle Stevens e no lago Calumet podiam ser vistas como sugerindo que estava a tentar ajudar as vítimas. A última fora particularmente confusa — fora Kassie quem espoletara a cadeia de acontecimentos que levava à presença deles no lago Calumet. Se ela estivesse em conluio com o assassino, porque levaria Adam Brandt ao lugar da matança, perturbando o ataque a Baines e acabando mesmo por se ferir?

Ainda assim, Gabrielle afastou aquelas dúvidas. Se Kassie não estava envolvida naquelas mortes, se os *tentava* ajudar, então tinha de estar a dizer a verdade. Mas isso era impossível. Gabrielle nunca acreditara no sobrenatural e não ia começar a fazê-lo agora.

Mas não era estúpida, nem passara anos a trabalhar em casos para ignorar a possibilidade de haver mais de uma explicação possível, que havia algo que ela ainda não tivesse ligado que iluminasse o caso. Imagine-se que a rapariga era louca, que, de alguma forma, soubesse ou pensasse que sabia quem seriam as vítimas, e *estivesse* a tentar ajudá-las, então isso sugeriria que não tinha ligação nenhuma com o assassino e nunca os iria levar até ele...

Irritada com aquela ideia, Gabrielle abriu os ficheiros mais uma vez. Sabia que era inútil — olhar para as fotografias das vítimas não ia dar de caras com um rasgo de inspiração —, mas, devastada pela dúvida, sentia que não havia mais nada a fazer a não ser voltar ao início, na esperança — com medo — de que lhes tivesse escapado algo.

Colocou as fotografias de Jones, Stevens e Baines uma a seguir à outra, em fila. Não eram as imagens macabras das autópsias, mas as fotografias que as famílias entregaram para usar nos apelos a pedir testemunhas. Eram fotografias felizes, sorridentes, e Gabrielle arrepiava-se a olhar para elas agora. Todos tinham entes queridos — companheiros, mães, pais, maridos, filhos —, e, no entanto, foram raptados e assassinados sem interferências.

O atacante planeava as suas ações com perfeição. A noiva de Jacob Jones estava fora para uma conferência, a família de Madelaine estava a trabalhar ou na escola, e Rochelle Stevens fora atacada sozinha em casa a ver o seu programa de televisão preferido. A não ser que o assassino fosse extremamente sortudo, fizera o seu trabalho de casa. Isso sugeria que ele era, primeiro, um perseguidor e, em segundo lugar, um assassino, mas, no entanto, não havia muitas provas que sustentassem essa teoria. As imagens das câmaras de vigilância não tinham revelado nenhuma das vítimas a ser seguida nos dias que antecederam os desaparecimentos, nem os vizinhos tinham reparado em quaisquer figuras suspeitas ou atividades fora do normal nas vésperas das mortes. Aquele assassino era obviamente escrupulosamente cuidadoso, mas era expectável que surgisse alguma coisa, alguma prova do seu trabalho. De outra forma, como podia ele saber que as gémeas de Madelaine tinham jogo de softbol todas as quintas-feiras, que Rochelle estava sozinha em casa à terça-feira com regularidade para ver o seu programa de televisão preferido?

E foi então que a ideia aterrou. Uma ideia tão simples, mas tão insistente, que Gabrielle se viu a levantar-se da cadeira. *Havia* uma forma de ele saber de todos os seus movimentos sem nunca ter de se aproximar deles. Contornou a secretária e correu para a sala de operações.

— Montgomery...

A jovem inspetora olhou para cima quando Gabrielle se aproximou.

— O telemóvel da Rochelle Stevens. Onde está?

— Está mesmo aqui — respondeu ela, atravessando a sala até ao local onde estavam guardadas as provas e retirando de lá um saco de plástico com o telemóvel da jovem mulher.

Gabrielle enfiou um par de luvas de látex e pegou no saco. Ligou o

telemóvel e abriu a agenda da mulher. Todos os compromissos dela, incluindo encontros casuais para tomar café, entregas de compras de supermercado e visionamentos de televisão estavam marcados ali. Aquela era uma mulher que gostava de *planear*.

— E o telefone da Baines?

Montgomery passou-lhe um *Samsung* maltratado.

— Recuperado da casa dela, tal como os outros. Presumimos que o assassino os deixou lá para que não lhe pudéssemos seguir os movimentos.

Gabrielle assentiu com a cabeça e abriu a agenda de Madelaine. Também esta se revelou repleta de compromissos, eventos de beneficência, idas à escola para ir buscar as filhas e jogos de softbol. Gabrielle ficou a olhar para a longa lista de compromissos, a matutar.

— O telemóvel da Baines estava sincronizado com o de alguém?

— Sim — respondeu Montgomery, parecendo momentaneamente atrapalhada. — Com o do marido, creio. Partilhavam a agenda.

— E sabemos onde a Baines comprou o telemóvel?

Montgomery ficou a olhar fixamente para ela por um instante, começando então a folhear um monte de papelada.

— Acho que o comprou na Phone Shack. Ia lá com regularidade, creio.

— A qual delas?

— À de West Town — respondeu Montgomery, algo hesitante, como se receasse não ter dado conta de algo importante.

Gabrielle digeriu aquela informação antes de continuar.

— E a Rochelle Stevens?

Montgomery já vasculhava os ficheiros dela. Gabrielle ficou a observá-la, sedenta de respostas.

— Sei que a operadora dela era a Verizon, já há algum tempo... Assinou o contrato há mais de dois anos numa Talk Warehouse no Loop. Creio que fica perto do local de trabalho dela.

Gabrielle ficou a olhar para ela. Estaria a bater à porta errada, afinal?

— Mas tenho a certeza de que havia um pagamento à Phone Shack na conta dela — interrompeu o inspetor Suarez, atravessando a sala para se juntar a elas. — Há um par de meses. Reparei nele porque ela nunca tinha ido àquela loja e porque se tratou de um único

pagamento.

— Sim, cá está — confirmou Montgomery, apontando para uma linha no extrato bancário de Rochelle. — Um único pagamento à Phone Shack em West Town...

Foi parando de falar enquanto o dizia.

— Acha que a Phone Shack é a ligação? — perguntou Suarez, entregando o extrato a Gabrielle.

Gabrielle fez uma pausa antes de responder, tentando organizar as ideias.

— As três vítimas foram atacadas quando estavam sozinhas em casa. Ora bem, a Rochelle Stevens estava fora de casa muitas vezes. Na maioria das noites, tinha sessões de terapia ou eventos sociais, *exceto* às terças, quando via o *Scandal* religiosamente. A Baines também era bastante ocupada, mas as filhas tinham jogo de softbol todas as quintas, por isso ficavam na escola até mais tarde. Nenhuma das duas mulheres publicava regularmente nas redes sociais, não seria possível monitorizar os movimentos delas por aí, mas ambas utilizavam escrupulosamente as agendas, por isso, tendo acesso às mesmas, seria fácil descobrir quando estariam sozinhas. O Jones era mais caseiro do que as outras, mas a noiva estava fora para uma conferência na noite em que foi raptado...

— O que estava marcado na agenda dele há semanas — acrescentou Suarez, enfaticamente.

— Então estamos a dizer que o Jones também visitou a Phone Shack?

— Possivelmente — respondeu Gabrielle com cautela. — Talvez alguém de lá tenha lidado com todos, aproveitou a oportunidade para clonar as contas ou sincronizar os telemóveis...

— Se o fez... então teria acesso a todas as aplicações deles, às agendas... a tudo — interrompeu Montgomery. — Podia até localizar com precisão o paradeiro deles em tempo real, ligando os serviços de localização.

— Exatamente. Saberia onde estavam, onde iam estar, quando seria provável que estivessem sozinhos... — A voz de Gabrielle desceu para um murmúrio ao concluir: — ... saberia tudo sobre eles.

Kassie abriu a porta e entrou. Havia vários Starbucks em West Town, mas aquele era, de longe, o mais concorrido, e, embora já tivesse passado por ali diversas vezes nos últimos dias, voltara lá agora, ansiosa por aquecer os ossos após uma manhã bastante deprimente. Abrindo caminho até uma mesa vazia, pegou numa chávena de café abandonada, esperando que os funcionários pensassem que ela a comprara e a deixassem em paz.

Era um ponto de observação privilegiado — localizado ao centro da loja, com uma visão clara da entrada, balcão, área dos funcionários. Observou os rostos que passavam por ela, tentando parecer desinteressada à medida que lia os seus destinos, enquanto morria silenciosamente por dentro. Os minutos custavam a passar e, à medida que o mau humor aumentava, o desejo por ter realmente algo para refrescar a sede começava a aumentar. O aroma a café era inebriante e a visão dos outros clientes a devorar croissants de amêndoa e barras de granola era demasiado para aguentar. Esquecera-se de comer naquela manhã e, agora, a juntar às tonturas e ao mal-estar, o estômago começara a roncar.

Vasculhou os bolsos, acabando por encontrar uma nota de 20 dólares, os escassos restos das suas poupanças. Levantando-se, apressou-se a atravessar a loja até ao balcão. Na caixa registadora, um homem coreano aguardava novos pedidos.

— Um *latte*, por favor — murmurou Kassie. — E um croissant de

chocolate.

— Com certeza — respondeu o homem, num tom monótono, tirando a conta e fazendo um gesto indicando-lhe que esperasse na fila. Kassie avançou pelo balcão e esperou, apoiando, entretanto, o peso do corpo num pé e depois no outro. Minutos depois, um jovem barista esforçado aproximou-se com o café dela.

— Aqui tem, minha senhora — disse ele, com um forte sotaque europeu a deformar-lhe as palavras.

Kassie pegou na chávena com vontade, mas, ao mesmo tempo que o fez, o olhar dela subiu para encontrar o dele. De imediato, sentiu um abanão de puro medo, um impulso elétrico de terror que parecia partilha ao meio. A chávena dela caiu ao chão, estilhaçando-se à medida que encharcava as pernas com o café quente, mas Kassie não se mexeu. Já não conseguia ver o empregado, já não estava no Starbucks. Estava numa divisão que não reconhecia, a contorcer-se numa poça de sangue, com dificuldade em respirar, enquanto a vida lhe fugia do corpo...

Aos gritos, começou a esbracejar, tentando agarrar-se a qualquer coisa, algo que a tirasse daquele quarto horrível, manchado de sangue. A mão dela tocou em algo e ela agarrou-se com força — e, agora, estava de volta ao Starbucks, agarrada à camisola do barista espantado. O jovem parecia confuso, até um pouco assustado, e tentava desesperadamente soltar-se dela.

— Vai ter de sair.

O jovem não tinha falado, o que confundiu Kassie. Mas, então, apercebeu-se do gerente de loja mesmo atrás dela.

— Está a assustar os outros clientes. Vai ter de sair.

Pegou na mão de Kassie para a tirar da camisola do homem. Kassie olhou de relance para o nome do barista — Jan Varga — na placa de identificação, mas não teve tempo para comunicar com ele, pois estava já a ser levada em direção à saída. Demasiado tarde, tentou recuperar a iniciativa, contorcendo-se para se libertar do gerente, mas os pés dela escorregaram no chão, à medida que a arrastava para longe do balcão.

— Não está a perceber. Tenho de falar com ele...

A voz dela era aguda e histérica. Sabia que parecia maluca, mas tinha de tentar.

— Ele está em perigo. Perigo grave. Tenho de...

— A única pessoa em perigo aqui é você — respondeu o gerente, zangado. — Agora pisgue-se daqui, antes que eu chame a polícia.

Puxou a porta de vidro com força para a abrir e empurrou-a lá para fora. Kassie recuperou o equilíbrio rapidamente e correu de volta para a entrada, mas o gerente robusto colocou-se em frente a ela, tapando-lhe o caminho. Gritou e berrou com ele — o que raio estava o imbecil a pensar? —, mas ele não se mexeu. Atrás dele, Kassie conseguia ver Jan a ser confortado por outros baristas, mas não havia forma de chegar até ele. Apenas ela sabia o que o esperava — as agonias que teria de suportar —, mas, por agora, ela permanecia uma presença frenética e inútil, do lado errado das espessas portas de vidro.

— Não, não, não! — Adam bateu com a mão na mesa, ao ritmo do tom desafiador. — *Nunca* foi minha intenção pôr os meus clientes em risco.

— E, no entanto, foi exatamente isso que fez — contrapôs o Dr. Gould com vigor. — Pôs em perigo a vida de uma adolescente vulnerável, pôs em perigo a sua própria vida...

— E isso foi errado, já o admiti. Mas senti que, naquelas circunstâncias, não tivemos escolha. A vida de uma mulher estava em perigo e a polícia não ia fazer nada...

— Por isso escolheu seguir a sua cliente até ao lago Calumet.

— Senti que o devia fazer, para a proteger.

— Escolheu acreditar no testemunho de uma jovem perturbada — acrescentou o Dr. Brown.

— Se ela estivesse a alucinar, se estivesse a inventar aquilo, então não haveria perigo — respondeu Adam prontamente. — Mas se *não estivesse*, se houvesse alguma verdade no que dizia, então não a podia deixar ir até lá sozinha.

— A atitude correta devia ter sido interná-la, para segurança dela, e depois retirar-se da responsabilidade do seu cuidado — continuou Gould. — É óbvio que se tornou demasiado próximo dela.

— Já passei a minha responsabilidade por ela para um colega, mas, quanto a interná-la, não tinha motivos para o fazer. Ela foi convincente, estava lúcida, não estava a ter um colapso mental...

— Então está a dizer que acreditou nela? Tomou as visões dela à letra? — perguntou o Dr. Barkley, erguendo uma sobrancelha.

— Não, claro que não.

— Então o que fazia lá? Se não acreditou na história dela, porque foi até ao lago?

Não havia resposta para aquilo, claro. Não uma que fizesse sentido. Adam andava na corda bamba desde que conhecera Kassie e ainda não estava próximo de definir a raiz ou essência do sofrimento dela.

— Então?

A pergunta ficou a pairar no ar. O conjunto dos rostos da comissão aguardava por uma resposta, mas de que valia? Iriam apenas segui-la com mais acusações a que não poderia responder. Porque não tinha ele intervindo com mais veemência quando Kassie começara a exhibir aquelas tendências autodestrutivas? Porque tinha ele revelado a morada pessoal de Rochelle Stevens a uma paciente? Porque arrombara a casa? Porque tinha ele ignorado o seu treino, todas as regras e protocolos que lhe foram ensinados a vida toda?

Adam levantou-se e olhou para os seus acusadores por um instante, surpreendendo-se a si mesmo ao dizer:

— Façam o que quiserem.

Depois virou-se e saiu porta fora.

De volta à sala das traseiras, fechou a porta sem fazer barulho. A loja estava com movimento, com toda a equipa de funcionários a trabalhar, e não podia arriscar quaisquer perturbações. Atravessou a divisão até aos cacifos amolgados, tirou a mochila do ombro e marcou o código de acesso. Lentamente, a fechadura deslizou para o lado. Abriu o cacifo.

Estava vazio, com exceção de um saco de plástico engelhado. Pegou nele e retirou alguns objetos lá de dentro. Uma máscara de esqui extra. Um pé de cabra. O cutelo. Guardou os objetos na mochila, fechou a porta do cacifo e trancou-o.

Era curioso como este lugar se tornara útil. Creditado como área recreativa do pessoal, era tudo menos isso — não passava de uma zona de cacifos, e algumas cadeiras serviam de complemento à humidade crescente e aos canos enferrujados. Anteriormente, evitava este lugar como se fosse uma praga, mas agora era visita regular. Contudo, os colegas continuavam a evitar passar por lá, o que lhe servia às mil maravilhas.

Tornara-se o seu santuário, por muito bafienta e desagradável que fosse. De início, guardara o equipamento em casa, embora «casa» fosse um termo demasiado afetuosos para a habitação lamacenta que partilhava com outros quatro inquilinos. Os quartos eram pequenos e frios, a casa de banho, suja, e quanto menos se dissesse sobre a cozinha, melhor. Ainda assim, gostara dela inicialmente. A maioria

dos inquilinos falava pouco inglês, por isso não era provável que lhe perguntassem porque é que desaparecia ocasionalmente durante a noite. Também não estavam muito interessados no que ele fazia durante o dia, por isso, se alguém fosse alguma vez lá fazer perguntas, os companheiros de casa não seriam grande ajuda. Nem o senhorio, um tipo romeno enorme que aceitava a renda em dinheiro sem nunca se preocupar em verificar a sua identificação, obviamente falsa, seria capaz de dar às autoridades qualquer informação convincente.

Com o passar do tempo, no entanto, o seu entusiasmo pela casa alugada esmorecera. Não confiava nos outros inquilinos — tinha a certeza de que um ou dois deles se aproveitavam das suas ausências para entrar no quarto dele. O cadeado que pusera na porta destinava-se a mantê-los do lado de fora, mas tinha a certeza de que alguém conseguira entrar, vasculhando a caixa onde guardava o dinheiro. Não teriam encontrado nada incriminatório, mas a intrusão alarmara-o e ele decidira armazenar o material no local de trabalho, longe de olhares indiscretos.

Era estranho como a história se repetia. O seu lar de infância não fora menos caótico ou desagradável do que a casa decrepita que agora habitava. A mãe dera à luz sete filhos, mas tivera dois grandes amores — um que retirava de uma garrafa, o outro, de um cachimbo de vidro. Os filhos foram bastante negligenciados e teriam morrido à fome se não fossem os esforços da irmã mais velha, Jacqueline, que mendigava e pedia dinheiro emprestado para comprar pão e leite. Primeiro, ele adorara-a, até ela também se tornar mal-humorada e amarga, acabando por distribuir mais violência do que a mãe. Em geral, era melhor manter um perfil discreto, o que a maior parte deles fazia, obviamente.

Mas isso nunca lhe estivera no ADN. Enquanto outros achavam merecer a negligência e a miséria, ele não se mostrara preparado para desistir sem dar luta. Agora, fazia tudo para não chamar a atenção dos companheiros de casa; na altura, fazia tudo para anunciar a presença dele aos irmãos. Despedaçava lembranças guardadas como tesouros, urinava nas camas deles e exibia-se às irmãs mais novas. Batiam-lhe por aquelas atitudes, chamando-lhe idiota, anormal e ovelha negra. A memória fê-lo sorrir. Pensavam que eram melhores do que ele, destinados a chegar mais longe, a ser aqueles que conseguiriam

escapar e fazer algo das suas vidas. Como se tinham enganado! Agora eram todos drogados, bêbedos e falhados em pequenas cidades, com um chorrilho de más decisões e casamentos falhados atrás deles, enquanto os atos dele ficariam na História. Desejava apenas poder estar lá para ver a reação deles — no dia em que abrissem os jornais e vissem que agora era *ele* o maior.

De repente, a porta rangeu, despertando-o das suas memórias. Por um instante horrível, pensou que o seu santuário estava prestes a ser violado... mas era apenas um colega de trabalho a passar pela divisão esquecida, berrando para um outro enquanto passava. Aliviado, pegou na mochila e marchou em direção à porta das traseiras. Ele permanecia invisível para aqueles tontos, mas não valia a pena perder tempo ali. As lendas não se sonhavam, *faziam-se*.

E ele tinha trabalho a fazer.

Jan pendurou o avental no gancho e avançou pelo corredor em direção às traseiras do edifício. Tivera um turno bastante cansativo e só queria ir-se embora.

Custara-lhe acordar cedo e, assim que chegou ao Starbucks, o trabalho parecera não ter fim. Estavam com falta de pessoal devido a uma gastrenterite, por isso todos tinham de colaborar, abreviando as pausas no trabalho para ajudar nas horas de ponta. Naquela parte da cidade, era quase sempre hora de ponta — graças aos homens de fato e às amas, aos estudantes e aos fãs de ginásios que o frequentavam —, pelo que o ritmo era implacável. Ainda assim, não teria feito diferença, estava habituado a isso, não fosse pelo nó de tensão no estômago, a sensação irritante e debilitante de desconforto que sentira desde que reparara *nela*.

De início, mal a vira — era como a maioria das adolescentes desajeitadas, a olhar para os sapatos, oscilando nervosamente de um lado para o outro, enquanto esperava pela sua dose de cafeína. Mas quando lhe entregara o *latte*, algo acontecera. Ela parecera... *repugnada* por ele. Tanto que deixara cair o café quente e gritara até calar toda a gente no interior. Agarrara-lhe a camisola, parecia empenhada em gritar com ele ou falar com ele ou qualquer coisa... mas, então, Max chegara em seu auxílio, expulsando-a da loja.

Embora abalado, Jan relaxara um pouco em seguida, assumindo que ela desistisse ou virasse a sua atenção para outra pessoa que se

cruzasse no seu caminho. Uma maluquinha errante à procura de sarilhos. Mas, para sua surpresa, ela ficara lá fora, a bater no vidro e a olhar diretamente para *ele*. Um carro-patrolha acabou por parar e ela foi forçada a partir, fugindo antes que os agentes conseguissem falar com ela. Mas a memória da reação intensa e horrorizada dela permaneceu.

Razão pela qual ele agora não ia deixar nada ao acaso. Era muito possível que ela estivesse à espreita lá fora, por isso, em vez de usar a porta principal, Jan escolheu a saída de emergência. Era estritamente proibido usá-la, claro, mas tinha a certeza de que não iria ser apanhado e a porta iria depositá-lo, são e salvo, na viela das traseiras. Parou na saída de emergência, espreitou pelo corredor atrás de si e só então abriu a porta, lentamente, saindo para a escadaria de ferro.

Sentiu o frio de imediato — um belo dia de primavera arrefecera rapidamente, e começava agora a chover. Sem hesitar, desceu as escadas depressa. Menos de um minuto depois, estava junto aos contentores do lixo na viela fedorenta. Puxou o capuz para cima e correu dali para fora. A ansiedade já começava a dissipar-se, o nó no estômago desfazia-se. Conseguira escapar — agora, por fim, podia relaxar.

Foi apenas quando chegou ao fundo da viela, com a cabeça baixada contra o vento e a chuva, que uma figura emergiu do esconderijo do outro lado do atalho. Era uma jovem magra com roupas em segunda mão gastas. Em silêncio, observou-o a desaparecer na esquina, antes de partir atrás dele, seguindo-lhe as passadas em silêncio.

Ele não sabia se devia ficar ou virar as costas e correr.

Adam entrara no estúdio de Faith com determinação, fechando a porta com firmeza na cara de Christine. Ela não o vira sair, não reparara no fato elegante e na atitude ansiosa que evidenciara mais cedo, por isso ficara alarmada com o seu súbito reaparecimento, como se ele estivesse vestido para um funeral. Inquieta, confusa, interrogara-o. Mas Adam não queria de maneira nenhuma reviver os pormenores da desgraça daquela manhã com a sogra — em breve ficaria a saber que nunca mais voltaria a exercer psicologia em Chicago.

Adam esperara encontrar alguma paz ao fugir para o estúdio, um momento de calma para organizar os pensamentos. Mas, à medida que olhava em volta da divisão enorme e sem vida, foi subitamente assaltado por uma onda avassaladora de sofrimento. O estúdio era o espaço de Faith, aquela divisão, mais do que qualquer outra, tinha a marca dela, e o facto de estar ali sublinhava o quanto ele perdera. O espírito dela parecia encher a sala — a arte nas paredes, o avental de pintura pendurado no cabide, até um café meio bebido, a descansar numa chávena pirosa de turista que ela comprara na viagem que fizeram às cataratas de Niágara. Por algum motivo, aquela chávena sempre a fizera sorrir.

Emocionado de amor, Adam quis subitamente virar costas e fugir, mas isso significaria ter de enfrentar o interrogatório da sogra mais

uma vez, por isso permaneceu onde estava. E, à medida que cada segundo passava, a dor, embora ainda intensa, diminuía ligeiramente. Existia um enorme sentido de perda naquela sala, mas havia também um elemento de familiaridade estranhamente confortante. Faith partira, mas iluminara a vida dele durante muitos anos e a prova disso estava em redor dele. Nos amigos e nos colegas que ela pintara, no seu estilo distinto de pincelada profunda, na assinatura irregular que adornava sempre o canto inferior direito dos seus quadros.

Reunindo coragem, atravessou a sala e sentou-se no banco dela. Raramente o fizera enquanto ela era viva — era o banco dela, e não se sentia bem em sentar-se ali, dada a sua completa falta de talento artístico. Muitas vezes, durante o tempo que viveram juntos, pensara que era por isso que eram tão compatíveis — ambos respeitavam sinceramente a vocação do outro, mas não conseguiriam jamais compreendê-la ou praticá-la. O amor sempre fora fundido com admiração.

Aquele pensamento aquecera-o frequentemente no passado, mas hoje estava a ter o efeito contrário. As provas do talento de Faith estavam mesmo em frente a ele — um desenho praticamente pronto de Kassie —, mas que provas havia do dele? Ele não percebera os sinais de aviso, não providenciara o apoio necessário à mulher, mesmo sabendo que estava deprimida e a passar por dificuldades. Talvez a comissão tivesse razão. Talvez Christine tivesse razão. Que tipo de médico, de profissional, era ele, se nem sequer conseguia cuidar dos seus entes mais queridos?

«Não há esperança.» As palavras voltaram a surgir na mente dele. Três malditas palavras, escritas num pedaço de papel e deixadas no quarto da bebé sob os pés dela. Faith estava completamente desesperada, incapaz de ver uma saída, e ele não estivera lá para a confortar. Aquela certeza despedaçou-o, mas também o perturbou, convencendo-o de que ela devia estar delirante. Porque é que não havia esperança? Estavam a sofrer, a sofrer terrivelmente, mas ainda se tinham um ao outro. Era certo que a comunicação entre eles estava fraturada, mas ainda se abraçavam em silêncio à meia-luz da manhã, num momento íntimo e terno a que Adam se agarrava nas suas horas mais negras.

Faith mostrara momentos de força — quando o expulsara de casa

para ir procurar Kassie. «Não sou o raio de uma bonequinha de porcelana!» E houve momentos ocasionais de visão de um futuro, uma vontade de reparar os estragos, quando lhe perguntara se ele pensava se alguma vez estariam preparados para voltar a tentar.

De maneira imperdoável, perdera essa oportunidade para incentivar o sentido de otimismo dela, mas fora ela quem se aventurara, o que era interessante. Faith considerava as inúmeras tentativas falhadas de fertilização *in vitro* emocionalmente paralisantes, e custara-lhe estar perto de amigos com filhos, mas a determinação dela, a sua força de carácter, nunca vacilara. É óbvio que a bebé morta à nascença lhe abalara a confiança, mas porque haveria de desesperar? Tinha concebido uma vez e podia voltar a fazê-lo. Não havia necessidade de perder toda a esperança, seguramente, a não ser que ela tivesse a certeza de que não teria um filho, o que era bastante improvável, dado que o pessoal hospitalar se esforçara por sublinhar que um nado-morto não significava que a próxima gravidez corresse da mesma forma. Então, de onde viera aquela desolação, aquele desespero?

Adam levantou-se do banco — não valia a pena sentar-se ali, a torturar-se —, mas, quando o fazia, o seu olhar recaiu sobre o desenho à sua frente. Kassie devolvia-lhe o olhar, a cabeça e o pescoço perfeitamente reproduzidos a lápis. Ou melhor, não o fazia — os olhos dela estavam, de facto, baixados para o chão. Era uma evocação brilhante da adolescente perturbada mas cativante e, no entanto, algo no desenho o deixara preocupado, quando o observou com atenção pela primeira vez. De início, presumira que Kassie estaria envergonhada, com a clássica expressão de cabeça baixa típica de uma adolescente desconfortável por ser o centro das atenções. Mas agora, ao olhar melhor para o desenho, Adam fora transportado de volta para as primeiras sessões dela, quando Kassie falara sobre o seu autoisolamento, sobre como evitava companhia deliberadamente e mantinha o olhar sempre para baixo para não ter de olhar ninguém nos olhos...

E, agora, à medida que continuava a olhar para o rosto dela, Adam começava a ver as coisas de maneira diferente. O desviar do olhar de Kassie já não parecia inocente ou envergonhado, mas culpado e assombrado, como se não conseguisse olhar para Faith, como se

soubesse alguma coisa.

Adam voltou a sentar-se pesadamente no banco, subitamente assoberbado por aquele pensamento. Seria possível que Kassie tivesse previsto o destino de Faith? Será que ela lhe comunicara isso? Parecia uma noção ridícula e absurda. Mas que outra explicação haveria para a súbita certeza de Faith de que tudo estava perdido, de que nunca seria mãe?

Apesar de todo o amor que dera a Faith, apesar de todas as esperanças e planos para o futuro, sempre fora assim que tudo estava destinado a terminar?

— Sim, ela esteve cá na semana passada. A Sra. Baines é visita regular... era visita regular...

Jason Schiffer foi parando de falar. O gerente da Phone Shack de West Town não estava habituado a ser interrogado por agentes da polícia, nem a ver os clientes sofrerem mortes repentinas e desagradáveis.

— Quando é que ela visitou a loja? — replicou Gabrielle, com calma.

Schiffer franziu o olhar para se concentrar, vasculhando a memória, e disse:

— Quarta-feira. Foi na quarta-feira, sem dúvida. Estava à espera de uma atualização de telemóvel e veio buscá-lo.

— E esta mulher? — perguntou ela, mostrando-lhe outra fotografia. — O nome dela é Rochelle Stevens. Pensamos que possa ter visitado a vossa loja a 19 de fevereiro...

Schiffer analisou a fotografia, intrigado, depois contornou o balcão para aceder a um terminal de computador. Enquanto ele escrevia no teclado, Gabrielle observou a loja — não tinha muitos pontos a favor quanto a design, mas bastantes pontos a favor quanto a *gadgets* — cada telemóvel, tablet e aparelho disponível atualmente estava em exposição e conseguira atrair bastante gente. A loja era popular, obviamente.

— Aqui está ela. Parece que perdeu algumas fotografias do

telefone dela, e quis saber se as conseguíamos recuperar.

A mente de Gabrielle começou a funcionar.

— E Jacob Jones?

Passou-lhe a última fotografia. Ele estudou-a por um instante.

— Não reconheço a cara. Mas isso não quer dizer nada. Costumo estar lá para trás com alguma frequência.

Voltou a escrever no teclado, com Gabrielle a olhá-lo atentamente.

— Não, nada. Não há registo de alguma vez ter vindo aqui.

Não era o que Gabrielle esperava, de todo.

— Seria possível perguntar ao pessoal? Sei que estão ocupados, mas é...

— Não há problema. Não há problema nenhum.

Schiffer afastou-se apressado com a fotografia, claramente entusiasmado com a ideia de estar a ajudar a polícia, mas também desejoso de chegar ao fundo da questão. Se a loja dele estivesse de alguma forma ligada àqueles homicídios, ele tinha de saber. Gabrielle observou-o a interromper os funcionários, puxando-os para o lado para lhes perguntar discretamente sobre Jacob Jones. A jovem loura abanou a cabeça, por isso avançou para outro funcionário ao lado. Mas também ele abanou a cabeça, após ponderar com atenção.

Gabrielle virou costas, incapaz de olhar. Suarez estava perto, parecendo tão tenso quanto ela. Estava prestes a dizer alguma coisa — fazer uma piada parva para quebrar a tensão, sem dúvida — quando o telemóvel de Gabrielle começou a vibrar.

Era Hoskins. Não era a primeira vez que tentara ligar-lhe desde o *tête-à-tête* deles. Nem seria a última. Conseguia imaginá-lo a ficar cada vez mais zangado com cada tentativa falhada de falar com ela — mas Gabrielle tinha a sensação de saber o que lhe queria dizer. E não tinha tempo para isso agora.

— Tenho aqui alguém que vos pode ajudar...

De volta à realidade, Gabrielle virou-se para ver uma jovem a ser encaminhada até ela.

— Diz à inspetora Grey o que acabaste de me dizer, Jodi — encorajou ele.

A mulher — que não tinha mais de 19 anos — aclarou a voz e disse:

— Lembro-me dele. Ele... ele veio à loja porque tinha o ecrã

partido, o do *iPhone* dele, sabe?

Gabrielle assentiu com a cabeça, ouvindo atentamente as palavras da jovem.

— Por isso, consertámos o telemóvel, e depois ele veio à caixa e eu liguei lá para trás para o trazerem.

— Foi um serviço na hora, «enquanto espera» — acrescentou Schiffer —, e ele pagou em dinheiro. É por isso que o nome dele não aparece nos nossos registos.

— Quando foi isso? — perguntou Gabrielle.

— Há cerca de seis semanas. Ele não esteve aqui muito tempo — confirmou a jovem.

— Mas tem a certeza de que era ele?

— Sim — respondeu ela com firmeza. — Reconheci a cara dele nas notícias, contei a história toda à minha mãe. Ela ficou tão perturbada quanto eu.

A jovem estava a ficar agitada, por isso Gabrielle terminou rapidamente a conversa. Pensou por um instante e virou-se para Schiffer.

— O senhor tem um registo de quem atendeu estes três clientes? Para grande desilusão dela, Schiffer abanou a cabeça.

— Podemos dizer quem fez o pedido da transação, mas não quem os atendeu. Operamos um sistema de balcão único, por isso...

— Está bem, vamos precisar de informações sobre toda a gente que trabalha aqui. Gerência, atendimento ao cliente, técnicos, todos quantos possam ter entrado em contacto com estes três clientes.

Jason Schiffer pareceu ficar um pouco abalado com a escala do pedido e, percebeu Gabrielle, com as implicações que acarretava. Mas ficou claro pelo tom da voz dela que não ia sair dali antes de conseguir aquilo de que precisava, por isso, ele apressou-se a ir até às traseiras da loja para completar a tarefa. Ela viu-o partir, sentindo uma crescente de excitação. A adrenalina começava a fluir — talvez tivessem finalmente ultrapassado uma barreira neste caso perturbador. Gabrielle estava convencida de que alguém que trabalhava na Phone Shack sincronizara o telemóvel com os das vítimas, permitindo-lhe aceder totalmente aos seus movimentos, às suas vidas. O tipo era bom — um perseguidor do século XXI.

Mas o tempo dele estava a acabar.

Tinha de ser nesse dia. Tinha de ser imediatamente.

Jan Varga vivia num apartamento T2 decrépito com a namorada, Marsha. De imediato, isso colocara-lhe dois problemas — primeiro, não havia porta de garagem para arrombar para conseguir um acesso silencioso e livre de riscos, e, segundo, a namorada dele estava desempregada. Assim, conseguir acesso sem restrições a Jan era problemático. Perante aqueles obstáculos, de início considerara desistir e passar para outra pessoa, mas o orgulho impedira-o. Recusava-se a ser vencido e, além do mais, a forma como Jan o tratara exigia vingança.

O sotaque do tipo era horrível, o inglês dele, ainda pior, e era barista, por amor de Deus, mas isso não o impedira de olhar de cima para o homem de meia-idade com excesso de peso que o estava a ajudar com a atualização do telemóvel. Era um olhar que ele já vira antes — em Jones, em Stevens, em Baines e noutros antes deles —, um olhar que sugeria que ele não era humano sequer, antes um autómato que os ajudava a servir as suas necessidades. As pessoas cometiam o erro com frequência — presumir que ele era um zé-ninguém, nada mais do que um pano de fundo para as suas vidas importantes. A rapariga Stevens fora particularmente má — não olhara para ele uma única vez durante toda a transação.

Essas pessoas — essas pessoas de sucesso, bonitas, *arrogantes* — tinham sido feitas para sofrer. Ele desfrutara do seu terror, da sua

impotência, da sua agonia. Jan também iria sofrer. Até poderia acrescentar um pouco de dor *extra* desta vez — nunca gostara de estrangeiros. Marsha ia passar a noite no hospital, graças a Deus. Segundo as mensagens de texto de Jan, parecia tratar-se de um procedimento de rotina, mas iria mantê-la afastada até à tarde do dia seguinte, fazendo com que aquela fosse a oportunidade perfeita para atacar.

O acesso ainda ia ser problemático, mas fizera o reconhecimento do edifício duas vezes e, na verdade, as coisas tinham corrido na perfeição. Chegou ao segundo andar da escada de incêndio sem ser visto e, então, com a máscara posta, usou o pé de cabra para levantar a janela de trás, cuja tranca estava pior do que inútil e saía alegremente do lugar.

Ao entrar, fora momentaneamente incomodado por um cão que ladrava lá fora, mas, quando fechou a janela com rapidez e baixou o estore, apressou-se para o interior do apartamento. Ali, escondeu-se no armário do quarto de hóspedes, à espera.

Sentia-se confiante de que Jan estaria ali sozinho naquela noite. Que era exatamente como ele queria. Cada ataque tornara-se mais perigoso, mais complicado, mas naquela noite as estrelas estavam alinhadas.

Era, de novo, tempo de matar.

Jan seguia a uns 10 metros à frente dela, de cabeça baixa enquanto caminhava pelas ruas movimentadas, empenhado em chegar a casa. Ocasionalmente, lançava um olhar rápido sobre o ombro, mas Kassie manteve-se discreta, assegurando-se de que havia um número suficiente de transeuntes à frente dela para disfarçar a perseguição. De vez em quando, a multidão dispersava e ela ficava mais visível de repente, por isso Kassie mantinha um olho aberto para entradas onde se pudesse esconder, se necessário fosse. Perguntou de si para si se os agentes da polícia que a seguiam a *ela* estariam a fazer a mesma coisa. Provavelmente, embora não valesse muito a pena — a perseguição deles era tão trapalhona quanto óbvia.

Jan virou a esquina, descendo a West Huron Street até ao fim. Kassie manteve o seu passo constante, dizendo a si própria que não corresse, aproximando-se casualmente da esquina para o seguir. Aquela rua também estava apinhada, mas, para espanto de Kassie, Jan não se via em lado nenhum. Varreu com o olhar o passeio que tinha à sua frente, mas não viu nem sinal da camisola verde com capuz inconfundível do jovem. Para onde fora?

Procurou freneticamente pela rua e, de repente, avistou-o. Jan atravessara para o outro lado e avançara bastante pelo quarteirão. Kassie saltou do passeio e cruzou a rua a correr na direção dele.

Uma buzina silvou com estridência, e um carro parou abruptamente ao seu lado. Mas Kassie não se demorou ali, lançando

um olhar nervoso na direção de Jan, receando que a buzina pudesse ter chamado a atenção dele. Felizmente, não teria reparado, pelo que Kassie continuou, ignorando os insultos violentos do condutor surpreendido.

Ela estava, agora, em perigo de o perder. Ele seguia uns 50 metros, talvez 60, à frente e havia uma imensidão de corpos entre ambos. Jan entrava e saía de vista, por isso Kassie estugou o passo, atraindo a ira dos transeuntes à medida que avançava pelo meio deles. Enquanto o fazia, apercebeu-se de outra coisa. A buzina do carro — ou uma buzina de carro, pelo menos — continuava a soar. Afastou-a do pensamento e continuou em frente — mas o som parecia estar cada vez mais alto. Os olhos de Kassie estavam virados para a frente, mas agora começava a aperceber-se de que o carro se mantinha ao lado dela.

— Kassie!

Ficou espantada por ouvir o seu nome. Ficou ainda mais surpreendida por ver que era Adam Brandt quem estava ao volante.

— Não posso falar agora, Adam.

— Entra no carro, Kassie.

— Desculpe, mas não posso.

Ainda conseguia ver Jan lá à frente, mas ele estava quase a chegar ao cruzamento seguinte. Era vital que não o perdesse de vista.

— Preciso de falar contigo, Kassie. E tem de ser agora.

O carro continuava ao lado dela. Adam tinha um olho na rua e o outro fixado nela. Parecia elétrico, talvez até um pouco instável.

— Como é que me encontrou? — respondeu ela, mantendo o passo.

— Encontrei o teu computador portátil. Usei o «Encontrar o meu *iPhone*» — respondeu, nada arrependido por ter mexido nos pertences dela.

— Bem, desculpe, mas não posso ajudá-lo — murmurou, desatando então a correr, desviando-se das pessoas que andavam às compras, no seu desespero por apanhar Jan.

Adam começou a acelerar, afastando-se do passeio, e, por um breve e maravilhoso momento, Kassie pensou ter-se livrado dele. Mas, para seu horror, o *Lexus* parou 20 metros à frente dela. Ignorando o facto de estar numa zona de estacionamento proibido, Adam saltou

para fora do carro e correu para ela. Kassie tentou desviar-se, mas ele reagiu depressa, bloqueando-lhe a passagem.

— Por favor, Adam — implorou, com os olhos subitamente marejados de lágrimas. — Não posso parar...

— Não quero saber.

— É uma questão de vida ou de morte.

— Vais ficar e vais falar comigo.

O tom dele era tão feroz, o olhar tão intenso, que Kassie se sentiu subitamente um pouco assustada. Tentou passar por ele, mas Adam agarrou-lhe o ombro direito, encostando-a contra a parede com força. Alguns transeuntes pareciam intrigados, até um pouco preocupados, mas concederam um espaço largo ao par, deixando Kassie encurralada.

— O que disseste à Faith?

— Como assim?

— Durante as vossas conversas, sobre o que falaram?

— Por favor, Adam — choramingou Kassie. — Porque é que isso é relevante?

— Diz-me.

Kassie encostou-se à parede, zangada e perturbada.

— Falámos... sobre a Anabelle. Sobre o que aconteceu no hospital. Sobre tudo o que aconteceu desde...

— O que mais? — atirou Adam.

— Não sei... falámos sobre os homicídios. Sobre si. Sobre a minha mãe...

— A Faith falou sobre ela?

— Claro.

— O que lhe disseste?

— Tentei confortá-la.

— Falaste com ela na noite anterior à morte dela?

Kassie hesitou. Agora sabia exatamente por que razão Adam lhe fazia aquelas perguntas. Esta era uma conversa que ela esperara nunca ter de ter.

— Sim, falei — respondeu baixinho. — Não conseguíamos dormir, por isso ela perguntou se me podia desenhar.

— E?

— Ela desenhou e nós falámos.

— Sobre o quê?

— Sobre bebês, famílias, como ela temia o funeral da Anabelle...

— Falaram sobre o futuro?

— Sim, creio que sim...

— O futuro *dela*?

— Sim...

As palavras dela eram praticamente inaudíveis. Ela sabia onde aquilo ia dar e queria que parasse.

— O que é que ela te perguntou?

Kassie baixou os olhos para o chão.

— O que é que ela te perguntou? — exigiu ele, num tom mais alto.

— Ela perguntou-me... se ia ter filhos um dia, um bebê...

— E o que é que tu lhe disseste?

— Por favor, não faça isto, Adam.

— O que é que lhe disseste? — repetiu Adam com um ar assustador, agarrando ainda mais o casaco dela.

— Eu não queria responder-lhe, mas ela não desistia. Disse-me que *tinha* de saber.

— E?

— E... eu disse-lhe que ela não ia ter.

— Foda-se!

O desabafo saiu-lhe da boca com força, fazendo com que gotas de saliva aterrassem no rosto de Kassie. Ele soltou-a e virou-se, angustiado, a arranhar o ar, exasperado e furioso. Uma mulher que passava por eles parou, como se se estivesse a debater consigo própria se devia intervir, mas o marido apressou-a, lançando-lhes um olhar desconfiado. Ao mesmo tempo, Adam voltou a encurralar Kassie.

— Porquê? Porque é que dirias algo assim?

— Eu não queria, mas ela implorou-me.

— Mas como é que tu podias sabê-lo? Como é que podias *saber*?

Os olhos de Adam perscrutavam os dela, desafiando-a a responder.

— Você sabe como eu sei — respondeu Kassie, desolada.

Adam olhou para ela, como se os piores receios dele se tivessem confirmado.

— A Faith compreendeu o que quiseste dizer?

— Não de início. Mas conseguiu ver que eu estava a ficar perturbada, o que a desanimou. Quis saber porque é que eu estava tão segura, com tanta certeza.

— Ela... perguntou-te diretamente se sabias quando é que ela ia morrer?

Kassie pareceu deixar escapar um soluço, e então:

— Sim.

— E?

— E eu recusei responder... mas aí já era demasiado tarde. Ela viu-o no meu rosto.

— Viu o quê?

— Ela percebeu por que razão eu nunca a olhava nos olhos, porque evitava falar sobre o futuro, porque não queria responder às perguntas dela.

— O que aconteceu? — perguntou Adam, zangado.

— Tentei sair do estúdio, disse-lhe que não queria falar mais, mas agarrou-me, disse-me que *tinha* de saber se a morte dela era iminente.

— E? — perguntou Adam, desesperado.

— E... — Kassie mal conseguia proferir as palavras, mas sabia que tinha de fazê-lo. — ... eu disse-lhe a verdade... que o tempo dela estava quase a chegar.

Adam bateu com a mão na parede atrás da cabeça dela, fazendo Kassie dar um salto. Afastou-se, mas ele já não estava a olhar para ela. Consequia ver que a cabeça dele estava noutro lugar, à roda, freneticamente, à medida que certas peças do puzzle começavam finalmente a encaixar.

— Nós discutimos — disse ele, com a respiração pesada de raiva. — Naquela última manhã, discutimos. Ela estava perturbada, hostil, por causa do que *tu* lhe tinhas acabado de dizer...

Kassie mal podia olhar para ele.

— Caramba, foi por isso... foi por isso que querias tanto que eu fosse para casa? Quando andávamos a brincar aos detetives no lago Calumet, tu estavas a tentar fazer com que eu fosse para casa. Porque *sabias* o que ela ia fazer.

— Não ia acontecer até ao dia seguinte. Pensei que nós... que o Adam chegaria a tempo, que talvez conseguisse fazer alguma coisa para a ajudar. Eu não sabia que íamos ser presos, interrogados. Se eles

o tivessem libertado uma hora antes...

Adam soltou um som, um terrível som com nada de humano, que era metade grito, metade rugido.

— Eu devia tê-lo mandado embora — continuou Kassie, depressa —, devia tê-lo feito ir para casa. Tive oportunidade de o fazer e não o fiz. Porque sou egoísta. Porque queria salvar a Madelaine, salvar-me...

— Olhaste-a nos olhos — insistiu Adam, parecendo não a ouvir. — Olhaste uma mulher vulnerável, de luto, nos olhos e disseste-lhe... — Por um momento, Adam pareceu não ter forças para acabar a frase, mas então: — ... que ela ia morrer.

— Eu não sabia mais o que fazer — implorou Kassie. — Ela ia perceber se lhe mentisse.

— *Tu* fizeste com que ela o fizesse. Ao dizer-lhe isso, *tu* fizeste com que ela se matasse...

— Não, Adam, não é assim que funciona.

— Tu levaste-a ao limite.

— Não, não. Eu não tenho poder algum, influência alguma sobre os acontecimentos. As coisas acontecem por uma razão...

Adam levantou a mão e, por um instante, Kassie pensou que ele lhe ia bater. Mas, em vez disso, espetou-lhe o dedo no rosto.

— Não digas isso. Não te atrevas a dizer isso...

Mas, mesmo enquanto ele gesticulava para ela, a violência escorria de dentro dele. Parecia arrasado, vazio.

— Porque é que tu não... — Agora a voz dele engrossara, e começava a soçobrar. — Porque é que não te limitaste a *mentir*?

Kassie hesitou antes de responder. Ela não quis dizê-lo, mas teve de o fazer.

— Porque... o resultado teria sido o mesmo.

Uma mão-cheia de palavras simples, que tiveram um efeito devastador. O olhar de Adam continuava fixo no dela, mas a expressão dele transformava-se rapidamente, como se estivesse a aperceber-se de algo terrível.

— Por favor, Adam, acredite em mim. Eu nunca quis que nada disto acontecesse.

Mas agora ele afastava-se dela, com um ar horrorizado e atónito. Chocou com transeuntes à medida que cambaleava até ao carro, e, instintivamente, Kassie quis ir atrás dele e ajudá-lo. Mas não havia

hipótese de isso acontecer. Perdera-o.

Tal como tinha acabado de perder Jan.

— Procura outra vez. Deve ter-nos escapado alguma coisa.

O tom de voz de Gabrielle era duro, insistente.

— Já pesquisei três vezes — protestou Albright. — Ninguém na Phone Shack tem antecedentes criminais.

Ela e Suarez tinham regressado à sede da CPD, com dezenas de ficheiros pessoais nos braços. De imediato, a equipa começou a investigar os membros masculinos do pessoal. Deram prioridade aos que correspondiam à descrição dada por Kassie Wojcek após o inferno em Calumet, mas isso incluía cerca de uma dúzia de pessoas, incluindo o próprio Jason Schiffer. A loja cavernosa da Phone Schack parecia um refúgio para caucasianos de meia-idade de barba mal feita que não arranjam emprego em mais lado nenhum. Quando não conseguiram resultados após verificarem os registos criminais desses nomes, analisaram o resto dos membros masculinos do pessoal, mas não tiveram sucesso. Em desespero, verificaram também os nomes femininos, mas o resultado fora o mesmo.

— E quanto aos freelancers e aos tipos com contratos a prazo? — perguntou Gabrielle, com mais esperança do que expectativas.

— Eles não fazem isso — venceu Suarez. — Todo o pessoal está no quadro, fazem tudo na loja. Sai mais barato dessa forma, é mais fiável.

— Então, achas que estamos errados? Que percebemos tudo mal?

— Bem, no papel, parece tudo bem — respondeu Suarez.
— Alguém que percebe de tecnologia a perseguir estas pessoas, a fazer

delas alvos... mas se não estamos a conseguir correspondências...

— Vamos continuar com isto — disse Gabrielle num tom desafiador. — É provável que este tipo tenha sido um perseguidor ou invasor de propriedades antes. É demasiado bom para ser um amador. Por isso, é provável que haja registo disso e possivelmente de violência e atentado ao pudor. Ele tem de ter cadastro, nós só temos de o encontrar.

— O que sugere, então? — perguntou Montgomery.

— Bem, é óbvio que ele conseguiu o emprego na Phone Shack com um nome falso. Por isso, vamos ter de recolher informações detalhadas e verificar a identidade de todos os homens caucasianos que trabalham lá, à procura de nomes falsos, conhecidos...

— Isso vai ser como procurar uma agulha num palheiro. Vai levar dias — queixou-se Albright.

— Então vamos parar de falar e começar, sim?

Albright encolheu os ombros e apressou-se a ir fazer o que ela pedira, juntando a equipa ao seu redor. Apesar da frustração, Gabrielle sentiu um pequeno pico de satisfação quando viu os agentes entrar em ação. Estava entre a espada e a parede, e a ficar sem tempo.

Mas ainda não se dera por vencida.

Encostado à porta, Jan soltou um longo suspiro de alívio. Não acontecera nada durante o caminho para casa, o que fora uma bênção depois daquele dia penoso. Despiu a camisola com capuz, sacudiu-a e pendurou-a no gancho da porta da frente. Ia ouvir das boas, de Marsha, por não a deixar lá fora, mas que se lixasse...

Atravessou o *hall* até à cozinha, tirou uma cerveja do frigorífico e abriu-a. Deu um longo trago, deixou que a cerveja fresca passasse pela língua antes de a engolir. Sentiu-se refrescado e revitalizado instantaneamente. Adorava aquela cerveja, que comprara numa loja eslovaca na esquina por um dólar e meio. Inclinou a garrafa e esvaziou-a de um só trago, antes de a atirar desinteressadamente para o lixo.

Estava bastante tentado a beber mais uma. Pôs a mão na porta do frigorífico, prestes a abri-la, quando, subitamente, parou. Um pequeno movimento na periferia da visão chamara-lhe a atenção. O estore da janela da cozinha, que estava baixado até ao fundo, abanava ligeiramente.

Intrigado, Jan atravessou a cozinha. Subiu o estore e reparou que a janela estava ligeiramente aberta, com um espaço minúsculo visível mesmo acima do parapeito. Sentiu o corpo ficar tenso de imediato. Marsha fora a última a sair de casa e não havia hipótese de ela a ter deixado aberta. Era paranoica com a segurança, por viver numa grande cidade americana, sempre a verificar e a reverificar as janelas

e as portas antes de sair. E Jan sabia que ele não tinha aberto a janela naquela manhã, por isso...

Examinou a tranca. A tranca sempre fora fraquinha — outra fonte de preocupação para Marsha, que lhe implorara que comprasse uma nova —, mas agora tinha caído completamente para a mão dele. Profundamente alarmado, abriu a janela para examinar o parapeito e encontrou uma marca bem visível onde parte da madeira ficara lascada. Alguém usara um pé de cabra ou um cinzel para aceder à casa. Estivera alguém no apartamento.

Dirigiu-se a um dos armários da cozinha e abriu a gaveta de baixo. Era ali que guardava todas as suas ferramentas e de onde retirava, agora, um martelo, antes de voltar a fechar a gaveta.

O coração dele batia acelerado, mas, lentamente, com cuidado, saiu da cozinha em bicos de pés, antes de virar a cabeça de repente para a sala de estar. A visão do televisor e do leitor de DVD relaxou-o, assim como o estado impecável da mobília. Teria alguém entrado na casa, para depois se assustar com alguma coisa e fugir? Deixando a pequena divisão para trás, Jan palmilhou o corredor até às traseiras do apartamento. A casa era minúscula, e ele tinha a certeza de que o saberia se estivesse ali alguém, mas precisava de se certificar.

Abriu a porta do quarto, devagar, com o pé e olhou lá para dentro. Parecia estar tudo em ordem, por isso entrou, cauteloso. O quarto estava silencioso e parecia deserto, mas espreitou atrás da porta, no armário e até debaixo da cama. Aliviado, atravessou o patamar até ao quarto de hóspedes. Já começava a sentir-se melhor, pois não havia nada de valor ali.

Aquela divisão também parecia intocada — não havia ninguém debaixo da cama, atrás da porta —, por isso, baixando o martelo e soltando um longo suspiro de alívio, abriu a porta do armário.

Para deparar com um homem com uma máscara de esqui a olhar diretamente para ele.

Sentia os pulmões a arder, mas continuou a correr. O progresso dela era trapalhão mas rápido, com as pessoas que andavam às compras a desviarem-se com saltos do seu caminho, à medida que gritava para que se afastassem. A multidão abria-se para ela, exceto uns quantos transeuntes que pareciam zangados e ofendidos, mas até eles se afastavam quando viam a adolescente desgovernada a correr na sua direção. Seria o cabelo castanho-avermelhado agitado, o seu rosto rubro e suado, ou o desespero na voz dela que os fazia recuar? Não importava, desde que lhe saíssem do caminho.

Ficara profundamente abalada com o encontro com Adam e permanecera presa ao sítio onde ele a deixara por vários minutos, encostando-se à parede para se apoiar. Mas, apesar da culpa esmagadora e da preocupação muito sincera que sentia em relação a Adam, os pensamentos de Kassie voltaram lentamente para Jan. Para um homem inocente que tinha a vida por um fio.

Não tinha muitas pistas que seguir, mas, tirando o telemóvel do bolso, escreveu o nome dele na aplicação *Searchbug*. Para seu alívio, descobriu que havia um «Jan Varga» a morar num quarteirão da Ukranian Village, que ficava a menos de 10 minutos do local onde ela se encontrava. Desencostou-se da parede, olhou intensamente para a direita, onde uma *jogger* passara demasiado tempo a examinar a montra de uma loja de eletrodomésticos, virou-se e avançou na direção contrária. E, a cada passo, o ritmo dela aumentava, à medida

que a urgência da situação assentava, até que, por fim, começou a correr.

Desta vez, tinha a certeza de que iria chegar a tempo. Era provável que Jan tivesse acabado de chegar a casa, por isso, mesmo que estivesse a ser atacado, o ataque estaria na sua fase inicial. Se Kassie conseguisse chegar lá depressa e, de alguma forma, entrar no apartamento, ainda havia uma hipótese de o conseguir salvar. Aquele pensamento deu-lhe um empurrão de adrenalina e até lhe trouxe um sorriso aos lábios. Seria aquele o momento em que ela iria quebrar a maldição? Em que ela provaria que, se se pudesse prever o futuro, então este poderia ser alterado? Seria ainda possível que ela pudesse ser salva?

Aumentou um pouco mais a velocidade. Embora nunca tivesse sido uma atleta nos tempos de escola, era leve e rápida. Os pés batiam no cimento, o equilíbrio mudava constantemente à medida que se desviava dos empregados de escritório que começavam agora a sair para a rua. Estava concentradíssima, a correr com ritmo e intensidade, nunca se permitindo desistir, mesmo doendo-lhe o corpo todo. E, 10 minutos depois, viu-se à porta do bloco de apartamentos decrepito de Jan.

Correu para a porta da frente, puxou-a, mas esta não se mexia. Virou-se para o intercomunicador e percorreu a lista de nomes com o dedo, até encontrar o de Jan, junto a uma campainha do segundo andar. Estava prestes a carregar no botão quando, subitamente, parou. Se o assassino já estivesse no interior, haveria alguma vantagem em alertá-lo para a sua chegada? Em vez disso, retirou o dedo e bateu com força na porta principal, encostando o rosto aos painéis de vidro para espreitar lá para dentro. Viu um corredor escuro, sem luz, sem movimento e sem qualquer presença humana.

Kassie praguejou, recuou um passo e observou as janelas dos apartamentos, esperando que houvesse ali alguém, mas não viu qualquer pessoa. De imediato, começou a dirigir-se para o lado do edifício. Haveria uma viela a que pudesse ter acesso? Uma escada de incêndio, talvez? Mas, enquanto se afastava, ouviu as portas da frente a abrir.

— Mas que confusão é esta? Onde é o fogo?

Um homem mais velho, com um macacão puído, abriu as portas.

Uma placa de identificação lascada no peito identificava-o como porteiro do prédio, embora fosse difícil confundi-lo com qualquer outra coisa.

Kassie não se preocupou em explicar, passando pelo homem aturrido e correndo para o interior. Voou pelo corredor pouco iluminado, contornou o corrimão ao fundo do corredor e subiu as escadas a correr. Subiu dois degraus de cada vez, saltando ligeiramente nas tábuas de madeira à medida que subia, subia e subia. Chegou à porta do apartamento de Jan em menos de um minuto, sem fôlego, mas excitada. Consequia ouvir o velho porteiro a subir as escadas com esforço abaixo dela, mas não tinha tempo a perder. A porta que tinha à frente dela era velha e não muito boa, com uma fechadura ferrugenta. Deu uns passos atrás para ganhar balanço e correu para a porta, apontando a bota à fechadura.

Acertou um pouco ao lado, mas a madeira lascou ligeiramente em volta da fechadura. Por isso, tentou outra vez. E outra. E, à terceira tentativa, a bota pesada de Kassie atravessou a porta completamente. Ficou presa por um instante, tendo quase caído ao perder o equilíbrio, mas, depois de puxar o pé de novo para fora, enfiou o braço pelo buraco e, encontrando a tranca, abriu-a rapidamente.

A porta abriu-se para trás e, quando o fez, Kassie viu um lampejo de movimento. Passou uma enorme mancha preta em frente aos olhos dela, fugindo para a direita. Apressando-se a entrar no apartamento, o olhar dela foi atraído não por aquela figura em fuga, mas, pelo contrário, para a sala de estar. Jan, amarrado a uma cadeira, devolveu-lhe o olhar. Parecia confuso, estupefacto até, e, à medida que Kassie assimilava aquela visão horrífica, percebeu porquê. Além dos cortes e pisaduras no corpo, apresentava um golpe enorme na garganta. Abria-se e fechava-se de forma horrenda quando ele mexia a cabeça, implorando por ajuda em silêncio.

Kassie teve um milésimo de segundo para decidir e surpreendeu-se a si mesma ao correr atrás do atacante. Não tinha armas, viera mal preparada para uma luta, mas não havia hipótese de o deixar escapar desta vez. Chegou à cozinha segundos depois dele, mas ele já estava meio fora da janela na direção da escada de incêndio. Desesperada, Kassie atirou-se pela divisão, conseguindo agarrar a perna esquerda do homem, antes que ele saísse completamente pela janela. Puxou com

toda a força que tinha e, para sua surpresa, ficou com um enorme pedaço de tecido na mão, quando as calças dele se rasgaram pelas costuras. De repente, Kassie perdeu o equilíbrio, mas ele também, cambaleando ligeiramente para dentro da cozinha antes de se lançar para fora de novo. Uma vez mais, Kassie atirou-se a ele e, desta vez, os seus dedos encontram carne, quando agarrou a perna do homem que ficara para trás. Instintivamente, espetou-lhe as unhas na perna. Lá fora, ouviu um grunhido de dor, incentivando-a a aumentar a pressão. Agora não lhe escapava.

A perna dele sacudia com força, à medida que o homem tentava escapar às garras dela, mas Kassie conseguia sentir a vitória. Conseguia ouvir gritos lá fora, agora a polícia não tardaria a chegar, e tudo aquilo terminaria. Tudo o que tinha a fazer era aguentar. Levantou a cabeça para observar o atacante, para ver se ele perdia forças, mas reagiu um segundo demasiado tarde ao pé de cabra que vinha em direção a ela. Mal teve tempo de puxar a mão para trás, antes de o objeto lhe acertar numa têmpora. De repente, Kassie estava de novo a voar pela cozinha e, um segundo depois, batia com a cabeça no chão.

E ficou tudo negro.

La continuar a beber até deixar de sentir.

Adam sabia que era dar parte de fraco, que iria acabar mal, mas não se importava. O alheamento chamava-o e ele sentia-se grato por aceitar o convite.

Não fazia ideia de onde estava, mas, por si, tudo bem. Fugira do confronto com Kassie, atirando o carro perigosamente para o meio do trânsito, mas estava demasiado elétrico para conduzir e abandonara o veículo uns quarteirões mais à frente. Saiu do carro tropeçando para o passeio e encontrou um bar por acaso. O estabelecimento enchia-se de empregados de escritório, que lhe deram bastante espaço, ansiosos por usufruir das suas bebidas de *happy hour* em paz. Abrindo caminho até ao balcão, Adam pedira um uísque, e depois outro, mantendo o olhar longe do espelho atrás dos empregados de balcão. Não tinha vontade nenhuma de ver o seu próprio rosto assombrado.

Seguiram-se alguns *shots* até Adam acabar por deixar de fingir e pagar de imediato pelo resto da garrafa. A garrafa continuava ao lado dele, a sua única companhia, enquanto os dois bancos junto a ele continuavam resolutamente vazios. Ignorando o desconforto que a sua presença estava obviamente a causar, dedicou-se à garrafa, mas, até ali, não estava a gerar grande efeito.

As palavras de Kassie continuavam a girar-lhe no cérebro, puxando-o de novo para o estúdio de Faith. Para aquela noite. Como

tonto inconsciente que era, estava a dormir ali ao lado, mas as duas mulheres estavam acordadas, a olhar uma para a outra, enquanto Faith desenhava o seu modelo. Adam conseguia ver a mão dela a falhar, conseguia ver o queixo dela pousado no peito, conseguia ver as lágrimas a escorrer-lhe pelo nariz. Anabelle, estava a falar de Anabelle, e todo o corpo dela tremia. Kassie levantara-se, agora, tentando confortá-la, pondo-lhe um braço em volta do ombro. Mas Faith não queria ser confortada. Queria saber. E acreditava que Kassie lho podia dizer.

«Alguma vez terei um filho?»

A voz de Faith tremia, enquanto secava as lágrimas. O rosto dela parecia arrasado, subitamente mais velho, ao olhar para Kassie, suplicante. Como se ela fosse a fonte de toda a sabedoria.

«Vou ser mãe?»

Kassie continuava a confortá-la, mas não respondia.

«Por favor, Kassie, preciso de saber...»

E, agora, Kassie falava. Mas não era a adolescente quem proferia as palavras. Horrificamente, era Anabelle, com o seu rosto inocente e com covinhas pendurado no cimo daquele pequeno corpo desajeitado, quem falava agora.

«Não, Faith, nunca será mãe...»

Com um rugido, Adam atacou aquela imagem terrível — atirando a garrafa de uísque ao chão, partindo-a. Arrancado do seu sonho acordado, apercebeu-se de que o bar praticamente inteiro estava a olhar para ele. Sem remorsos, atirou uma nota de 50 dólares para o balcão e dirigiu-se para a saída a cambalear. *Que se fodam*, pensou, arrependendo-se apenas do facto de ter desperdiçado tanto uísque bom.

Adam irrompeu pela porta para a rua, tentando afastar a náusea que aquele tenebroso sonho acordado lhe causara, mas era inútil. Estava enjoado até à alma. Por causa dela. Ela era egoísta e hipócrita, alguém que espalhava o mal, e, agora, ele arrependia-se de a ter deixado entrar na vida deles. Quando Faith a convidara para ficar, Adam devia ter confiado no seu instinto e pedido que saísse. Porque não ouvira aquela vozinha na cabeça dele? Já seguira os seus conselhos muitas vezes, e a voz costumava acertar.

A culpa também era sua, claro. Devia ter ficado em casa com Faith

naquele dia, apercebera-se de que ela estava a ter um comportamento estranho. Porque não tentara falar com ela? Porque não insistira com ela para que lhe contasse o que a incomodava? Torturou-se a pensar nela ali sozinha naquela casa enorme, enquanto ele andava por aí com a causadora do infortúnio de ambos. A sua amada Faith estivera sozinha no seu último dia nesta Terra, envolta em silêncio, consumida pelo desespero. Pensar nisso partiu-lhe o coração, e soube instintivamente que jamais se perdoaria, que se iria odiar para sempre.

Mas não tanto quanto a odiava a *ela*.

Parecia uma figura estranha na sala vazia. Vestida com uma bata de papel, com o cabelo preso no cocuruto da cabeça, Kassie estava sentada a uma mesa esburacada, a arrancar pedaços de um copo de plástico. Estava sozinha e o barulho constante do arranhar do copo era o único som que perturbava o silêncio.

Tinha vontade de chorar — queria chorar, por ela, por Adam —, mas, por algum motivo, não era capaz. Sentia-se completamente esgotada pela experiência daquelas últimas horas. Acordara nas traseiras de uma ambulância, grogue e confusa. Mal se apercebera de onde estava, mal recuperara o fôlego, sentira-se subitamente invadida por perguntas. O que acontecera a Jan? O atacante fora detido?

Os paramédicos não lhe podiam dizer nada, claro — estavam muito mais preocupados com o facto de ela poder ter um traumatismo craniano. Foi apenas mais tarde, assim que fora considerada apta para ser interrogada, que Kassie começou a vislumbrar o que acontecera. Não fora interrogada logo — tiraram-lhe amostras de debaixo das unhas, levaram as roupas dela para análises forenses —, mas, durante aquele processo sombrio e intrusivo, Kassie percebera que as notícias eram más. A expressão nos rostos dos investigadores dizia tudo.

Depois disso, viera o interrogatório, Kassie frente a frente com Gabrielle Grey, no que parecia cada vez mais um pesadelo recorrente. Grey confirmou que Jan não sobrevivera e que o atacante escapara, mas não lhe deu mais do que isso, recolhendo o testemunho de Kassie,

depois desaparecendo prontamente, chamada por um telefonema urgente. Suarez, o outro inspetor, correrá atrás dela, deixando Kassie sozinha.

Sem saber muito bem o que fazer, Kassie levantou-se para se ir embora, mas a visão de um agente de uniforme à porta da sala de interrogatórios fê-la parar. Estaria presa? Não pensava que fosse o caso, mas era difícil dizer. Gabrielle Grey parecia menos hostil, mais disposta a aceitar a explicação de Kassie para os seus atos, desta vez, mas, se não estava presa, então porque não lhe haviam dito que podia ir-se embora? O que mais quereriam dela?

O copo estava agora destruído, os vários pedaços pousados na mesa em frente a ela. Aquela visão encheu-a de uma súbita percepção da sua impotência. Ansiava por sair dali, mas o que podia fazer? Vinha um advogado a caminho, mas ainda não tinha aparecido. Então, quem mais poderia ela chamar para a ajudar? A mãe não ia atender a chamada, por isso, a outra única pessoa a quem podia ligar era Adam... mas contactá-lo era a última coisa que queria fazer.

As lágrimas chegaram, finalmente. Kassie sentia-se subitamente assoberbada pelo horror do seu dilema. Estava a ficar sem tempo e, no entanto, ali estava, presa numa sala de interrogatórios decrepita, enquanto o assassino continuava em liberdade. Seria realmente possível que tudo aquilo tivesse sido em vão? Que ela iria ter uma morte repentina e inútil enquanto ele continuava a perseguir a cidade? Só de pensar naquilo, Kassie sentiu-se nauseada. Dobrou-se sobre a mesa suja, chorando até não poder mais. Fizera o seu melhor, arriscara tudo, mas falhara.

Iria morrer sabendo que não era uma questão de se ele iria atacar outra vez, mas sim quando.

— **A**tenção, pessoal...

A equipa virou-se para Gabrielle. Tendo-lhes sido ordenado que estivessem presentes numa reunião urgente, estavam curiosos por descobrir o que se passava.

— O laboratório acabou de enviar os resultados. Processaram as amostras de pele... e temos um nome.

A excitação era palpável dentro da sala. Toda a gente esperara que as células de pele extraídas de debaixo das unhas de Kassie Wojcek fornecessem uma pista concreta, mas nunca se podia confiar naquele tipo de coisa. Se a amostra tivesse sido contaminada, ou se o suspeito não estivesse no sistema, então era provável que não desse em nada.

— Deem uma olhadela a isto.

Entregou um maço de papéis à inspetora mais próxima, fazendo-lhe um gesto para que passasse a pilha mal tirasse uma folha para ela. Cada folha tinha uma fotocópia de uma fotografia policial de um homem branco de rosto redondo e, por baixo, o cadastro do criminoso.

— A pessoa que atacou o Jan Vargas é um tal Joseph White, mais conhecido por Joe. É originário de Cicero. A família ainda vive lá e o inspetor Suarez está lá com eles agora, mas o nosso homem vive atualmente no centro de Chicago, obviamente.

A equipa começava já a interiorizar as «credenciais» de White.

— Tem múltiplas condenações por invasão de propriedade e

perturbação da ordem pública. É um mirone. Também gosta de se exhibir, de intimidar pessoas, e envolveu-se numas quantas brigas... presumimos que quando as vítimas se defenderam. Curiosamente, já foi detido três vezes por suspeita de roubo, mas nunca foi acusado. Dado o *modus operandi* do nosso assassino, dado o facto de a sua descrição física corresponder à descrição que nos foi dada por Wojcek, diria que este é o nosso homem.

Um par de agentes soltou uns *sim!* sentidos e ouviram-se uns quantos aplausos espaçados. Gabrielle levantou a mão para os acalmar.

— Fiz circular a fotografia dele pelos meios de comunicação social mais importantes. Estamos a considerá-lo o nosso principal suspeito e a pedir à população que se mantenha vigilante. Requisitei mais operadores para atenderem as linhas diretas, e fico contente por poder anunciar que o superintendente Hoskins concordou com o pedido, por isso, o vosso trabalho é ir para as ruas. Falem com os líderes das comunidades, agentes fardados nas suas rondas, donos de lojas, empregados de bares... este tipo tem de comer e beber, tem de comprar gasolina, tem de apanhar o «L». Ele esteve no trabalho, hoje, mas saiu ao início da tarde, presumivelmente para executar o ataque a Jan. Provavelmente, não irá regressar ao local de trabalho assim que vir o nome dele nos *media*. De qualquer das maneiras, vou mandar dois de vocês até lá.

O telemóvel de Gabrielle começou a vibrar, mas ela ignorou-o.

— A prioridade agora é deter este tipo de forma segura. Ele tem poucos crimes violentos no cadastro, mas é claramente bastante perigoso e estará armado, por isso, se o avistarem, peçam apoio de imediato. Eu sei que este caso é importante, mas não quero ninguém a armar-se em herói.

O telemóvel dela continuava a vibrar e, quando olhou para baixo, Gabrielle viu que era Suarez. Afastou-se para o lado, pegou no telemóvel e atendeu a chamada.

— O que se passa?

— Estou agora na casa da família — respondeu Suarez pelo telefone, falando em voz baixa. — Acho que posso ter uma morada para lhe dar.

— Continue — respondeu Gabrielle, afastando-se da equipa.

— Lower East Side, 353 West Cullerton Street. Penso que é uma casa partilhada, com inquilinos mistos. Estou a enviar-lhe os pormenores por mensagem neste momento.

— Porquê aí?

— A irmã dele diz que ele deixou esta morada para ela lhe reencaminhar o correio. Ocasionalmente recebe cheques da segurança social aqui na casa da família, mas acho que a irmã não tem sido muito diligente quanto a enviar-lhos...

— Quando é que ele lhe deu esta morada? — interrompeu Gabrielle.

— Há seis meses. Ele está sempre a mudar de casa.

— Perfeito. Fique com eles, saque-lhes o mais que conseguir.

Terminou a chamada e virou-se para a equipa com um largo sorriso nos lábios.

— Muito bem, meninos e meninas, preparem-se...

A equipa levantou-se, pegando nos casacos.

— ... temos um assassino para apanhar.

Olhou para o ecrã tremeluzente com uma careta. Não havia um televisor na sala comum no andar de baixo — um dos inquilinos sumira-se com o último —, por isso, Joseph White comprara um portátil, em segunda mão, escondendo-o na parte de trás do armário do quarto. Apreciara muitas vezes ver o *Late Night Live* após um longo turno na Phone Shack, enquanto bebia um *pack* de quatro cervejas *Miller* e comia uma embalagem de *Doritos*, mas o que via agora não lhe agradava de todo.

Estava a ver o seu próprio rosto a olhar para ele — a fotografia policial estampada nos noticiários da noite, enquanto o jornalista anunciava o nome dele, pormenores das suas detenções anteriores, a sua história de família. As fotografias das vítimas — Jones, Stevens, Baines, Varga — surgiram brevemente no ecrã, para serem logo substituídas pelo seu rosto gorducho e de pera. O facto de ter rapado a barba, de ter vivido e trabalhado sob nomes falsos durante meses, não lhe era agora de grande utilidade. Quantas mais pessoas — colegas, companheiros de casa — vissem a fotografia, mais reparariam nos traços que não conseguia alterar — os olhos verdes penetrantes, o sinal distinto na bochecha esquerda e a fina cicatriz no pescoço, herança de um acidente de infância. Iriam aperceber-se, iriam *saber*, e, depois, iriam contactar as autoridades. A recompensa generosa oferecida pela CPD em troca de informações que levassem à sua captura trataria disso.

Praguejou, desligou o portátil e abriu a porta do armário com força. Retirou de lá um saco de lona caqui e começou a atirar lá para dentro roupas ao acaso. Satisfeito, juntou umas quantas barras de cereais, meia garrafa de vodca, um mapa da cidade e, depois de o retirar da mochila, o cutelo. Destruíra tudo o resto que levara para o apartamento de Jan e estivera tentado a livrar-se também da arma, dada a possível presença de resíduos de ADN. Mas não lhe apetecia entrar numa loja e comprar um novo cutelo, enfrentando perguntas indesejadas, por isso, limpou-o e guardou-o. Tinha a sensação de que iria voltar a precisar dele em breve.

Atravessou o quarto e mexeu numa tábua solta do soalho. No buraco encontrava-se um rolo de notas de 10 dólares. Não era muito — umas quantas centenas que juntara para uma emergência —, mas serviria, por enquanto. Enfiou o dinheiro no bolso do casaco, apressou-se a descer as escadas e a sair porta fora, deixando a casa temporária pela última vez sem despedidas nem fanfarra.

Mal saiu para o ar fresco e limpo, ouviu-as. Sirenes, lá longe, mas a tornarem-se mais altas. Tratava-se provavelmente de um acidente rodoviário fatal, pensou, mas não perdeu tempo, despachando-se a sair de casa e a descer a rua. Lembrou-se do boné dos Cubs, tirou-o do bolso do casaco e enfiou-o na cabeça, puxando a pala para baixo. Naquele momento, queria ser o mais discreto possível.

O som das sirenes soava cada vez mais alto. White estugou o passo — não podia desatar a correr, mas queria pôr o máximo de distância possível entre ele e a casa. Tinha razão em estar preocupado, pois, mal chegou ao cruzamento, apareceram quatro carros da polícia, com as luzes e as sirenes ligadas, a derrapar na esquina, passando por ele a grande velocidade na rua. Aquela visão fê-lo estacar, seguindo-lhes o percurso instintivamente com o olhar. Meio minuto depois, a polícia estacionou à porta da sua casa. De imediato, um bando de agentes saltou dos carros, retirando as armas dos coldres e correndo para a porta.

Joseph White não ficou para ver o espetáculo. Alguns dos outros inquilinos estavam em casa e podiam tê-lo visto sair. Estava na hora de ir para outro lado — e já. Começou a percorrer em passo acelerado a South Ashland Avenue. O coração batia-lhe com força — o suor escorria-lhe pelas costas, enquanto observava a rua à procura de sinais

de perigo. Sabia que escapara por um triz.

Tropeçou para dentro do quarto, colidindo com a ombreira da porta. Desequilibrado, atirou-se para a esquerda — por um instante, pensou que podia cair — e, então, subitamente, endireitou-se, absorvendo a cena à sua frente. O uísque toldava-lhe a visão, tudo parecia fluído e a mudar, e até a pequena divisão arrumada lhe parecia pouco familiar. Era estúpido, realmente — estivera no quarto de hóspedes deles centenas de vezes, a fazer a cama para Christine antes das suas visitas, mas, naquele dia, parecia estranho e elusivo, como se tentasse frustrá-lo deliberadamente.

Marchou em frente e atirou o saco do lixo para cima da cama. Kassie dormira ali quando morara com eles, e os seus poucos bens pessoais — umas roupas velhas, um computador portátil maltratado, um boné dos Linkin Park — ainda estavam no chão. Ao observar os vários itens, Adam sentiu uma onda de raiva por aquelas provas da presença dela na sua linda casa sublinharem o impacto ruinoso que tivera nas suas vidas. Quando conhecera Kassie, Adam era feliz, confiante, esperançoso. Mas perdera a carreira, a reputação e, pior, muito pior do que isso, Faith e Anabelle. Como era possível ter caído tão depressa, tão rapidamente?

Pegou no boné e enfiou-o no saco do lixo. Um par de calças, o computador e uma revista rasgada seguiram-se de imediato, empurrados para dentro do saco de plástico por um Adam carregado de veneno. Queria Kassie fora da casa dele, queria obliterar todas as

provas da sua existência, fingir por um segundo que aquela catástrofe terrível não acontecera.

Um par de sapatos. Um livro da escola. Uma camisola de capuz preta puída. Lá foi tudo para dentro do saco, com a pressa dele em se livrar de tudo. Mas, ao atirar a camisola para dentro do saco, caiu algo ao chão, tintilando suavemente ao acertar no soalho de madeira polida. Zangado, frustrado, Adam debruçou-se para apanhar o objeto ofensivo, mas, ao fazê-lo, parou.

Demorou algum tempo até focar o objeto, mas... era uma chave. A chave de casa de Kassie, presa a uma imagem desbotada da Betty Boop. A chave apanhou a luz, brilhando para ele, pedindo-lhe que a apanhasse. Olhou para ela, hipnotizado, absorvendo-lhe o brilho dourado. Por um instante absurdo, perguntou a si mesmo se a chave caíra do bolso dela por um motivo, se era *suposto* encontrá-la. Esticou o braço, hesitante em pegar nela mesmo naquele momento, perguntando-se o que aconteceria se o fizesse. Mas o chamamento era demasiado grande, a chave parecia clamar por ele, por isso, agarrou nela e saiu a correr do quarto, deixando o saco do lixo onde o largara.

Kassie estava em frente à sede da CPD, uma figura solitária no meio da rua movimentada. No passado, tivera um ou outro amigo, a mãe e, mais tarde, Adam e Faith. Mas, agora, todos tinham desaparecido e ela não conseguia sequer contar com a presença dos policiais à paisana nas sombras como companhia. Já não era suspeita, nem sequer uma pessoa de interesse. Era uma testemunha, que lutara com o *verdadeiro* assassino, recolhendo acidentalmente ADN crucial que a exonerava tanto a ela como a Redmond, mas era tudo. Desempenhara um papel importante na investigação, mas já não era útil.

Kassie virou as costas à esquadra de polícia e desceu a rua num ritmo apressado. Nunca parecera fixe ou elegante, mas sabia que, naquela noite, parecia particularmente ridícula. As suas roupas ainda estavam a ser analisadas, por isso, quando a soltaram, deram-lhe roupa doada por uma instituição de beneficência. A sede da CPD não estava realmente preparada para receber jovens — o Centro de Detenção Juvenil ficava do outro lado da cidade —, pelo que Kassie tivera de vestir a roupa de adulto mais pequena que havia disponível. Ainda lhe ficava muito larga e sentia-se como um miúdo num baile de fantasia, enquanto tropeçava desajeitadamente pela rua movimentada.

Sentia-se dominada pela vergonha e pela infelicidade. Sabia que dera um contributo importante. A polícia tinha agora um suspeito — Joseph White, um nome que não teriam sem a sua intervenção. No entanto, estranhamente, Kassie não sentia nenhuma alegria,

nenhum alívio perante aquele desenvolvimento. Sentia-se simplesmente vazia e à deriva, como se lhe tivessem permitido cumprir o seu papel nesta história sem nunca poder ver como esta terminava.

Instintivamente, virou os pés em direção a casa. Que mais podia fazer? Mas não significava nada. A casa estava fria e vazia, e, a não ser que a mãe voltasse, a eletricidade e a água seriam cortadas em breve. Seria esse o plano de Natalia? Forçar Kassie a segui-la para norte? Que importava? Agora estava tudo decidido.

— Ei, vê lá por onde andas...

Kassie foi contra o transeunte irritado e afastou-se aos tropeções, pedindo desculpa. O homem continuou a insultá-la, mas ela não respondeu, afastando-se depressa, com o olhar fixo no chão. Agora só queria ir para casa, encontrar refúgio por umas horas. Durante anos, mantivera-se afastada, racionalizando que era o melhor para toda a gente, mas depois, estupidamente, tentara envolver-se com a vida, para provar fosse lá o que fosse. E os resultados tinham sido catastróficos. Agora não havia nada a fazer a não ser preparar-se.

Kassie revisitara a cena várias vezes na sua cabeça. O que fazer naquelas que seriam as suas horas finais? Por vezes, imaginava-se a rezar, a encontrar-se com Deus, ou com alguma coisa como Ele, no mínimo. Outras vezes imaginava que se defendia ferozmente, conseguindo arrancar uma vitória milagrosa das garras da derrota. Mudar o destino, fazer a diferença — já nada daquilo parecia possível. A melhor coisa que podia esperar era fazer as pazes com o mundo, fumar um pouco de erva e preparar-se para o fim.

Era, então, este o legado do seu dom. O preço do conhecimento que tinha.

Era esta a sua herança.

—Quero toda a gente a olhar para mim.

Gabrielle Grey estava em frente à casa de Joseph White, rodeada por vários inspetores, agentes da polícia e voluntários. Havia uns quantos transeuntes à espreita, mas não havia sinal de jornalistas, por isso, podia dar-se ao luxo de falar mais alto. Era imprescindível que agissem depressa e quem estava diante dela precisava de saber o que lhes era exigido.

— Segundo os outros inquilinos, o White deixou a casa há cerca de 20 minutos. O armário dele está vazio, o quarto, destrancado, pelo que devemos presumir que partiu de vez. Agora, a nossa prioridade é encontrá-lo o mais rapidamente possível. Vamos varrer este bairro, interrogar os moradores, procurar por provas de arrombamento, roubos de automóveis, etc. Não fazemos ideia de para onde ele vai, mas vamos cortar-lhe o caminho antes que lá chegue.

Ouviram-se murmúrios de concordância vindos dos rostos ali reunidos.

— Falei com a Autoridade de Transportes Públicos de Chicago, que vai vigiar as redes de transportes, mas é a nossa função deter este tipo. A inspetora Montgomery vai organizar-vos em grupos. Cada grupo cobre quatro quarteirões. Ao primeiro sinal de um avistamento, comuniquem. Queremos cercar o White antes de avançarmos. Agora, vamos!

Correram todos na direção da inspetora Montgomery, que lhes

entregou mapas marcados da área. Gabrielle afastou-se, olhando com apreço para a jovem inspetora, que organizava as equipas de busca com eficiência e profissionalismo. Aquele caso fora muito complexo, e até frustrante, mas a atividade febril junto à antiga residência de White dava-lhe uma esperança real de que o suplício estava prestes a terminar.

Estavam a olhar para ele. Tinha a certeza disso.

Um homem e uma mulher, com pouco mais de 20 anos, estavam sentados juntos na esplanada de um café, a olhar para ele de forma flagrante. Esperou que, num qualquer instante, apontassem para ele, que pegassem nos telemóveis e dessem o alerta. Puxou a pala do boné ainda mais para baixo e continuou a andar, e, para sua surpresa, o casal virava-se agora um para o outro e trocava algumas palavras, rindo-se enquanto o faziam. Depressa ficaram concentrados na conversa, com olhos apenas um para o outro.

A resmungar, White continuou a andar. Estava a ficar tão nervoso, tão paranoico, que arriscava denunciar-se. Era importante que se mantivesse calmo, controlado... embora fosse difícil fazê-lo quando se era o alvo de uma caça ao homem pela cidade inteira. Mesmo assim, as autoridades ainda não o tinham apanhado e, se tivesse cuidado, ainda podia enganá-los.

Se o fizesse, não seria graças a *ela*. Ela era a razão por que tinham ido bater à sua porta. Assombrara-lhe a vida nos últimos dias, interrompendo-o antes que conseguisse fazer o que queria com Varga — tivera de lhe cortar a garganta e fugir —, quase o apanhando quando tentou escapar. Se não fosse pela perseguição bizarra e insistente dela, que culminara com ela a arrancar-lhe um pedaço de pele da perna, a polícia nunca o teria identificado. Tivera razão em se preocupar com ela — parecia destinada a ser a sua ruína.

Era irónico que aquela rapariga magricela tivesse provado ser mais apta do que os profissionais em apanhar-lhe o rasto. A polícia conseguira montar uma imagem aproximada dele após a morte de Baines — obra dela novamente, sem dúvida —, mas parecia à nora no que dizia respeito a estabelecer a ligação com alguém já detido várias vezes por assaltos com arrombamento. O problema da polícia era esse — não tinham imaginação nenhuma. Já escapara, por duas vezes, a indiciações de invasão de domicílio e furto por não haver provas de arrombamento e por nada ter sido levado — como muitos outros, a polícia descartara-o como um tonto baralhado, um idiota chapado que tropeçara na casa errada. A realidade, claro está, era que ele estivera lá para ver a reação dos donos quando se vissem frente a frente com um intruso na sua sala de estar e, bem, valera a pena — a segunda mulher parecia que ia deitar a casa abaixo com os gritos. A polícia deve ter percebido que estava a mentir, mas nunca lhes ocorreu perguntar o *porquê* de alguém querer fazer aquilo. Era, principalmente, graças à incompetência deles que permanecia um homem livre.

Chegou ao cruzamento e esperou que o sinal ficasse verde para os peões. Ao olhar em volta, viu que o ecrã enorme que passava anúncios para os automobilistas mostrava agora o rosto dele juntamente com o rodapé: «Suspeito de quádruplo homicídio em fuga.» Sentiu um arrepio de excitação ao ver-se descrito daquela forma, mas a sensação foi rapidamente substituída pelo desconforto quando voltou a baixar o olhar. Pelo canto do olho, conseguia ver uma mulher idosa à espera, perto dele, a avaliá-lo friamente, antes de parecer olhar para o ecrã enorme.

Sem esperar pelo sinal verde, desceu para a estrada, deixando um carro passar, antes de se afastar a correr. Esperava que a mulher fosse apenas curiosa, ou uma fã dos Cubs, ou talvez apenas senil, mas enquanto fugia ficou convencido de que a ouviu iniciar uma conversa com o executivo que estava junto a ela. Estariam a falar dele? Debatendo se deveriam ou não chamar a polícia? Ou estaria ela apenas a conversar com o homem?

Não sabia, e isso enfurecia-o. Não fazia ideia de quão perto estaria da captura, se iria acabar intercetado. Embora tentasse manter-se relaxado e focado, fervia de ansiedade e via o perigo em cada rosto

por que passava.

Agora a presa era ele.

As marcas de lágrimas no rosto dela mostravam que estivera a chorar. Adam sentia-se dividido — culpado por lhe causar aquela angústia, mas furioso com Christine pela fraqueza dela.

— Só quero compreender o que se passa. Tens andado a comportar-te de forma tão estranha...

Estavam de pé na salinha imaculada dela. Christine recolhera a casa após o confronto desagradável que tiveram em casa dele. Ela já estava a sofrer como uma doida, de qualquer forma, mas ficara bastante abalada com a recusa irada de Adam em interagir com ela. Os olhos vermelhos e inchados dela revelavam a extensão da sua aflição.

— Ora estás a bater com a porta na minha cara, a dizer que me meta na minha vida, ora apareces à minha porta, bêbedo, a pedir para entrar.

— Eu sei e peço desculpa — respondeu logo Adam, ignorando o rubor de vergonha pela embriaguez e pelo seu comportamento torpe e insensível. — Foi só porque as coisas não aconteceram como eu esperava com a comissão esta manhã...

Vislumbrou um lampejo de algo nos olhos devastados de Christine — como se ela tivesse percebido desde o início qual seria o resultado.

— Por isso, bebi uns quantos copos, mais do que uns quantos, na verdade... Foi estúpido da minha parte e nunca devia ter descarregado a minha desilusão em si...

Conseguia sentir o travo estagnado do uísque na boca. Bebera quase uma garrafa inteira naquela tarde, mas ainda queria mais.

— E foi por isso que quis vir aqui para pedir desculpa. Estou profundamente arrependido...

O rosto dela suavizou-se de imediato, exacerbando ainda mais a culpa de Adam por lhe estar a mentir. Pensou que ela ia começar a chorar outra vez, mas, para grande alívio dele, a sogra conseguiu manter a compostura.

— Desculpas aceites, Adam. Eu sei que as coisas estão difíceis, mas temos de nos manter juntos...

Adam assentiu com a cabeça, pois a vergonha roubara-lhe a capacidade de responder.

— E que tal se eu preparasse um cafezinho para nós? Tenho a certeza de que ambos precisamos de uma chávena.

Dirigiu-se para a cozinha mesmo antes de acabar a frase. Adam observou-a a desaparecer pela porta basculante e correu para o corredor. Parou por um instante para ver se os movimentos dele tinha sido detetados, mas Christine estava ocupada a encher a cafeteira, por isso apressou-se a descer o corredor até ao quarto.

Estava imaculado, como todas as divisões da casa. Adam atravessou o quarto e subiu para a cama bem feita. O facto de ter subido de repente fê-lo sentir-se tonto, e, por um instante, oscilou, instável, para a frente e para trás. Mas, então, assentou a mão na parede para se apoiar e conseguiu recuperar o equilíbrio, voltando a concentrar-se na tarefa que tinha em mãos. Primeiro, retirou o retrato pendurado sobre a cabeceira da cama. Pousou-o com cuidado ao lado dele na cama e virou a sua atenção para a parede, onde estava um pequeno cofre embutido a fitá-lo. Voltou a olhar por cima do ombro para ver se vinha alguém e começou a rodar o botão do cofre. Ajudara Christine a instalá-lo, sabia que o código era sempre a data de aniversário dela, por isso o botão fez um clique anunciando a sua posição e o cofre abriu-se logo. Havia vários documentos e lembranças no fundo, mas, em cima de tudo isso, estava uma *Beretta M9*.

Faith nunca gostara de armas, mas acabara por aprovar que a mãe arranjasse uma, pois vivia sozinha numa cidade cada vez mais violenta. Christine nunca a usara, claro — mas fazia com que dormisse mais descansada, e era esse o objetivo. Avidamente, Adam agarrou-a,

enfiando-a no casaco.

Fechou o cofre e voltou a pendurar o quadro na parede. Era um retrato de Faith mais nova, pintado por um amigo da família, e vê-lo fê-lo parar. Ela parecia tão jovem, tão inocente, tão feliz. Os olhos dela procuraram os dele, tentando estabelecer uma ligação, mas ele não conseguia fazê-lo, não naquele momento. Em vez disso, beijou os dedos dele e colocou-os sobre os lábios dela, antes de descer da cama e sair do quarto a correr.

De volta ao corredor, Adam conseguia ouvir Christine a cantarolar para si mesma na cozinha e o tilintar da louça. Não havia tempo a perder, por isso, abriu a porta da frente com cuidado e desapareceu na noite, com o aço duro da arma encostado ao peito.

A casa estava fria e vazia. Kassie ligara o aquecimento, mas o sistema era velho, gerando ruídos enquanto ganhava vida lentamente, e, ainda assim, sentia-se gelada até ao âmagô. Normalmente, não sentia o frio. Estaria a ficar doente? Ou seria apenas a solidão fazê-la tremer?

Não havia dúvida — havia algo de errado com a casa. Aquele era o domínio da mãe, sempre o fora, a sua presença constante que era, ao mesmo tempo, irritante e estranhamente tranquilizadora. Kassie apercebia-se agora de que raramente estivera na casa sem a mãe — era sempre ela a sair, a procurar uma distração, a meter-se em sarilhos. Sempre que estava lá, a mãe também estava, inevitavelmente em volta dela, a espiá-la. Mesmo quando a deixava em paz, nunca estava quieta — sempre a limpar o pó à mobília, a limpar as cortinas, a confeccionar uma iguaria polaca qualquer na cozinha.

Kassie abriu o frigorífico, vazio — um pacote de leite e um tomate bolorento. Fechou-o e virou-se para apreciar a cozinha impecável. Era aquela divisão que lhe parecia mais estranha — qualquer calor que houvera naquela casa sempre se encontrara ali. A mãe era sempre feliz ao cozinhar, com as panelas a ferver, o forno a aquecer, os aromas do velho continente a encher a divisão. Quando era mais nova, Kassie recebia muitas vezes petiscos e guloseimas, que devorava à mesa da cozinha, maravilhada com a eficiência e o conhecimento da mãe. Essas eram algumas das suas memórias mais felizes, numa infância

que fora muitas vezes difícil e penosa.

Kassie sentiu um buraco no estômago. Tinha saudades da mãe. Não havia como disfarçar: apesar de tudo, sentia falta da sua presença. Agora, a casa parecia tão sem vida, um altar à solidão, ao vazio.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos e, sentando-se à mesa, tirou o telemóvel do bolso. Começou a premir os números, com os dedos a voar sobre o ecrã, até ter inserido todos os dígitos. O polegar moveu-se para o botão de chamada, mas agora hesitava. Era uma coisa de nada, mas também tão importante.

O que lhe diria? O que *poderia* dizer para resumir os 15 anos difíceis que passaram juntas? Deveria agradecer-lhe? Criticá-la por a ter abandonado? Dizer-lhe que, apesar de tudo, a amava? Todas aquelas coisas eram verdadeiras, mas nenhuma delas servia. Sabia que tinha de fazer — de dizer — alguma coisa, mas qual era a forma certa para dizer adeus?

No fim de contas, para que fora tudo aquilo?

— Sim, vi-o. Era um tipo grande, com um boné dos Cubs...

A idosa disse-o de forma decisiva, um pouco triunfante, até, como se estivesse prestes a ganhar um prémio. Gabrielle não achava que fosse apropriado, mas não ia censurá-la. As equipas andavam a bater de porta em porta há 30 minutos sem sucesso. O testemunho daquela cidadã sénior, encolhida debaixo do guarda-chuva junto ao cruzamento, era a primeira pista de jeito que tinham.

— E em que direção foi ele, minha senhora? — perguntou Gabrielle, ainda um pouco sem fôlego.

— Por ali — respondeu ela, a apontar. — Em direção a sul.

— Posso pedir-lhe que olhe de novo para a fotografia? Tem a certeza de que era ele?

— Absoluta — respondeu ela com um tom reprovador. — Não estou senil, minha querida. Bem, pelo menos ainda não...

— Não foi isso que quis dizer, minha senhora.

— Ele parecia nervoso, agitado. Atravessou a rua com o sinal vermelho, teve de se desviar dos carros.

— E consegue descrever o que ele levava vestido?

A mulher — que se identificara como Esme Perkins — pensou por uns instantes.

— Sapatilhas brancas, creio. Calças de ganga azuis, de certeza... com um casaco caqui e um boné dos Cubs.

— Levava alguma coisa na mão?

— Um saco de lona, talvez... não tenho a certeza...

— E estava com alguém?

— Não, estava sozinho e parecia estar com pressa para chegar a qualquer lado. Eu não atravessava a rua neste cruzamento com o sinal vermelho nem que a minha vida dependesse disso.

Gabrielle assentiu com a cabeça para um agente continuar a receber o depoimento dela, agradeceu a Esme e sacou do rádio. Pegou no distintivo e segurou-o bem alto para todos verem e atravessou a rua, com o rádio colado à boca.

— O suspeito foi avistado nos últimos 10 minutos, dirigindo-se para sul na South Damen Avenue. Repito, suspeito em direção a sul na South Damen.

Com aquilo, baixou o rádio e começou a correr. Estavam perto, conseguia senti-lo. E estava determinada a estar presente quando o apanhassem.

Kassie avançou pelo corredor sujo, com as lágrimas a escorrer pelo rosto. Conseguira reunir a coragem para ligar à mãe, premira o botão, preparando-se para uma receção gelada. Mas a chamada fora diretamente para o atendedor de chamadas e Kassie hesitara, depois entrara em pânico, antes de desligar o telefone sem dizer uma palavra.

Aquela hesitação provara ser fatal e Kassie atirara o telemóvel para cima da mesa com um desgosto profundo, sabendo muito bem que não teria coragem para tentar de novo. Queria desesperadamente reconciliar-se com a mãe, mas o destino estava contra ela. A mãe cortara o cordão umbilical e talvez fosse assim que fosse suposto terminar. Abandonando o plano de fazer as suas últimas despedidas, Kassie correu para a divisão das traseiras da casa. Havia lá um pequeno esconderijo de erva, numa velha lata de limpa pratas, que chamava por ela agora.

Não havia como negar — estava com medo. Com medo e perturbada. Dentro de poucas horas, Adam iria terminar a curta vida dela e não havia ninguém ali para a confortar. Tinha de saber que aquele momento estava a chegar, mas, agora que chegara, Kassie queria fugir dele, esconder-se do seu destino. Não havia maneira de conseguir fazer aquilo — dirigia-se inevitavelmente para aquele fim súbito e brutal desde o dia em que nascera —, mas ansiava por ele. Já conseguia ver Adam, ver-lhe o rosto angustiado, o dedo a premir o gatilho...

Debruçou-se e abriu a porta do armário debaixo do lavatório, procurando freneticamente pela pequena lata. Se não conseguisse estar em paz, ao menos estaria dormente. Sem a mãe ali, estava livre para fumar onde quisesse, onde escolhesse fazê-lo, e pegou na lata com vontade. No entanto, há coisas que ficam demasiado entranhadas, e Kassie via-se agora a dirigir os passos para a porta das traseiras. Sempre fora estritamente proibido fumar dentro de casa, até para o pai dela, que fumava 40 cigarros por dia, e Kassie não foi capaz de poluir as cortinas estimadas da mãe. Sempre que as coisas se complicavam lá em casa, Kassie esgueirava-se para o jardim das traseiras, escondendo as beatas num vaso partido.

O jardim era um pedaço de terra pequeno e desconexo, tendo sido negligenciado após a morte do pai. Kassie tinha alguns fragmentos de memórias de um pedaço de relva, de rolar sobre ele quando era criança, mas agora era um quadrado de terra, cheio da tralha que já não cabia dentro de casa. Mesmo assim, Kassie queria ficar ali fora naquele momento, preparando-se para a ansiedade que já começava a crescer de forma constante dentro de si.

Mas, ao aproximar-se da porta das traseiras, abrandou de repente. Parecia fechada, mas, na realidade, estava ligeiramente entreaberta. Kassie estancou, lançando um olhar rápido para trás dela, e depois arriscando ir em frente. Fixou o olhar na fechadura, que via agora ter sido forçada. Parou, abriu a porta devagar, examinou o jardim febrilmente à procura de sinais de um intruso, mas não conseguiu ver nada a não ser escuridão e sombras.

Ouviu algo a ranger.

Kassie virou-se. A divisão estava vazia, mas os ouvidos dela não a tinham enganado. Estava alguém dentro de casa com ela. Podia ser um ladrão, claro, ou um drogado à procura de dinheiro fácil, mas Kassie afastou essas hipóteses de imediato. A forma furtiva como entrara na casa, a sua capacidade de se misturar na sua estrutura, indicava de forma bastante clara quem seria o intruso. Subitamente, Kassie foi assolada por uma onda de terror. Não era assim que era suposto ser. Não era assim que era suposto acabar...

Deu um passo em frente, mas as velhas tábuas do soalho rangeram, anunciando a progressão dela. A transpirar, Kassie considerou as suas opções. Podia esgueirar-se até às traseiras, fugir,

mas isso não a cativava. A cerca de metal alta que envolvia o jardim das traseiras estava fechada a cadeado — a chave estava pendurada num gancho na cozinha —, e para lá do jardim ficava uma enorme expansão de baldio com arbustos. Não, tinha de sair pela porta da frente, para a rua, onde havia hipótese de alguém os ver e dar o alarme.

Kassie podia optar por ser furtiva ou veloz. A primeira opção transbordava de perigos e ela não sabia se os nervos iriam aguentar, por isso optou pela segunda, arrancando para a frente e correndo pelo corredor o mais depressa que conseguia.

Se ele não estivesse à espera daquilo, se o apanhasse de surpresa, então tinha hipóteses de chegar à porta da frente. Avançou pelo corredor, sem se importar com o barulho que gerava. Passou pela porta do quarto da mãe, depois do seu, sem parar. Estava quase a chegar ao fim do corredor, conseguia ver a sala de estar. Acelerou, correndo mais, e mais, e mais...

Então, subitamente, cambaleou para o lado. Algo tinha ido contra ela com força — irrompendo do armário — e Kassie bateu contra a esquina da parede do corredor. No ressaltado, caiu para dentro da sala, batendo com a cabeça no chão com força. Tentou pôr-se de pé, mas tinha agora um peso enorme sobre ela. Foi empurrada até ficar com as mãos e joelhos no chão, e, quando tentou levantar-se de novo, sentiu um braço em volta da garganta. Agora estava a apertar, sufocando-a, cortando-lhe o oxigénio.

Já começava a sentir-se a desmaiar, a perder a concentração, por isso, em desespero, virou-se, arremessando o cotovelo para trás na direção da virilha do seu atacante. Atingiu o alvo e o atacante emitiu um grunhido profundo e grave. Por momentos, soltou-a e Kassie empurrou-o. Levantou-se aos tropeções, correu para a porta da frente, a gritar o mais que podia.

Chegou à porta em segundos e puxou o trinco para o lado. Dando graças à sua sorte por não a ter trancado duplamente, abriu a porta. A brisa fresca acariciou-lhe o rosto, mas, quando estava a sair, sentiu uma pancada fortíssima nos rins. Os gritos dela abafaram de imediato, à medida que ficou sem ar e sentiu uma dor imensa no tronco. Sentiu o vômito a subir pela traqueia e começou a ficar terrivelmente zozza. Queria continuar a avançar, mas era impossível e sentia-se agora a ser

puxada de volta para dentro de casa. A porta fechou-se com estrondo e ela sentiu as pernas a serem puxadas para trás. Não teve tempo de se preparar e bateu no chão como se fosse um saco de batatas.

Desorientada, sem fôlego, tentou reagir, mas era inútil. O homem com a máscara de esqui dobrou-se e, pegando num punhado de cabelos arruivados, arrastou-a na direção das traseiras da casa.

Lutou com ele com todas as forças que tinha, esperneando e gritando enquanto a arrastava pelo corredor. Agitou os braços, desesperada, batendo nas paredes, à procura de algo onde se agarrar. Estava, agora, quase no fim do corredor, mas, de repente, os dedos dela encontraram o cano do aquecedor e agarraram-no, travando o progresso deles. Imediatamente, sentiu a força de uma bota pesada nos dedos. Gritando de dor, largou o cano e foi arrastada, sem cerimónias, para o quarto dos fundos.

Aterrou num monte, mas quando se tentou levantar levou com um punho no estômago. Sem ar, dobrou-se para a frente e depois sentiu a mão gorda dele na parte de trás do pescoço. Ouviu uma cadeira a ser arrastada pelo chão e, momentos depois, foi depositada nela, batendo com força com o traseiro no assento. Ficou aturdida com mais uma forte bofetada — agora ficara a ver estrelas — e os braços dela foram puxados para trás. Kassie não conseguiu oferecer muita resistência e depressa se viu atada à cadeira. Com os seus últimos vestígios de energia, tentou gritar, mas ele enfiou-lhe um pano na boca com força. Engasgou-se, mas não vomitou, com o tecido sujo a picar-lhe a laringe.

O atacante parou para recuperar o fôlego, com o peito a subir e a descer, claramente exausto com tanto esforço. Levou algum tempo para se recompor e saiu da divisão a correr. Kassie ouviu-lhe os movimentos quando ele voltou ao armário. Momentos depois,

regressou à sala com um saco de lona coçado na mão.

Ignorando-a, pousou o saco e abriu o fecho de correr. Retirou um cutelo enorme. Virou-se e caminhou até Kassie, com a arma bem segura na mão. Depois do nervosismo e da energia cheia de adrenalina, parou, voltando a recuperar o fôlego, olhando para a rapariga indefesa diante dele. Kassie pensou que ele ia dizer qualquer coisa para a provocar, mas, em vez disso, avançou diretamente para ela, agarrando-lhe a manga da camisola. Levantando a lâmina, cortou a manga pela costura, até o tecido se abrir, revelando o braço nu dela. Kassie começou a debater-se, a abanar para a frente e para trás na cadeira, mas White ignorou-a, abrindo-lhe a outra manga de maneira igual. Agora estava a encostar a ponta da lâmina entre os botões da frente da camisola dela, em provocação, antes de a rasgar para cima de repente. Os botões voaram em todas as direções e, então, a camisa arruinada abriu-se, revelando o sutiã e a pele nua do tronco de Kassie.

Com a respiração pesada, White observou a sua vítima.

— Pronta para brincar?

Kassie não disse nada, olhando-o com um ar desafiador. Para sua surpresa, o seu captor tirou a máscara, revelando o rosto suado e vermelho. Com um lampejo de triunfo no olhar, mirou-a fixamente, com um sorrisinho nos lábios. Ela já vira aquele rosto, claro, mas agora, de perto, parecia ainda mais repelente. A pele pálida e flácida onde costumava estar a pera, o olhar mortiço e frio, as pequenas dobras de gordura na testa e no queixo. Parecia um porco a babar-se, ansioso por uma bela refeição. Ele baixou-se até ao nível dela, olhou-a nos olhos e sussurrou:

— Aos três. Um...

Cortou-a na barriga com a lâmina. De imediato, Kassie foi assolada por uma sensação horrível de ardor. Olhou para baixo, esperando ver as tripas a sair... mas era apenas uma ferida superficial feia. Então era isto? O início de uma profanação prolongada e abominável?

Sentindo-lhe a ansiedade, o atacante fixou o olhar no dela.

— Vou fazer-te implorar, rapariguinha. Vou fazer-te *implorar* por misericórdia...

Os olhos dele brilharam com aquela possibilidade, as veias do pescoço salientes.

— Vou fazer com que desejes nunca ter nascido.

— Falem comigo. Onde está ele?

Gabrielle tentou manter um tom de voz calmo, mas a ansiedade dela era palpável. Dezenas de agentes tinham ocorrido a McKinley Park, vasculhando e fazendo buscas pelos quarteirões. White podia ainda estar nas ruas, mas também podia ter-se escondido, encontrado uma casa abandonada ou uma propriedade comercial vazia para passar despercebido. Por isso, tinham de verificar todas as portas e vielas. Mas já passara um quarto de hora desde o avistamento de Esme e, a cada minuto que passava, as hipóteses de White os ludibriar aumentavam.

— Aqui não há nada, chefe. Vamos continuar.

A voz do inspetor Suarez silenciou-se no canal do rádio. Estava a norte de McKinley Park, com a maior parte dos agentes. Se ele se ia esconder em qualquer lado, raciocinou Gabrielle, seria por ali. Podia tentar esconder-se na sombra da Estrada Interestadual 55, desaparecer no Lower West Side ou, até, se estivesse realmente desesperado, mergulhar no rio. Mas ninguém o vira.

— E aí, Robins?

Houve um momento de silêncio. O inspetor Robins e o grupo dele estavam a oeste, cortando o caminho para Bronzeville e, depois disso, para Burnham Park.

— Nada ainda, chefe — disse Robins.

— Merda — resmungou Gabrielle, apercebendo-se demasiado

tarde de que ainda estava a transmitir.

Comunicou por rádio com Albright, que estava para oeste em Brighton Park, mas o resultado foi idêntico. Isso só deixava uma possibilidade — que White se dirigira para sul. Aquela rota levá-lo-ia para Back of the Yards e para South Side. Mas não teria ido para lá, seguramente. Ir nessa direção àquela hora da noite seria perigoso, possivelmente suicida. Mesmo que White estivesse armado, as probabilidades estariam contra ele — tornar-se-ia no brinquedo dos gangues mal entrasse no território deles. Até as patrulhas da CPD só se aventuravam por aquelas partes quando era estritamente necessário. Não, era uma loucura pensar que tivesse ido naquela direção, por muito desesperado que estivesse. E, no entanto... a não ser que tivesse sido extraordinariamente sortudo, ou a polícia extraordinariamente negligente, devia ter ido para sul. Mas porquê? Por que raio iria ele querer atravessar Back of the Yards até South Side, pondo-se em perigo e...

E, agora, Gabrielle concentrou-se numa ideia. Uma ideia insidiosa e insistente que lhe deu um abanão.

Subitamente, Gabrielle soube exatamente para onde ele fora.

Adam marchou pela rua fora, olhando em frente. A zona de Back of the Yards era-lhe pouco familiar, mas a casa de Kassie ficava na sombra da Union Stock Yard e toda a gente sabia onde isso era. Pairava sobre aquela parte de Chicago como um fantasma nas sombras, um monumento esmaecido à velha Chicago quando a vida era boa e havia trabalho.

Enquanto caminhava, levou a mão ao casaco, enfiando a mão para agarrar a coronha da *Beretta*. Sentia-a sólida e poderosa na mão, fazendo com que Adam sentisse um impulso de adrenalina que lhe dava energia para avançar. Mesmo que tivesse querido impedir-se, não tinha a certeza de ser capaz de o fazer. Aquele trajeto — talvez o último que faria — parecia agora ter um ímpeto muito próprio.

«Primeiro, não causar dano.» Como esse juramento fora facilmente esquecido! Adam nunca magoara ninguém na vida — nem sequer quisera fazê-lo —, mas agora parecia lógico, inevitável até. Alguém tinha de pagar por toda aquela infelicidade, por todo aquele sofrimento. E esse alguém tinha de ser Kassie. Seria surdo às súplicas dela, à sua própria consciência — tudo o que queria fazer agora era obliterar a doença que lhe destruía a vida.

Tirou a arma do casaco, soltando a patilha de segurança antes de a baixar para o lado, sem se preocupar com a sua deteção. Estava a apenas alguns minutos da casa de Kassie e algo lhe dizia que nada o iria impedir.

Kassie estivera certa aquele tempo todo. Adam riu-se amargamente com aquele pensamento, mas era verdade. Kassie previra como aquilo iria acabar, previra *tudo*. Apesar de todas as suas dúvidas, todas as suas teorias alternativas, dissera sempre a verdade. Kassie, em casa naquele momento, à espera dele, à espera do fim prometido. Adam conseguia ver-se a levantar a arma, a puxar o gatilho. Era como se uma força superior o estivesse a guiar, impelindo-o para o ato final. Talvez fosse por isso que a passada dele era tão confiante, os seus nervos tão fortes. Kassie previra que ele a ia matar.

E era precisamente isso que pretendia fazer.

Kassie gritou de dor, com a mordaca a abafar-lhe a agonia, mas ele não abrandava. Agora ela estava à sua mercê e estava determinado a divertir-se. White levantou o cutelo manchado de sangue e arrastou-o sobre o ombro exposto dela, uma vez, duas vezes, num padrão de cruz limpo.

O corpo dela reagiu, estremecendo violentamente, enquanto soltava um gemido baixinho. White parou para recuperar o fôlego, observou a vítima, flexível e cheia de sangue na cadeira à sua frente. O tronco, os ombros e os braços estavam cobertos de cortes profundos e, no entanto, para crédito dela, nunca tombara a cabeça, nem clamara por misericórdia. Era inegável que esta tinha nervos de aço, o que, ao mesmo tempo, o excitava e perturbava.

Olhando para baixo, agarrou no tecido das calças dela, puxando-as para cima para obter um pouco de ar acima da carne, e rasgou-as com a lâmina. O tecido rasgou-se com facilidade e a coxa esquerda dela estava agora exposta. Passou a lâmina sobre a pele clara e sardenta, depois colocou a ponta da lâmina no cimo da coxa e deu uma pancada no punho do cutelo. A lâmina larga entrou cinco centímetros na carne dela e, depois, usando toda a sua força, começou a arrastar o cutelo na direção dele, abrindo-lhe a coxa de cima a baixo. Ouviu-se um arquejo abafado, seguido de um grito prolongado e lamentoso, e, depois, o corpo da rapariga pareceu contrair-se em espasmos de dor. White limpou o suor da testa, deu um passo atrás,

desejoso de ver a sua obra e de se deleitar com a angústia dela.

A rapariga tinha os olhos bem fechados, tentando desesperadamente engolir a dor, mas agora, para surpresa dele, voltara a abrir os olhos. Em vez de lhe implorar que parasse, recompôs-se e olhou calmamente para ele, enquanto ignorava as ondas de agonia que ainda lhe atravessavam o corpo.

Marchando em frente, apontou-lhe a lâmina ao rosto, manchando-lhe as faces com o próprio sangue. Ela pestanejou, com repulsa, mas com um ar desafiador. Sem aviso, ele puxou-lhe a mordaca da boca. A rapariga engasgou-se, abrindo e fechando a boca como um peixe, enquanto respirava desesperadamente o oxigénio fresco. Mas ele não lhe deu tréguas, encostando-lhe o cutelo peganhento à garganta, pousando o aço na artéria carótida dela.

— Ia levar o meu tempo, mas talvez deva acabar com isto agora. Que me dizes?

As pálpebras dela estremeceram, quando ele empurrou a lâmina na carne dela.

— Um golpe e já está. Vais esvair-te em sangue à minha frente, como um porco degolado...

Passou o dedo na garganta dele.

— O que achas? Faço-o agora? Faço? — continuou, levantando a voz de forma contínua. — Ou queres viver?

Deixou as palavras dele pairar.

— Estou preparado para te deixar viver mais um bocadinho. Mas vais ter de implorar. Consegues implorar, Kassie?

Ali estava. O momento que ele desejava. Apesar do trauma do seu tormento, todas as vítimas dele imploraram no final — desesperadas por viver, independentemente de quão deformadas ou ensanguentadas estivessem. Era nessa altura que ele lhes fazia saber que não havia esperança, que *iam* morrer. Era a sensação mais deliciosa, a que o deixara rapidamente viciado.

Para sua surpresa, a rapariga continuava a olhar fixamente para ele.

— Que se passa, querida? O gato comeu-te a língua?

Ainda assim, ela não respondeu, as pestanas praticamente imóveis quando levantou o olhar para encontrar o dele.

— Muito bem, como queiras — disse, furioso, fingindo cortar-lhe

a garganta.

Ela não se mexeu. Não reagiu de forma alguma. E agora ele reparava que a rapariga parecia estar a olhar para além dele, quase *dentro dele*, quando o olhava nos olhos. Até ao fazê-lo, parecia exibir um leve sorriso nos lábios.

Confuso, furioso, White rugiu o seu desprazer, brandindo o cutelo acima dele. Ainda assim, ela recusava-se a ficar assustada. E, agora, pela primeira vez desde que iniciara a sua campanha de violência, Joseph White via-se subitamente sem saber o que fazer. Era óbvio que aquela rapariga sentia dor — estava nauseada com a visão do seu próprio corpo e enojada dele —, mas havia uma emoção que parecia incapaz de ter. A única emoção que ele desejava mais do que todas.

Medo.

Gabrielle abriu a porta do carro e saltou lá para dentro. Deixara-o estacionado numa rua lateral em Bronzeville, a alguma distância da sua zona de busca, e correrá para lá, amaldiçoando a sua estupidez a cada passo que dava. Comunicara com a central por rádio e havia agora carros-patrolha a correr para a casa de Kassie, mas aproximavam-se de norte e de oeste, lutando contra o trânsito. Se ela fosse rápida, havia uma hipótese de chegar lá primeiro e, agora, cada segundo contava.

Bateu com a porta do lado do condutor no preciso momento em que Montgomery se sentou no lugar do passageiro. Sem uma palavra, a jovem inspetora ativou as sirenes e colocou o pirilampo no tejadilho quando Gabrielle ligou a ignição. O carro arrancou para a frente, a condutora e a passageira prenderam os cintos com destreza, e voaram noite dentro.

— Ele está a ir para a casa da Wojcek — disse Gabrielle.

Montgomery não precisou de responder, pareceu perceber a linha de pensamento de Gabrielle de imediato. Não havia razão para White atravessar Back of the Yards a não ser que tivesse uma visita para fazer. E Kassie era obviamente o alvo. Embora as envergonhasse admiti-lo, ninguém fizera mais para travar o reino de terror de White do que a adolescente de 15 anos. Talvez White quisesse vingar-se dela, cometer uma última orgia de violência antes de deixar Chicago de vez.

— Estás pronta? — continuou Gabrielle, olhando de relance para

a inspetora mais jovem.

Ela assentiu com a cabeça, tirando a arma de fogo do coldre e pousando o dedo na patilha de segurança.

— É óbvio que preferia apanhar o White vivo, mas, se houver perigo para nós, ou para a rapariga, abatemo-lo.

— Claro — respondeu Montgomery, agarrando a arma dela um pouco mais.

— Isto tem de acabar esta noite. Podemos não ter outra oportunidade.

Voltaram a cair no silêncio, ambas refletindo sobre o que as esperava. À sua frente, Gabrielle podia ver obras na estrada e uma longa fila de trânsito a serpentear na direção delas. Avaliando as opções, ordenou a Montgomery que aumentasse o volume da sirene, depois galgou a berma e conduziu pelo passeio. Enquanto avançava, ia gesticulando freneticamente para os peões para que se afastassem, ao que eles obedeciam, escondendo-se nas portas e saltando para as sarjetas. Momentos depois, passaram as obras e, guinando o volante para a esquerda, Gabrielle conduziu o carro de volta para o asfalto.

A estrada estava agora livre e Gabrielle não hesitou, carregando no acelerador. O carro saltou para a frente com um chiar de pneus e acelerou rua fora. Gabrielle agarrou o volante com um pouco mais de força, a transpirar, à medida que a adrenalina começava a fluir. Pronto, era para aquilo que os últimos dias os tinham levado, inevitavelmente.

Era o jogo final.

— Implora!

Estava a rugir para ela, acertando-lhe com gotículas de saliva no rosto.

— Implora, puta de merda!

Estavam tão próximos que os narizes praticamente se tocavam. Ainda assim, a rapariga não respondia, não reagia, apesar da torrente furiosa de insultos que ele lhe lançava. Enraivecido, deu um passo atrás e cortou-a repetidamente na coxa, passando a lâmina para trás e para a frente, até a carne tensa dela se transformar numa confusão sangrenta. Kassie parecia uma abominação — ombros lacerados, braços cortados quase até ao osso, sangue espalhado pelo rosto assolado — e, no entanto, recusava-se a ceder. Recusava dar-se por vencida.

White encostou a ponta da lâmina na bochecha dela.

— Corto-te os olhos, a não ser que me dêes o que eu quero.

Houve um momento de confusão na expressão dela, mas, quando levantou os olhos para os dele outra vez, pareceu tomada por uma calma. Parecia relaxada, com um meio-sorriso ainda a parecer surgir no canto da boca.

— Não sorrias. Não te *atrevas* a sorrir.

Mas as ameaças dele pareciam ocas agora. Ela não tinha medo da lâmina dele. Não tinha medo *dele*. Ele praguejou com violência, virou-se e afastou-se. Não conseguia suportar a forma como ela olhava para

ele, como se *ela* tivesse o controlo da situação.

Marchou pelo corredor até à porta da frente da casa, resmungando furiosamente para consigo mesmo. Nada estava a correr como planeado, mas... se mantivesse a calma, então ficaria tudo bem. Começaria pelos membros. Primeiro cortava-lhe os braços, depois as pernas. Depois ela ia lamber-lhe as botas para ter uma hipótese de uma morte misericordiosa. Mas não havia hipótese de isso acontecer — esta tinha de *sofrer*.

Impulsionado por aquele pensamento, Joseph White entrou confiante na sala de estar. Para encontrar um homem com uma arma mesmo à frente dele.

Adam Brandt não sabia o que esperar, mas não era *aquilo*.

Aproximando-se da casa de Kassie com cuidado, enfiara a chave na fechadura e entrara. Na escuridão, levava-lhe um instante a aperceber-se do que o rodeava. A sala de estar estava vazia, mas ouvia ruídos vindos da parte de trás da casa. Uma voz, mas seria a de Kassie? Parecia demasiado profunda, mas quem mais poderia ser? Surpreendido, irritado, encostara o dedo ao gatilho da arma. Momentos depois, ouvira movimento no corredor e, então, sem aviso, Joseph White entrara na sala.

Adam reconheceu-o imediatamente — o rosto dele estava-lhe gravado na memória desde aquela noite no lago Calumet. Mas o que raio fazia ele ali? White parecia tão confuso quanto ele e, por um breve instante, nenhum dos homens se mexeu. Depois, sem aviso, Adam ergueu a arma e disparou. Mas White já tinha fugido, correndo para o corredor quando a bala chocou com a parede.

Adam correu atrás dele. O homem que fora o arquiteto de tanta miséria, de tanta carnificina, estava mesmo ali. Avançou lentamente até à entrada do corredor e espreitou. Estava às escuras, mas parecia vazio. Adam pensou em acender a luz, mas entendeu que isso o tornaria um alvo fácil e continuou pela escuridão. Tinha a arma levantada e pronta para disparar novamente se fosse necessário, embora pudesse ver que a mão lhe tremia ligeiramente.

As tábuas do soalho rangeram de forma agoirenta sob os seus pés,

deixando-lhe os nervos em franja. Presumiu que o homem estivesse na divisão das traseiras, mas havia portas de lado pelo caminho — um território fértil para uma emboscada. Havia, agora, um silêncio de morte pela casa, sem sinais do fugitivo. Adam esperava que ele surgisse a qualquer momento, para lhe cortar a garganta...

Reunindo coragem, dirigiu-se à porta à sua esquerda. Abriu-a suavemente com o pé e, vendo que a divisão se encontrava vazia, virou-se, esperando ser atacado pelas costas. Mas a porta do lado oposto permanecia fechada e, quando a abriu, viu que escondia apenas outro quarto vazio. Virou a atenção para a divisão dos fundos e deu mais uns passos na direção da boca do corredor.

Chegando ao fim, contou até três em silêncio e atirou-se para dentro da divisão. Mais uma vez, recebeu uma surpresa desagradável. O intruso *estava* lá, como ele esperava, mas também lá estava Kassie, de pé, junto a uma cadeira virada e com a corda cortada. A roupa dela estava em farrapos, tinha sangue espalhado pelo rosto pisado e os braços cobertos de cortes. Pior ainda, a coxa esquerda dela fora lacerada quase até ao osso, com sangue a escorrer da ferida aberta. O homem estava de pé atrás dela, com um enorme cutelo encostado à garganta da rapariga.

— Mais um passo e corto-lhe a garganta.

Adam ficou especado a olhar para ele. Viera até ali com intenções de tirar a vida a Kassie, e agora havia *outra pessoa* que ameaçava fazê-lo por ele.

— Não lhe dê ouvidos — gritou Kassie de repente, mas White arrastou a lâmina pelo lado do pescoço dela como aviso.

Kassie calou-se, ofegante.

— Baixa a arma e recua — continuou White, dirigindo-se com a refém para a porta das traseiras.

Adam manteve a arma apontada na direção de White. De repente, sentiu um turbilhão de emoções — sendo a confusão e a dúvida as principais.

— Nem mais um movimento — vociferou White, tentando encontrar a maçaneta e depois abrindo a porta com a mão que tinha livre.

Uma brisa de ar fresco encheu a divisão quando a escuridão do exterior foi revelada. Então, puxando Kassie com força atrás de si,

White desapareceu de vista.

Tropeçaram pelo jardim, presos num abraço tenebroso. White ia pontapeando furiosamente a tralha espalhada pelo chão enquanto arrastava a prisioneira até ao portão de trás. Os olhos de Kassie voaram imediatamente para a casa, à procura de Adam. Não fazia ideia porque aparecera ele em casa dela — tinha vindo para a ajudar ou *magoar*? —, mas precisava dele. Não suportava ser abandonada à crueldade de White.

E agora lá estava ele, avançando com um passo decidido para o jardim, com a arma apontada na direção deles. White reagiu de imediato, acelerando o passo, enquanto arrastava Kassie consigo. Cada passo era uma agonia, pois a perna mutilada ameaçava ceder a qualquer momento. Soltou um grunhido de dor, mas White não mostrou misericórdia, tapando-lhe a boca com a mão, enquanto continuavam a sua dança atabalhoada.

Mas Adam ganhava terreno. Estava a uns seis metros deles, de arma na mão.

— Não faças isso, meu — berrou White. — Pensa na rapariga.

Mas Adam continuou a marchar na direção deles.

— És mesmo um assassino? Queres *mesmo* ter a morte dela na tua consciência?

O tom de White era de gozo. Era verdade que Adam não parecia um assassino — com o seu fato elegante e bem-parecido. Mas era uma imagem com a qual Kassie estava familiarizada, que assombrara os

seus dias durante anos.

— Não está em ti — continuou White. — Um tipo universitário como...

Mas não conseguiu acabar a frase — uma bala voou junto à cabeça dele. Falhou o par em fuga por uns 30 centímetros, mas fez Kassie saltar. O som era ensurdecedor, a sensação da bala a passar aterradora.

— Foi um tiro de aviso — disse Adam num tom sombrio, baixando a arma até ficar nivelada com eles.

Parecia abalado, mas determinado. E, agora, pela primeira vez, White parou, interrompendo a progressão, perguntando a si mesmo se Adam *iria* realmente disparar. O tiro ainda ecoava pelo ar noturno e, enquanto isso, Kassie viu luzes a acender nas casas vizinhas. Luzes acompanhadas por vozes preocupadas. E, à medida que as cortinas se começaram a abrir, à medida que o rebuliço de vozes agitadas se intensificava, Kassie reparou noutra coisa.

Sirenes. O céu noturno enchera-se subitamente de sirenes. Instintivamente, soube que vinham em seu auxílio — vários veículos a acelerar na direção da casa *dela*. White parecia pressentir o mesmo, recomeçando a sua retirada urgente em direção ao portão das traseiras. De repente, Kassie encheu-se de esperança. Se se conseguisse soltar dele, se conseguisse ganhar algum tempo, então talvez ficasse tudo bem. Ela conseguiria escapar, White seria capturado...

— Nem mais um passo.

As instruções de Adam eram claras, mas a voz dele tremia.

— Puxa o gatilho, se quiseres — respondeu White sombriamente, puxando Kassie mais para si. — Mas vais ter de nos matar aos dois.

Adam estava agora a uns três metros de distância — era quase impossível falhar —, mas, de repente, pareceu indeciso, como se, no último momento, premir o gatilho contra outro ser humano fosse insuportável. Aquilo deu uma oportunidade a Kassie, mas o par estava a apenas a um meio metro do portão, por isso ela mordeu a mão suada de White.

O captor soltou um rugido, tirou a mão e soltou-a. De imediato, Kassie atirou-se para a frente, soltando-se. Adam estava agora ao alcance dela e já estava a baixar a arma para a receber. Se ela conseguisse cair nos braços dele, estaria a salvo...

De repente, a cabeça dela foi puxada para trás. O impacto tirou-lhe o fôlego, toldou-lhe a visão. Sentiu que ia desmaiar por um segundo, mesmo enquanto caía para trás, para longe de Adam. E agora apercebia-se da mão de White a agarrar-lhe o cabelo, puxando-a na direção dele.

— Não...

White ignorou os protestos dela, puxando-a cada vez mais para trás. Adam parecia ter sido apanhado desprevenido, com a arma ainda a apontar para o chão, mas White sabia exatamente o que fazer. Tinham chegado ao portão e começou a pontapeá-lo com violência. O cadeado enferrujado capitulou, caindo ao chão, e o portão abriu-se.

E, agora, demasiado tarde, Kassie apercebeu-se de como aquilo ia correr. Para lá do jardim havia apenas terrenos baldios. Se White conseguisse chegar lá, ficaria livre como um passarinho. Havia imensos sítios onde se esconder e várias rotas de fuga — caminhos e vielas infinitos por onde poderia escapar, enquanto a polícia corria para a porta de Kassie.

— Dispare — disse Kassie, ofegante.

Adam reagiu, levantando a arma. Mas a cabeça de Kassie, o corpo dela, estavam diretamente à frente de White e isso pareceu levá-lo a hesitar.

— Não o deixe escapar...

White enfiou-lhe os dedos na boca, mas ela abanou a cabeça para os afastar.

— Dispare! — implorou Kassie.

Adam parecia em sofrimento. Se *fora* ali para a magoar, agora não parecia que o quisesse fazer, isso era certo. Mas Kassie sabia o que ele *tinha* de fazer, como ele podia terminar com o reinado de terror de White. Assim, no momento em que o seu captor afrouxou um pouco o aperto, preparando-se para fugir, Kassie levantou o olhar para encontrar o de Adam.

Por um instante, o tempo pareceu abrandar — uma corrente silenciosa passou entre os dois — e Kassie gritou:

— Dispare agora!

Com um esgar, Adam premiu o gatilho — quatro tiros limpos e secos que ecoaram naquela noite fria de primavera.

EPÍLOGO

Um raio de sol fosco iluminava-lhes os rostos. O dia acabara de nascer e Gabrielle Grey estava no gabinete desarrumado, a olhar para as fotografias em cima das capas de casos espalhadas pela mesa. Toda a gente já tinha ido para casa — fora uma noite extenuante para todos —, mas Gabrielle regressara à sede para pôr os pensamentos em ordem. Quisera começar por ordenar as anotações do caso, mas fora interrompida pelos rostos — Jones, Stevens, Baines, Varga, White e Wojcek também — que a fitavam.

Gabrielle não sabia de outro caso como aquele e esperava, sinceramente, nunca mais saber. De um modo perverso, em última análise, fora um triunfo pessoal para ela. Já recebera uma chamada do presidente da câmara — que, mais do que ninguém, estava agradado por o caso se encontrar encerrado — e Hoskins dera a entender que havia uma promoção a caminho. Esperava usar o seu estatuto elevado para propor mudanças no departamento — talvez promoções para Suarez e Montgomery —, mas Gabrielle desejava que as duas últimas semanas pudessem ser apagadas e os acontecimentos reescritos. Uma cidade fora aterrorizada, sangue fora derramado, e muitos, incluindo membros da sua própria equipa, ficaram traumatizados. Ninguém devia suportar o que eles passaram nas últimas duas semanas. Aquilo iria ficar com eles, com ela, para sempre.

Era inacreditável que um ser humano se pudesse comportar como White se comportara. Gabrielle conhecera várias personagens

desagradáveis no seu tempo, mas este tipo era outra coisa. Um animal, que não mostrava empatia nem compaixão, que prosperava com o medo das suas vítimas. O facto de ele nunca mais poder perturbar alguém servia de algum consolo — com sorte, estaria a arder em enxofre naquele preciso momento —, mas isso não ajudava as famílias enlutadas, que nunca se conseguiriam livrar daquelas imagens terríveis, de saber o que os seus entes queridos haviam passado nas mãos dele.

Gabrielle recolheu as fotografias, colocou-as com cuidado nos seus ficheiros e organizou a secretária. Tencionara escrever um relatório naquele momento, enquanto os acontecimentos ainda estavam frescos na memória, mas, de repente, sentia-se exausta. Agora só queria ir para casa e abraçar Dwayne e os rapazes. Os últimos dias tinham sido para lá de duros, repugnantes e perturbadores, mas tinha terminado e era altura de voltar a abraçar a vida. Gabrielle sabia que era uma das sortudas.

Tinha quem esperasse por ela em casa.

Já estivera naquelas celas várias vezes, mas pareciam muito diferentes, vistas do interior. O fedor era familiar, os *graffitis* também, mas aquelas jaulas pareciam, de alguma forma, mais pequenas naquele dia, como se as paredes se estivessem a fechar sobre ele. Adam Brandt pensara que sabia como era ser-se prisioneiro na Prisão do Condado de Cook, mas apercebia-se agora de que não o sabia de todo.

Estava de novo nas entranhas da vasta prisão, mas desta vez não usava sapatos feitos à mão nem roupas de marca. Vestia a farda da prisão, e os seus pertences, roupas e cinto foram-lhe retirados, não ficasse ele tentado a suicidar-se. A ironia daquilo, dado tudo por que passara, era devastadora, mas era um dos muitos golpes que tivera de suportar naquele dia.

O interrogatório que Grey lhe fizera fora interminável, uma fonte de tortura lenta, assim como fora a revista indigna quando entrou na prisão. Os piropos que recebera dos outros prisioneiros — alguns dos quais reconhecera — eram expectáveis, mas os comentários insultuosos, ou pior, o silêncio dos funcionários dos serviços prisionais com quem trabalhara durante anos magoaram-no mais. Pior ainda era ter de passar por uma avaliação de saúde mental, um procedimento que ele próprio desenvolvera.

Mas nada daquilo doía tanto quanto saber o que fizera. Não tivera escolha, é óbvio — não podia deixar que White escapasse —, mas

tirara duas vidas. E isso era algo com que teria de viver para sempre.

Na sua mente, conseguia ainda ver o corpo de Kassie a sacudir-se à medida que as balas o atravessavam, conseguia ouvir o gemido de espanto de White quando as balas o atingiram a ele. O instinto levaria-o a premir o gatilho — o instinto e os apelos de Kassie —, mas ficara chocado com a cena de carnificina humana diante dele. Antes de o som dos tiros se ter desvanecido, White caíra dobrado no chão, tentando desesperadamente respirar um ar que não o salvaria. Kassie seguiu-o, colapsando por cima da figura debruçada, com o rosto pálido a apontar para Adam. Os olhos dela estavam arregalados, mas calmos, e escorria um fino fio de sangue dos seus lábios. Adam correu para lá — lembrando-se, demasiado tarde, da sua verdadeira vocação —, mas as suas tentativas concertadas de a ressuscitar provaram-se vãs. Continuava debruçado sobre ela, exaurido, a fazer-lhe compressões no peito, quando a polícia chegou ao local.

Tinha agora à sua espera duas acusações de homicídio. As acusações teriam de ser confrontadas de frente, pois não havia dúvidas da sua culpa. A questão residiria em saber se o caso iria a tribunal e, se assim fosse, se o júri acreditaria na afirmação dele de que Kassie *quisera* que ele disparasse. Ou vê-lo-iam como ele agora se sentia — um assassino com o dedo no gatilho e ensopado em sangue?

O tempo o diria. Nada podia fazer a não ser esperar. Baixando a cabeça, Adam Brandt sentou-se na tarimba da prisão, olhando para o fundo da sua culpa. Kassie fora-se, Faith e Anabelle também, e agora, pela primeira vez, Adam apercebia-se de que *havia* um destino pior do que a morte.

A vida.

A idosa olhava para longe, observando o Sol a espreitar no horizonte. Era raro estar acordada tão cedo, mas aquele não era um dia normal.

O pessoal de apoio resmungara quando ela os chamara para que a ajudassem. Sabia que eles a descartavam como a velha polaca maluca que há muito se afastara do mundo real, mas ainda tinha alguma força dentro de si, insistindo para que a vestissem e empurrassem a cadeira de rodas até à margem do lago a tempo do nascer do sol.

Tinham ficado perto dela, claro, receando talvez que tentasse atirar-se ao lago, como se tivesse energia para tal.

— Tem a certeza de que não quer que lhe traga nada? Uma manta? O pequeno-almoço?

— Não, obrigada. Tenho tudo o que quero.

Ainda assim, a enfermeira hesitou, claramente incomodada com a lucidez e sentido de missão de Wieslawa. Estavam mais habituados a ouvi-la cantar canções de embalar, ou a balbuciar para consigo, em vez de dar ordens.

— Vá, querida. Estou ótima.

Relutantemente, a enfermeira retirou-se, deixando Wieslawa sozinha. A idosa voltava agora a dar atenção ao lago, absorvendo a visão dos raios de sol que atravessavam a enorme massa de água. Sabia que devia sentir-se triste naquele dia, mas, de alguma forma, não conseguia fazê-lo. Era verdade que perdera a sua única visita, que

nunca mais voltaria a ver a sua pequena *babcia*, mas ambas sabiam que aquele momento estava a chegar. E não era verdade que eram os que ficavam para trás que sofriam?

Como se estaria a sentir Natalia agora? As autoridades já a teriam informado da má notícia? Apesar dos seus vários problemas, o coração da idosa chorava pela filha — sabia, pela sua amarga experiência, como era perder um filho. Mas a própria Wieslawa não sentia dor. O dom de Cassandra sempre fora uma maldição, assim como o fora para si, e a pobre rapariga fora torturada pela vida até ao fim. Mas, agora, acabara.

Viriam dar-lhe a notícia hoje? Ou pensariam que a velhota estava demasiado senil para compreender, demasiado frágil para suportar mais sofrimento? Aquele pensamento divertiu-a. Na maior parte dos dias, perdia-se numa bruma de memórias penosas e em abstrações fantasiosas, mas, naquele dia, podia ver mais claramente do que ninguém. Naquele dia, conseguia ver tudo.

Uma alma bela e torturada partira. Wieslawa chorou a sua morte, mas voltaria a vê-la muito em breve. De facto, já ansiava pela noite, quando poderia observar uma nova estrela nos céus. No entanto, isso teria de esperar. Por enquanto, teria de se contentar com a visão do vasto lago dourado e das aves felizes e despreocupadas que se chamavam umas às outras, à medida que voavam em círculos lá em cima. Olhando para a cena majestosa diante dela, Wieslawa sentiu um sorriso a espalhar-se no rosto.

Por fim, a sua amada Kassie estava livre.

Agradecimentos

São muitas as pessoas que contribuem para a elaboração de um livro, mas há uns quantos que quero destacar, para lhes agradecer do fundo do coração. A Dra. Susan Buratto foi incrivelmente generosa, abdicando do seu tempo livre para me educar sobre os meandros das normas da saúde mental no sistema judicial americano e para lá dele. Muitas das personagens e dos locais que aparecem neste livro foram criados durante a nossa visita guiada pouco convencional a Chicago. No Reino Unido, a Dra. Lisa Barkley foi igualmente generosa e perspicaz — graças a ela, agora compreendo muito melhor a psicologia infantil e as técnicas de distanciamento. Gostaria também de agradecer a todas as pessoas fantásticas na Michael Joseph, em especial a Chantal Noel e a Rowland White, que se revelaram uma editora e um guia maravilhosos neste livro e em muitos outros antes dele. Devo também agradecer à minha fantástica agente, Hellie Ogden, por ser uma ótima caixa de ressonância, inspiração e amiga. Finalmente, os meus agradecimentos e amor mais profundos a Jennie, Chloe e Alex, por me encorajarem (e aguentarem) enquanto a Kassie ganhava vida. Chloe, desculpa por a heroína não se chamar Ruby, como discutimos, mas, ei, a culpa é do processo editorial.

Sobre este livro

«Arrepiante e de leitura compulsiva.»
The Times



Adam Brandt é um psicólogo forense, bastante habituado a lidar com os membros mais perturbados da sociedade. Mas Adam nunca conheceu ninguém como Kassie.

A adolescente afirma ter um dom terrível — basta-lhe olhar diretamente nos olhos de alguém para saber quando essa pessoa irá morrer. E de que forma isso irá acontecer.

Obviamente, Adam sabe que Kassie deve sofrer de algum distúrbio

mental. É nesse momento que um assassino em série ataca a cidade. E só Kassie parece saber quem ele vai matar em seguida.

Contrariando a sua intuição, Adam começa a acreditar em Kassie. Apenas não tem consciência de quão fatal a sua fé pode vir a ser...

«Uma história bem contada, com uma personagem principal convincente, que nos dá a sensação de estarmos a assistir a uma série televisiva dramática.»

Daily Mail

Sobre M. J. Arlidge

M. J. Arlidge é o autor bestseller internacional da coleção *Helen Grace*, da qual a Topseller publicou todos os volumes, com grande êxito de vendas: *Um, Dó, Li, Tá* (vendido para 29 países), *À Morte Ninguém Escapa*, *Casa de Bonecas*, *A Vingança Serve-se Quente*, *Na Boca do Lobo*, *O Anjo da Morte*, *Mal Me Quer* e *A Floresta do Mal*.

Trabalha em televisão há cerca de 20 anos, tendo-se especializado em produções dramáticas de alta qualidade.

Nos últimos anos produziu um grande número de séries criminais passadas em horário nobre na ITV, rede de televisão do Reino Unido, e criou outras também para diferentes canais de televisão britânicos e americanos.

O Dom da Morte é o seu primeiro thriller fora da coleção *Helen Grace*.